BOLETIM de ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

ESCREVEM NESTE NUMERO:

Afranio Peixoto — Agrippino Grieco
Alberto Ramos — Augusto Frederico Schmidt
Francisco Venancio Filho — Gastão Cruls
Gilberto Amado — Hamilton Nogueira
Jack Sampaio — Lourival Fontes
Manuel Bandeira — Maria Eugenia Celso
Mario de Brito — Miguel Ozorio de Almeida
Murilo Mendes — Roquette Pinto
Saul Borges Carneiro — Tristão de Athayde
Ubaldo Soares

N. 1 - Outubro 1931

Preço 1$000

BOLETIM DE ARIEL

DIRECTOR: — GASTÃO CRULS

REDACTOR-CHEFE: — AGRIPPINO GRIECO

EXPEDIENTE

Preços para todo o Brasil

Assignatura, 12 numeros	12$000
Numero avulso	1$000

Tabella de annuncios

Capa externa	400$000
Capas internas	300$000
½	150$000
¼	80$000
⅛	50$000
1/16	30$000
Pagina (texto)	500$000
1 columna (larga)	400$000
½ " "	200$000
¼ " "	100$000
⅛ " "	50$000
1 columna (estreita)	200$000
½ " "	100$000
¼ " "	50$000
⅛ " "	25$000

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

Direcção, Redacção, Publicidade:
ARIEL, EDITORA LTDA.

Rua 1° de Março, 105 - 1° andar, Sala 3. Tel. 3-1310
Endereço telegr. *Ariel* (Western)

Rio de Janeiro

LIVRARIA CASTILHO

Variadissimo sortimento de livros sobre todos os assumptos

Novidades litterarias e scientificas. Figurinos e Revistas estrangeiras. Livros collegiaes e academicos

GRANDE VARIEDADE DE ROMANCES PARA MOÇAS

Rua da Assembléa, 92
(Entre a Avenida Rio Branco e o Largo da Carioca)
Telephone 2-5355

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.
(Livreiros Editores e Importadores)

166 — Rua do Ouvidor — 166

RIO DE JANEIRO

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró n. 49-A, S. Paulo | Rua da Bahia n. 1052, Bello Horizonte

Waissman, Reis & C. Ltd.

EDITORES:

RUA DOS OURIVES, 95 — RIO

Afranio Peixoto, VIAGEM SENTIMENTAL	6$000
OS MELHORES SERMÕES DE VIEIRA	6$000
Medeiros e Albuquerque, POR TERRAS ALHEIAS	6$000
Gustavo Barroso, O BRACELETE DE SAFIRAS	5$000
Guilherme de Almeida, POEMAS ESCOLHIDOS	5$000
Olegario Marianno, DESTINO	5$000
Renato Travassos, ORAÇÃO AO SOL .	5$000
Benjamim Costallat, KATUCHA	5$000
Ruy Barbosa, ESFOLA DA CALUMNIA	10$000
RUINAS DUM GOVERNO	10$000
Pierre Louys, APHRODITE	10$000
M. Maryan, LADY FRIDA	4$000
Dostoiewsky, O PRINCIPE IDIOTA ..	8$000
Gustavo Flaubert, MME. BOVARY	6$000
Raul de Azevedo, ROSEIRAL	5$000

Além dos livros acima indicados, esta casa editora tem publicado muitos outros, todos de autores escolhidos, como se pode ver nos seus catalogos.

Edições Flores & Mano

Col. Obras Primas

EMILE ZOLA — "Germinal", ed. simples	5$000
O mesmo em papel especial, enc.	8$000
A. FRANCE — "O Livro Vermelho", br.	5$000
O mesmo enc. em percaline	8$000
PIERRE LOTI — "As desencantadas", br.	5$000
O mesmo enc. em percaline	8$000
C. TILLIER — "Meu tio Benjamin", br.	5$000
O mesmo em rica encadernação	8$000

Col. "Primavera"

M. MARYAN — "O Mysterio de Kerhir", br. .	4$000
M. AIGUEPERSE — "Uma desforra"	4$000
LE MIÈRE — "Caprichos do coração"	4$000

Livros diversos

ALEXANDRE DUMAS — "Napoleão", br. ...	5$000
ALFREDO SEVERO, Cel. — "As falsas bases do communismo russo", 1 vol. br.	5$000
HEITOR PEREIRA — "A Escola Activa", br. .	6$000
JONAS CORREIA FILHO — "Contabilidade Bancaria", 1 grande vol. broc., 20$, enc. .	25$000
JORGE JOBIM — "O' Minha Infancia", contos para creanças, 1 vol. cartonado	6$000
PIERRE DE COULEVAIN — "Na Incerteza", romance para moças, br.	6$000
EMILIE COUE' — "O dominio de si-mesmo pela auto-suggestão consciente", br. 4$, enc. ..	6$000
VORITOMO-TASHI — "A timidez vencida", em 12 lições	3$000
IDEM — "A energia em 12 lições"	3$000

Pedidos a FLORES & MANO
RUA DO OUVIDOR 145 — RIO DE JANEIRO

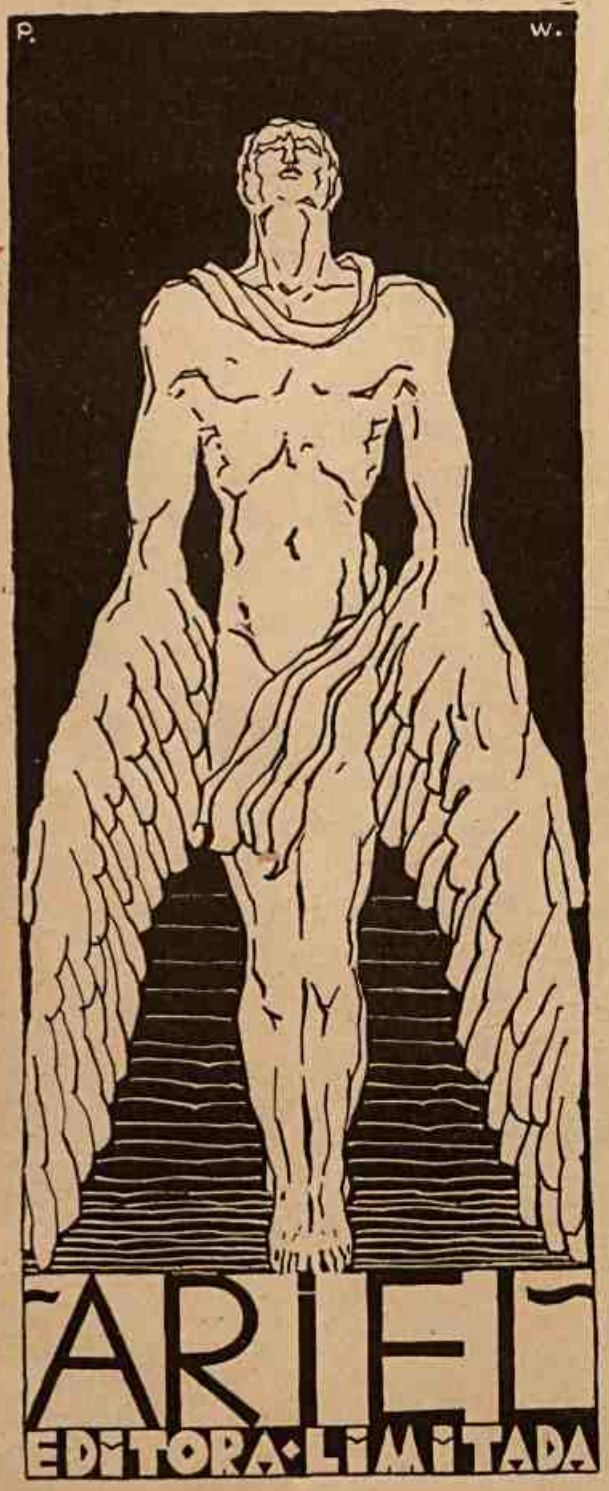
ARIEL, EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO

BN 72

BOLETIM de ARIEL

Mensario Critico-Bibliographico

LETTRAS ARTES SCIENCIAS



DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

ANNO I

OUTUBRO 1931

a

SETEMBRO 1932

ARIEL, editora Ltda. - 1º de Março, 105, 1º - Rio de Janeiro

ro", X, 4; Contra o coração, X, 13; Os parnasianos do cinema, X, 25.

Gilberto Amado: — Em redor de Maeterlinck, I, 2; "Jalousie", I, 12; A actualidade de Julio Cesar, II, 5; "Le Scandale", II, 13; A crise da livre critica, IV, 1; O phenomeno D. H. Lawvrence, VII, 7; Goethe, VIII, 2; Recordando Bergson, XII, 3; A representação profissional nas democracias, XII, 18.

H

Hamilton Nogueira: — "A mulher que fugiu de Sodoma", I, 3; "Dostoiewsky et son destin", II, 13.

Heitor Marçal: — Barão de Studart, XI, 22; Litteratura proletaria, XII, 19.

Helio Vianna: — Falsa historia, IV, 12.

Henrique Pongetti: — O terceiro Portinari, XII, 9.

Hilario Cintra: — Litteratura cubana, XII, 21.

J

Jack Sampaio: — Cinema, I, 16 — II, 20; "Succès", IV, 18; "Men dislike women", IV, 24; "1900", V, 19; De lingua ingleza, VIII, 10; "Early sorrow", X, 27.

João Dornas Filho: — Escravidão e abolicionismo, XII, 16.

João Ribeiro: — As minhas obras ineditas, II, 1; A ultima paixão de Goethe, VI, 6.

Jonathas Serrano: — "Origine et évolution de la réligion", II, 14; "Novos caminhos e novos fins", V, 8; "Louis Philippe", VII, 14; Uma carta de René Bazin, XII, 20.

Jorge Amado: — "Brasil prosa e verso", XI, 16.

José Lins do Rego: — O quarto dos santos, X, 20.

L

Lina Hirsch: — Aspectos da Allemanha actual, XI, 25.

Lourival Fontes: — "Eleição e representação", I, 11.

Lucia Miguel Pereira: — "Blaise Pascal", II, 6; "Lamennais", III, 4; "Cabocla", IV, 8; Dialogos entre dois mundos, V, 10; "Lettres", VII, 5; "Evocations", IX, 14; Litteratura infantil, X, 6; "Gog", X, 6; Nietzsche, X, 18.

Luiz da Camara Cascudo: — Versos viajantes, X, 19.

M

Manlio Giudice: — Mahatma Gandhi, II, 10; Francisco I e o Collegio de França, III, 9; "All is grist", IV, 11; Entre o romance e o theatro, IV, 22; Benjamin Jarnès, V, 6; "Cesar Borgia", V, 11; "La vie d'Alexandre le Grand", VI, 11; Machiavel, VII, 12; Bernard Shaw, VII, 10; O fronteiro, IX, 7; Um poeta campeiro, X, 10; O amor de Frank Harris, XII, 10.

Manoel Bandeira: — "Revistas", I, 25; "Espelhos d'Agua", III, 7.

Marguerite Picard-Loëwy: — A respeito do premio Gringoire, III, 12; Novidades francezas, IV, 2; A proposito de Crapouillot, V, 15; Jean Fayard, VI, 12; Charles Le Goffic, VII, 17; A sociedade dos homens de lettras, VIII, 17; — IX, 23; O premio dos Vickings, X, 14; Gyp, XI, 17; Santos Dumont morreu!, XII, 12.

Maria Eugenia Celso: — "Meu livro de amor", I, 5; "Rrrou", I, 6; "La Doulou", II, 2.

Mario de Andrade: — Berimbau, VII, 10.

Mario de Brito: — "Um grito de alerta no tumulto da revolução, I, 6.

Marques Rebello: — "O paiz do Carnaval", IV, 16.

Mauricio Wellisch: — A actualização do gosto antigo, VIII, 13.

Miguel Couto: — Origem da escravidão, VII, 1; Reminiscencia, XII, 2.

Miguel Ozorio de Almeida: — "La question des tropismes", I, 7; "Education of a Princess", I, 11; "Les femmes et les progrès des sciences médicales", II, 4; "Leçons sur l'activité du cortex cérébral", II, 14; "La vie pathetique de Dostoiewsky", III, 5; "La vie d'Alarie", III, 12; La crise de la democratie contemporaine", VII, 9; Alguns momentos de fadiga, IX, 1; "La biologie", IX, 15; "La crise britannique au XX. siècle", IX, 17; "Essais sur la France", X, 8; "Le désarmément moral", XI, 4; "L'homme moderne", XII, 6.

Miriam M. de Barros Latif: — Corrigindo a historia de Byzancio, X, 22.

Monteiro Lobato: — Do livro "America", IX, 2.

Murilo Mendes: — O impasse da pintura, I, 10; Amostra da sciencia brasileira, IX, 4; A poetisa, IX, 13.

O

O. B. de Couto e Silva: — A pintura brasileira nos Estados Unidos, III, 13; "The best short stories of 1931", XII, 7.

Octavio de Faria: — Dois livros de André Maurois, II, 12; Um romancista novo: Graham Greene, III, 15; "Mundéo" e "Limite", V, 6; O novo romance de Rachel de Queiroz, VII, 8; Grasset e a morte do romance francez, VIII, 6; O romance de Jackson de Figueiredo, IX, 6; O Lenine de François Porché, XI, 9.

Oliveira Vianna: — O clima ideal, VII, 3.

Osmar Pimentel: — As idéas de Alberto Torres, X, 26.

P

Paulo Labarthe: — "Discurso", VIII, 7; "Le rajeunissement de la politique", IX, 11; "L'Europe en morceaux", X, 15.

Paulo Silveira: — Sempre elle!, V, 4.

Peregrino Junior: — Diagnosticos retrospectivos, III, 6; Passeio em torno da vida de Freud, VIII, 8.

Phocion Serpa: — Fialho d'Almeida, VII, 21; Machado de Assis, IX, 26; Queijos, papagaios e majores, XI, 24.

Portinari: — Salão Lucio Costa, II, 11.

R

Rachel de Queiroz: — Papangús, IV, 3.

Raja Gabaglia: — O Curso de direito romano, V, 9.

Ribeiro Couto: — Trancinhas de interesse publico, XI, 1.

Rodrigo M. F. de Andrade: Um romance paulista, III, 14.

Roquette-Pinto: — "Prometheus", I, 4; Ecole Buissonnière, II, 7; "Duas charadas bibliographicas", III, 3; "Diccionario das Plantas", III, 16; Selecção social, IV, 2; "Indianer. — Studien in Nordostlichen Chaco", IV, 10; "A vulgarização do saber", IV, 15; "Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise", IV, 20; Goethe naturalista, VI, 9; Goetheana, VI, 13; Homem antigo, VIII, 8; "Robles e Cogumellos", VIII, 22; Sinclair Lewis, IX, 13; Berço de Saudades, X, 11.

S

Saul Borges Carneiro: — Mario Barreto, I, 9; Annulle-se o goal!, I, 14; Charles Maurras, II, 7; Accôrdo orthographico, III, 7; "A mentalidade da constituinte", III, 18; "Mise au point", IV, 7; "Figuras do Imperio", V, 5; "Lições de lingua materna", VI, 2; "Sciencias physicas e naturaes", VII, 16; Tiradentes e o Sr. Julio Dantas, VIII, 19; A obra do 2º Reinado, IX, 8; A deformação republicana, X, 9; José Joaquim Nunes, XI, 13; Theoria dos gallicismos, XII, 1.

S. Frões Abreu: — "A human geogrnphy", II, 16; Geographia patria, IV, 8.

Sylvio Julio: — Zorrilla de San Martin, III, 15; Miquelarena, V, 14.

T

Theodemiro Tostes: — Duas canções, XII, 7.

Thomaz Murat: — "Badû", XI, 7.

Tristão da Cunha: — Nota á margem do "Ulysses", II, 6; Guillaume Apollinaire, VIII, 4; Caderno de Esthetica, X, 7.

Tristão de Athayde: — "Réligion et culture", I, 5.

U

Ubaldo Soares: — Os tres russos, I, 10; "Russia", II, 15; A actualidade do processo Dreyfus, IV, 18; Kochanowski, IV, 24; A America vista por um critico europeu, VIII, 19; "La guerre est pour demain", VIII, 25; "Haute Silesie", X, 7.

V

Valdemar Cavalcanti: — Sobre um livro de Jean Cassou, VII, 15; "Menino de Engenho", IX, 19; A secca e o romance nordestino, X, 21; O ultimo livro de Monteiro Lobato, XII, 25.

Virginio Santa Rosa: — Sinclair Lewis, XI, 11.

V. Miranda Reis: — Burguezes e proletarios, XI, 19; A sociologia no Brasil, XII, 24.

W

Willy Levin: — A proposito das actuaes tendencias do surrealismo, VIII, 24.

Indice de assumptos e principaes allusões

A

Abolicionismo, XII, 16; Academia Franceza, XI, 2; "Action Française", II, 8; Aires da Mata, III, 18; Ajalbert (J.), XII, 26; Alarico, III, 12; Alcoolismo, VIII, 23; Alencar (E. de), VI, 19; Alexandre o Grande, VI, 11 — XII, 14; Allemanha, V, 12 — XI, 25; Alma, X, 17; Almeida (C. B. de), XI, 21; Almeida (G. de), II, 19; Almeida (M. A. de), III, 5; Almeida (T. de), V, 19; Alta-Silesia, X, 7; Alvares de Azevedo, I, 8; Alves (V.), V, 19; Amado (Gilberto), I, 11 — XII, 8, 15, 27; Amado (Jorge), IV, 15 — IX, 6; Amaral (Amadeu), IV, 10; Amazonas, IX, 27; Ambard (L.), IX, 15; Amiel, XI, 27; Amor, III, 7; Andreieff, VI, 10; Anthropologia, IV, 20; Apollinaire, VIII, 7; Aragão (D. de), XI, 21; Aranha (O.), VIII, 7; Araujo Filho, VI, 19; Arc (Jeanne d'), VI, 5; Ariel, VII, 4; Ariosto, V, 18; Arlen (M.), IV, 24; Arnoux (A.), III, 19; Arnoux (J. d'), II, 2; Arte, I, 3 — II, 6 — III, 2, 17 — IX, 10; Assis Brasil, XI, 28; Assis Cintra, XII, 28; "Atenea", I, 15; Athayde (T. de) I, 13 — II, 13 — VIII, 7 — X, 26; Atlantida, XII, 28; Auclair (M.), VII, 17; Austregesilo, VIII, 23; Autoridade, XI, 15; Avellar (R. de), XII, 25; Azevedo (A.), II, 9; Azevedo (F. de), V, 8; Azevedo (O. de), IX, 27; Azorin, XI, 26.

B

"Badú", VIII, 20 — XI, 7; Bahia, IX, 28; Baillon (A.), XI, 8; Bainville (J.), V, 4; Baissette (G.), XII, 5; Baldensperger (F.), I, 7; Baldus (H.), IV, 10; Balzac, IV, 23; Baptista Pereira, V, 4 — VII, 18; Barbosa (Ruy), V, 13 — IX, 3; Barcroft (J.), XII, 15; Bardoux (J.), III, 16; Baring (M.), III, 17; Barnes (B.), VIII, 10; Baroja (P.), XI, 26, 27; Barrès (M.), II, 9, 17 — IV, 23; Barreto (Mario), I, 9; Barros Ferreira, VI, 20; Barroso (Gustavo), XII, 26; Barthélemy (J.), VII, 9; Bateson (F. W.), X, 24; Baudelaire, III, 16; Bauer (L.), VIII, 25; Baum (V.), X, 27; Baumann (E.), XI, 4; Bazin (R.), XI, 3 — XII, 19; Bedel (M.), X, 14; Belleza, I, 11 — X, 7; Belloc (H.), IV, 22; Benda (J.), XI, 9; Benjamin Constant, VII, 22; Bennett (A.), I, 16 — IV, 11, 21; Bérard (V.), IV, 14; Berardinelli (W.), VIII, 18; Bercovici (K.), VI, 11; Berdiaeff, II, 13; Beresford, III, 17; Bergson, XII, 3; Berimbau, VII, 10; Berkeley (A.), XII, 18; Bernanos (G.), VIII, 6; Bernstein, XI, 27; Betz (M.), X, 28; Bibliophilia, XII, 13; Billy (A.), VIII, 26; Biologia, I, 4 — II, 18 — VII, 20 — IX, 15; Biotypologia, VIII, 18; Blasco Ibañez, III, 19 — XI, 26; Bocquet, I, 15 — II, 9; Boito, V, 18; Bomfim (M.), IV, 12 — VI, 7 — VIII, 21; Bonnard (A.), I, 13 — X, 27; Bopp (R.), IV, 4; Bordeaux (H.), III, 19; Borgese (G. A.), XI, 26; Borgia (Cesar), V, 11; Bost (P.), II, 13 — XII, 9; Botanica, VI, 16 — VIII, 12; Boukay (M.), III, 9; Boulenger (J.), XI, 9; Boulenger (M.), X, 21; Boylesve (R.), VII, 6; Bragg (W. H.), XII, 15; Braga (B.), IX, 27; Braga (E.), X, 7; Brasil, II, 16 — IV, 12 — XI, 10; Brasileirismos, IV, 5; Brasseur (A.), IX, 13; Brémond (H.), VII, 19; Brémont (R. de), X, 28; Brentano (Bettina), VII, 9; Briand, VII, 24 — IX, 5; Brion (M.), VII, 12; Brousson, VI, 5; Bruneau, XI, 27; Burguezia, XI, 19; Burnet, XI, 27; Buszezynski, VIII, 22; Byzancio, X, 22.

C

Cabanès (Dr.), III, 6; "Cabocla", IV, 8; Calazans (P.), IX, 27; Calmon (P.), VIII, 27; Camargo (C. de), XII, 28; Campos (A. de), X, 1 — XII, 22; Campos (C.), I, 5; Campos (H. de), XI, 24 — XII, 26; Campos (Murillo), I, 17; Campos (S. de), IX, 20; Canella (M. F.), V, 18; Cardarelli (V.), XI, 26; Carlito, X, 4; Carlos Alberto, VI, 3; Carlos Magno (P.), VI, 17; Carlyle, I, 16 — VIII, 28; Carrol (L.), IX, 5; "Cartas Chilenas", IX, 22, 28 — XII, 4; Carvalho (Gina), X, 6; Cassou (J.), VII, 15 — XI, 8; Castro (Eugenio de), IX, 27; Catalogne (G. de), V, 10; Catholicismo, IV, 1; Cavalcanti (W.), IX, 19; Caxias, IX, 8; Celso (A.), XI, 28; Celso (M. E.), II, 19; Cerqueira (A.), IX, 27; Cervantes, II, 9; Chaco, IV, 10; Chadourne (Marc), III, 12-14; Champion (P.), XI, 28; Chamson (A.), IX, 11; Chardonne (J.), VIII, 6; Chauvier (C.), I, 13; Chesterton, IV, 11; Chestov (L.), IX, 7; China, III, 12 — IV, 2; Christo, II, 5; Cinema, I, 16 — II, 20 — IV, 27 — IX, 18 — X, 25-28; Cintra (Alarico), VIII, 25; Cirurgia, I, 17 — VI, 15; "Ciume", I, 12 — VIII, 20; Classicismo, II, 7; Clemenceau, II, 9; Climatologia, VII, 3; "Cobra Norato", IV, 4; Coelho (A.), X, 1; Coelho (J.), VI, 7; Coelho Netto, XII, 26; Coleridge, XII, 23; Colette, I, 13; Collegio de França, III, 9; Communismo, VI, 12; Concha Espina, XI, 26; Congreve, X, 24; Conrad, I, 3; Copeau (J.), IX, 7; Corradini (E.), IV, 21; Correia (Pio), III, 16; Correia (R.-A.), V, 6; Correia (Viriato), XI, 1; Correspondencia, VII, 24 — XI, 22 — XII, 19; Corsega, IV, 16; Costa (B.), XI, 21; Costa (C. M. da), XII, 4; Costa (Lucio), II, 10; Cot (P.), IX, 11; Courau (R.), IX, 14; Courteville (R. de), IV, 21; Couto (M.), IV, 2; "Crapouillot", V, 15; Crémieux (B.), III, 2; IX, 7; Criminologia, VIII, 23; Critica, IV, 1 — X, 13; Croce (B.), II, 15; Croisset (F. de), I, 7; Cross (C.), VIII, 21; Culinaria, IV, 14 — VII, 23; Cultura, I, 5; Cunha (E. da), I, 17 — IV, 5 — XI, 12 — XII, 28; Curtius (E.-R.), II, 17.

D

Dabit (E.), XI, 8; Daniel-Rops, IV, 11 — X, 10; Dantas (J.), I, 10 — VIII, 18 — X, 19; Daudet (A.), II, 2; Daudet (L., VIII, 20 — IX, 10 — X, 6; Daye (P.), X, 15; Déat (M.), IX, 12; Deffoux (L.), XI, 28; Dégas, III, 19; Deledda (G.), VIII, 27; Democracia, VII, 9; Dénis (F.), XII, 14; Desbordes-Valmore, X, 25; Descartes, X, 19; "Desordem", XII, 11; Deus, XI, 15; Deval (J.), IV, 2; Diabete, I, 4; Di Cavalcanti, VII, 6; Diehl (C.), X, 22; Dieudonné (C.), X, 10; Diez Canedo, VII, 19; Diez de Medina (F.), VII, 14 — IX, 27; Direito, IV, 4 — V, 9 — XII, 21; Dom Quixote, II, 9; Dorchain (A.), III, 16; Dorgelès (R.), XI, 5; Doré (Gustave), VIII, 25; Dostoiewsky, II, 13 — III, 5-16; Doumer, IX, 22; Dourado (Mecenas), XII, 26; Dreiser (T.), XII, 14; Dreyfus, II, 7 — IV, 18; Drieu de la Rochelle, IV, 11; Duggan (S.), II, 18; Duguid (J.), V, 2; Duhamel (G.), VII, 9 — VIII, 20; Dullin (G.), VIII, 13; Dumas Pae, I, 2; Dunn (W. H.), VIII, 28; Durtain (Luc), II, 18 — VIII, 20 — XII, 15-26; Duton-Hurn (P.), X, 16; Duvernois (H.), IV, 2.

E

Eça de Queiroz, II, 18 — IX, 14 — XI, 26; Economia, X, 23; Educação, II, 8, 18, 19 — III, 17, 18 — V, 8, 19 — VII, 15 — IX, 27; Eisenstein, IX, 18; Eleição, I, 11; Elizabeth d'Austria, XI, 9; Escholier (R.), X, 28; Escravidão, VII, 1 — XII, 2, 16; Esculptura, I, 11 — XI, 21; Espiritismo, I, 17; Estados Unidos, II, 18 — V, 10 — IX, 2; Estournelles (P. d'), X, 28; Estrophes, XII, 6; Estupidez, XI, 8; Estylo, III, 2 — IV, 5 — IX 4; Evolução, II, 14; Exideuil (P. d'), IX, 12.

F

Faguet, VIII, 25; Fagundes Varella, II, 19; Faria (A. de) IV, 18; Faria Neves Sobrinho, XI, 28; Farmer (A. J.), XII, 25; Farrère, X, 12; Faure (G.), VIII, 21; Fayard (J.), IV, 15 — V, 16 — VI, 12; Fay (B.), X, 28; Féraudy (M. de), IX, 5; Ferber (E.), IX, 7; Fernandes (S.), VII, 6; Fernandez (R.), IX, 11; Ferreira Reis, IX, 27; Feuchtwanger, IV, 18; Fialho d'Almeida, VII, 21 — XII, 14; Figueiredo (J. de), IX, 6; Figueiredo (S.), VI, 10; "Fioretti", XII, 21; Fischer (M. e A.), X, 28; Fitz Gerald Bell, VIII, 21; Flaubert, IV, 23; Folklore, VI, 2 — VII, 13 — VIII, 24; Fontes (T.), IV, 23; Forain, I, 13; Foujita, III, 3; Fournier (A.), IV, 3; França, X, 8 — XI, 3; France (A.), II, 7 — VII, 5 — IX, 14; Francisco I, III, 9; Franc-Nohain, VIII, 27; Freud, IV, 19 — VIII, 8; Fróes Abreu (S.), I, 17; Fróes (L.), VII, 20; Fromentin, X, 24; Frondaie (P.), IV, 22; Froude, I, 16 — VIII, 28.

G

Gahisto (M.), XII, 7, 14; Galipaux (F.), IV, 4; Gallicismos, XII, 1; Gallotti (O.), XI, 21; Galtier-Boissière, V, 15; Galvez (M.), XI, 5; Garcia (R.), III, 3; Gard, (M. M. du), Galvez (M.), XI, 5; Garcia (R.), III, 3; Gard, (M. M. du), I, 13 — VIII, 20 — IX, 5; Garric (R.), IX, 12; Gauthier-Vignal, VII, 12; Gatos, I, 6; Génévoix (M.), I, 6; Gentil (A.),

II, 18 — IX, 22 — X, 26; Gentile (G.), II, 15; Geographia, II, 16 — IV, 8; Gerace (V.), XI, 26; Gerschenson (M. O.), VI, 16; Ghillen (A.), I, 15; Gide (A.), I, 16 — II, 6 — III, 2 — IV, 11 — VIII — 14; Gide (C.), V, 9 — VIII, 14; Giono (J.), VIII, 7; Giraudoux (J.), VIII, 13 — IX, 5; Giuliottti (D.), V, 18; Gladstone, III, 10; Gnomonia, VI, 18; Godofredo Filho, IV, 18; Goethe, IV, 6, 23 — VI, 1, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 17, 19, 20 — VIII, 2, 18 — IX, 5, 17 — XII, 9; Gold (M.), X, 4; Gomes de Barros (L.), VIII, 24 — X, 19; Gomez de La Serna, XI, 26; Gomes (L.), IX, 22; Gorki, VII, 17 — XI, 9 "Gororoba", XII, 19; Graça Aranha, III, 7; Gracian (B.), IV, 23 — X, 5; Grammatica, XI, 2; Green (J.), III, 15 — VIII, 16; Greene (Graham), III, 15; Greta Garbo, XI, 18; Grieco (A.), V, 3 — XII, 22; "Gringoire", III, 12; Gsell (P.), VIII, 25; Gueiros (N.), VIII, 7; Guerra, VII, 25; Guerra de 1914, I, 11; Guesde (J.), XI, 27; Guilherme (O.), XI, 3; Guillaumin (E.), VII, 18; Guimarães (A.), VI, 6 — XII, 26; Guiraldez (R.), VII, 17 — IX, 10; Gusmão (A. de), VIII, 15; Guzman (R.-A.), I, 12 — VIII, 20-26; Gwin (S.), IV, 22; Gyp, VI, 5 — XI, 5, 17.

H

Hackett, I, 16; Hall Caine, I, 9; Hamp (P.), XI, 28; Hardy (T.), V, 20; Harris (F.), I, 8 — II, 6, 9 — VIII, 10 — XII, 9; Harrison (C. Y.), I, 16; Harry (M.), I, 13; Hauptmann, X, 3; Haydn, IX, 25; Hazard (P.), II, 9; Hellens (F.), VIII, 25; Henrique VIII, I, 16; Hereditariedade, I, 4; Hermes Fontes, IX, 27; "Hierarchia", I, 15; "Hiob", I, 17; Historia, I, 13 — IV, 12 — VI, 7 — XI, 16; Hood (T.), X, 16; Hopkins (T.), IV, 22; Horn (A.), X, 28; Hugo, I, 2; Huysmans, I, 13.

I

Ibsen, I, 16; Idade Media, I, 5; Igreja, XI, 14; Imprensa, XII, 28; Industria, XII, 6; Indy (Vincent d'), IV, 15; Inglaterra, IX, 17; Instrucção, XII, 28; Iorga, X, 22; Ipuche (P. L.), XII, 9; Ivanov (V.), VI, 16.

J

"Jalousie", VIII, 26 — IX, 21 — XII, 15; Jaloux (E.), IX, 7; James (Norah), III, 17; Janacopulos (A.), XI, 21; Japão, IV, 2; Jarnés (B.), V., 6; Jennings, I, 4; Jerrold (V.), X, 16; Jiménez (J. R.), VII, 19; Johannis (J. de), XI, 26; José Augusto, XII, 11, 18; Joyce (James), II, 6; Jucá Filho (C.), I, 13; Julio Cesar, II, 5; Jusserand (M. J.), XII, 14.

K

Kandel (I. L.), II, 8; Kaus (Otto), II, 13; Keiserling, I, 3 — XII, 2; Kessel, III, 16 — IX, 14; Kipling, IV, 22; Kirchon (W.), XI, 5; Kochanowsky, IV, 25; Korintsky, V, 7; Kós (J.), IX, 27.

L

Lamb (C.), X, 10-28; La Chambre (G.), IX, 12; Lagorce (P. de), VII, 14; Lamartine, III, 6; Lamennais, III, 4; Lantoine, VIII, 25; Larguier (L.), IV, 11; Lasserre (P.), IV, 17; Lawrence (D. H.), III, 17 — VII, 7, 17 — X, 24; Lebeis (C.), VI, 19 — X, 6; Leblanc (G.), I, 2; Le Bon (G.), IV, 13; Lechowski (B.), V, 17; Lefèvre (F.), I, 13; Lefranc (A.), II, 17 — VIII, 20; Le Goffic (C.), VI, 4 — VII, 17; Lehmann (R.), III, 8; Lemuria, XII, 28; Lénero (M.), IX, 5; Lenine, XI, 9; Léon (R.), XI, 26; Leopardi, II, 15 — V, 18; Le Rouge (G.), I, 13; Lessa (P.), XII, 8; Lesseps, IX, 14; Levaillant, VII, 19; Levi (G. A.), II, 15; Lewisohn (L.), XII, 18; Lewis (Sinclair), V, 10 — IX, 13 — XI, 11; Liautey, I, 13; Liberdade, XI, 8; Liger-Belair, VIII, 14; Lima Barreto (A.), II, 4; Lima (Herman), IX, 27; Lima (Hildebrando de), II, 19; Lingua, VII, 6 — IX, 16; Lintz (Z.), IX, 27; Lipinska (M.), II, 4; Litteratura, II, 15 — V, 1 — VII, 16 — X, 2, 5, 16 — XII, 7, 10; Litteratura Cubana, XII, 21; Literatura Infantil, V, 16 — X, 6; Litteratura Ingleza, XII, 25; Litteratura Portugueza, VIII, 11; Lloyd George, XI, 9; Lobo (Abelardo), V, 9; Loisy (A.), XI, 14; Londres (A.), X, 10, 28; Lopes Trovão, V, 13; Lorrain (J.), VIII, 13; Loth (D.), IV, 22; Lourenço de Medicis, IV, 22; Louys (P.), II, 20; Lowell (J.), XII, 18; Lucher (J.), XI, 4; Lugné-Poe, II, 9 — X, 24; Luiz Edmundo, XI, 16; Lytton-Strachey, I, 16 — VIII, 20.

M

Mc Kay (Claude), II, 3; Machado (A.), VII, 19; Machado de Assis, VI, 4 — IX, 26; Machiavel, VII, 12; Maeterlinck, I, 2 — X, 26; Magalhães de Azeredo (C.), V, 18; Magrou, II, 6; Mahatma Ghandi, II, 10; Maine de Biran, II, 9; Mallarmé, I, 2; Manet (E.), XI, 10; Mann (Thomaz), II, 5 — IX, 7 — X, 27 — XII, 14; Manoel II (D.), XII, 13; Mansfield (K.), II, 2 — III, 17 — VII, 5; Mantegazza, III, 4; Maranhão, I, 17; Margueritte (Paul), VI, 5; Margueritte (Victor), I, 13; Maria da Russia (Granduqueza), I, 11; Maritain (J.), I, 5 — X, 9; Marques Rebello, I, 15; Marquina (E.), VII, 19; Marselha, II, 3; Martins de Oliveira, V, 19; Martius, VI, 17; Massa (Mario), II, 15; Massingham, IV, 22; Massis (H.), IX, 14; Mathiez, VIII, 26; Mattos (G.), XII, 4; Mattos Pimenta, I, 6; Mauclair (C.), XI, 4; Maulnier (T.), IX, 12; Maurinc (F.), II, 6 — III, 8 — VIII, 6 — IX, 20; Maurice (M.), X, 9; Maurois (A.), II, 12 — VIII, 15 — X, 24; Maurras (C.), II, 7 — V, 14; Maxence (J.), IX, 11; Maxwell (W.-B.), III, 17; Medeiros (M.), II, 15 — VII, 20 — X, 23 — XI, 23; Medeiros e Albuquerque, IX, 8 — XI, 28; Medicina, II, 4, 11, 19 — XII, 5; Meio, I, 4; Mello (O.), XII, 28; Mello (D. Manoel de), V, 7 — VIII, 16; Mello Franco (C.), IX, 28 — XII, 4; Memento bibliographico, I, 20 — II, 20 — III, 20 — V, 20 — VI, 20 — VII, 24 — VIII, 28 — IX, 28 — X, 28 — XI, 28 — XII, 28; Mendes (M.), XII, 14; Mendes de Aguiar, V, 14; Mendes de Almeida (J. C.), IV, 24; Menendez y Pelayo, IV, 23; Menezes (D.), IX, 27; Meredith (G.), I, 16 — III, 16; Metallurgia, II, 10; Meunier (M.), VII, 13 — X, 19; Meyer (A.), VI, 19; Michaelis (K.), V, 19; Miquelarena, V, 14; Mirbeau (O.), VII, 5; Miro (G.), XI, 26; Mistler (J.), IX, 11; Missiroli (M.), XI, 26; "Moderna", XII, 21; Monfreid (H.), IX, 24 — X, 14; Moniz (H.), XI, 15; Montandon (G.), IV, 21; Monteiro (E.), IX, 27; Monteiro Lobato, II, 10 — IV, 7 — V, 16 — X, 24 — XII, 25; Moraes (C. D. de), V, 19; Moraes (D. de), XII, 21; Moraes (P.), VI, 19; Morand (P.), I, 7 — V, 19 — VI, 10; Moreira (A.), VII, 20; Motta (L.), VII, 13 — X, 19; Motta Filho (C.), V, 19; Moura (E.), II, 19; Museu Paulista, VII, 9; Musica, VI, 15 — IX, 25 — X, 27; Musset, VII, 20; Mussolini, II, 17 — X, 23 — XI, 26 — XII, 14.

N

Napoleão, II, 17 — V, 4 — XI, 8 — XII, 14; Nathan (R.), IX, 12; Naville (N. A.), IV, 11; Naylor (M. G.), VI, 17; Nery (Fernando), VII, 4 — IX, 3; Neves (J.), X, 13; Neves Manta, VIII, 23; Ney (Aldo), III, 13; Nicolle (C.), VII, 2; Nietzsche (F.), III, 7 — VII, 2 — X, 8 — XI, 21; Nizan (P.), XI, 19; Noailles (condessa de), IV, 23 — VIII, 25; Nogueira Leiria (J. O.), X, 10; Normandy (G.), VIII, 22; Nova Maneyra de Fallar, I, 19; Nunes (J. J.), XI, 13.

O

Oliveira (A.), X, 25; Oliveira (E.), IX, 28; Oliveira Vianna, V, 5 — IX, 28; Ors (E. d'), IX, 10; Orthographia, I, 14 — III, 7, 20; Ostwald, IX, 15; Ozorio, VII, 20; Ozorio de Almeida (M.), IV, 15 — VII, 18 — XII, 28; Ozorio de Oliveira, V, 20 — VIII, 12 — XII, 14; Ovidio (F. d'), V, 18.

P

Pacheco (Felix), III, 2 — VIII, 22; Pacifismo, IX, 4; Paixão Cearense (C. da), IV, 2; Palacio Valdez, XI, 26; Palhano (Lauro), III, 20 — XII, 19; Panzini, II, 15; Papini, VI, 3 — VI, 12 — X, 6 — XI, 26; Pardo Bazan, XI, 26; Pascal (Blaise), II, 6; Pascal (Jacqueline), II, 6; Pasteur, II, 9; Pastonchi, II, 15; Patria, XI, 8; Patrocinio (J. do), VIII, 22; Pavloff (I. V.), II, 14; Pavry (B.), X, 16; Paz (M.), IX, 12; Pedro II, II, 9 — VII, 18; Pedro, o grande, XI, 23; Peixoto (Afranio), II, 15 — XI, 21 — XII, 9; Peixoto (Mario), III, 3 — V, 6; Pennafort (O. de), III, 7; Pereda, XI, 26; Pereda Valdez, X, 15; Perez de Ayala, VII, 19 — XI, 26; Persia, X, 16; Pessimismo, I, 15; Pessoa (João), V, 15; Philosophia, XII, 26; Physiologia, II, 14 — XII, 15; Pilotto (W.), XII, 28; Pinheiro Viegas, IX, 16; Pinto (Calzareth), XI, 21; Pinto (Pedro), IV, 5; Pintura, I, 10 — II, 11 — III, 13; Pires (Valdemiro), XI, 21; Poe (E.), I, 11; Poesia, V, 12 — X, 7, 28; Poesia Brasileira, I, 15; Politica, I, 11 — VIII, 16 — IX, 11 — X, 23; Polonia, IX, 27; Pope, IV, 22; Porché (F.), XI, 9; Portinari, XII, 9; Porto Carreiro

(J.), VIII, 23; Portugal, X, 1 — XII, 25; Poulet (R.), IV, 2; Prado (Rachel), XII, 28; Prestage (E.), V, 7; Prévost (M.), XI, 5; Procacci (V.), V, 18; Proletarios, XI, 19; Pseudonymos, XII, 26; Psychanalyse, IV, 17; Psychologia, VIII, 23.

Q

Queiroz (R. de), VII, 8 — IX, 27 — XII, 7.

R

Rabelais, II, 6 — II, 17; Rabello (Laurindo), XII, 23; Raça, VII, 3; Rachilde, X, 24; Radio, II, 7; Raeders (G.), II, 9 — VIII, 24; Rainha Victoria, III, 10; Ramos (Arthur), IV, 19 — IX, 28; Rangel (Alberto), VII, 11; Rasputin, VII, 22; Raynaud (E.), VIII, 21; Reboux (P.), III, 19; Régnier (H. de), IV, 11; Religião, I, 5 — II, 14; Renan, IX, 15; Representação de classes, I, 11 — XII, 11, 18; Revolução, II, 7; Reyles (Carlos), X, 15; Rezende (J. S.), II, 9 — III, 18; Ribeiro (João), I, 10 — IX, 17; Ribeiro (Leonidio), I, 17 — II, 19 — IX, 27; Ribeiro Couto, IV, 8; Ricci (C.), V, 18; Richelieu, IV, 22; Rival (Paul), V, 11; Robert (Louis de), II, 2; Rodin, I, 11; Rodker (J.), III, 17; Rodrigo Octavio, VIII, 14; Rodrigo Octavio Filho, VII, 20; Roger (H.), II, 18; Rolland de Beneville, VIII, 24; Roma, XI, 4; Romance, II, 17 — X, 21; Romantismo, II, 7; Romero (Sylvio), IX, 8 — XII, 24, 26; Roquette Pinto, VIII, 18; Rosco (Henrique), XI, 21; Rose (M.), I, 7; Rosebery (Lord), III, 11; Rosny Ainé, VI, 5; Rosny, X, 28; Roth (J.), I, 18; Rueda (S.), VII, 19; Rusiñol (S.), VI, 20; Ruskin, III, 16; Russel (B.), I, 3, 5; Russia, I, 11 — II, 15, 18 — V, 7.

S

Sá Leitão (J. H. de), VII, 23; Sainte-Beuve, VIII, 20; Saint-Exupéry (A. D.), V, 8 — VIII, 7; Salles (Miguel), XI, 27; "Salomé", II, 11; Samain (A.), II, 9; Sanson (R. D. de), IX, 27; Santa Rosa (V.), XII, 11; Santa Thereza, IV, 22; São Francisco de Assis, XII, 21; Santo Officio, XI, 15; Santos (Carlos), XI, 23; Santos (Felicio), XI, 16; Santos (J. M. dos), VIII, 16 — IX, 8 — X, 9; Santos Dumont, XI, 10 — XII, 12; Sappho, X, 19; Sardou, II, 17; Savignon (A.), X, 28; Savonarola, V, 18; Scapine (G.), II, 2; Schmidt (A. F.), I, 15; Schmidt (P. W.), II, 14; Schneider (E.), X, 28; Schnitzler, III, 4 — IX, 7; Schwartzkoppen, IV, 18; Schwob (R.), II, 9; Sciencia, IV, 15 — VII, 16 — IX, 15 — XII, 28; Scott (Walter), IV, 22; Segall (Lasar), IV, 21; Ségur (N.), VI, 3 — VIII, 5 — XI, 13; Selecção, IV, 2; Sencourt (R.), I, 16; Serrano (J.), I, 13 — XI, 22; Severo (Alfredo), VI, 12 — IX, 27; Shakespeare, II, 5 — VII, 14 — VIII, 20; Shaw (B.), II, 5 — VIII, 10; Siegfried (A.), II, 18 — IX, 17; Silva Corrêa, IV, 20; Silveira (D. de), XII, 28; Silveira (V.), V, 2; Silveira Martins, X, 13; Silveira de Menezes, XII, 25; Simenon (G.), V, 18 — VII, 6 — VIII, 21, 28 — IX, 4, 27; Sinclair (May), III, 17; Stwell (E.), IV, 22; Société des Gens de Lettres, VIII, 17 — IX, 23; Sociologia, IX, 17 — XII, 24; Sommerset Maugham, VI, 3; Soares (Orris), IV, 22; Soret (F.), X, 21; Souza Andrade, XI, 28; Souza Ferreira (J. A. de), I, 17; Spingarn (J. E.), XII, 9; Streeker (Karl), III, 1; Strowsky (P.), IX, 7; Studart (Barão de), XI, 22; Surrealismo, VIII, 24; Sussekind de Mendonça (E.), VII, 16.

T

"Tabaré", III, 15; Tabayá (Arnaldo), VIII, 20 — XI, 7; Tarquinio de Souza (O.), III, 18; Tatin (R.), III, 6; Taunay (A. d'E.), III, 3; Tchecoff, XII, 19; Theatro, V, 12 — VIII, 13; Théo Filho, XI, 7; Theophilo (Rodolpho), XI, 3; Thibaudet (A.), II, 17; Thomismo, I, 5; Tiradentes, VIII, 18 — XII, 4; Tocqueville, II, 18; Tolstoi, III, 16 — XI, 8; Torres (Alberto), IX, 22 — X, 26 — XII, 24; Torres (Antonio), II, 4 — VII, 10 23 — VIII, 24 — X, 19; Tourguenief, II, 12, 17; Traglia (A.), V, 18; Trelawny, IV, 22; "Tres Sargentos", III, 14; Trigo (F), XI, 26; Trilby, VI, 5; Trompe (E.), VIII, 25; Tropismo, I, 7; True (G.), IX, 7; Tumiati (C.), V, 18; Turati, VIII, 18.

U

"Ulysses", II, 6; Unamuno (M.), XI, 26; Undset (S.), IV, 17; Uzanne (O.), III, 13.

V

Vaillat (L.), I, 13 — IX, 7; Valera (J.), IV, 23 — XI, 26; Valery (P.), V, 10; Valle Inclan, VII, 19 — XI, 26; Valverde (T. M.), XII, 21; Vampiros, VIII, 9; "Vasco", III, 14; Vasconcellos (Leão), II, 16; Vasconcellos (W.), VIII, 22; Veiga Cabral (M. Da), IV, 10 — VII, 2; Veiga Lima (C.), IV, 22 — XI, 6 — XI, 27; Veiga Miranda, III, 17; Veuillot (L.), IX, 7 — X, 25; Venancio Filho (F.), I, 17 — II, 19 — VII, 16; Verga (G.), IX, 7; Verissimo (E.), XI, 7; Verissimo (José), VI, 4; Vianna (Helio), XI, 1; Vidal (A.), V, 15; Vieira (Antonio), VIII, 27; Vieira (B.), VI, 19; Vieira (J. G.), I, 3; Vilalva (Mario), II, 19; Villaespesa (F.), I, 7; Virgilio, II, 17; Voltaire, VIII, 25; Voto, I, II.

X

Xavier Junior, VI, 2; Xavier Marques, XI, 28; Xavier de Oliveira, IV, 10.

Z

Zacharias, IX, 9; Zola, XI, 27; Zorrilla de San Martin, III, 15; Zucker, I, 16; Zweig (A.), XII, 9; Zweig (S.), II, 13 — X, 18 — XII, 9.

Officina Industrial Graphica — Misericordia, 74 — Rio.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 1 - OUTUBRO 1931 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

CONVERSA FIADA...

VAE para vinte annos (como nos foge a mocidade!), entre os medicos e estudantes que formavam o corpo clinico da Assistencia Municipal, havia sempre alguns, como hoje, talvez, ainda os haja, que por pendor especial ou menor atribulação nas lides profissionaes, liam muito e acompanhavam mais de perto o que se passava no mundo das lettras. A esses, como era de esperar, dada a diversidade dos seus conhecimentos, cabia sempre a melhor parte nas palestras que os fortuitos companheiros de pernoite entretinham á hora do chá, por vezes já pela madrugada, quando a cidade dormia a somno solto e as ambulancias rareavam as suas sahidas.

E vinham, então, á baila, consoante as preferencias de cada um, os nomes de Anatole, Eça, d'Annunzio ou Machado de Assis; as novellas de Guy de Maupassant; os contos de Affonso Arinos ou Barbey d'Aurevilly, — o Barbey das Diaboliques: *qualquer pagina inflammada de Euclydes da Cunha; alguma historia extraordinaria de Edgar Poe, quando não um dos deliciosos apologos de Oscar Wilde.*

Tudo isso, entretanto, — resumo de leituras feitas, citação de escriptores predilectos, referencia ás ultimas novidades apparecidas, uma anecdota contada a proposito, uma critica lançada com agudeza, — era sempre obra do mesmo reduzido grupo de individuos que, assim, e sem se aperceberem, não só deleitavam os companheiros, como até lhes ministravam ensinamentos e informações que, sem a conversa fiada *dessas reuniões, elles só alcançariam á custa de muitos sacrificios, com a acquisição dos alludidos livros, o tempo dedicado á sua leitura, etc., etc.*

Foi meditando sobre essa situação que um daquelles palradores contumazes ponderou, em ar de troça, aos da sua roda, que todos estavam sendo miseravelmente explorados, e, dali por diante, urgia estabelecer uma tabella na qual ficasse bem estipulado o que cada ouvinte deveria pagar ao narrador pelo resumo, bem feito, já se vê, de um romance, de uma novella, ou mesmo de um pequeno conto. Sem duvida que esses preços teriam fluctuações, conforme se tratasse de obra mais ou menos recente, valorizada ou não por qualquer premio, ou subido renome do seu autor, ou ainda por ser escripta em lingua de difficil accesso.

A pilheria teve repercussão e, muitas vezes, á hora em que mais accesa ia a palestra, um dos presentes advertia:

— Ah! Vocês não leram ainda os Contes choisis, *de Pierre Louys? Bem. Então que cada um ponha dez tostões sobre a mesa, pois que eu vou resumir uma das suas melhores historias:* Une volupté nouvelle.

Ou ainda:

— Mas parece incrivel! Vocês nunca ouviram falar em Sophia Kowalewsky, a grande mathematica russa? Está bem. Dous mil réis por cabeça, para que eu narre a sua vida, tal qual ella mesma a contou, nas suas recordações autobiographicas.

* * *

O Boletim de Ariel, *embora com aspirações mais altas, pede muito menos a seus leitores.*

Na Assistencia, contavam historias e resumiam novellas alguns medicos de bôa vontade, mas, pelo menos até aquella data, sem nenhuma projecção além do circulo de seus amigos. Aqui, se tambem prepondera o mesmo espirito do escorço rapido e da nota despretenciosa acerca do que mais interessante e significativo occorrer no mundo das lettras, das sciencias e das artes, tanto no Brasil como no estrangeiro, tudo se valorizará pelo nome dos seus signatarios, sempre collaboradores de realce, escolhidos entre o que de melhor houver nas nossas elites intellectuaes.

G. C.

Em redor de Maeterlinck

GEORGETTE LEBLANC — SOUVENIRS (1895-1918). *Grasset, 1931. Paris.*

Como varios brasileiros, acabo de ler o livro de Madame Georgette Leblanc contando a historia de sua vida com Maeterlinck. Tive ensejo de assistir a uma conferencia dessa emocionante mulher sobre o mesmo assumpto.

A impressão que se recebe desse livro é brutal: vê-se ahi um sêr de elite, uma mulher finissima, de uma sensibilidade super-aguda, de uma intelligencia extraordinaria, ás voltas com a natureza fria de um poderoso espirito entregue ao interesse da sua creação e da sua gloria.

Nesse livro, tudo que se diz sobre Maeterlinck homem era mais ou menos sabido. Sabia-se que o autor de *Monna Vanna* come como um cavallo, mas como um cavallo triste. Sua glutoneria não é a de um Alexandre Dumas: exuberante, festiva, carnavalesca, pantagruelica. E' o vasto e lento comer do animal sombrio que devora silenciosamente as pesadas viandas com o deleite torpido do monstro.

Sua glutoneria não é a galharda sofreguidão de Victor Hugo octogenario engulindo camarões com cascas, barbas, e tudo, para não perder tempo, o solido appetite do herôe que descia do seu andar illuminado na praça dos Vosges ou do seu atelier batido dos ventos em Guernesey, ainda envolto na flamma dos grandes versos rumorosos... emquanto netos, amigos, visitantes corriam, gritavam, discutiam em torno da mesa; especie de kermesse quotidiana em que um pequeno grande mundo parecia dansar na exaltação da vida.

Maeterlinck exigia na mesa o maior silencio, a maior tristeza, como se quizesse que, numa atmosphera de chumbo, a comida ficasse mais pesada e mais densa, e, portanto, mais necessaria á elaboração do seu mysticismo sem Deus, do seu mysticismo digestivo.

Além de glutão, Maeterlinck se mostra, nesse livro, egoista, ingrato, solerte, pratico, bem differente das figuras ingenuas, pallidas e esmaecidas da sua obra.

Ultimamente a fama de Maeterlinck tem decrescido muito. Sua originalidade foi posta em causa. Não é segredo para ninguem que a essencia do seu pensamento vem de Emerson, e o que não vem de Emerson é de Swendenborg, ou de Novalis, ou de Goethe. Sua maneira encantou pela surpresa, mas acabou por fatigar pela monotonia.

Madame Georgette Leblanc nos dá a entender agora que na execução de algumas das obras principaes de Maeterlinck sua collaboração foi importante. *La Sagesse et la destinée* foi feita quasi toda por ella. O *Trésor des Humbles* veio della, das suas conversas, das suas cartas. Os dramas, fóra os dramas propriamente belgas — verdadeiros *melos* — são phrases vagas encadeadas vagamente por um artificio somnolento que não é arte, e tiveram apenas a sorte de apparecer no momento em que todo o mundo estava cansado da precisão, do contorno, da nitidez parnasianas.

Pelléas et Melisande, sem a musica de Debussy, é tudo que ha de mais "pau", e de falsamente shakespeareano.

A *Vida das Abelhas* é natural que seja Maeterlinck, pois elle nasceu numa familia de apicultores; cresceu entre colmeias, no *manoir* paterno.

Mas Georgette Leblanc, arrebatada pela força do amor, acreditou no genio de Maeterlinck. Era aliás uma creança quando se ligou a elle. Só, depois, foi vendo em Maeterlinck a incapacidade de se mover em meio aos grandes themas sem apoio dos autores, e, ao mesmo tempo, sua habilidade em diluir em phrases indecisas pensamentos claros, lidos ou ouvidos.

Retirando a nuvem industriosamente posta em torno das suas palavras, procurando-se a nú o seu pensamento, os pensamentos de Maeterlinck, é facilimo encontral-os em outros autores. Reduzidos á expressão mais simples, despojados da vestidura que elle lhes dá, apparecem como são; estão nos autores citados e innumeros outros que não adquiriram sua voga e desappareceram com fama transitoria.

Pobre Georgette Leblanc! Anciosa de novidade, no verdor do teu desabrochar para a vida, não vendo em torno de ti como poesia senão Heredia (o romantismo estava morto), Mallarmé encerrado no seu pobre apartamento da rua de Roma — foste seduzida pelos sonhos coloridos do jovem Maeterlinck, que um dos arrebatamentos de Mirbeau, num dia de euphoria, tirou da sombra. Partiste para a Belgica. Arrancaste da somnolencia de uma mansão provinciana, povoada de preconceitos e rumorejante de abelhas, o illustre ruminante. Trouxeste-o para Paris; déste-lhe roupa; lavaste-o, limpaste-lhe as unhas, espalhaste-o pelo mundo, insufflaste-lhe tua seiva.

Um dia, mais gordo, mais encorpado, rico do dinheiro que lhe ajudaste a ganhar, elle te joga pela porta a fóra. E o editor Grasset, — porque na Europa a gloria é uma cousa séria, e faz medo — ainda escreve aquelle prefacio que és obrigada a acceitar, como *pauvre femme* que és hoje, porque os teus cabellos não são mais os de Melisande nem teus seios arfam sob o corpete como os de Monna Vanna...

GILBERTO AMADO.

AMIGO ABANDONADO

Chegou de longe nesta hora triste da noite
A saudade do amigo abandonado.
Veio como o éco da sua voz atravessando o espaço,
Passando pelos jardins humidos,
E penetrou fundo meu coração distrahido.

O amigo voltou inesperadamente.
No entanto as portas não se abriram
E a noite continuou immovel e immensa.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

BERTRAND RUSSEL — LE MARIAGE ET LA MORALE, *trad. franç. de Gabriel Beauroy. Les Revues. Paris, 1931.*

A linha fictícia que serve de eixo ao mundo tem uma extremidade no pólo economico, outra no pólo affectivo ou sexual. Dois nomes definem hoje as nossas preoccupações: Marx e Freud. Se na Sovietia o amor é considerado um sub-producto da sociedade capitalista, e reduzido apenas a um episodio economico, na Burguezlandia, que nós habitamos, o pão nosso de cada dia se irmana ao nosso amor de todos os dias, em constantes interdependencias, pelo menos equivalentes. Embora a velha economia politica tradicional pretenda resistir, a moral tradicional, se não faz concessões, entra comtudo em cogitações apprehensivas. Este livro depõe.

O autor é um sabio, que se fez moralista. Não tem frio nos olhos. Vê no futuro. E entre os costumes europeus: casamento indissoluvel + filhos + adulterio, e os costumes americanos (do norte): casamento dissoluvel + filhos + não adulterio, sente que na crise do casamento no mundo e na crise sexual dos moços, que não se podem ainda completamente casar, de onde perversões, nevroses, etc., haverá espaço para terceira formula, a moral nova, que começa nos E. U. — o casamento de prova, sem filhos, sem adulterio, que se torna definitivo se os filhos sobrevêm, ou dada por bôa a experiencia conjugal. E' o assumpto do livro do Juiz Ben Lindsey, *Companionnate Mariage*, de alguns capitulos da *Psychanalyse da America*, de Kayserling, a que este, de Bertrand Russel, põe de novo em termos de solução.

Não tomemos partido; nossas condições não serão as mesmas e as leis derivam da natureza das coisas; mas não fechemos os olhos debaixo das asas, como avestruzes. Ha pelo mundo vozes que procuram antennas e ha clarões que rasgam as sombras apprehensivas: tenhamos olhos e ouvidos abertos. As idéas caminham mais devagar do que as acções. Quem sabe se os actos já não vivem entre nós? Os actos que geram as idéas...

AFRANIO PEIXOTO.

JOSÉ GERALDO VIEIRA — A MULHER QUE FUGIU DE SODOMA — *Schmidt, Editor. Rio, 1931.*

José Geraldo Vieira acaba de nos dar o seu primeiro romance. Victorioso na arte difficil de contar, elle se revela, agora, como um dos nossos mais completos romancistas.

O seu livro, como romance moderno, é sem duvida alguma, o melhor que se tem publicado no Brasil, nestes ultimos annos.

Desde as primeiras paginas o leitor começa a participar da angustia mesma dos personagens. Ha uma intensa vibração interior, só encontrada, modernamente, nas creações de Julien Green.

Não é romance de these, onde as peças, perfeitamente encadeadas, concorrem para um fim predeterminado. O autor não impõe nenhuma limitação á realidade. Os personagens vivem como vivem no mundo, soffrendo todos os imprevistos que a vida offerece, e reagindo com a mais ampla liberdade.

José Geraldo Vieira consegue dar ao seu romance todas as qualidades que se exige do romance como manifestação artistica. Não se propõe a resolver nenhuma questão de ordem moral ou social. Isto não quer dizer que não deva existir no romance o entrechoque de idéas. Como escreve Maurois, no seu limpido ensaio sobre Tourgueniev, "a expressão das idéas faz parte, como a dos sentimentos, desta vida humana que o romancista procura pintar, mas as idéas devem figurar na sua obra como momento da alma dos personagens. Ellas devem nascer dos caracteres, não os modelar."

O typo do romance de idéas, é o "Point Counterpoint" de Aldous Huxley, mas essas idéas fazem parte da psychologia mesma dos seres que o animam, que assignalam um determinado meio, uma epocha, sem, entretanto, deixar transparecer o pensamento do romancista.

Na "Mulher que fugiu de Sodoma", quasi não se nota a presença do escriptor. E isto é sobretudo observado na primeira parte, incontestavelmente a melhor do romance, onde o estado de tensão psychologica, a rapidez dos acontecimentos, a analyse dos sentimentos intimos e dos estados de consciencia, habilmente delineados, dão tanta movimentação aos personagens.

Na segunda parte é visivel a influencia conradeana. O autor abandona o contacto com a vida interior dos personagens, apparece mais na descripção minuciosa do ambiente.

A evasão, a fuga de Mario para uma terra estranha, em procura de solução para o seu caso, apresenta accentuadas analogias com o exilio de Lord Jim nas terras mysteriosas do archipelago malaio. Mas emquanto este ultimo, victima de um inhumano codigo de honra, morre completamente isolado depois de procurar por todos os meios uma possivel reparação, Mario, de miseria em miseria, se arrasta numa continua degradação de alma e de corpo até encontrar, nos ultimos dias de vida, arrependimento e consolo no seio amigo da religião.

A parte final do romance desenvolve-se em derredor de Lucia, figura admiravel, cujas situações moraes durante as insistentes tentativas de seducção por parte do millionario Nuno, são subtilmente analyzadas por José Geraldo Vieira.

"A mulher que fugiu de Sodoma" é incontestavelmente o grande romance do momento litterario brasileiro. Mario, Lucia, o velho Theodosio, a tia Martha, são creaturas profundamente humanas. Scenas, como a da morte e do enterro do "Segundo Cliché", impregnadas da mais alta sensibilidade, são das melhores da nossa litteratura.

E' livro que resistirá e vencerá o tempo.

HAMILTON NOGUEIRA.

A arte é a reproducção do que os sentidos percebem na natureza atravez o veu da alma.

Edgar Poe.

CONGEDO

Rosea loquacidade,
Frivola. O' mocidade!
Risos, canções garridas,
Silencio, adeus! Varridas
As rosas arrancadas,
As torres derrocadas;
Morto o amor, morta e fria
A belleza e a alegria;
Exhalada a suprema
Estrophe do poema.

ALBERTO RAMOS.

PROMETHEUS OR BIOLOGY AND THE ADVENCEMENT OF MAN, *by* H. S. JENNINGS (Da Col. *To day and To morrow* — London, Kegan Paul ed.)

Pequeno volume, publicado pela primeira vez em 1925. O autor, conhecido biologo norte-americano, é um naturalista que não perde nunca a visão de conjuncto a respeito da sciencia. Tem ideias claras e muitas vezes originaes. Sabe divulgal-as com espirito. Discutindo *herança* e *meio*, como factores essenciaes no melhoramento humano, Jennings começa dizendo não ser dos que consideram taes assumptos passiveis de discussão por simples "inspiração". E' sempre materia que exige provas. A' primeira vista, a affirmativa parece ociosa. Provas, documentos, observações, experimentos, são o proprio *substratum* da sciencia. No entanto a leitura de numerosos artigos de fundo scientifico, publicados nos jornaes diarios e assignados por pessoas de responsabilidade, basta para mostrar como Jennings tem razão naquelle aviso. Para não ir muito longe: Veja-se no *Jornal do Commercio*, de 6 de Setembro corrente, imponente artigo do Prof. Jon Alfred MJöen, do Winderen Laboratorium de Oslo, traduzido pelo Dr. Renato Kehl com o titulo — *Cruzamento de Raças*. Ao lado de muitas coisas certas e conhecidas, o professor MJöen escreve o seguinte: "*Diabetes* — Sabemos hoje que o diabetes é devido a uma anomalia glandular. A frequencia dessa molestia nos individuos de "meio-sangue" vem a favor da mesma noção, a saber: o cruzamento racial causa perturbações glandulares." Então isso está certo? Será verdade que os *mulatos* darão maior contingente de *diabeticos?* Não é absolutamente o que verificam os medicos que tenho consultado. As estatisticas do obituario nacional contestam formalmente a maior frequencia do diabetes nos individuos de "meio-sangue". Mesmo porque, no Brasil, se isso fosse verdade, quasi ninguem morreria... senão de diabetes. Consulte-se, por curiosidade, o Boletim Demographo-Sanitario...

Ahi está porque Jennings começa declarando que não pertence ao grupo dos que acham que "*inspired thinking may take place of experiment in such matters*". Já o Prof. MJöen, aqui divulgado na excellente traducção do Dr. R. Kehl, pertence á outra escola.

As questões capitaes discutidas em *Prometheus* são as seguintes:

1°) Muitos organismos têm sido melhorados, se por isso se entende que foram alterados para conseguir approximar-se de um certo typo, considerado melhor.

2°) Como se processa esse melhoramento?

3°) Podem os mesmos processos ser applicados ao homem?

Antes de mais, convem combater a ideia de muitos considerarem a *herança* como uma especie de *força autonoma*, quando ella nada mais é do que a manifestação da presença de certa classe de material bio-chimico. Passa depois o professor da John Hapkins University a fazer uma carga cerrada contra a *theoria dos gene*. O classico eschema — um gene para cada caracteristico — é segundo Jennings, absurdo. Cada *gene* conta centenas de corpos chimicos. Os productos intermediarios das reacções mutuas precisam ser levados em conta. Dahi, para combater certa classe de eugenistas, não demora o autor de *Prometheus*: "*There is no way of controlling the combinations that shall enter into a child of given parents. It is, therefore, impossible to predict what kind of offspring will be produced by a given pair of parents*" (pg. 34). Cada creança — é uma nova combinação. A não ser os que pertencem ao dominio da pathologia, ninguem pode predizer o que serão os filhos de um casal. "Os caracteres de um homem adulto não estão necessariamente no germen de onde elle provem, do mesmo modo que um automovel não existe forçosamente no minerio de ferro..."

Entre as phrases energicas de Jennings: "*What any cell shall become depends on the conditions surroundings it, on its relation to others cells.*"

De tudo quanto diz Jennings resulta que para elle a herança é uma potencialidade, dependente, na sua manifestação, de condições do meio, *durante o desenvolvimento*. Para Jennings a distincção entre *caracteres adquiridos* e *caracteres hereditarios* é artificial. Nada mais *alteravel* do que os chamados *hereditarios*: os peixes têm dois olhos, um de cada lado da cabeça. Sujeitos a certas condições do meio, enquanto jovens, passam a ter um só (Stockord). Afinal, o *numero* e a *posição* dos olhos... são tudo quanto ha de mais hereditario.

O processo geral de modificação humana, realizado antes que o desenvolvimento termine — é o que chamamos edueação. O conceito biologico da herança, diz Jennings, como simples *predisposição*, não é facilmente acceito pelos medicos, que consideram *fixo* e *certo* o que é hereditario. O mesmo acontece, continúa o autor de *Prometheus*, no que se refere aos problemas raciaes. "Ahi, então, é que a *falsa biologia* se expande... Nesse capitulo não faltam os da escola do prof. MJöen para os quaes "*heredity is stressed as all-powerful; environment as almost powerless: a vicious fallacy, not supported by the results of investigation.*" O que uma raça pode dar em meio differente, nenhuma lei biologica permitte, *a priori*, affirmar."

A conclusão do *Prometheus* é altamente consoladora: a humanidade é extraordinariamente *alteravel* e, portanto, *melhoravel*, desde que as condições de vida sejam modificadas (invenções, disseminações do saber, etc.). No entanto, conclue o autor, a biologia, por si só, não permitte prever nada em relação com o futuro humano. E' preciso ir acima: entender o proprio homem. O progresso condiciona novos surtos humanos mas, ao mesmo tempo, traz comsigo a protecção dos incapazes. Prometheu, dando o fogo á humanidade, concorreu definitivamente para a conservação dos debeis. A vaccinação enche o mundo de gente fraca...

A respeito da Eugenia eis o que pensa o autor de *Prometheus*: Si a reproducção da especie humana dependesse apenas de *um individuo*, seria possivel esperar o melhoramento da especie pela selecção. Mas visto que cada individuo se origina de um inextricavel complexo bio-chimico sempre variavel, como poder esperar uma certa estabilidade necessaria? O homem seria dono do seu porvir, se o ideal eugenico fosse de facto realizavel. Multiplicar os *melhores*... Mas quaes são os *melhores?*

No entanto, para Jennings, o escolho maior encontrado pelos eugenistas é a herança *bi-parental*. A variedade, as surpresas, o *melodrama*, diz Jennings, existirão enquanto os homens se originarem de um casal. "Capitalistas continuarão a produzir artistas e poetas; operarios darão capitalistas, philosophos ou sabios; de sensatos nascerão levianos; "*fools will produce wise men*"...

ROQUETTE PINTO.

CLEÓMENES CAMPOS — MEU LIVRO DE AMOR — *Comp. Edit. Nacional, São Paulo, 1931.*

Um livro de amor constitue sempre uma temeridade. O assumpto eterno já foi tão debatido, tão interpretado, tão explorado mesmo, que tudo que se possa dizer, a respeito, se nos afigura logo repetição ou lugar-commum.

Seria um thema exgottado, se não fosse o thema por excellencia inexgottavel. Inexgottavel sobretudo porque ha a maneira. Quem ama julga sempre estar inventando o amor, innovando a paixão. A novidade do seu sentimento, se não lhe renova a natureza, renova-lhe pelo menos e, por vezes genialmente, a expressão.

E' por isto que os livros de amor são sempre os mais lidos.

A maneira de Cleómenes de Campos, que o publico já consagrou em dois volumes antecedentes, *Coração encantado* e *De mãos postas*, ambos premiados pela Academia de Lettras, tem esse cunho de delicadeza, de finura d'alma, de sensualidade subtil e como filtrada em ternura, que lhe torna inconfundivel a feição sentimental. Ha, todavia, uma extraordinaria profundeza de emoção na palpitante timidez desses pequenos poemas, cuja singeleza tem a fresca espontaneidade de um veio d'agua. Um sopro de espiritualidade perpassa pela fremencia toda humana destes versos. *Meu livro de amor* é, portanto, um livro no qual todos os amores talvez não se reconhecessem, mas que todas as mulheres gostariam de ter inspirado.

Um livro de carinho romanesco, de idyllio puro, de poesia. Porque Cleómenes Campos, poeta dos mais poetas, tem o dom das claras imagens e das perfumadas comparações. Todas as suas estrophes rescendem vagamente a violeta.

Meu livro de amor... O nosso livro. O livro de todos. Ao lel-o, aquelles que já amaram dirão talvez, evocativamente: — "tem razão... o meu, foi um pouco assim..." E todas aquellas que aguardam ainda a perturbadora iniciação, hão de por certo desejar: — "Tomara que o meu seja assim tambem..."

Para um livro de amor, não pode haver melhor recommendação.

MARIA EUGENIA CELSO.

JACQUES MARITAIN — RELIGION ET CULTURE — *Ed. Desclée de Brouwer & Cie., Paris.*

Sendo este o menor dos livros de Maritain (115 pgs.) é de certo modo o maior delles. Obra da plena maturidade de espirito dessa figura admiravel, que cresce de dia para dia, e que está fazendo no pensamento contemporaneo uma revolução ante a qual empallidecem todas as revoluções sociaes e politicas do nosso tempo, — vasou neste livrinho o grande restaurador do thomismo em França a essencia de sua sabedoria social. Numa epoca paganisada, em um paiz cuja laicidade maçonica vem corrompendo toda a fibra christã nas classes dirigentes e em que a propaganda marxista vae levando ao materialismo integral as classes proletarias, em um paiz cujas elites intellectuaes são envenenadas ha tres seculos pelo primado absoluto da esthetica e cujo egoismo burguez vai levando rapidamente ao suicidio biologico, — vem Maritain falar, em um estylo purissimo e baseado em uma doutrina philosophica de absoluta segurança racional, a voz do bom senso, da verdade e da verdadeira cultura.

Vem mostrar como os conceitos de *cultura* e de *religião*, longe de se contradizerem, como desde o seculo XVIII se prega abertamente, não são mais do que degráos da mesma elevação, pois a cultura é a civilização religiosamente fecundada.

Essa dissociação creou o mundo moderno, — "espiritualmente dominado desde a origem pelo humanismo do Renascimento, a Reforma protestante e a Reforma cartesiana" (pg. 27), e está levando logicamente o mundo a uma "cultura anthropocentrica" (p. 29) atravez de tres etapas successivas: o *naturalismo* ainda christão do seculo XVII, a grande era classica da França; o *optimismo burguez* dos seculos XVIII e XIX, filho do primado da razão humana sobre a revelação divina; e finalmente o *pessimismo revolucionario*, que hoje marca o sentido das novas fórmas da civilisação, de que a Russia nos dá o modelo. (ps. 35-36).

A insurreição do mundo *moderno* contra a cultura informada pela religião, que foi a Idade Media e é ainda o que nos resta da *Christandade*, está levando a terra — e especialmente a raça branca que a ella quiz impôr modernamente um ou mais typos de civilisação sem Deus —, está levando sobretudo o Occidente — "a uma tendencia geral dirigida para a morte... dominio sobre a geração, não pela castidade, mas pela violação das finalidades naturaes; dominio sobre a raça pela esterilisação eugenica dos tarados; dominio sobre si mesma pela abolição dos laços familiares e da preoccupação da prole; dominio sobre a vida pelo suicidio e a euthanasia" (p. 37).

Essa hypertrophia do dominio do homem sobre a natureza, que é a grande força e a creação original da civilisação *moderna*, que procura tirar do *homem* o maximo que elle póde dar, nos está levando paradoxalmente a "uma cessação da vida" (p. 37), pelo suicidio, pela euthanasia, pela esterilisação, pelo anti-concepcionismo, que um representante typico do anti-christianismo moderno, Bertrand Russel, exprimio admiravelmente no seu livro sobre o problema da familia, que é um pequenino resumo de todos os erros modernos sobre esse thema, marcando a desespiritualisação perfeita da sexualidade, que volta á primitividade das selvas.

Maritain, porém, ao mesmo tempo que sustenta a necessidade de fecundar a cultura pela religião, mostra como as religiões puramente naturaes e humanas se fundem com as culturas, nascem e morrem com ellas, (como se está dando com o protestantismo, que foi, patente ou latente, a religião da burguezia e está hoje morrendo com ella) — ao passo que a "verdadeira religião é sobrenatural... é de Deus. Transcende a toda civilisação e a toda cultura. E' a suprema animadora e bemfeitora das civilisações e das culturas, e por outro lado é por si mesma independente destas, livre, universal, catholica" (p. 25).

E essa transcendencia é tal que é preciso não confundir jamais — "a Igreja com a civilisação christã ou

o mundo christão; o catholicismo com o mundo catholico. A Igreja, o Catholicismo, são coisas essencialmente sobrenaturaes, supraculturaes, cujo fim é a vida eterna. (Ao passo que) a civilisação christã, o mundo cultural catholico, permanecem como uma civilisação, um mundo, cujo fim especificador, se bem que ordenado á vida eterna, é em si mesmo de ordem temporal" (p. 58).

O curto espaço, de que dispomos não nos permitte, nem de longe, dar uma idéa da riqueza de sabedoria desse livrinho, que é a melhor e a mais synthetica exposição que conheço da concepção catholica de civilisação e de cultura.

Recommendo, pois, *vivamente* a todos os que queiram conhecer a nossa posição em face desse problema de vida ou morte dos nossos dias, pois, como dizia Paul Valéry em 1919 — "nous autres civilisations nous savons maintenant que nous sommes mortelles" (*Variété*. N. R. F. 1924, p. 11) recommendo esse livro de Maritain, primeiro de uma collecção "Questions Disputées", (Desclée de Brouwer & Cie.), que pretende estudar outros dos problemas centraes debatidos em nossos tempos, como sendo a synthese mais perfeita e mais succinta do que é a posição da Igreja Catholica em face do mundo moderno.

TRISTÃO DE ATHAYDE.

MAURICE GÉNÉVOIX — RRROU. *Flammarion, Paris, 1931.*

O romance de um gato. Ou antes, a psychologia do gato e superiormente levada a effeito atravez a historia simples, vivida, humana, — se assim nos podemos exprimir, tratando-se de um animal, — de um bichano nascido num sotão, tratado com carinhos de gente por uma creada de coração sentimental e, no fim, ingrato como um homem.

Todo o gato ahi está com a sua sonhadora indolencia, a graça flexivel das suas attitudes, a sua ingovernavel independencia, e, por vezes, o despertar tigrino da sua ferocidade ancestral.

A psychologia dos nossos irmãos inferiores, como os considerava o Poverello, occupa na litteratura actual um lugar não só de relevo, como de suggestivo interesse. London e Curwoord têm do cão estudos magistraes e Colette com os seus *Dialogues de bêtes*, desvendou, por assim dizer, aos nossos olhos encantados, a propria alma dos bichos familiares. O cavallo tambem tem tido os seus devotos. *Rrroû*, porém, desde a onomatopéa tão significativa do nome, até a fuga final, reconquistado pela acre magia da liberdade, é o primeiro gato que mereceu, em prosa, tão penetrante e tão exacta annotação psychologica. Baudelaire, por certo, lhe teria admirado o realismo a um tempo subtil e poderoso, a delicada poesia do ambiente pittoresco que o enquadra. Maurice Génévoix é um novo que não está longe de ser um mestre. Seu gato, recebido com elogio unanime pela critica franceza, se nos afigura perfeito. Perfeito, naturalmente, sob o ponto de vista objectivo em que o vemos. Pois não esqueçamos que os interessados nunca nos poderão dizer se realmente está certo. Em todo caso, parece.

MARIA EUGENIA CELSO.

MATTOS PIMENTA — UM GRITO DE ALERTA NO TUMULTO DA REVOLUÇÃO. *Ariel, Editora Ltda. Rio, 1931.*

A exuberancia com que se bate pelas suas ideias, a logica com que as tece no seu espirito, primorosamente lucido e intelligente, e o desassombro com que as entrega, exhaustiva e minudentemente expostas, á critica dos seus patricios são bem os traços predominantes da personalidade de Mattos Pimenta. Elles ahi estão plasmados, em todas as paginas de *Um grito de alerta no tumulto da Revolução*.

Não lhes falta o calor da dialectica, nem a limpidez do raciocinio extreme de vicios, nem, ainda, a reinvidicação honesta da responsabilidade pelos erros, quiçá commettidos na apreciação dos nossos homens e dos nossos males. Não lhes falta, tambem, o arcabouço constructivo, de que sabe o autor dotar todas as suas obras, seja um livro, seja um simples discurso, trate-se de acto de caracter estrictamente privado ou de interesse publico.

Nós, que partilhámos quasi todas as attitudes de Mattos Pimenta, soffrendo os seus dissabores e nos rejubilando com os seus successos, não podemos, talvez, por termos estado, assim, muito dentro dos acontecimentos, apontar onde porventura claudiquem os conceitos de *Um grito de alerta no tumulto da revolução*. Não lhes vemos defeitos; e não lhes vemos defeitos infelizmente. Tal qual como o autor do livro, preferiamos que as suas paginas pudessem pintar um panorama mais attrahente da actualidade politica; ter-se-iam sacrificado os prognosticos, elaborados embora á luz da sinceridade, mas, com tal sacrificio, ter-se-ia engrandecido o nosso paiz.

•

A obra de Mattos Pimenta é, antes que um libello accusatorio, uma petição de defesa fartamente documentada. Sob este ponto de vista não vemos como se lhe possa negar applausos.

Foi a feição que mais apreciámos no livro e que recommendariamos ao exame sereno do leitor, possivelmente recalcitrante no seu juizo, se os proprios acontecimentos do presente não o fizessem praticamente desnecessario.

E' na apresentação dos factos *como elles foram* que *Um grito de alerta no tumulto da revolução* mais merece o longo titulo que o autor lhe deu. E só com o espirito avisado pela verdade é que poderemos, no tumulto das ambições revolucionarias, condemnaveis e louvaveis — que as ha de ambas — retomar e desembaraçar o fio ennovelado da nossa vida.

MARIO DE BRITO.

ESTROPHES

Num grande poço ás vezes me debruço,
A' noite. Ignotos rythmos ouço. A ignota
Musica em sonho absorvo nota a nota.
E quando accordo, accorda-me um soluço.
Fica-me só no ouvido o indefinivel
Echo daquella musica adoravel
E uma ancia no peito miseravel
Como o surdo vagir do inexprimivel.

ALBERTO RAMOS.

M. ROSE — LA QUESTION DES TROPISMES. *Les Presses Universitaires de France. 1930.*

A questão dos tropismos interessa a um largo circulo de estudiosos. Biologistas, physiologistas, psychologos e philosophos, nella encontram um vasto campo de pesquizas ou de meditação. Tomado como uma reacção de parte ou de todo o organismo vivo a uma acção physica ou chimica partida do meio exterior, o tropismo apresenta-se como uma das bases dos phenomenos geraes de irritabilidade. Por outro lado, as celebres pesquizas de Loeb levaram-no a considerar o tropismo como um dos elementos basicos das manifestações dos instinctos, e mesmo de actos psychologicos mais complexos e mais elevados. E como Loeb construiu uma grande theoria, segundo a qual o tropismo pode, em todos os casos, ser explicado por um conjuncto de phenomenos puramente physico-chimicos, poude-se vêr ahi a róta a seguir para reduzir o estudo da Psychologia a elementos mais precisos e mais solidos que os anteriormente apresentados.

Tudo isso explica porque os tropismos foram objecto de um numero tão consideravel de trabalhos. Entretanto, a abundancia de publicações, como sempre acontece, ameaçava já a liberdade de pesquizas. Esparsos em numerosas revistas e monographias, os factos e os resultados de experiencias especiaes tornavam-se difficeis de encontrar, sem perda consideravel de tempo. Impunha-se assim um trabalho de conjuncto, que não só resumisse os conhecimentos mais importantes já adquiridos, como fizesse uma apreciação critica dos resultados.

Foi essa a tarefa que se impoz Rose. Tendo elle proprio trabalhado longos annos nesse assumpto, o biologista francez reviu cuidadosamente toda a bibliographia. Sua exposição, ao mesmo tempo fiel e esclarecida, forma um excellente trabalho de conjuncto sobre tudo que diz respeito aos tropismos vegetaes e animaes. Depois de uma série de capitulos em que expõe os factos colhidos nas experiencias e nas observações, dedica a ultima parte a uma discussão minuciosa das duas grandes theorias geraes: a de Jennings e a de Loeb. Ambas são analysadas de modo a que se possa avaliar quanto estão ainda longe de satisfazer.

O livro de Rose vem assim prestar um serviço real aos especialistas e constitue uma excellente introducção para todos aquelles que desejam acompanhar com segurança a evolução de nossos conhecimentos biologicos.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

Nossos visitantes

Francis de Croisset é um senhor de extrema elegancia. Não sabemos se ainda conserva aquella esbelteza e aquella cintura finissima que inspiraram, a proposito do seu nome, o famoso trocadilho "trente-six de corset". Sabemos sim que o autor do "Chérubin" é belga, sendo quasi sessentão, por ter nascido em 1877, e que, na realidade, se chama, bem mais prosaicamente, Francis Wiener. Por signal que Léon Daudet, num volume de memorias, referindo-se a Croisset, o recanto de Flaubert, manda que não confundam esse bello trecho da França com o "sale juif" importado de Bruxellas e tão prejudicial aos theatros de Paris...

— Paul Morand impõe-se como um admiravel pintor de exotismos e, embora não valha um André Gide ou um Romain Rolland, é, sem duvida, alguem nas letras francezas de hoje. E estamos a ver daqui o livro que elle escreverá sobre a nossa terra, com muito enthusiasmo pelas arvores e pelas aguas do Brasil e nenhum enthusiasmo certamente pelos academicos e pelos politicos do Brasil...

— Fernand Baldensperger é um nome que não se póde subtrair, sem injustiça, á cultura européa. Solido cultor das literaturas comparadas, são-lhe familiares todos os climas do espirito e move-se com desenvoltura pelos ambientes em que trabalharam os Dante, os Goethe, os Vigny. Seus livros sobre as migrações de idéas igualam-no a Brandes e a Farinelli. Ninguem na Europa possue no momento um mais rico peculio de erudição a serviço de um gosto classico e moderno. Mantendo, numa época utilitaria, o nobre desinteresse dos velhos humanistas, Baldensperger é dos que se cansam de tudo excepto de comprehender.

— Villaespesa seguiu para a Hespanha doente e pobre, ainda mais doente e pobre do que aqui aportou. Trancado num hotel do Rio, levou elle mezes e mezes a traduzir, de manhã á noite, os poetas brasileiros. Parnasianos e symbolistas, e até mesmo penumbristas e futuristas, foram postos em castelhano por um dos melhores tecedores de rythmos que a poesia hespanhola possue na hora presente. Porque, máo grado os azedumes de quantos o dão como um versejador em irremediavel decadencia, Villaespesa ainda se mostra dos mais seguros no manejo das estrophes e as imagens lhe saltam debaixo dos dedos com uma abundancia que chega a estontear.

Esse amigo do Alhambra e das "Mil e uma Noites" é homem para compôr dezenas de sonetos numa unica noite. "Fá-Presto", eis um cognome que bem lhe conviria, como ao famoso pintor italiano que em doze horas consumia vinte metros de téla e descarregava na téla diversas palhetas.

Mas o indiscutivel é que persiste nelle uma dolencia, entre arabe e andaluza, que não deixa de enternecer os temperamentos romanticos. Qualquer coisa de pastilha de serralho mesclada a musica de bando cigano...

GILBERTO AMADO

Eleição e Representação

Rio - 1931

EM TODAS AS LIVRARIAS

LEIAM:

MATTOS PIMENTA

Um grito de alerta no tumulto da Revolução

Preço: 8$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Mortos de Hontem e de Hoje

ALVARES DE AZEVEDO

Alvares de Azevedo, cujo centenario de nascimento vimos de celebrar, foi — todos o sabem — um dos nossos poetas que maior numero de lendas inspiraram em derredor de si. Deram-no como um bohemio impenitente, temivel esvaziador de copos, depois de haverem assegurado que elle, por uma singular predestinação ao estudo, nascera em plena bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo.

Mas, de um lado e de outro, foi necessario diminuir um pouco o prestigio da lenda. O autor do "Conde Lopo" não veiu á luz numa velha sala de livros velhos, pertencesse embora a uma familia de intelleetuaes, e, na realidade, nasceu em outro sitio, talvez mais prosaico.

Tambem, no que se refere ás suas orgias de noctambulo, ha muito a restringir. Se elle frequentava a taverna do Corvo, tão famosa na Paulicéa do tempo quanto, mais tarde, os cabarets de Montmartre em que brilhariam Allais e Donnay, nem por isso era um bohemio desvairado, um cultor maniaco da diva Botelha de Rabelais. A bohemia ser-lhe-ia antes um pretexto, um ponto de partida para as invenções fantasiosas e até macabras á Hoffmann, como as que enchem as paginas tumultuosas da "Noite na taverna".

E nisso haveria mais influxo dos livros lidos que de uma experiencia vivida directamente. Culpados das suas referencias a bebados e loucos, a piratas e cortezãs, a assassinos e rapinantes, eram, não as cervejadas burguezas do "Corvo", frequentado por estudantes em geral de bons costumes, mas os poemas diabolicos de Byron e Espronceda.

A rigor, não poderia ser um beberrão e um femeeiro quem, como Alvares de Azevedo, estudava tanto, aprendia tanto, amontoando, em tão breves annos, um tão immenso saber e chegando a rebentar de precocidade. Vemol-o daqui anciando na sua estufa de livros, curioso de tudo, desejoso de tudo penetrar, de tudo comprehender, e victima, afinal, daquella encephalite da excessiva cultura que intimidava o placido Renan.

Em summa: no amor contradictorio ao bizarro e á sciencia positiva estavam as duas caracteristicas dessa alma de brasileiro disputado simultaneamente pelo romantico e pelo real. Extravagante e erudito, compunha versos cheios de nomes proprios mas que não chegavam nunca a ser pedantes. Um ardor frenesiado como que o compellia a apressar-se em desfrutar o mundo, á certeza de que a morte não tardaria. "Se eu morresse amanhã..." — eis o "leit-motif" desse adolescente indeciso entre a bibliotheca e a taverna.

Ridicularizado que fosse pelo hydrophobo Camillo, mostrou-se o nosso genial patricio algo de aberrante na literatura dos tropicos. Blasphemando por vezes em verso, era, dentro de si, um affectivo, de uma delicadeza timida de mulher, e as suas estrophes á mãe ou á irmã denunciam um pudor e um enternecimento de criança envergonhada. Praticando não raro um "humour" que pretendia inglez, nem por isso deixou de ter accentos de ternura brasileira, e esse poeta de vinte annos foi, sem duvida alguma, um dos mais bellos casos de sensibilidade das nossas letras.

A. G.

FRANK HARRIS

Para nós, pobres litteratos brasileiros, cuja vida é um continuo desencantamento, uma existencia, intensamente vivida, como a de Frank Harris, o vigoroso escriptor que acaba de morrer em Nice, com 76 annos de idade, não pode deixar de ser motivo de commentario e meditação admirativa.

Irlandez de origem, como Yeats, Stephens, Wilde, Shaw e tantos outros vultos que refulgem no amplo scenario da litteratura ingleza, — Harris, de seu verdadeiro nome James Thomas, era filho de um commandante de navios e bem cedo iniciou a sua vida aventurosa, abandonando o lar paterno aos 16 annos, para fugir para os Estados Unidos, onde, como elle mesmo confessa, exerceu as mais disparatadas profissões: vaqueiro, creado de hotel, agente de publicidade e jornalista.

Mais tarde, já com a individualidade formada e uma solida cultura com raizes profundas nos classicos antigos, tornou á Europa, fixando-se então em Londres, onde em pouco conseguiu situação de relevo nos meios litterarios e jornalisticos. Foi proprietario da *Saturday Review* e, depois, de *Vanity Fair*, publicações de grande prestigio, onde collaboraram os maiores nomes da epoca. Já antes dirigira tambem a *Fortnightly Review*, em cujas paginas Wilde publicou alguns dos seus melhores ensaios, mais tarde reunidos no volume *Intenções*.

Por volta de 1910, regressou aos Estados Unidos e ali, tanto durante a Grande Guerra, como já depois do armisticio, pelas suas campanhas de imprensa, foi accusado de sedição e teve de responder a processo. Aliás, esse espirito de pugnacidade foi um dos traços mais caracteristicos de sua vida, continuamente entrecortada de duellos, e ainda num dos seus ultimos livros, elle se diz, com orgulho, "um combatente pelo Santo Espirito da Verdade", e faz tambem sua a phrase de Heine quando se proclamava "um bravo soldado na Guerra pela Libertação da Humanidade".

Entre as obras de Frank Harris, merecem especial menção a *Vida e Confissões de Oscar Wilde*, emocionante biographia, que deu causa a numerosas polemicas e teve mesmo prohibida a sua venda na Inglaterra; os *Retratos Contemporaneos*, longa serie de estudos e impressões acerca das principaes figuras do seu tempo, com muitas das quaes privou o proprio autor, como Carlyle, Renan, Meredith e Walter Pater, advindo-lhe dahi a alcunha de "amigo dos homens de genio"; *Shakespeare, o homem* e *As mulheres de Shakespeare*, dous magnificos ensaios, sendo que, para o primeiro, teve palavras enthusiasticas Bernard Shaw.

Harris escreveu ainda muitas novellas e contos e, de um desses, *Montes, o matador*, disse Arnold Bennett que era a melhor historia escripta em lingua ingleza.

Já no fim da vida, sob o titulo de *Minha vida e meus amores*, Harris iniciou a publicação de uma autobiographia, que promettia longa,

mas, talvez, não concluida, e da qual conhecemos apenas o primeiro volume. Esse trabalho, de uma crueza raramente attingida em litteratura e ao lado do qual empallidecem as *Confissões*, de Rousseau, e as *Memorias*, de Casanova, vinha sendo editado na Allemanha e os exemplares que chegavam á Inglaterra eram logo apprehendidos e destruidos pela administração postal.

Harris tinha um estylo muito pessoal, todo nervos, incisivo e arrebatador, e não ha pagina sua que não nos prenda pela força das idéas, coragem dos conceitos e fulgor inexcedivel das imagens. Accusaram-no, entretanto, de falsear os factos, deturpar impressões, e Alfredo Douglas chamou-o mesmo de "mentiroso monumental". Harris, porém, já no prefacio dos seus *Retratos Contemporaneos*, responde de antemão a todas essas criticas, quando observa que o pintor, ao mesmo tempo que procura apanhar os traços do modelo, busca tambem fazer do seu trabalho uma obra de arte, e que a verdade precisa ser sempre vestida com o manto magico da belleza. E conta, então, o episodio occorrido com Miguel Angelo que, trabalhando na estatua de Lourenço de Medicis, ouviu de alguem que o seu marmore em nada lembrava o *Magnifico*. Ao que o esculptor respondeu: — "E quem ha de se preoccupar, daqui a mil annos, se a minha estatua está ou não parecida com elle?"

G. C.

MARIO BARRETO

Com a morte de Mario Barreto abriu-se um claro difficil de preencher nas fileiras, não de todo escassas, dos estudiosos e sabedores do idioma nacional.

Filho do notabilissimo professor Fausto Barreto, nome ainda hoje lembrado com veneração e saudade no magisterio brasileiro, herdara Mario Barreto do pai a propensão, o gosto, o amor do estudo e do ensino da nossa lingua. Abandonando a profissão de advogado para a qual se preparára com o titulo de bacharel em direito, enveredou, ainda muito joven, pelo magisterio e a elle consagrou toda a sua existencia, agora lamentavel e prematuramente finda.

Aos vinte e quatro annos de idade, e sendo já professor do Collegio Militar, publicou o seu primeiro livro — *Estudos da lingua portugueza* — composto quasi todo de controversias e polemicas com Candido de Figueiredo. E não foram poucos os quinaus que já nesse livro de estréa deu Mario Barreto naquelle celebrado philologo lusitano. Era isso em 1903. Nesse mesmo anno tinha vindo a lume a famosa *Replica*, de Ruy Barbosa, livro que retiniu, no arraial dos cultores da lingua, como um toque de clarim em favor do classicismo e da pureza da expressão. Estava lançado, na litteratura brasileira, o purismo seiscentista.

Até então, quem procurava adquirir opulencia de vocabulario e correcção no phrasear lia Herculano, Garret, Castilho, Rabello da Silva... A *Replica* veiu ampliar o rol dos bons modelos de vernaculo, incluindo nelle os respeitaveis cartapacios da *Nova Floresta*, dos *Sermões*, da *Vida do Arcebispo*, dos *Dialogos*, da *Imagem da Vida Christã*, da *Jornada d'Africa*...

Depois de Ruy Barbosa foi Mario Barreto o mais prestimoso e valente campeão do classicismo luso entre nós. Entretanto, o seu autor predilecto, aquelle que "sempre se lhe sabia á cabeceira", era Camillo Castello Branco. Póde dizer-se que foi Mario Barreto quem revelou aos estudiosos da nossa lingua os thesouros do lexico e da syntaxe camilliana. Ao modesto professor brasileiro muito deve a nomeada de que goza hoje no Brasil o autor da *Quéda d'um Anjo*.

Não se reduzia, porém, á variadissima linguagem de Camillo o conhecimento que Mario Barreto possuia dos recursos de expressão do nosso idioma. Era igualmente versadissimo na linguagem de todos os poetas e prosadores vernaculos, desde Dom Duarte até Machado de Assis e Carlos de Laet. Por isso — e creio que nenhum exaggero haverá em affirmal-o — ninguem jamais conheceu melhor a syntaxe portugueza, cujos factos sabia explicar com rigor verdadeiramente scientifico.

Admirador talvez um tanto exaltado de Gonçalves Vianna e da graphia decretada officialmente em 1911 em Portugal, fez-se desse systema graphico ardoroso paladino, mantendo pelos jornaes acirradas discussões com philologos brasileiros, sobretudo com Osorio Duque Estrada.

Não é das mais copiosas a obra com que enriqueceu o nosso patrimonio de estudos linguisticos, mas todos os seus livros — *Novos e Novissimos estudos da lingua portugueza*, *Factos da lingua portugueza*, *De Grammatica e de Linguagem*, e *Através do Diccionario e da Grammatica* — são impeccaveis pela segurança e excellencia da doutrina, pela abundancia da documentação sempre original e pela clareza com que estão escriptos.

A fama do seu vasto saber em questões de portuguez ultrapassou naturalmente as nossas fronteiras: era conhecido e apreciado pelos grandes mestres da linguistica romanica. Sendo socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa, bateu por mais de uma vez ás portas da nossa Academia de Lettras, mas encontrou-as sempre fechadas a sete chaves. O pessoal do *Petit Trianon* nunca o considerou digno de sentar-se nas suas lindas poltronas de setim azul celeste...

Saul Borges Carneiro.

HALL CAINE

O autor do "Filho prodigo", que vem de morrer na Inglaterra, estava longe de ser um puro artistista.

Já não queremos comparal-o aos grandes, aos maiores do seu paiz nos ultimos tempos, a Kipling, theorista do imperialismo, a Conrad, que dramatizou a vida do oceano, a Thomas Hardy, preoccupado com todos os enigmas psychologicos, e a Galsworthy, que viu os egoismos e tambem as grandezas das tradições insulares. Não queremos ir tão longe. Mas, considerando-o mesmo no numero dos escriptores de menor vulto, o certo é que Hall Caine não egualava e muito menos superava um Barrie, cujas allegorias para garotos fazem pensar os adultos; Besant, autor de admiraveis paineis historicos; Rhoda Broughton, que o Eça lia com tanto gosto, e Hope, nunca desdenhavel em suas evocações da gente aristocratica.

O morto de ha poucos dias era mais da esphera dos simples productores á Conan Doyle e á Edgar Wallace. Lançava livros como lançaria um producto commercial, e cartazes e homens-sandwich encarregavam-se de divulgar-lhe pelas ruas os meritos do ultimo producto.

O caso, porém, é que seus romances se venderam aos milhares e por todo o universo. Foram traduzidos

em todas as linguas e até alongados em pellículas de cinema.

Os titulos, religiosos, biblicos, denunciavam bem a intenção puritana: "O filho prodigo", "A mulher que Deus me deu", "O propheta branco", "A cidade eterna"... As paizagens frigidas da Islandia appareciam, muito nitidas, nesse fixador de costumes austeros. Tudo nelle visava intenções moraes. Prolixo, trabalhando livros em geral volumosos, demorava-se nas parabolas de caracter evangelico. O sarcasmo de Shaw e os processos de Chesterton de tratar burlescamente os assumptos graves, resolvendo complicações doutrinarias através de piruetas de clown, — tudo isso devia irrital-o um tanto.

Com a sua barbicha e os seus ares placidos, Hall Caine viveu bastante, viveu longamente, installado, com muito conforto, nas rendas e na fama que lhe advinham da sua mercadoria literaria.

Morrendo, deixou inacabada uma biographia de Christo. A' semelhança de Maria Corelli, sua rival na tiragem dos volumes e no exito de balcão, Hall Caine era um obsedado por Jesus.

E esse christão á ingleza, com um pouco de "cant" e um pouco de arrogancia didactica, estará sendo chorado agora pelas misses que se embebedam de chá preto ou verde e não se referem ás coisas do sexo sem empregar cautelosos euphemismos...

A. G.

OS TRES RUSSOS DO SENHOR JULIO DANTAS

O Sr. Julio Dantas publicou, não ha muito, num dos nossos vespertinos, um artigo sob o titulo "Os tres russos", artigo esse cheio de confusões, nas quaes evidencia desconhecer a vida russa nos seus varios aspectos.

Assim, a começar pelo titulo: os tres russos do Sr. Julio Dantas se reduzem, na realidade, a dois russos e um judeu. Ora, se no Brasil e talvez em Portugal, até mesmo entre pessôas cultas, não se faz distincção entre russos e judeus, no antigo paiz dos Tsares, russos são russos e judeus são judeus. Os personagens da chronica do Sr. Julio Dantas chamam-se: Vaska, Demetrio e Aliochka. Aqui notam-se dois erros. Nenhum judeu terá por nome Demetrio, pelo simples motivo de que é nome christão, e, ainda menos, o teria, na Russia, em face da prohibição do proprio governo.

De resto, a terminação KA, VasKA, e AliochKA, não se usa senão quando se fala de creanças e, mesmo assim, é empregada no sentido pejorativo.

Descrevendo a palestra dos "tres russos" num café, escreve o Sr. Julio Dantas: "Sobre o lintel de uma porta resplandecia um icone, num clarão de mosaicos dourados". Essa phrase faz sorrir! Aos dois erros acima, accrescentaremos, agora, mais tres. Icone (imagem) é feminino em russo e em portuguez. Onde, alguem, poderia ver, na Russia, uma icone nos cafés? Em publico só se encontram ellas nos estabelecimentos officiaes, e nas casas particulares, geralmente collocadas nos cantos dos quartos. Não ha icones de mosaicos na Russia e aquella a que se refere o Sr. Julio Dantas, em mosaicos dourados, é icone bysantina e portanto não russa.

Continuando, o Sr. Dantas fez uma descoberta botanica sensacional, isto é, encontrou "cedro" no Caucaso. Mas, todos sabem que cedro só existe, no mundo todo, em quatro logares: na ilha de Chypre, no Libano, na Argelia e em Marrocos. Seria sem duvida, mais interessante que o Sr. Julio Dantas, antes de redigir uma chronica sobre um paiz que lhe é estranho, melhor se informasse, para não cair em tão poucas linhas num tão elevado numero de confusões.

Ubaldo Soares.

O IMPASSE DA PINTURA

A pintura está em crise. A machina photographica e o cinema, como é universalmente sabido, modificaram de maneira importante as condições de existencia della. Depois de infindaveis especulações sobre faturas abriram-se as "valvulas da imaginação" e se fizeram todas as combinações possiveis de fórmas, de côres e de assumptos. A pintura, como tem sido comprehendida até agora, é um producto da organização capitalistica da sociedade. Por conseguinte soffre actualmente as consequencias da superproducção. As sociedades burguezas queimam quadros? Não, queimam café. Bonito. Poupam os quadros. O productor do quadro é mal pago, vive mais ou menos de "medias", os companheiros não fazem greve; o dono da galeria, capitalista, ganha um dinheirão nas costas do pintor; e o adquirente mais a familia delle têm a renda prazer. Um ou outro pintor mais felizardo, que consegue se livrar dessa pressão imperialista, vinga o resto da classe fazendo desenho politico, satyra de costumes, etc. Parece que a orientação actual se faz no sentido de dar á pintura uma finalidade educativa. O quadro-enfeite-de-parede tende a desapparecer, pois o espirito da architectura moderna rejeita a decoração — ou por outra, a decoração é naturalmente feita pela distribuição das massas e a disposição das luzes. Mesmo as representações lyricas na pintura se vêm quasi sempre prejudicadas pelas exigencias da côr, assumem logo um aspecto decorativo. Aspecto esse que desapparece, por exemplo, com a technica do branco e preto. O cinema não substituirá a pintura, mas, pintura, em movimento, succeder-lhe-á. Com a vantagem do seu caracter de universalidade.

Murilo Mendes.

João Ribeiro, *Floresta de Exemplos*. J. R. de Oliveira & Cia., editores. Rio, 1931.

Ahi está um dos poucos homens realmente vivos da Academia de Letras, um cerebro que ainda não caiu em lethargia, mão grado o infeccioso convivio dos Constancio e dos Austregesilo. Esteja embora a entrar pelos setenta, esse contemporaneo de Araripe-Junior permanece intelligentissimo.

Em seu ultimo volume ha cousas que fazem sorrir mas tambem reflectir. Quasi nada condimentado dentro dos preceitos da cozinha academica e quasi tudo redigido com um impeto de vida simplesmente estranhavel em quem se acha tão distante da adolescencia. Que ensaista, que aphorista nesse brasileiro sem emphase e sem ronha pedagogica, apesar de autor de uma grammatica e de co-autor de um diccionario! Esquecido um ou outro periodo composto á lusitana, á moda do padre Manoel Bernardes, e em que a "Floresta de exemplos" parece conter algumas especies botanicas transplantadas da "Nova Floresta", quanto episodio aqui saborosamente narrado á brasileira! Como esse devorador de livros se conservou espirituoso e agil, com um faro instinctivo do ridiculo e sabendo sempre ver o avesso da tapeçaria moral!

A historia, sciencia em geral caturra e maçadora, torna-se, tratada por elle, uma conversação amavel, uma hora de recreio na aula pedante em que nos faziam bocejar os eruditos á antiga. Bem divertida a sua viagem através das lendas e das legendas, os seus apologos em que tanto detalhe sobre mortos parece melhor convir aos vivos. A tendencia a falar dos santos, de theologos e mesmo do Diabo, anda longe de ser rigorosamente orthodoxa, e esse philosopho sem rispidez diz-nos, a proposito da hesitação, da solidão e da verdade, palavras em que ha sempre um filete de vinagre a circular num favo dulcissimo. Os graves episodios biblicos alternam com o divertido caso da matrona de Epheso que inspirou Petronio e provocaria uma habil variante á malicia simiesca de Voltaire.

E engraçado é como o sr. João Ribeiro, homem que sabe muito, que realmente sabe muito, tenha tambem as suas zombarias á "tolice dos sabios", concluindo melancolicamente: "As grandezas humanas, todas se voltam em cinzas. Esse é o ultimo cabo de todas as vaidades."

A. G.

GRAND-DUCHESS MARIE OF RUSSIA — EDUCATION OF A PRINCESS. *The Viking Publish, Co.*

Romance? não. Muito mais que isso. Uma autobiographia não romanceada, simples, clara, verdadeira, sincera. A descripção de uma vida, que por si só daria para uma grande série de volumes, se o estylo fosse menos condensado, se os episodios successivos fossem diluidos em um trabalho mais prolongado de composição. Esses volumes todos, entretanto, não valeriam este unico, empolgante, vehemente, tragico, em sua exposição crúa de acontecimentos que se seguem, se precipitam, em um *crescendo* assustador de catastrophes.

Filha do Grão-Duque Paulo e, portanto, prima irmã de Nicoláu II, Maria teve a educação classica de uma princeza russa. Uma disciplina severa, o espirito de submissão, o respeito ás tradições, a individualidade abafada sob os dictames inflexiveis da rotina. Tendo o pae sido exilado em consequencia de um segundo casamento considerado morganatico, foi, com seu irmão, o Grão-Duque Dmitri, confiada ao tio, o Grão-Duque Sergio, governador de Moscou. Assistiu assim ás terriveis scenas que se succederam ao assassinato do tio, levado a effeito pelos anarchistas.

Por conveniencias politicas, foi-lhe imposto o casamento com o principe herdeiro da Suecia, de quem mais tarde se divorciou. A guerra veio pouco depois dar á sua actividade uma occupação de todos os instantes. Fez-se enfermeira, viveu por mais de dois annos nos hospitaes de sangue do *front*, em sitios perigosos, bombardeados por aeroplanos, em um contacto constante com todas as dôres e todos os soffrimentos. E foi ahi que se iniciou a sua verdadeira educação...

A monarchia russa dissolvia-se, desmantelava-se aos poucos. O Grão-Duque Dmitri tomou parte activa no complot de assassinato de Rasputine. A Princeza Marie corre a assistir o irmão nas poucas horas que lhe deram antes de ser enviado para o exilio. Em seguida, a abdicação do Czar, os dias tragicos da revolução.

Maria casa-se com o Principe Putiatin e, depois de um periodo de miseria, de privações de toda especie, consegue com seu marido atravessar a fronteira. Todos seus parentes e amigos foram mortos, massacrados pelos revolucionarios.

O livro que aqui assignalamos, escripto em russo e em francez e traduzido para o inglez, não é só um dos mais empolgantes que se possa lêr, pelos acontecimentos nelle relatados. E' tambem a obra de um grande escriptor, que pela simplicidade e sobriedade de seu estylo attinge por vezes os cumes mais elevados da literatura.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

A belleza perfeita é como a agua pura, que não tem nenhum sabor particular.

Winckelmann.

GILBERTO AMADO — ELEIÇÃO E REPRESENTAÇÃO. *Rio, 1931.*

O novo livro do sr. Gilberto Amado — *Eleição e Representação* — pela clareza das concepções, pela variedade de erudição, pela profusão das idéas, pela objectivação nitida dos conceitos, pela analyse directa e pela observação penetrante da realidade, por tudo que o singulariza nas letras brasileiras, pelo pouco que reflecte e pelo muito que suggere, supera as virtudes de precisão, segurança, agilidade, equilibrio, brilho, tão proprias e habituaes ao seu estylo. Nenhuma explanação superflua, nenhuma ostentação de artificio, nenhum arranjo de decor, nenhuma divagação de cultura mal assimilada. Opiniões, reflexões, commentarios adquirem tal significado, tal poder de persuasão, tal força de convicção que arrastam e envolvem o leitor não só no esplendor das theorias politicas como na realização das conclusões applicadas.

O melhor regimen para o Brasil não será o mais avançado, o mais perfeito — e é essa a contribuição que o sr. Gilberto Amado traz no seu livro — mas aquelle que se informe na lição dos acontecimentos, que torne possivel a selecção das idéas e a ascendencia dos mais capazes na direcção da sociedade, que se aconselhe na experiencia dos factos, que reuna, aggrupe, concilie todos os interesses, immediatos ou remotos, na communidade nacional.

Não se póde deixar de considerar o homem como valor moral, como força espiritual, como riqueza de alma, como sentimento religioso que transcende o humano, como natureza não de corrupção ou malignidade, mas sêr digno da maior perfeição.

No plano politico, porém, todo regimen, toda fórma de governo, todo systema constitucional, toda organização da sociedade terá que fluir necessariamente dos factos, das realidades, das circumstancias e fatalidades do meio. Tudo que sair dahi será recreio de espirito, devaneio de sonho, miragem de fabula.

O voto proporcional, preconizado pelo autor como unica fórma de eleição capaz de permittir o accesso ao poder das individualidades verdadeiramente superiores e de systematizar e arregimentar as opiniões, idéas e sentimentos no quadro dos interesses geraes da nação, representa o ultimo recurso da democracia para durar, para permanecer, para salvar-se do occaso final. E' o esforço generoso e vingador de quantos no mundo já sentem a nostalgia da grande vida partida, do bello monumento cahido, do esplendor morto de uma idade que cede o lugar á marcha dos novos movimentos e que dentro em pouco não será mais que destroços e ruinas abandonados ao tempo.

E' esse um livro que suscitará controversia, embate, movimento. Poderá ser combatido, discutido, nunca, porém, negado. Nelle perpassam, ao lado do estudo do systema representativo, fórmas, evolução, tendencias, adaptações, falhas e erros, theses de philosophia social, deslumbramento de imagens, vigor de relevo, projecções grandes de pensamento.

Não se sente ahi a fadiga do estylo laborioso, o esforço indissimulado, a reminiscencia de leituras mal assimiladas, o gosto das citações que se desencontram e se atropelam, o cultivo do precioso, do raro, do falso. Nelle se reconhece, resgatando-se da aridez e esterilidade de um assumpto sem fulgor, o artista que sabe fixar numa impressão um trecho de vida e o pensador que antevê no horizonte os caminhos que teremos de percorrer.

LOURIVAL FONTES.

A esculptura é um desenho de todos os lados.

Rodin.

JALOUSIE

O romance *Jalousie* — edição Flammarion — publicado sob o pseudonymo de René Albert Guzman — despertou em Paris uma curiosidade extraordinaria pela personalidade mysteriosa do autor, que a Condessa de Noailles, no prefacio que fez ao livro, dá a entender ser um medico celebre nos hospitaes e nos salões. O livro é uma dessas maravilhas raras, pequeno como o *Adolphe* de Benjamin Constant ou como o *Werther*. Pela intensidade da paixão que descreve e concentra, lembra estas duas gottas de sangue do coração humano, ferido pela paixão.

Que acre sabor nos fica dessas paginas crúas! O ciume, — o ciume sem literatura, puro na sua violencia, como uma furia animal; o ciume, doença dolorosa da carne a que a alma assiste impotente, sem poder cural-a, ou siquer suavisal-a. O ciume, ereador do crime, o ciume insaciavel, o ciume delirio da especie rugindo no pobre individuo humano, devorando-o, abatendo-o sob a crispação das suas mil garras ardentes...

Ha muito não lemos c o u s a igual. A falta de artificio com que é composto o livro attinge ao extremo da propria arte.

Todos os quadros, scenas, dialogos, monologos, reflexões se multiplicam como num crystal em que a paixão da carne pela carne apparece como uma mascara, em mil facetas agudas, sempre a mesma, dura, feroz, fria, terrivel. Não a velha face amarella do ciume colorido ao reflexo do sentimento, como em Shakespeare; não a paixão em luta com as considerações de ordem moral ou social. Apenas o apego do corpo de um homem ao corpo de uma mulher, apego que se exaspera até ao paroxismo de uma verdadeira allucinação, como a do cocainomano pela sua droga. A narração desse supplicio, pela intensidade com que é sentido, se equipara á dos tormentos dos condemnados ao vicio pelo entorpecente. A vida sem esse corpo, sem essas mãos, sem esses olhos, sem esses cabellos, sem esse ventre, sem esse amor, sem essa pessôa adorada em si pelo que ella é, physicamente, como vivel-a o pobre torturado? Eis a originalidade do drama. A mulher, ahi, não collabora para o desenvolvimento ou para o aprofundamento dessa paixão.

Ella se entrega normalmente, como qualquer mulher. Uma *ligação* commum, transitoria talvez, é o que ella, casada, seria, equilibrada, vê no amor que lhe dedica o homem. Mas este, depois da posse, em vez de saciado, fica num estado de necessidade permanente daquelle sêr, "numa especie de vacuidade, de appetencia insatisfeita" que lembra a dos intoxicados pelo seu veneno. Esse veneno, a mulher, isto é, o corpo, os cabellos, as mãos, a carne da mulher, lhe é indispensavel, mais, muito mais do que a vida.

Descrever isto num ser de elite, num homem de cultura, de sensibilidade e de honra, mostrar as diversas phases da evolução dessa crise na intensidade e na profundeza das suas gradações, a morte da curiosidade intellectual a principio, dos desejos de gloria, e logo depois a dos sentimentos moraes — é o que faz o autor de *Jalousie* com um talento a que não ha nenhum exaggero tropical em qualificar de prodigioso.

Apezar de ser medico o autor, o livro não é uma monographia clinica ou uma dissertação technica. E' uma obra de arte que nos communica aquella emoção dramatica desinteressada que é da essencia da propria arte.

Somos contagiados da febre do autor, da sua ancia, do seu desejo, e nos envolve, um pouco, a sombra convulsiva da sua desgraça. E no fundo de um desterro igual ao do seu personagem, em meio ás solidões da Africa em que cada um de nós vive, ao menos um pouco, pensamos com elle na belleza dessa Brigitte fresca, matinal, simples, enigmatica e distante, *insaisissable* ao nosso prazer, dessa Brigitte que de agora em deante figurará na recordação dos homens como uma creatura mysteriosa, como são mysteriosas certas plantas, certas flores, certas pedras...

Livro escripto numa atmosphera que paira acima do bem e do mal, apparentemente um quasi nada, um pouco de papel, algumas paginas... mas todo elle cheio desse mundo insondavel, infinito, dessa Natureza da qual provimos, em meio á qual vivemos, procurando com a lamparina de uma conscienciazinha de alguns seculos achar caminho na escuridão eterna onde freme a seiva de creações que nos ultrapassam e onde se elaboram planos, existem designios e intenções que nos escapam, e que nunca, nunca jamais poderemos apprehender.

GILBERTO AMADO.

POEMAS DA ANGUSTIA ALHEIA

Em bem cuidada edição da Livraria Quaresma, sob o titulo de *Poemas da Angustia Alheia*, Gondin da Fonseca vem de reunir, num volume, á sua já conhecida traducção d'*O Corvo*, de Edgar Poe, dois novos trabalhos de não menor valor: as traducções da *Ballada do Carcere de Reading*, de Oscar Wilde, e da *Confissão*, de Paul Claudel.

Se da sua magnifica versão d'*O Corvo* já muito se disse e tambem estamos com aquelles que a julgam superior a trabalho identico de Machado de Assis, queremos sobretudo assignalar aqui o exito completo que mais uma vez logrou o poeta, pois só um poeta triumpharia em prova tão ardua, ao transpor para o portuguez, em versos perfeitos, as commoventes e sobrias estrophes da admiravel *Ballada do Carcere de Reading*.

A tão dextro traductor, Wilde não faria a objecção que fez a H. Davray quando este, decepcionando-o, lhe disse que a sua traducção, para o francez, da mesma obra, não seria versificada: — "O merito do poema está em grande parte na sua fórma e sem a musica do verso nada ficará."

Dessa musica do verso Gondin da Fonseca nunca se afasta e isso — de onde lhe vem o maior merito — com absoluta fidelidade ao contexto das estrophes, conforme se poderá verificar facilmente á leitura, pois que original e versão se acham lado a lado no volume.

— "Ella visa á eternidade", dizia Wilde, com a videncia dos illuminados, ao compôr essa ballada em que fez da sua dôr e das muitas humilhações que soffreu, um admiravel poema, — no genero, talvez, os mais bellos versos escriptos em lingua ingleza, e que, hoje, se tornam accessiveis ao nosso grande publico atravez da excellente traducção de Gondin da Fonseca.

G. C.

A apparecer:

AGRIPPINO GRIECO

VIVOS E MORTOS

Schmidt, editor
Rua Rodrigo Silva, 11 — 2º
Rio de Janeiro

LETTRAS FRANCEZAS

— Victor Margueritte, que fez tanto escandalo com a publicação de "La Garçonne", lança agora o volume "Non!" Obra que se presume portadora das melhores intenções humanitarias e desejosa de corrigir nefastos preconceitos sociaes. Mas tudo escripto com certa negligencia e a arte, se existe, com tal habilidade se occulta que o leitor não chega a dar por ella. Dahi a critica de bom gosto responder aos pruridos de gloria do autor exactamente com o monosyllabo: "Non!"

— Senhora de procedencia cosmopolita, em que se misturam os mais disparatados residuos orientaes, Myriam Harry é tambem creadora de uma literatura internacional em que se mesclam scenas da Argelia e da Syria, figuras da India e da Persia, episodios da vida dos beduinos e dos officiaes francezes destacados junto ao Sahara. Jules Lemaitre estimava-a e consagrou-lhe um affectuoso ensaio que apparece no volume posthumo dos "Contemporains". E agora Myriam Harry estampa um novo romance, "Amina, ma colombe", com a dosagem de mysticismo e sensualismo de sempre.

— Claude Chauvière estuda Colette, a grande inventora de metaphoras. Bellas paginas sobre a admiravel narradora dos livros publicados de parceria com o esperto Willy, livros que, á hora do inevitavel divorcio literario, se verificou serem apenas da autoria de Colette. Ou — como frisaram os maliciosos — na série das "Claudine" tudo era da mulher e o resto era do marido... Aliás, em suas obras de collaboração, Willy como que tinha unicamente o trabalho de entender-se com os editores para o recebimento dos direitos autoraes. Assim tambem no caso da novella "Une Passade", que foi da primeira á ultima linha redigida por Pierre Veber.

— Um dos bons romancistas para o grosso publico é Gustave Le Rouge. E' o continuador estylizado dos Ponson e dos Richebourg. As classes populares devoram-no e os jornaes em que elle serve os seus entrechos folhetinescos vêem logo augmentada a clientela de leitores. Ainda agora está obtendo immenso successo a sua narração "Le naufragé de l'espace".

— Director das "Nouvelles Littéraires", Maurice Martin du Gard ainda acha tempo para viajar e descrever as suas excursões por terras proximas ou distantes. Não ha muito viajou elle por longinquas possessões da França, mas o volume que acaba de apresentar, com maior exito, prende-se a homens e coisas da vizinha Belgica.

— Lyautey foi sempre um dos vivificadores da energia gaulleza. Póde dizer-se que o Marrocos francez é construcção quasi toda sua. O grande sonho colonial de milhares de patricios animou-se ao contacto dessa personalidade dominadora. E as suas "Lettres de Jeunesse", recentemente publicadas, evidenciam que a robusta formação de um tal caracter se vem operando de muito longe e que nunca lhe foram estranhos, mesmo nos tempos de rapaz, os pensamentos de amor ao seu paiz e os desejos de ver cada vez mais dignificados os destinos do seu povo. Monarchista nos primeiros momentos e enthusiasta dos velhos reis que engrandeceram a França, Liautey sentiu sempre que a diminuição da França importaria em diminuição da nobreza do mundo.

— Rei dos reporters, entrevistador dos homens que pensam e sabem dizer o que pensam, Frédéric Lefèvre não deixa de ter adversarios e ha quem, de onde em onde, o desanque, acoimando-o de moço de recados e de mexeriqueiro da literatura mercantil. De qualquer modo, as suas informações são sempre uteis, especialmente para os que, como nós, estão longe das aguas civilizadas do Sena. Seu livro sobre Huysmans é, por exemplo, rico de detalhes pittorescos e anecdoticos, recebidos através de reminiscencias e impressões de amigos e discipulos do autor do "En Rade".

— Editor de si mesmo, editor mettido a escriptor, talvez abusivamente, Grasset espalha o seu novo producto com o rotulo de "Remarques sur le Bonheur".

— Abel Bonnard, tão bem estudado pelo nosso Tristão de Athayde, vende centenas de exemplares da sua obra intitulada: "Rome". Vê-se que cada vez se accentua mais o pendor desse literato pelos assumptos catholicos. Já tendo celebrado magnificamente o "Poverello" de Assis, exalta, com lyrismo não menor, as almas e paizagens da cidade classica por excellencia. Em suas paginas ha a serenidade de linhas do horizonte romano. A região em que tudo é Historia, em que tudo parece impregnado de espirito, ennobreceu ainda mais a inspiração desse antigo dilettante da poesia, celebre desde que, ha uns vinte annos, a obtenção de uma "bolsa de viagem" o tornou um dos fetiches dos salões parisienses.

— Léandre Vaillat pratica muito bem o processo dos Gsell e dos Lefèvre de ouvir os homens notaveis e transmittir o que elles dizem e tambem o que elles não dizem... Forain, morto num dos ultimos mezes, revive no trabalho de Vaillat, memorialista que parece haver tachygraphado as perversidades oraes do grande caricaturista, tão bem as fixou nessa collectanea de sarcasmos e de observações sobre a arte e os homens. O rictus demoniaco do continuador de Daumier, o seu dom de esecrchar os inimigos com a ponta afiada do lapis ou de immortalizal-os pelo grotesco numa legenda epigrammatica, foram muito bem colhidos por quem tantas vezes se deliciou "en écoutant Forain".

Candido Jucá (filho), *O crepusculo de Satanaz*. Contos. J. R. de Oliveira e Cia. Rio, 1931.

Candido Jucá (filho), que já se fizera um nome acatado pelos seus estudos de philologia, surprehende-nos agora com um livro de contos, que não lhe desmerece o nome e antes ha de ficar na nossa litteratura de ficção como uma auspiciosa estreia. *O Crepusculo de Satanaz* reune uma serie de pequenas historias, de generos diversos, mas todas attrahentes e escriptas com grande apuro de linguagem.

Jonathas Serrano — HISTORIA DO BRASIL. *F. Briguet. Rio, 1931.*

★

A nossa litteratura didactica é pobre. A bôa, já se vê. Ha mesmo um genero, que se poderia classificar de irracional, tal o irremediavel maleficio que causa. A immesa maioria é repetição rotineira. Por isso é preciso assignalar o apparecimento de qualquer livro que alargue os horizontes, como este de Historia do Brasil, que acaba de publicar o prof. Jonathas Serrano. Poucos nomes, hoje, terão no magisterio secundario tal prestigio intellectual e moral como este professor, que desde cedo conquistou justo renome, quer pelas suas lições de Historia Universal, quer pelo exercicio dedicado do magisterio, coroado por um dos mais memoraveis concursos realizados no Collegio Pedro II.

O seu compendio de Historia do Brasil destina-se a estudantes de curso secundario, mas o feitio largo que lhe deu permitte a sua utilização a todos os que queiram uma visão dos quatro seculos da nossa historia. O livro apresenta todas as excellencias pedagogicas de um moderno manual e a esse respeito é modelo sem par na especialidade. Cada capitulo é precedido de um resumo breve, em negrita, a que se segue a exposição do assumpto, com as referencias á margem e ao termo uma synopse chronologica, uma anecdota apropositada e uma leitura, além de breve bibliographia sobre cada assumpto. Ha ainda, e é outro aspecto novo do livro, suggestões sobre pontos controversos a ser explanados pelos alumnos, execicios cartographicos, e as fontes de documentos, o que se poderia denominar "as jazidas" da Historia do Brasil.

O compendio equilibra, com rara felicidade, os dois tomos dos americanos: o Text-book, livro de texto, e o *Sources-book*, livro de fontes. Ha ainda um numero enorme de excellentes gravuras e quadros de factos e figuras do nosso passado.

A edição, primorosamente feita, é bem digna do conteúdo. Sob o ponto de vista erudito seria, talvez, possivel fazer melhor, pedagogicamente não.

Francisco Venancio Filho.

O FOOT-BALL ORTHOGRAPHICO

Annulle-se o "goal"!

"Fica, pois, o leitor português sabendo que o Brasil ganhou o jogo por sete bolas contra uma. Mas teriamos realmente conseguido, ao menos, esse *goal*? Parece que não, porque esse proprio ponta-pé da distincção etymologica entre *s* e *z* — a nossa gloria unica! — esse mesmo não chegou á rede." AGOSTINHO DE CAMPOS. (Artigo publicado no *Primeiro de Janeiro*, do Porto, e reproduzido no *Diario da Noite* de 31-7-931).

As palavras acima foram colhidas no primeiro dos artigos que o seu autor, philologo e jornalista bastante conhecido no Brasil, está escrevendo para *dissecar* a nova orthographia luso-brasileira. Antes delle, já um patricio nosso, o distincto professor Sousa da Silveira, havia manifestado pelo *Jornal do Commercio* de 19 de Julho o desgosto que lhe causaram certos desconchavos do formulario academico. Como pertencem ambos esses senhores ao grupo dos adeptos fervorosos da chamada graphia official portugueza, vê-se que a obra das duas academias desagradou a gregos e troyanos. Nem era de esperar outra coisa.

E' sabido que as questões de linguagem, sobretudo as relativas á maneira de graphar vocabulos, tiveram sempre o condão de seduzir e apaixonar brasileiros e portuguezes. E a teimosia, a intolerancia, a intransigencia dão a nota infallivel nas discussões desse genero. Como, pois, conciliar, em tão melindroso assumpto, opiniões e conveniencias destes dois povos cujos corações, já não pulsam em unisono, como diria o sr. Julio Dantas.

Não é, porém, objectivo destas linhas criticar a desastrosa idéa do accordo, o qual só servirá, por certo, para atrapalhar entre nós a causa da simplificação orthographica. O que eu desejo agora é apenas pleitear perante o eminente Dr. Fernando de Magalhães, illustre baliza do combinado brasileiro, a annullação do unico ponto que, no dizer do Sr. Agostinho, foi marcado pelos portuguezes. Comparando as negociações orthographicas entaboladas entre academicos d'aquem e d'alem mar a uma partida de *foot-ball*, declarou o alludido escriptor que os seus patricios enterraram lastimavelmente o *team*. Ao passo que lhes impunhamos sete modificações na sua orthographia de 1911, não acceitavamos delles senão um unico principio — a distincção etymologica no emprego do *s* e *z*!

Pois ainda assim, esse miserrimo tento só foi obtido porque o *goal-keaper* do nosso *team* se mostrou positivamente *fundo*. Tivesse elle a indispensavel destreza, conhecesse melhor a technica do jogo, e teria evitado esse *goal* da lusa gente. Bastaria, para tanto, que argumentasse pouco mais ou menos como se segue.

Primeiramente, o emprego, na actual orthographia lusa, do *s* e do *z* intervocalicos e finaes, baseado em pronuncias dialectaes e no criterio com que se usavam essas lettras nos primeiros seculos da existencia da lingua, é o ponto vulneravel do systema graphico lusitano. Com effeito, da leitura do relatorio elaborado em 1911 por Gonçalves Vianna, e subscripto por mais seis dos dez philologos portuguezes que compunham a commissão encarregada de assentar as bases da nova graphia, se deprehende que o plano dessa commissão visava á unificação e *simplificação* da escripta "tomando por elementos principaes das decisões a historia da lingua portugueza, e a *da sua escripta tradicional até época muito recente*."

Ora, nas suas regras relativas ao emprego do *s* e *z*, finaes e intervocalicos, a commissão de sabios lusos desprezou justamente a tradição que mais convinha conservar, a que partindo do meado do seculo XVII chegava até ao presente. E por essa tradição, legitima porque se baseava na pronuncia normal dos ultimos seculos, a escripta bem radicada era *portuguez, francez, genovez, marquez, freguez, mez, paiz, portugueza, franceza, marqueza, princeza, empreza*, etc., com *z*, e não com *s*, conforme preferiu a commissão.

Que importa que em remotas eras se tivesse feito e em alguns lugarejos de Portugal ainda hoje se faça, na pronuncia, distincção entre *z* e *s* intervocalico? Tal distincção, ao que parece, deve ter existido no fallar normal, mas é muito provavel que já no fim do seculo XVI, na época camoneana, fosse tendendo a desapparecer. E a evolução natural da graphia, acompanhando a da pronuncia, era no sentido da substituição do *s* intervocalico pelo *z*, *até mesmo no suffixo oso*. Quem se der ao trabalho de percorrer textos impressos no seculo XVIII não raro encontrará as graphias *diloza, formoza*, etc. E as graphias *meza, defeza, caza, Jozé* eram communissimas.

Por que, pois, não conservou a commisão portugueza, neste ponto, a graphia já tradicional de dois seculos? Por causa de uma pronuncia já desapparecida havia tresentos annos?

Se só habitos phoneticos, mesmo já mortos, deviam prevalecer, por que não restabeleceu entã o as graphias *çafra, çanefa, çapato, çarça, çujo, çurrão* e muitas outras aconselhadas pelo velho Madureira ainda em 1734? Pois para ser coherente deveria te-las tambem adoptado, porque naquelle tempo, se já se não differençava na falla *s* intervocalico de *z*, ainda se distinguia claramente *ç* de *s*.

E por que não restabeleceu igualmente as graphias já desusadas *Gonçalvez, Nunez, Rodriguez, Alvarez*, etc.?

Em segundo lugar, o uso correcto do *s* e do *z*, na graphia de 1911, ora adoptada no Brasil, é difficilimo para todas as pessoas que não tenham algum conhecimento de latim e da historia da lingua portugueza. E ainda por esse lado a commissão lusitana esbarrou no escolho que desejava evitar, quando, increpando a orthographia franceza de "orthographia de eruditos e para eruditos", se propôz organizar uma graphia "para todos os individuos que sabem ler e escrever".

Ora, o que desejamos os brasileiros interessados na simplificação orthographica é precisamente um systema que venha facilitar, e não complicar ainda mais, o aprendizado da escripta. E diante dessas razões ahi resumidamente expostas, deverá ser annullado o *goal* dos nossos amiguinhos d'além mar. Em vez de 7×1, seja 8×0.

SAUL BORGES CARNEIRO.

REVISTAS

Em *Atenea*, ns. 73 e 74, publica Alberto Guillén um breve estudo sobre "A Nova Poesia Brasileira".

Alberto Guillén é peruano e já residiu entre nós como secretario da legação de seu paiz. Poeta de fina sensibilidade e apaixonado pelas coisas da America, organizou ha alguns annos atraz, uma anthologia da poesia sul-americana, cuja primeira edição se exgotou rapidamente. Actualmente prepara uma segunda edição, melhorada e ampliada, dessa obra e mais uma anthologia da nova poesia brasileira. São materiaes destacados della as traducções e notas que apparecem em *Atenea*.

Esta revista, editada pela Universidade de Concepcion, já vai pelo seu anno VIII. E' uma revista de optima apresentação, e dirige-a Domingo Melfi. Melfi, diz Alberto Guillén, "es de los hombres mas enterados y entusiastas de America". Que é a America de hoje? Que será a America de amanhã? A finalidade de *Atenea* é encontrar resposta a essas duas interrogações do destino americano.

Os poetas brasileiros agora traduzidos por Guillén são: Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Jorge Fernandes, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes. Haverá a corrigir aqui apenas um detalhe (mas importante) na pequena noticia que antecede a *Improvisação do Mal da America* de Mario de Andrade. E' que Guillén colloca o poeta de *Macunaima* no grupo de "Antropophagia", ao lado de Oswald de Andrade. Sabemos que não só Mario de Andrade não tomou parte naquelle movimento, como até foi rudemente combatido por elle. Afóra esse cochillo, tudo o mais está certo. Guillén escolheu bem o poema que pode caracterizar aos olhos de um publico estrangeiro o sentimento e a maneira de cada um daquelles poetas.

Sente-se nas palavras de Guillén a sinceridade com que diz amar a nossa nova poesia, cujo sentido profundo penetrou: "Acaso, en America, quienes están realizando una poesia de — America y para America, son estos brasileros, musicales, elasticos, alegres. Con que voz pura cantan. Se ve el juego muscular de la raza bajo la dorada epidermis de la musica!"

Há tantos poetas que se chamam *de* America. Mas, a juizo de Guillén, cantam-na como quem faz madrigaes á Lua. De pura memoria, "sin esta india unción por la cosa nuestra, sin esta ternura de nodriza por el poemita infante".

Assim, companheiros, alegremonos: um poeta irmão de outras terras e que conhece bem a America por a ter viajado em todas as dimensões, na quarta que é o tempo, e na quinta que é a poesia, sentiu que a nossa voz é maiorzinha do que a nossa terra e sobrou para o resto do continente.

MANUEL BANDEIRA.

*

No ultimo numero d'"A Ordem" figuram tres poesias de Augusto Frederico Schmidt, que são as suas obras primas e obras primas do nosso florilegio modernista. Qualquer coisa da profunda resonancia de um Claudel mais romantico, sem deixar de ser religioso e grave. Os desesperados accentos da musa hebraica fazendo-se esperança em Deus na poesia christã. A serenidade da renuncia succede ao ahasverismo espiritual, e o poeta, ancorando em Deus, reconhece que Deus se encontra ao fim de todos os caminhos. Primeiro é o vento do mar convidando-o ás longas viagens, é a fascinação do não-visto, a ancia de perder-se nos outros recantos do planeta. Mas, depois, elle comprehende que o mundo não é só paizagem, não está todo na face das criaturas, e, viajante immovel, o que ainda descobre de melhor é a sua propria alma. Ha ahi evidentemente um pensador, de pensamento sempre musical. Seria quasi uma suffocação de vida interior, não fôra a faculdade de libertar-se através dos doces rythmos. O "eu" instavel, contradictorio, desse neto de semitas ora reage e recúe na Biblia de Job e Jeremias, ora se dilúe, se dissolve na contemplação christã, como quando, ao falar da solidão, parece reviver o frade hespanhol que celebrou a "solidão sonora". Na melancolia nostalgica de quem, desde menino, tem andado sempre de luto pela morte dos parentes mais proximos, Schmidt offerece-nos, em seus poemetos d'"A Ordem", algo de commovente e puro. Não são versos de prosador, mas de poeta, de um extraordinario poeta. "Descanso", "Destino" e "Despedida" merecem fixar-se na attenção e na admiração de um grande publico.

A. G.

* * *

O exito obtido pelo numero de estréa da "Hierarchia" não é apenas a victoria da corajosa iniciativa de Madeira de Freitas, Rodolpho Carvalho e Lourival Fontes. E', antes de tudo, uma victoria da cultura, e paga de sobra o esforço dos que deram, a tantos patricios sceptícos, esse testemunho de nobre confiança [illegible] possibilidades, nas occultas reservas do Brasil mental. Ahi estão, num numero anthologico, os nomes mais significativos do Brasil que lê e pensa, observa e escreve. Com uma fé e um enthusiasmo sempre comprehensivos, e um grande fervor de amor pelas coisas brasileiras, em suas correlações com as idéas e factos universaes, todos os collaboradores da "Hierarchia" nos apresentam estudos enriquecidos pela personalidade da intelligencia. Nutrindo-se egualmente nos livros e na vida, todos elles se mostram realmente dispostos a trabalhar pelo espirito e, logo, pela dignidade e possança do nosso Brasil.

O pessimismo é a doença das bellas almas.

Léon Bocquet.

Marques Rebello, *Oscarina*. Schmidt, editor. Rio, 1931.

Já accentuei que não era esse o livro que todos devinamos esperar do sr. Marques Rebello. Quasi sempre acido em pessoa, o autor surge-nos ahi, contradictoriamente, com uma série de contos em que reencontramos uma piedade, uma ternura pelos simples, que acreditavamos ter perdido de todo depois da morte de Lima Barreto.

Parecendo, em pessoa, um negador profissional, o estreante da "Oscarina" mostra-se, escrevendo, um amigo do Rio velho, do Rio pobre, do suburbio, do arrabalde desdenhado pelos chronistas mundanos e pelos autores de novellas côr de rosa. Gosta da gente sem hierarchia e não se incommoda muito com as marquezas e os principes dos novellistas á Paulo Setubal. Nem se dá á rendosa industria da rhetorica e não confecciona personagens que exorbitem da nossa mediocridade quotidiana, mediocridade que ás vezes pretende ser atheniense ou florentina, mas nem por isso é menos mediocre...

O sr. Marques Rebello sabe abreviar, resumir a vida circumstante e, sem delirio erotico, faz-nos ver, claramente vistos, os melancolicos idyllios cariocas, em que, ao invés dos Romeus e das Julietas dos romanticos, e dos casaes gregos dos parnasianos, ha apenas, quasi sempre, um cabo de policia e a filha de um estafeta dos Telegraphos...

E' bem provavel que a simplicidade do narrador da "Oscarina", e a sua coragem de ser honestamente do seu povo e do seu momento, o inhibam de apossar-se logo de uma numerosa clientela literaria, dado o gosto dos nossos leitores pelas aventuras galantes, pelos enredos folhetinescos e pelos dramas policiaes que molham os lenços das criaturas sensiveis. Mas indiscutivel é que, com este despretencioso volume de 193 paginas, elle, o estreante de vinte e poucos annos, tomou logar entre os bons "contadores" da sua geração e não haverá injuria para ninguem se, dora em deante, lhe lembrarmos o nome sempre que trouxermos á baila os nomes de Ribeiro Couto, Affonso Schmidt e Alcantara Machado.

A. G.

De Lingua Ingleza

Parece que os filhos da pudica Albion vão perdendo aos poucos aquella tradicional gravidade que os impedia de conceder largo espaço, em seus escriptos, aos detalhes escabrosos da vida intima. Depois de Froude, o historiador, haver tratado de modo meio escandaloso das razões da frieza que tanto tempo perdurou entre Carlyle e a esposa, surge agora um ensaista de merito, biographo á altura de Maurois, esclarecendo certas minucias da ligação historica da rainha Elisabeth com o conde d'Essex. Trata-se de Lytton Strachey, que, ao descrever a paixão desses amantes famosos, quasi não se soccorre de periphrases timoratas e vae dizendo tudo com uma naturalidade, uma desenvoltura digna dos francezes mais desabusados.

— Tambem a biographia de Henrique VIII, graças á penna de Francis Hackett, é das mais completas e francas. Esse livro é, sem duvida, um modelo do genero e os criticos britannicos asseveram mesmo que, depois do trabalho de Boswell sobre o doutor Johnson, nada apparecera de egual em Londres e adjacencias. O typo complexo, que tanto preoccupa os pesquisadores de incognitas humanas, como que foi perfeitamente decifrado por Francis Hackett. Nenhum recanto de sombra perdura, já agora, no pensamento e na obra do rei que não temia embrenhar-se em reformas religiosas das mais audazes e tinha do amor conjugal uma concepção de elasticidade bem pouco puritana.

— Em tonalidade mais serena e evocando uma creatura de outra delicadeza, Robert Sencourt estuda Meredith. Maurois, mestre em assumptos de biographia, affirmou que Sencourt disse o essencial sobre o autor do "Egoista", reunindo num volume facilmente manuseavel tudo quanto basta á comprehensão integral da ethica e da esthetica de um homem de letras de tamanha complexidade. Para muitos, Meredith é um escriptor de difficil accesso, como que se comprazendo em despistar os leitores apressados. Pois aos olhos de Sencourt, devido a um methodo critico dos mais seguros, os romances de Meredith se clarificam numa synthese merecedora de elogios irrestrictos.

— A. E. Zucker analysa a vida de Ibsen. Para melhor documentar-se, foi elle pessoalmente á Noruega, onde percorreu os sitios em que se formou a curiosa sensibilidade do theatrologo que tantos comparam a Shakespeare. Aliás, Zucker não é um fanatico do creador da "Casa da Boneca" e, vendo as grandezas da obra ibseniana, tambem lhe vê os pontos vulneraveis, os trechos já atacados de indiscutivel caducidade.

— Charles Yale Harrison nasceu em Philadelphia. Sua familia era toda composta de enthusiastas do socialismo e, na casa natal, os retratos dos santos leigos do socialismo substituiam as figuras aureoladas do agiologio christão. Apesar dessa atmosphera de pacifismo, respirada desde o berço, Harrison, aos dezeseis annos, tomou-se de amor pelas aventuras bellicas e, na qualidade de voluntario, foi lutar na grande guerra ao lado dos inglezes. Annos depois, apagado o terrivel brazeiro, concentrou idéas, colligiu reminiscencias e redigiu um livro sobre a chacina dos civilizados, livro que acaba de ser traduzido para o francez com o titulo de "Les généraux meurent dans leur lit". A partir do titulo, já se vae comprehendendo que Harrison, desilludido das glorias militares, descreve o campo de batalha de um modo terra-a-terra, sentindo, como Jean de Pierrefeu, que Plutarcho tambem é mentiroso, especialmente quando redige boletins de falsas victorias, para engodar papalvos...

— Continuam a ser traduzidas em varias linguas as novellas mais significativas de Arnold Bennett. Bennett, que viveu longos annos distante da Inglaterra, parecendo preferir as regiões amenas da França aos nevoeiros da Grã-Bretanha, toma assim o logar que lhe cabe na historia literaria dos ultimos decennios. Os seus bons instinctos de escriptor que sabia ser a prosa uma arte e não passava sem uma ponta de romantismo, por vezes ironico, impõem-se mais e mais a quantos estão agora escolhendo, na copiosa producção deste começo de seculo, os vinte ou trinta volumes destinados a passar, no minimo, ás gerações mais proximas...

C I N E M A

Arte cinematographica — segunda industria norte americana...

Como conciliar estes dois termos? Realmente, parece haver conflicto entre "industria" e "arte". Parece haver, e ha, ou antes: havia. Nossa época, porém, vê realizar, senão uma conciliação, pelo menos um accordo entre esses dois elementos.

A arte, em muitos dos seus ramos, industrializou-se; a industria, por seu lado, fez concessões á arte. Porque? consequencias do regimen capitalista, da concorrencia, do desenvolvimento do senso esthetico no povo. Hoje, todo sêr humano se arroga o direito de apreciar, criticar e julgar a esthetica de tudo que o circumda. Dahi a necessidade para a industria de produzir coisas que agradem. Por outro lado, o senso esthetico se estandardiza cada vez mais, e essa estandardização caminha de accordo com o movimento esthetico de simplificação, isto é, estylização. Assim, na cinematographia, vemos que os filmes, sendo productos industriaes, têm que agradar ao publico. Para isto, appella-se para os artistas: litteratos, musicos, decoradores, e todos aquelles que se especializam nas artes plasticas.

O cinema de hoje deve agradar á vista, ao ouvido, ao pensamento, ao sentimento.

A' vista pela belleza do movimento, pelos effeitos de luz e de sombra, pelas composições dos scenarios, e, num futuro muito proximo, pelas côres. Ao ouvido, pelo timbre das vozes, pela harmonia dos ruidos e dos sons. Ao pensamento, pela these do enredo, pelos dialogos espirituosos ou profundos. Finalmente, ao sentimento, pelo dramatico, pelo comico, pelo romantico ou pelo realista. Para cada uma dessas modalidades tem que haver technicos, technicos esses — artistas. Devem agradar' ao publico, mas devem, tambem, educar esse mesmo publico a apreciar-lhes a obra. N'isso ha um jogo constante, indefinido, porém sensivel, de vae e vem, do publico aos artistas, dos artistas ao publico, que pouco a pouco se traduz e transforma em progresso. Assim o artista anda sempre um pouco á frente do publico, procurando o caminho a seguir, só o seguindo, porém, quando o publico o comprehende e acompanha.

O cinema será então uma arte excessivamente industrializada? Talvez, mas isto só significaria que esta arte soffre o controle do publico, tornando-se, portanto, a verdadeira expressão do sentimento da época. Aliás, da mesma fórma que o cinema, o theatro, a litteratura, a pintura, etc., se industrializaram ou commercializaram. Já se foram os tempos em que o artista produzia quasi que sem constrangimento, devendo apenas agradar ao seu protector, que, geralmente, nada entendendo, tudo admirava e applaudia, comquanto conseguisse o renome de "protector das artes".

E' natural que na nossa era democratica o "protector das artes" tenha sido substituido pelo publico. "Vox populi vox dei"; é uma verdade relativa, sem duvida, porém innegavel no nosso mundo todo elle relativo.

JACK SAMPAIO.

André Gide, *Divers*. Libr. Gallimard. Paris.

André Gide, hoje uma das mais altas expressões do pensamento francez, acaba de reunir num volume, que é o 3º da collecção *Les essais*, recentemente inaugurada pela livraria Gallimard, uma serie de pequenos trabalhos seus, alguns já apparecidos em revistas, como certas cartas que foram publicadas na *Nouvelle Revue Française*.

Todo esse material, — pequenas annotações psychologicas, conceitos litterarios esparsos, pensamentos soltos e paginas talvez de um diario, além das cartas já citadas, — ganhou immenso em ser colligido, passando a paginas que hão de ficar e das quaes extrahimos ao acaso conceitos como estes:

"Imagino por vezes que vivo a minha vida pelo avesso, e que no limiar da velhice é que a minha verdadeira mocidade vae começar. Vim ao mundo com uma alma crivada de rugas; rugas que lhe andaram assiduamente traçando meus avós e meus paes e que algumas só pude apagar a custo. Não o consegui pela lucta, mas pelo aturado negacear commigo mesmo e porque tive o assentimento dos deuses."

*

"Nada mais incommodo que os discipulos. Fiz o possivel para descoroçoal-os. Não "recebo", não agradeço os livros que me mandam, não respondo a cartas nem a artigos; vivo longe de Paris... Agora, accusam-me de ter influencia. Que fazer? Nunca tratei senão de estimular cada qual no seu trabalho e pouco se me dá de attrahir adeptos."

LIVROS NOVOS

Francisco Venancio Filho, *Euclydes da Cunha*. Ensaio bio-bibliographico. Off. Industrial Graphica. Rio de Janeiro.

Commemorando o 15º anniversario da morte de Euclydes da Cunha, transcorrida a 15 de Agosto, Francisco Venancio Filho acaba de publicar um ensaio bio-bibliographico acerca do grande escriptor d'*Os sertões*.

Esse trabalho, que faz parte da *Collecção bibliographica*, em curso de publicação pela Academia Brasileira de Letras, e da qual já foram dados á luz o *Castro Alves*, de Afranio Peixoto, e o *Alvares de Azevedo*, de Homero Pires, muito se recommenda pelo carinhoso fervor e inexcedivel probidade com que o seu autor vem ha muitos annos se dedicando ao culto da memoria de Euclydes da Cunha. O ensaio de Francisco Venancio Filho está dividido em quatro partes: Notas biographicas, Ensaio bibliographico, Trabalhos sobre Euclydes da Cunha e Juizos e Depoimentos.

★

Dr. J. A. de Souza Ferreira, *Curso de Cirurgia de Guerra*. Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1930.

Só agora nos foi dado conhecer o trabalho em que o Dr. J. A. de Souza Ferreira, tenente-coronel medico do nosso Exercito, em bôa hora decidiu reunir as suas conferencias, feitas durante os annos de 1927, 1928 e 1929, como professor na Escola de Applicação do Serviço de Saude do Exercito.

Embora esse curso pareça especialmente destinado ao uso dos alumnos da Escola de Applicação, é obra que pelo seu valor e subido alcance merece maior divulgação e ha de ser lida com proveito por quantos se interessem pela cirurgia em geral.

O *Curso de Cirurgia de Guerra*, volume nitidamente impresso, de mais de seiscentas paginas, com numerosas gravuras no texto, está dividido em quatro partes:

1ª — Generalidades sobre a cirurgia de guerra. Agentes vulneraveis bellicos e causas circumstanciaes de ferimentos.

2ª — Dos ferimentos de guerra em geral. Caracteristicos anatomo-physiopathologicos geraes. Reacções biologicas. Tratamento em geral. Complicações.

3ª — Fracturas diaphysarias. Ferimentos articulares. Resquicios das fracturas e das lesões articulares. Amputações e desarticulações de guerra. Ferimentos vasculares e seus resquicios. Ferimentos dos troncos nervosos perifericos.

4ª — Ferimentos do craneo e seus resquicios afastados. Ferimentos penetrantes do thorax. Ferimentos do abdomen. Ferimentos do rachis e da medulla espinhal. Ferimentos oculares.

Além de outros titulos que muito abonam o seu nome, o Dr. Souza Ferreira, durante a Grande Guerra, passou longas temporadas na França, onde trabalhou em varios hospitaes e formações sanitarias, advindo-lhe dahi a grande autoridade com que póde versar taes assumptos.

★

Leonidio Ribeiro e Murillo Campos, *O Espiritismo no Brasil*. Companhia Editora Nacional. S. Paulo, 1931.

A guerra mundial, não contente com a serie infindavel de males que por quatro annos fez cahir sobre a pobre humanidade, ainda lhe deixou duas graves sequelas: a pandemia grippal e o recrudescimento do espiritismo, como religião ou antenna ultra-sensivel, capaz de nos pôr em contacto com o mundo do além. Se da grande guerra nós pouco mais conhecemos do que aquelles espalhafatosos cartazes em que o Sr. Wenceslão Braz nos aconselhava "parcimonia nos gastos", a grippe não nos poupou, nem tão pouco a coceira que andou a multiplicar por outros paizes os adeptos de Allan Kardec e conseguiu tambem aqui um maior numero de discipulos, sobretudo entre as massas ignorantes, onde o terreno era propicio á sua disseminação.

Do que é o espiritismo no Brasil, dos males sem conta que vem acarretando, desde o crime até a loucura, da falsa medicina que se faz sob o seu nome, — eis o que nos dizem, no seu recente e interessante livro, os Drs. Leonidio Ribeiro e Murillo Campos, dois nomes já muito conhecidos nos nossos meios scientificos e que ha muito se dedicam a essa ordem de estudos medico-legaes.

★

S. Fróes Abreu, *Na terra das palmeiras*. Off. Ind. Graphica. Rio, 1931.

Ha poucos dias, surgiu na montra das nossas livrarias, attrahindo a attenção do publico, pelo colorido de sua capa, o livro de S. Fróes Abreu, cujo titulo encima estas linhas.

S. Fróes Abreu, sendo muito moço, não é um nome novo nos nossos meios scientificos e alguns dos seus trabalhos anteriores, como *Sambaquis de Imbituba e Laguna* (Santa Catharina) e *Alguns aspectos da Bahia*, ainda que de menor vulto, já o tinham feito notado entre os estudiosos de cousas brasileiras. Agora, no seu ultimo e valiosissimo livro, elle nos dá uma relação completa do que viu e poude observar, com intelligencia alerta e bom lastro de conhecimentos, durante uma demorada viajem que fez ao Estado do Maranhão, afim de estudar a palpitante questão do coco babassú.

São paginas documentaes, mas de um interesse agudo, e onde se abordam todos os themas de maior valia referentes á região, como a feição physica da terra, sua flora e sua fauna, as tribus indigenas que por lá habitam, e com algumas das quaes privou o proprio autor, como os Canellas e Guajajáras, etc., etc.

Roquette Pinto, que é a nossa melhor autoridade nesses assumptos, apresenta o livro de S. Fróes de Abreu e são delle as seguintes palavras, no prefacio em que tão justamente enaltece os creditos desse livro:

"O livro de S. Fróes de Abreu é um modelo a seguir por tantos moços escriptores em condições de traçar a historia anthropo-geographica das differentes regiões do paiz. Volume opulento de observações e dados numericos será depois de lido, vezes sem conta consultado.

Mas o que torna a obra particularmente amavel aos idealistas activos da minha condição — é o sopro calido de um sentimento profundamente piedoso que anima as melhores paginas documentaes, em que o autor mostrou a propria superioridade intellectual e moral, capaz de conhecer e divulgar o conhecido, porque é alma aberta á sympathia. Comprehende a natureza."

BRINDE

Vejo empallidecer a estrella dos meus dias.
Rei do festim, deponho a corôa de rosas.
Tontas! Que me quereis esperanças tardias,
Promessas mentirosas!

Desenganado e só, contemplo o céu do occaso.
Nuvens de ouro, illusões, já de vós não me fio;
Já não te creio, amor! O fogo em que me abraso
E' morte e desafio.

ALBERTO RAMOS.

A apparecer:

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

A VULGARIZAÇÃO DO SABER

(Ensaios)

ARIEL, editora ltda.

LITTERATURA ALLEMÃ

JOSEPH ROTH — HIOB — *Roman eines einfachen Mannes* (*). Gustav Kiepeneuer Verlag. Berlin.

Mendel Singer era um judeu, um judeu o que ha de mais commum, pobre, insignificante, temente a Deus, um judeu emfim como os ha aos milhares no ghetto. Vivia de ensinar a meia duzia de crianças a ler e a decorar a Biblia numa aldeia perdida da Volynia. Disso tirava o sustento da familia: a mulher, Deborah, os filhos Jonas e Schemarjah e uma filha. Mulher e filhos desprezam aquelle homem simples, mediocre, devoto, sem dureza perante a vida; sem resistencia nem vontade; os vizinhos riem-se delle: nada lhe perturba o animo. Elle mesmo considera-se o ultimo dos mortaes. Debaixo desta apparencia vulgar, Mendel Singer é um santo.

Mais tarde nasce-lhe mais um filho, Menuchim. Menuchim é um aleijão, presa de molestia incuravel. Deborah leva-o a um rabbino famoso pelas suas curas maravilhosas e volta a casa com esta resposta prophetica: "Manuchim, filho de Mendel, ficará curado. Será grande entre os filhos de Israel. Pela dôr crescerá em sabedoria, pela fealdade em bondade, pela amargura em doçura, pela enfermidade em fortaleza."

Mas os annos passam e a prophecia não se realisa. Aos poucos o velho Mendel, vencido pelos annos, acabrunhado pelo soffrimento, desprezado e ridicularizado, vai-se affastando dos seus para concentrar todo o seu grande amor em dois seres: Deus e o filho aleijão. Noites e noites passa rezando e cantando psalmos ao pé do filho idiota. Mas Menuchim não dá accordo de si, não faz senão repetir numa toada monotona e desesperadora a palavra Mamãe!

Dos filhos mais velhos, Jonas faz-se soldado, Schmarjah deserta e foge para os Estados Unidos. Mirjam vive de amores com os cossacos. Todas as desgraças pesam implacavelmente sobre Mendel Singer. E — cumulo de infortunio — vê-se obrigado, para salvar Mirjam do caminho da perdição, a ir para os Estados Unidos com a mulher e a filha, abandonando o unico ser que o ama, — o triste Menuchim.

Nos Estados Unidos, onde Mendel é recebido por Schemarjah, que fez carreira no commercio, o drama precipita-se. A grande guerra sobrevem: Schemarjah alista-se nas tropas que partem para os campos europeus e morre em combate. Deborah não resiste á dor que lhe causa a morte do filho e morre pouco depois. Mirjam enlouquece e tem de ser recolhida ao hospicio. E' a ultima gotta no calice de amargura de Mendel. Então accende o fogo e vai para queimar o seu livro de rezas e a sua Biblia. "Acabou-se Mendel Singer! Acabou-se Mendel Singer! gritava batendo o compasso com os pés, com tanta força que o soalho gemia. Mendel Singer não tem filhos, não tem filha, não tem mulher, não tem patria, não tem dinheiro. Deus disse: Castiguei o Mendel Singer!"

Approximou-se do fogo, berrando e sapateando. Tinha nas mãos os livros santos para lançal-os ás chammas, mas não podia. Varias vezes tentou erguer os braços em vão; os braços recusavam-se a obedecer-lhe. O coração de Mendel estava irado contra Deus, mas nos seus musculos vivia ainda o temor de Deus.

Os visinhos acudiram alarmados com os gritos, e com a fumaça que filtrava para fóra; pediam-lhe que abrisse; Mendel nada ouvia, e nada attendia. "Tinha os olhos cheios de fumaça e uma immensa e dolorosa alegria lhe percutia os ouvidos."

Com a chegada de alguns amigos chamados á pressa, Mendel acalmou-se. Abriu, deixou-os entrar, Menkes, Skowronneck, Rottenberg e Groschel. Fizeram Mendel sentar-se na cama, sentaram-se em torno delle. — Que é isso, Mendel? Que fogo é esse? Pretendias incendiar a casa?

"Quero incendiar mais que uma casa, mais que um homem! Vocês vão admirar-se si eu lhes disser o que é que eu pretendia queimar. Admirar-se e dizer: o Mendel enlouqueceu como a filha. Mas eu lhes asseguro: não estou louco. Estive louco, é certo. Mais de sessenta annos andei louco, agora não."

— Mas então que é que queres queimar?

— Quero queimar Deus.

Os quatro amigos lançaram ao mesmo tempo um grito de espanto. "Não blasphemes, Mendel, disse Skowronnek. Sabes melhor que eu, porque estudaste muito mais, que os golpes de Deus têm um sentido occulto. Não nos é dado saber o motivo por que somos castigados."

— Mas eu sei, Skowronnek, respondeu Mendel. Deus é cruel, e quanto mais a gente lhe obedece, tanto mais se mostra severo comnosco. E' mais poderoso que os poderosos e os destruiria a todos com a unha do seu mendinho. Mas não faz! Só castiga aos fracos...

— Lembra-te, Mendel, disse Rollenberg, lembra-te de Job. Succedeu com elle cousa parecida. Tambem elle blasphemava contra Deus. E a verdade é que Deus só queria experimental-o. Que sabemos nós do que se passa no céo? Quem sabe se o mal não foi ter com Deus e lhe disse, como antigamente: E' preciso experimentar um justo. E o Senhor lhe respondeu: Pois procura tentar o meu servidor Mendel!

"Porque torturar-me, respondeu Mendel, a outras ponderações que lhe fazia Groschel. Que me vens fallar do que passou, quando tudo está passado! As minhas feridas ainda não cicatrizaram e já estás a reabril-as.

— Elle tem razão, disseram ao mesmo tempo os outros tres.

Rottenberg obtemperou:

— Tens o coração mortificado, Mendel, bem sei. Mas uma vez que podemos fallar-te livremente e que tu sabes que partilhamos os teus soffrimentos como si fossemos teus irmãos, não te zangues si eu te pedir que penses em Menuchim. Quem sabe si abandonando Menuchim não contrariaste os propositos de Deus? Coube-te por sorte um filho doente e tu e os teus procederam com elle como si fosse um máo filho.

Fez-se silencio. Mendel ficou muito tempo sem achar resposta. Quando se poz a fallar, parecia não ter ouvido as palavras de Rollenberg, porque foi para Groschel que se voltou, dizendo-lhe:

(*) *Job — Romance de um homem simples.*

— Ha pouco me falaste em Job. Já te aconteceu vêr, mas o que se chama vêr, com os proprios olhos visto, algum verdadeiro milagre? Milagres como os que se contam no final da historia de Job? Acreditas que o meu Schemariah vai resuscitar e sahir da fossa commum onde está enterrado em França? que o meu Jonas vai reapparecer entre os vivos? que minha filha Mirjam possa sahir do hospicio curada? minha mulher Deborah levantar-se da sepultura ainda recente? que meu filho Menuchim possa ainda viver, chegar da Russia em plena guerra? Porque não é verdade, disse Mendel, voltando-se para Rollenberg, que eu tenha abandonado perversamente Menuchim para castigal-o. Foi por outros motivos, foi por causa de minha filha Mirjam, que andava mettida com os cossacos, com os cossacos, estás ouvindo, que tivemos de deixar a Russia. E agora, pergunto: por que é que Menuchim estava doente? Já não se manifesta ahi um signal da colera de Deus?

— Hoje em dia, Deus já não quer fazer sinão pequenos milagres, retrucou Menkes. Mas ainda assim são bastante grandes. Louvado seja o seu Nome! Tua mulher não póde resuscitar, nem teu filho Schemariah, mas Menuchim talvez ainda esteja vivo e poderás tornar a vel-o depois da guerra. Tua filha Mirjam talvez se restabeleça e volte mais bonita que nunca: achará um marido e ainda te dará netos.

Mas para Mendel Singer tudo estava acabado:

"Não, meus amigos! Estou só e quero ficar só! A vida inteira amei e servi a Deus e Deus odiou-me. A vida inteira o temi; mas agora Elle nada póde contra mim.

Os tempos correm. Annos e annos Mendel arrasta uma vida obscura de miserias e humilhações, abandonado de Deus e dos homens, sombra errante entre os vivos, desesperado de todos e de tudo. *Porque Mendel Singer já não sabe rezar.*

Certo dia, durante a festa da Paschoa, em casa dos Skowronnek, achando-se Mendel entre os convivas, batem á porta. O recem-chegado é um rapaz desempenado, forte, de grandes olhos singularmente tristes e inspirados. Dá-se por um parente de Mendel, portador de noticias de Menuchim. Menuchim estava curado, tinha-se tornado um musico de fama, era agora regente de uma orchestra na Russia.

— Menuchim está vivo?

O estrangeiro, fitando serenamente os olhos em Mendel, respondeu-lhe:

— Menuchim está vivo, está são e passa mesmo muito bem.

Mendel juntou as mãos, ergueu-as o mais alto que poude. Fez por levantar-se, aprumar-se, crescer, crescer mais e mais, varar o tecto da casa e com as mãos tocar o céo. Não consegue despegar as mãos unidas. Olha para Skowronnek e este velho amigo comprehende a pergunta que tem de fazer em nome de Mendel:

— E onde está agora Menuchim?

O desconhecido respondeu lentamente:

— Sou eu, Menuchim.

Estava cumprida a prophecia: Pela dôr crescerá em sabedoria, pela fealdade em bondade, pela amargura em doçura, pela enfermidade em fortaleza.

* * *

Job é o segundo romance de Joseph Roth e obteve grande exito na Allemanha.

A. R.

Nova Maneyra de Fallar

A proposito de um livrinho que com esse titulo appareceu ha pouco nas livrarias, recebemos a seguinte carta:

"Exmo. Sr. Redactor,

Nem sempre o residir na provincia equivale a viver alheado aos grandes lances da existencia moral da patria. Posto que de longe, e sem a nitidez que só o apropinquar dos acontecimentos com segurança permitte, acompanhamos religiosamente o grandioso e ascensional progredir da nossa gloriosa litteratura. De corrente e moente fornece-nos a cultissima imprensa do Rio e S. Paulo noticias do apparecer de novas obras que opulentar veem o já solido cabedal das nossas lettras. E as impressões que nos ficam desse delicioso ler e reler são quasi sempre da mais suave alegria e do mais legitimo orgulho. Quasi sempre, dissemos nós, porque vez por outra de mistura com lascas de diamante se nos deparam impuros pedrouços de carvão.

Latet anguis in herba e de tal guisa deixam-se de quando em quando illaquear em sua boa fé incautos amadores das bellas lettras. Foi o que a nós nos acaba de succeder com o infame livreco intitulado *Nova Maneyra de Fallar*, apparecido pouco ha nessa babylonesca Sebastianopolis, cidade que, com ser majestoso centro donde promana mirifica luz, não deixa tambem de expandir diabolicos raios de treva. Havendo lido noticia do apparecimento dessa brochura, cujo autor ha nome Barão d'Ascurra, mandamo-la sem tardança requisitar do Rio, suppondo se tratasse de obra de polpa. Desconhecido nos era de todo o autor, mas o facto de ser elle pessoa nobre e qualificada na hierarchia social, ajudou-nos a cair na ignobil armadilha. Lido e relido duma assentada, para logo firmou-se-nos a convicção de que esse folheto consubstancia nas suas oitenta e tantas paginas insolente desrespeito á civilização luso-brasileira no que ella possue de mais elevado e casto — a Academia Brasileira de Lettras e a Academia de Sciencias de Lisboa.

Irrisorio seria que humilde critico provinciano, qual nossa flebil pessoa, se arrogasse ares de defensor de tão conspicuas aggremiações; mas nos não soffre o animo deixar passar sem protesto tão inqualificavel attentado.

Quando encommendamos o livreco suppunhamos que conteria commentario explicativo e profundo ácerca do accordo orthographico em boa hora celebrado entre as duas Academias co-irmãs. Imaginem os leitores a indignação que de nós se apossou ao verificarmos que é apenas amontoado de verrinas de pessimo gosto contra as duas nobres instituições em geral, e em especial contra alguns dos seus mais illustres e conceituados membros. Para que possam nossos leitores avaliar da insensatez e da estulticie dos autores do hediondo pamphleto, basta que lhes inculquemos ter elle a pretensão de menoscabar o accordo orthographico e de metter á bulha individualidades do lote de Luis Carlos, Antonio Austregesilo, Julio Dantas, Aloysio de Castro, Adelmar Tavares, Landelino Freire, Claudio de Sousa e outros. Como se a essas individualidades já lhes não coubesse, litterariamente fallando, a classica impollutez da mulher de Cesar!

E não se queda por ahi a infamia.

Assegurou-nos distincto litterato sabaráense, recem-chegado do Rio, que o folheto, verdadeiramente, da lavra não é do sr. Barão d'Ascurra. Saiu dos virulentos calamos de dois ou tres zotes peralvilhos e desoccupados, que, abusando da reconhecida decrepitude daquelle aliás respeitavel titular, o induziram em consentir que o seu honrado nome figurasse na capa do nefando opusculo.

Mas perca a cainçalha as esperanças, que aos seus torvos ladrares serão eternamente mouços todos aquelles que têm sufficiente engenho para comprehender e applaudir a grandeza moral, politica e litteraria do novel accordo. E quanto aos meus confrades da Academia Brasileira, podem elles, convictos do prestigio do seu gremio, applicar-lhe aquillo de Jesus Christo por S. Matheus: *et portae inferi non praevalebunt adversus eam.*

EMERITO BANDEIRA
(Da *Academia Sabaráense*).

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam, senão um exemplar, ao menos a indicação das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Mattos Pimenta, UM GRITO DE ALERTA NO TUMULTO DA REVOLUÇÃO, Ariel, editora ltda. Rio.

Mauricio de Medeiros, RUSSIA, 1 vol. Calvino Filho, editor, Rio.

Homero Pires, ALVARES DE AZEVEDO. Ensaio bio-bibliographico. Rio .

Mario Peixoto, MUNDÉO. Poesias. Rio.

Afranio Peixoto, OS MELHORES SERMÕES DE VIEIRA. Waissman, Reis & Cia. Rio.

Gustavo Barroso, O BRACELETE DE SAPHIRAS. Editora Americana. Rio.

Veiga Miranda, ALVARES DE AZEVEDO. Empr. Graph. da Rev. dos Tribunaes. S. Paulo.

João Ribeiro, FLORESTA DE EXEMPLOS. J. E. de Oliveira & Cia. Rio.

Francisco Venancio Filho, EUCLYDES DA CUNHA. Ensaio bio-bibliographico. Rio.

Silva Bueno, ARTE DE ESCREVER. Empr. Graph. da Rev. dos Tribunaes. S. Paulo.

Pedro Calmon, O CRIME DE ANTONIO VIEIRA. Comp. Melh. de S. Paulo.

Aldo Delfino, TERRAS SEM DONO. Civilização Brasileira Editora. Rio.

Paulo Gustavo, POR AMOR AO MEU AMOR. Borsoi & Cia. Rio.

Tenente Moysés Castello Branco Filho, DEPOIMENTO PARA A HISTORIA DA REVOLUÇÃO DO PIAUHY. Rio.

Guilherme de Almeida, CARTAS A MINHA NOIVA. Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Cleomenes Campos, MEU LIVRO DE AMOR. Poesias. Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Guilherme de Almeida, VOCÊ. Canções. Comp. Editora Nacional.

Leonidio Ribeiro e Murillo Campos, O ESPIRITISMO NO BRASIL. Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Gilberto Amado, ELEIÇÃO E REPRESENTAÇÃO, Rio.

C. Jucá, O CREPUSCULO DE SATANAZ. Contos. J. R. de Oliveira & Cia. Rio.

S. Fróes Abreu, NA TERRA DAS PALMEIRAS. Rio. J. Leite & Cia.

Barão d'Ascurra, NOVA MANEYRA DE FALLAR. Rio.

Mario Vilalva, FAGUNDES VARELLA. Empreza Graphica Editora.

Gondin da Fonseca, POEMAS DA ANGUSTIA ALHEIA. Livraria Quaresma. Rio.

Hildebrando Lima, MARÉS DE AMOR. Contos. Civilização Brasileira Editora.

José Geraldo Vieira, A MULHER QUE FUGIU DE SODOMA. Romance. Schmidt, editor. Rio.

Octavio de Faria, MACHIAVEL E O BRASIL. Schmidt, editor, Rio.

Tristão de Athayde, PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA. 2ª edição. Schmidt, editor. Rio.

Afranio Peixoto, VIAGEM SENTIMENTAL. Waissman, Reis & Cia. Ltda. Rio.

Medeiros e Albuquerque, POR TERRAS ALHEIAS. Waissman, Reis & Cia. Ltda. Rio.

Raul de Azevedo, ROSEIRAL. Waissman, Reis & Cia. Ltda. Rio.

Jorge Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro, LENITA. Coelho Branco Filho. Editor. Rio.

Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO. Empr. Graphica da Rev. dos Tribunaes. S. Paulo.

Rachel de Queiroz, O "QUINZE", romance. Companhia Editora Nacional. S. Paulo.

Monteiro Lobato, O PO' DE PIRLIMPIMPIM. Historia para creanças. Companhia Editora Nacional. S. Paulo.

Francisco Venancio Filho, EDUCAR-SE PARA EDUCAR. Ariel, editora ltda. Rio.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS - CHAPEUS - LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES

FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 2 - NOVEMBRO 1931 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

AS MINHAS OBRAS INEDITAS

—*QUE é que está agora escrevendo? perguntam-me.* — *Coisa alguma* — *é a minha resposta invariavel e verdadeira.*

Escrevo apenas para a imprensa e é sempre desses fragmentos do jornalismo que componho as minhas obras. Emendo, remendo e coordeno notas avulsas e dellas saem as colchas de retalho da minha bibliographia. Assim nasceram as Notas de Estudante, *as* Paginas de Esthetica, *as* Cartas Devolvidas, *as* Curiosidades Verbaes *e a* Floresta de Exemplos.

Não tenho nenhuma obra inconsutil e inteiriça, de uma só idéa, de um só pensamento. Como os versos de certos poetas, podem ser lidas detraz para diante, do meio para o fim, em qualquer direcção.

Comtudo, e é o objecto dessas considerações, compuz algumas obras inéditas e foi uma felicidade que nunca chegassem a ser publicadas.

Eram ellas os meus primeiros livros de versos. Sensações Transformadas *viam a primeira collecção inspirada num aphorismo de Condillac de que as idéas não passam de sensações que se transformam. Desde esse tempo era materialista e sem nenhuma superstição religiosa. Não tinha de edade mais de quinze ou dezeseis annos. A minha irreligião é, pois, instinctiva e espontanea, tão antiga como o meu proprio sêr. Nasci incréo.*

A's Sensações *seguiu-se outra collecção, as* Energias Estheticas *que me envergonhariam hoje se não morressem prudentemente com o seu titulo pedantesco e o seu conteúdo insignificante.*

Fiz outra collecção ainda, os Idyllios Modernos *que, em manuscripto, mereceram gabos e elogios de Sylvio Romero, na* Revista Brasileira, *de 1879 ou 1880.*

Os Idyllios *não foram publicados. Como os outros volumes eram as minhas poesias inéditas. Entre ellas havia um poema emphatico a* Prometheu.

Um humorista inclemente, que conhecera esses versos, sahiu com uma satira intitulada — Prometteu mas não cumpriu.

Amargurei essa vehemencia, mas consolei-me com as compensações de um elogio vindo da Côrte.

Outras obras inéditas compuz em prosa, sempre com a felicidade de nunca chegarem á publicidade.

Uma dellas foi um romance scientifico á maneira de Julio Verne. Que pretensão ridicula! Era a viajem de um sabio atravéz de mares, florestas e montanhas de terras ignotas.

Na minha pobre terra, quasi arida, eu nunca vira uma floresta virgem; o oceano, conhecia-o de outiva e mesmo só avistara ao longe uma serra azul que diziam erguer-se a oitocentos metros: poucas coisas para a minha imaginação.

Ainda escrevi outra obra inédita em condições excepcionaes.

Andava pelo norte uma companhia de artistas de theatro dirigidos pelo actor Couto Rocha. Ao sahir da minha terra, deixou o comico os restos imprestaveis do seu archivo e, nos seus papeis, que cahiram nas mãos de amadores provincianos, ficaram dois actos de um dramalhão, os Salteadores, *do seu repertorio de capa e espada.*

Sendo conhecidas as minhas habilidades e ainda mais a minha audacia, deram-me os dois actos dos Salteadores, *para que eu os desenvolvesse em uma peça que devia ter cinco.*

Não hesitei um instante. Escrevi os tres actos restantes.

Um dos amadores do theatrinho sergipano trouxe para o sul o manuscripto dos Salteadores *e escreveu-me que conseguira represental-o com algum exito em Curityba em 1881, mais ou menos.*

São essas as quatro ou cinco obras inéditas, que inéditas viveram e se perderam ainda em tempo de me não envergonharem. Todas ellas tinham um caracter commum: a emphase, o pedantismo e a inconsciencia do ridiculo.

Hoje, a imprensa, absorvente, mas não funesta, deixa-me a faculdade inegualavel de escolha, joeirar a parte mais corruptivel de minhas producções litterarias, e que é sempre a maior.

Não serei mais inédito.

Desejaria pôr um pouco de elegancia nas linhas que acabo de escrever para o Boletim de Ariel. *Como sempre me succede, só passado tempo, poderia tirar os alinhavos dessa costura.*

Fiel aos meus methodos, não posso agora emendar e remendar como convinha á decencia do publico a minha incapacidade de pintar à la prima.

JOÃO RIBEIRO.

LA DOULOU (ALPHONSE DAUDET)

"O melhor do homem, — assegurava Goethe — reside no fremito, *im schaudern*, e é o que mais difficilmente aos outros se pode transmittir."

Assim termina Benjamin Crémieux um rapido estudo critico sobre as *Cartas* de Catherine Mansfield, traduzidas por Madeleine T. Guéritte e prefaciadas por Gabriel Marcel, essa admiravel correspondencia de uma escriptora admiravel, de que os leitores da *Revue des Deux Mondes* tiveram, ha tempos, as reveladoras primicias.

Este fremito, este effluvio de vida communicativa do qual se acham como impregnadas as missivas da jovem romancista australiana, tão cedo roubada ás letras pela tuberculose, sentimol-o nós — e com que percuciente profundidade de vibração! — no pequeno volume de notas deixadas por Alphonse Daudet, colleccionadas por Ebner, e dadas ao publico sob o pittoresco symbolismo deste titulo: *La Doulou...* a Dôr.

Dir-se-ia que, por um phenomeno de estranha retrospecção, o escriptor envelhecido e tocado de morte, sentindo já baixar sobre elle as primeiras sombras da grande treva final, instinctivamente se voltou para a luz da sua infancia, num piedoso regresso ao idioma do seu torrão, este illuminado e cantante provençal, de que Mistral foi, no mundo, o mais glorioso porta-voz.

Para dizer do tormento desta dôr que ao homem, a lento e lento, cruelmente ia levando a caminho do tumulo, Alphonse Daudet não encontrou senão este nome, o mesmo por certo com que, em creança, á mãe se queixaria das dôres accidentaes de seus travessos primeiros annos: *la doulou*.

Não ha, evidentemente, entre esta pungente confidencia arrancada a uma innominavel tortura physica e as expansões tão cheias de imaginação, de sentimento, de sonho transfigurador de Katherine Mansfield, senão a analogia de um mesmo mal incuravel, embora differente, a ambos exquisitamente exaltando a espontaneidade da expressão litteraria e o identico accento do insondavel desespero.

A novellista da *Garden-Party* finou-se moça, victima de vagarosa enfermidade, não tendo dado ainda, senão talvez na inconsciente obra prima destas cartas, toda a medida do seu talento.

O autor dessas outras cartas, tambem deliciosas: *Les lettres de mon Moulin*, quando a *doulou* lhe cravou no organismo condemnado as garras inexoraveis, já realizára magnificamente a sua obra. Já pelo mundo impava de sorridente sufficiencia o immortal *Tartarin* e atravessava, apressado, as ruas enlameadas de Paris esse extraordinario especimen de dedicação fraternal que é o Jacques do *Petit Chose;* já, espetando no ar o dedo pontificante, *d'Argenton*, do *Jack*, impuzera á galeria dos typos humanos definitivamente estereotypados, o *raté*, com o balofo da sua monstruosa vaidade litteraria e o invejoso azedume da sua falha superioridade; já o amante de *Sapho*, offegante de desejo e de cansaço, subia os degráos da escada symbolica: *"Toute leur vie cette montée d'escalier..."* Daudet já publicara esse impressionante documento psychologico de intoxicação religiosa de que, no drama de *L'Evangeliste*, seguimos angustiados as phases symptomaticas.

Entre os dois livros, portanto, nenhuma semelhança de composição, nem sequer de inspiração, a não ser pertencerem ambos a essa categoria especialissima de litteratura intimista, a este genero interiorizado de creação que tem por *leit-motiv* basico a molestia e, por instrumento quasi unico o maravilhoso teclado da sensibilidade, elevada á sua potencia maxima de ressonancia e de palpitação.

Louis de Robert, annos atraz, num formoso romance, hoje quasi totalmente esquecido, mas que nem assim deixa de ser um dos mais esplendidos expoentes do genero: *Le roman du malade*, e Jeanne Galzy na dolorosa e tão vivida narração de *Les Allongés*, nos iniciaram ás subtilezas impressionistas destas historias de doentes de uma tão alliciante morbideza e de um encanto tão suggestivamente fóra do commum.

Tanto no *Roman du malade* como nos *Allongés*, no entanto, a realidade romanceada encobre a meio, sob a fantasia proposital dos detalhes, muitas das suas faces mais alanceadoras.

A confidencia toma o véu da ficção, tornando-se justamente por isto, quiçá mais bella, porém menos susceptivel do *schauder* preconizado por Goethe.

Em *La Doulou*, pelo contrario, não existe romance. E' o grito da propria dôr. O gemido da carne torturada fibra a fibra, repercutindo em echos soluçantes num espirito de analysta e de dissecador, um anatomista de sensações, que tenta debalde objectivar os seus padecimentos e abrandar o seu mal interessando-se por elle, estudando-o, analysando-o, e, com elle, delle se procurando distrahir, num esforço heroico de inconformavel conformação. Tentativa inutil!

A *doulou* foi mais forte. A *doulou* é sempre a mais forte. Nesse latino enamorado de sol em que o desalento da ironia não conseguira sopitar a paixão desvairada da vida, a descida tarda, progressiva, implacavel para a noite do além, em meio ás agonias de um martyrio quotidiano, teve realmente qualquer cousa de ainda mais tragicamente confrangedor.

— Que faz V. agora?

— Soffro... — respondeu elle, simplesmente, um dia.

La Doulou não passa da annotação febril, anhelante, desesperada deste soffrer.

O soffrimento humano já tem produzido, encarado sob o seu prisma purificante e regenerador, verdadeiros breviarios de energia sobrehumana como nas *Paroles d'un revenant*, onde Jacques d'Arnoux tão esplendidamente nos conta, sublimadas pela fé, as etapas do seu glorioso martyrologio de redivivo da mais atroz das mortes vivas, e, estuantes de confiança na força salvadora da vontade, e tem no *L'Apprentissage de la nuit*, de Georges-Scapini, uma de suas mais altas e consoladoras expressões.

O annotador de *La Doulou*, no entanto, não dispunha para lhe amparar a mão tremula das dôres fulgurantes que lhe atravessavam em sulcos de fogo o corpo suppliciado, a anesthesia compensadora de uma divina esperança. Não era um crente. E é precisamente por isto que mais emocionante se nos affigura a sua dôr. Dôr intelligente, dôr raciocinada, dôr desamparada e sózinha, que lhe acompanhando sem tregua os cruciados momentos, lhe inspirava, entretanto, a resi-

gnada aspiração deste desejo: "*Tout ce que je demande c'est de ne pas descendre là-bas où la pensée n'est plus.*"

Na derrocada physica que, a pouco e pouco, o aniquilava, restava a esse intellectual, a esse artista o que, sempre, antes e acima de tudo prezara: o pensamento. O pensamento, suprema evasão e lenitivo supremo. Se a technica dos romances de Alphonse Daudet: — *Numa Roumestan, Les rois en exil, Soutien de famille, Le Nabab, Rose et Ninette*, etc. — já nos quer parecer agora um tanto antiquada e a concepção do romance moderno exija mais synthese e mais nervo na urdidura de sua trama, se já se nos depara talvez um tanto velha a sua maneira, não se pode todavia dizer que haja envelhecido a sua gloria. As suas personagens, tal aquelle inesquecivel Delobelle, do *Fromont Jeune et Risler Aîné*, exemplar perfeito de cabotinismo theatral, continuam a viver com a inalterada intensidade dos seres marcados ao cunho eterno das creações dos grandes mestres. Sua gloria permanece, portanto, intacta.

La Doulou projecta apenas sobre ella um clarão mais intimo e mais pathetico. Se como o quer, no seu orgulhoso fatalismo de espartana, a Condessa de Noailles, *L'honneur de souffrir* seja em verdade o mais alto galardão conquistado ao destino adverso pelo heroismo do homem, Alphonse Daudet conheceu a fundo esta honra terrivel. Saboreou-lhe, por assim dizer, todo o amargurado horror. Fez mais ainda. Illuminou-a com a ternura do seu genio, fazendo della um livro, um bello, um grande livro, onde todo o segredo da sua coragem de o ter conseguido fazer, se resume, no carinho tão humano desta reflexão: "*Ce n'est rien de souffrir, le tout est d'éviter de faire souffrir ce qu'on aime...*"

Diante da grandeza de certos desprendimentos não é verdade que, ás vezes, a gente se sente quasi reconciliada com a *doulou?...*

Maria Eugenia Celso.

Claude Mc Kay — BANJO. *Traduit de l'américain par Ida Treat et Paul Vaillant-Couturier avec une préface de Georges Friedman. (Les Édit. Rieder). Paris*, 1931.

São raros os romances negros da autoria de escriptores da mesma raça. Depois do *Batouala*, de René Maran, é mesmo esse o primeiro livro do genero que nos cae entre as mãos. O colonial francez, entretanto, estudava os seus irmãos de sangue no proprio meio em que vivem, no caso concreto a Africa Equatorial, ao passo que o poeta americano tral-os, já "civilizados", ao contacto e attricto dos brancos, e brancos de todas as provenienciias, nesse caravansará de linguas e costumes que é o porto de Marselha.

Banjo, como adverte o proprio autor em sub-titulo á edição original americana, é uma "historia sem intriga", mas apezar dessa falta de effabulação e da densidade do volume, é livro que nos traz o espirito constantemente vigilante, levando-o não raro a pausas reflexivas e instantes de deliciosa emoção, tanto é a vida, natural, sentida, *vivida*, que se desprende de todas essas paginas, onde as personagens não pedem licença para se apresentarem, nem ha ponto que lhes sopre o que devem dizer.

Claude Mc Kay é um incorrigivel vagabundo, cujos trinta annos conhecem dias de todos os matizes e sob os mais variados ceus. Se hoje pára nas Antilhas ou em Alabama, amanhã poderá estar na Russia ou em Barcelona, e do mesmo modo que passeia elegantemente vestido nas principaes cidades européas, veste tambem a blusa de marinheiro e salta no primeiro *steamer* encontrado a geito em qualquer porto.

Dahi a segurança e sympathia com que acompanha os passos desse bando de negros, uns das Antilhas, outros da Africa, a maioria americanos do norte, mas todos erradios e deselassificados, que, de uma maneira ou de outra, vieram ter ás costas mediterraneas e ahi se deixaram ficar, presos ás mil seducções de Marselha. Nenhum delles tem occupação definida e se quando de todo lhes escasseiam os recursos, vão até as docas e conseguem algum biscate na estiva, a maior parte do tempo se lhes vae numa imperturbavel ociosidade, de longas sestas á beira do caes, ou infindaveis palestras no fundo de qualquer tasca, esvasiando successivas garrafas de vinho ou insistindo nos copazios de *chopp*, — tudo isso para matar as horas do dia, pois que as noites são pequenas para a farandulagem nos alcouces e a sueiata nos *cabarets*, onde Banjo, arranhando o instrumento que lhe deu essa alcunha, gosta de vêr os seus companheiros dansarem o *charleston* e o *black-bottom*, emquanto elle cantarola *blues* dolentes ou recorda os rythmos barbaros e phrenesiados que faziam as delicias dos seus avós selvagens. Tambem, para Banjo, nada é comparavel áquelles instantes em que se sente alvo de todos os olhares e recebe applausos de toda a gente, — brancos que momentos antes não lhe davam a menor importancia e pouco depois hão de tornar ao desprezo com que sempre o trataram.

Adiante, surge no bando a figura de Ray, um preto culto, já com alguns poemas publicados, e que é sem duvida a projecção do proprio autor nas paginas do romance. Então, entre aquelles vagabundos, ha por vezes conversas mais serias, discussões mais elevadas, em que o recem-chegado é ouvido com attenção e discorre sobre os problemas da raça.

Isso, entretanto, não altera a madraçaria daquella gente, pois que Ray, tambem de espirito inquieto e alma errante, adhere de bom grado á vida incontinente e vária dos seus novos companheiros, eternamente ao flaino entre o *Vieux Port* e a *Joliette*, o immenso caes que os despejou a todos na tumultuaria Marselha.

Por fim, a uns e outros, chega novamente o desejo de tornarem ao convez daquelles navios, de que nunca se afastaram de todo e estão sempre ali, como que a esperal-os. E assim o grupo se desfaz a pouco e pouco. Hoje é Malty quem embarca. Amanhã será Taloufa. Depois ha de vir a vez de Dengel... Até Banjo sente umas cocegas de voltar ao mar alto e conhecer novas terras. Mas qual! Marselha é tão bôa... Depois, em que outro logar elle dedilharia o seu banjo diante de tanto branco embasbacado? Não. Elle não partiria. Era melhor "viver o jazz natural da vida", como elle sempre dizia aos companheiros. E Banjo ficou.

Tal é o romance de Claude Mc Clay, um negro de bocca larga e riso primaveril, que é amigo de Charlie Chaplin e já escreveu alguns lindos versos.

G. C.

LIMA BARRETTO

Ha nove annos, exactamente no dia de hoje, morria Affonso Henriques de Lima Barretto. Dentre os escriptores nascidos aqui no Rio e que amaram e descreveram o Rio, elle e Manoel Antonio de Almeida, o do "Sargento de milicias", foram sem duvida os maiores. Tudo nelle era povo e uma das suas mais expressivas collectaneas, ainda hoje inedita em volume, era consagrada a uma especie de folk-lore dos nossos suburbios e intitulava-se exactamente "Maguas e sonhos do povo".

Passando o fim da vida entre o alcool e o sonho, Lima Barretto, criatura leal e honrada, das que vivem e morrem quasi sem ruido, legou-nos uma obra que é indiscutivelmente a melhor surgida aqui nos dois ultimos decennios. Timido e bom, desinteressado e puro, evitando as escaramuças de pamphletario, máo grado as attitudes que tomou, em dado periodo, contra os jogadores de foot-ball e a intrusão das mulheres no serviço publico, esse adoravel fixador de almas e costumes não era dos que dos sentimentos mais simples fazem solennes tiradas oratorias. Punha paixão nas idéas, mas não offendia, não ultrajava ninguem.

Romancista objectivo, exterior, nem por isso quiz ser um expositor impessoal e frio: via as ruas, a paizagem, mas tambem as physionomias humanas e especialmente os corações. O Rio velho que ia expirar, o Rio dos beccos tortuosos e do Grito da Sogra, dos ultimos bohemios e dos botequins baratos, o Rio em que o nickel de tostão valia ainda alguma coisa, elle o deteve e eternizou em documentos de uma veracidade por assim dizer historica.

"Isaias Caminha" são os bastidores da imprensa em aguas-fortes inapagaveis. "Polycarpo Quaresma" traduz o horror á burocracia e á pequena burguezia suburbana, sendo o facto central o caso de um brasileiro ingenuo e mal orientado em seu nativismo romantico. "Gonzaga de Sá" constitue-se de finos dialogos e de lances de conto philosophico, explicaveis num leitor de Voltaire que, emtanto, permaneceu do seu Brasil e do seu tempo. "Numa e a Nympha" satiriza as canonizações civis e militares em que foi prodiga certa quadra da nossa politica administrativa. "Historias e sonhos": ainda e sempre a piedade pelos pobres e a revolta contra a pacifica digestão dos ricos. "Bruzundangas" marca o declinio do autor e o estylo ahi já se lhe vae enchendo de deformações.

Lima Barretto foi, em summa, um grande romancista, e a esse mestiço morto aos quarenta annos, carapinhento e mal vestido, sem medalhas e titulos academicos, forçoso é que retornem os nossos prosadores quando quizerem fazer o grande romance realmente brasileiro.

A. G.

DR. MELINA LIPINSKA — LES FEMMES ET LE PROGRÈS DES SCIENCES MÉDICALES — *Masson et Cie. Paris.* 1930.

A Senhora M. Lipinska, doutora em Medicina, mostra n'esse livro, uma paciencia e uma capacidade de applicação realmente admiraveis. Atravez da Historia ella procura, desde a mais alta antiguidade, os traços da actividade feminina no dominio da Medicina. As curandeiras, as sacerdotizas de certos cultos, as enfermeiras, as detentoras dos segredos de acção das hervas, os primeiros balbucios de uma arte obscurecida por toda especie de crendices e de abusões, foram minuciosamente estudados. Mas, depois vêm tempos mais esclarecidos. A partir da Renaecença, encontram-se na Italia, na Hespanha, na França, na Allemanha, algumas mulheres que, com proveito e real proficiencia, se dedicaram á pratica da Medicina. Uma ou outra dentre ellas, alçaram-se mesmo ao papel mais importante e cheio de responsabilidades de tratadistas ou auctores de memorias especiaes.

Algumas dentre ellas crearam nomes que perduraram atravez dos tempos. Assim foi Oliva Sabuco na Hespanha (nascida em 1562), que se mostrou perfeita conhecedora de Anatomia e fina psychologa, Loyse Boursier na França, Dorothéa Erxleben na Allemanha e muitas outras.

No seculo XIX, mas sómente nas suas ultimas décadas, as mulheres tiveram o direito de entrar como estudantes nas faculdades de Medicina. Em todos os paizes foi necessario lutar tenazmente até chegarem a essa conquista do feminismo. Antes, a ellas só era permittida a carreira de parteiras. Em alguns paizes foi preciso crear escolas medicas femininas, deante da impossibilidade dos estudos nas faculdades officiaes.

Hoje a situação acha-se inteiramente normalizada. O numero de moças estudantes cresce sensivelmente.

A situação anterior, que tanto tempo perdurou, explica em grande parte o facto innegavel da pequena contribuição feminina ao progresso das sciencias medicas. No livro de Madame Lipinska encontra-se uma longa serie de medicas e doutoras que se distinguiram por sua abnegação e sua dedicação no dominio da pratica. Muito pouco, porém, no campo das pesquizas. Alguns nomes de distincção: Mademoiselle Joteyko, a physiologista bem conhecida, Madame Déjérine-Klumpke, a afamada neurologista, Mademoiselle Stephanowska, e pouco mais.

Agora, porém, que não ha mais entraves para o trabalho scientifico feminino, que as portas dos laboratorios se acham abertas ás mulheres, a situação deveria mudar. Entretanto, em suas ultimas paginas, Madame Lipinska deixa entrever um certo pessimismo. As facilidades vieram destruir o espirito desinteressado que existia a principio. E ella verifica com tristeza: "O amor da sciencia e do soffrimento, que tinha inspirado e guiado as primeiras estudantes de Medicina, attenuou-se no seculo XX. Com a educação egualitaria para os dois sexos, e a concepção da carreira medica, profissão relativamente lucrativa, a jovem estudante passa seus exames o mais cedo possivel, para mais depressa gozar a vida."

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

COLLABORAÇÃO DE ANTONIO TORRES

Antonio Torres, que ha muito não escrevia nos nossos jornaes, vae reapparecer no proximo numero do Boletim de Ariel, *com um trabalho de plena actualidade. O grande polemista d'*As razões da Inconfidencia *será dos nossos collaboradores mais assiduos, enviando-nos de Hamburgo, onde se acha, estudos e notas sobre a litteratura européa contemporanea.*

A actualidade de Julio Cezar

O professor W. Warde Fowler, da Universidade de Oxford, publicou sobre *Julio Cesar e a fundação do Imperio Romano* um excellente livro que Payot acaba de fazer traduzir e que anda ou andou por nossas livrarias.

Este livro é uma das raras publicações interessantes que sobre o mais admiravel dos individuos têm apparecido depois do volume de Mommsen na *Historia de Roma*. Como erudição não é nada. Nenhuma documentação o reforça. Não nos traz revelação nenhuma. Mas o methodo do autor é esplendido. Graças a elle, passamos algumas horas em contacto, por assim dizer mais directo e mais intimo, com aquelle divino sêr humano.

O Sr. Warde Fowler não inventa, desenvolve ou aproveita detalhes. (Para mim o gallicismo é indispensavel). Diz, por exemplo, quando vae descrever ou recordar uma batalha ou uma proeza de Cesar: — o viajante que hoje toma o trem em Paris para a Suissa, ao passar pela estação tal, vê um rio ou descortina um monte. Ahi, onde corre este rio, ali, onde se ergue aquelle monte, Cesar fez isto, fez aquillo. Este lugar, hoje, se chama assim; no tempo de Cesar seu nome era tal.

Para quem ama Cesar e procura comprehendel-o, esse methodo é um estimulo incomparavel. Só se lamenta que o livro seja tão pequeno, não obstante apresentar-se em volume razoavelmente grosso, e que não haja mais Cesar dentro delle.

Shakespeare nunca pensou que suas peças fossem um dia publicadas, consideradas objectos dignos de leitura e muito menos de admiração. Para fazer o seu *Julio Cesar*, pegou Plutarcho, cortou-o em actos, dividiu-o em scenas, ligou tudo, e encheu os espaços com uma cousa que se chama genio.

Bernard Shaw, na sua mania de ultrapassar Shakespeare (*Better than Shakespeare*), pegou não o Plutarcho, mas o Mommsen, vantagem que, como diz elle, não teve Shakespeare, cortou-o em actos, dividiu-o em scenas, ligou tudo, e encheu os espaços com uma cousa que se chama intelligencia. O resultado foi *Cesar e Cleopatra*.

Este professor de Oxford, W. Warde Fowler, de quem falo agora, pegou Plutarcho e Mommsen, cortou-os em episodios e scenas, ligou tudo, e encheu os espaços com uma cousa que se chama bom senso. O resultado foi um bom livro. A conclusão que tiramos da sua leitura é que Cesar continúa cada vez mais vivo. A raridade de typos *humanos* em nossa epoca, como aliás em todas as epocas, com as qualidades de Cesar, nol-o faz resaltar cada vez mais aos olhos.

Christo não tinha ainda vindo dizer á humanidade: — amae-vos uns aos outros. De maneira que Cesar nos apparece,na sua benignidade immensa, como um precursor de Christo, naturalmente do meu Christo, do Christo que tenho na ideia, e não daquelle que faz medo ás creanças no interior dos quartos escuros; não o Christo que se imagina, mas o real, aquelle do Sermão da Montanha, do Perdão da Adultera, das Bodas de Caná, o Christo dos Evangelhos em geral, que queria que a gente vivesse como os lyrios e amasse com alegria.

A bondade de Cesar! A grandeza de Cesar! A luz intima de Cesar! A doçura de Cesar! A piedade de Cesar!

A capacidade de Cesar de inspirar ingratidão e inveja era igual á de Christo. Christo foi trahido por aquelles dos seus discipulos que mais o deviam amar. Cesar foi trahido por aquelles a quem mais havia beneficiado e a quem mais queria.

Quando se abriu o seu testamento (Oh! a scena em Shakespeare!) viu-se que os que mais fundo lhe metteram o punhal eram justamente os seus herdeiros. Não sabiam do testamento. Teria Cesar adivinhado e querido mais uma vez rir da maldade e da tolice humanas? A historia não nos esclarece neste ponto.

* * *

E' interessante que se possa fazer dentro da alma essa approximação entre dois seres que ao vulgo podem parecer tão differentes: Cesar e Christo, — o rei temporal e o rei espiritual, para usar, por commodidade, uma linguagem pedantesca. E' que ambos foram seres humanos por excellencia, isto é, seres divinos.

Ambos sobreviveram na memoria dos homens como nenhuns outros. Ambos são actuaes. Nada se pode organizar materialmente entre as nações sem pensar em Cesar; nada se pode organizar espiritualmente entre os homens sem pensar em Christo.

* * *

Oxford é uma velha universidade de onde vem muita cousa ruim. Desta vez, porém, ella nos mandou este *Julio Cesar e a fundação do Imperio Romano*, do prof. W. Warde Fowler, que é uma bôa cousa.

E' um livro que deve ser lido por todos quantos não saciaram ainda a curiosidade pelo mais humano dos homens, pelo filho de Venus...

GILBERTO AMADO.

THOMAS MANN — SANG RESERVÉ — *Grasset. Paris*, 1931.

Thomaz Mann faz apparecer agora, em traducção franceza, a sua novella *Waelsungenblut*. O livrinho, uma acanhada brochura de pouco mais de cem paginas, deu motivo a algumas criticas que desagradaram profundamente ao notavel escriptor allemão, premio Nobel de 1929.

Em verdade, numa epoca em que tudo se permitte e os mais ousados themas psychologicos são trazidos para o dominio da litteratura, só a xenophobia de um dos seus accusadores enxergaria immoralidade nessa breve historia em que muito ao de leve se descrevem os amores peccaminosos de dois irmãos. Aliás, o thema do incesto está em plena voga e ao mesmo tempo em que era publicado o livro de Thomaz Mann, surgiam dois outros, estes da autoria de escriptores francezes, abordando o mesmo assumpto: *Renaissance*, de Ignace Legrand e *L'Innocent*, de Hériat.

Não conhecemos nenhum desses livros, mas tratando-se de obras muito recentes, estamos certos que os seus autores tiveram outra intrepidez e sentiram-se bem mais á vontade ao traçarem as suas paginas, pois que a novella de Mann já data de vinte e cinco annos passados e, por aquella epoca, não era preciso muito para que se escandalizasse a opinião publica, sobretudo na Allemanha. E' mesmo essa timidez, esse receio de ferir a susceptibilidade dos leitores, o principal defeito que achamos no *Sangue Reservado*, — obra de mocidade a que o proprio escriptor não parece tambem ligar grande importancia, principalmente depois que outros trabalhos, como a *Montanha Magica* e *Tonio Kroeger* lhe vieram dar imperceivel fulgor ao nome.

G. C.

FRANÇOIS MAURIAC — *Blaise Pascal et sa sœur Jacqueline. — Souffrances et bonheur du chrétien.*

O romance está ficando cada vez menos romantico. Entrechos complicados, lances emocionantes, suspiros, luares, olhares assassinos, heróes sem fraquezas e eternas heroinas — isso tudo refugiou-se no cinema. A *petite fleur bleue* esgueirou-se entre o *jazz* e as *girls*. E ainda dizem que os americanos não são sentimentaes!...

O romance rompeu as convenções. E' eschematico: o documento humano, a ficha precisa e secca. Pouca extensão e a maior intensidade.

Nada de grandes telas movimentadas. Estudos, apenas. Estudos crús, crueis ao modelo. Poucos traços, por vezes um pouco *flous*, mas suggestivos e quasi caricaturaes. (Não haverá parallelismo entre a sua evolução e a da pintura?)

Existencias possiveis. A vida de todos os dias. Talvez venha dahi a voga crescente das biographias. A realidade, essa velha romantica impenitente, fornece-nos o absurdo, o imprevisivel, tão caros ao nosso espirito. O extraordinario deslocou-se do exterior para o interior. Mas poucos ousam — ou sabem — descrevel-o.

Os dois ultimos livros de Mauriac podem parecer menos reaes do que alguns dos seus romances.

Não é um legitimo heróe de novella esse sombrio e luminoso Pascal? Negaceia ao appello da Cruz, lança reptos a todos os sabios do seu tempo, querela com os Jesuitas — dominado, entretanto, por Jacqueline, pela extranha Jacqueline, cuja humildade monastica tolda propositalmente a intelligencia — subjugado emfim pela Fé onde se dissolvem os rigores da heresia pela qual se batera. Violento e sensivel, orgulhoso e humilde, mundano e asceta, extremado em tudo, elle parece viver ainda. O scientista e o polemista podem envelhecer, mas o homem está muito perto de nós. As suas lutas, as suas humanas inconsequencias não o deixam morrer.

Sentimol-o tão presente que nos parece ter a sua companhia — este é o terceiro livro escripto sobre elle pelo romancista francez (*) — influido sobre o seu historiador.

Souffrances et bonheur du chrétien é a obra mestra de Mauriac. Paginas de profundeza vertiginosa, de dura probidade moral — e de rara belleza. Mas muitas dellas poderiam ter sido pensadas no seculo XVII. Nitido aqui, imperceptivel acolá, o jansenismo insinua-se nesse verdadeiro romance de uma alma.

Romance que tem direito de ser romantico, porque é real. Romance dramatico, cheio de interesse, imagino eu, mesmo para quem negasse todo o christianismo, razão e causa dessa intima tragedia.

Que importa que Merlin não exista, se elle nos seduz?...

Para quem crê, porém, o livro é alguma cousa além de uma emoção intellectual. Tem reflexos impiedosos; illumina recantos tenebrosos da consciencia. Desta vez, não assistimos á dissecação de um cadaver — mas a uma experiencia dolorosa, cruenta, *in anima nobile* — num lucido e honesto espirito.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

(*) *La rencontre avec Pascal — Blaise Pascal et sa famille.*

NOTA A' MARGEM DO *ULYSSES*

Certa manhã de primavera parisiense, gozando, entre o novo azul e a verdura virginal, a delicia de sentir um ultimo frio do ar no calor do sol, fui-me com o meu grande e caro Graça Aranha a visitar o estatuario Magrou, no seu pavilhão do Val-de-Grâce, onde morou no seculo XVIII a Dubarry (a Dubarry ou outra das favoritas reaes mais celebres).

Entre muitas cousas ali tratámos com o artista dum seu antigo projecto de monumento a Rabelais, do qual conservo ainda photographias. Sentado, placido no seu sorriso robusto de monge da Renascença, o creador de Pantagruel deixa cahir da manga do habito, como duma cornucopia inexgotavel, a multidão de creaturas que o seu genio emittiu. E acompanhando com o gesto o movimento do rio humano, o esculptor murmurava: *"Il en sort... il en sort..."* Foi um momento memoravel.

A leitura do *Ulysses*, do Snr. James Joyce, fez-me pensar naquelle grupo. Este livro cahiu como uma bomba no crepusculo do convencionalismo litterario anglo-saxonio, e, segundo me disseram, nos Estados-Unidos foi chamado aos tribunaes e condemnado.

Tem defeitos reaes, consideraveis. Muita vez longo como um deserto sem agua, muita vez anachronicamente pornographico, muita vez escatologico, nisto se fez ainda mais discutivel que a auto-biographia de Frank Harris, o super-Casanova do mundo inglez, que evitou sempre este ultimo aspecto, e em cujo memorial perpassa constantemente uma grande ternura de quem viveu o amor.

Mas, na columna do activo, que assombrosa opulencia de creação! Que pullulação de vida! Que força! Que movimento! Que evocação da poesia semi-occulta nas cousas visiveis!

E com tudo isso uma segura notação da realidade, uma rica precisão de estylo.

Em verdade os grandes nomes se impõem aqui á memoria. Esta plenitude de imaginação creadora, o riso immenso e o sortilegio da expressão, o indefinivel esoterismo da grande arte, tudo isso aparenta este autor a Shakespeare e a Rabelais.

Porque elle tem tambem as qualidades criticas oppostas. Os implacaveis repertorios da tolice, que enchem *Bouvard et Pecuchet*, as analyses ultra-microscopicas de Meredith e Proust, encontram-se aqui com as syntheses animadas.

Este autor centraliza o mais completo mixto de tendencias litterarias. E' o feiticeiro multiplo, manejando com egual dextreza os elementos extranhos, naquella officina de transformações magicas que é a alma do verdadeiro artista: — visão interior de uma creança a quem fosse dado viver e possuir a sabedoria, e continuar creança.

TRISTÃO DA CUNHA.

Toda obra de arte é obra de sympathia; sem um pouco de amôr nada se pode comprehender e tudo o que se comprehende bem cessa de nos parecer estranho.

André Gide.

CHARLES MAURRAS

(A PROPOSITO DE *LES PLUS BELLES PAGES DE MAURRAS*, PARIS, FLAMMARION, 1931)

Por volta de 1890 installava-se no "Quartier Latin" um rapaz franzino, de physionomia concentrada e olhar vivo, que vinha tentar a carreira das lettras. Chamava-se Charles Maurras e era provençal, mistraliano e regionalista ardoroso. Para triumphar na carreira que o attrahia não lhe faltavam credenciaes: intelligencia lucida e investigadora, disciplinada por serios estudos humanisticos e pela logica escolastica, vontade firme, animo desassombrado. Fundara-se por essa época em Paris a "escola romana", chefiada por Jean Moréas, a qual pretendia traçar novos rumos á poesia franceza. As extravagancias verbaes, já vasias de sentido, do symbolismo, deveriam ser substituidas por um salutar retorno á serenidade dos classicos. As predilecções grego-latinas, ronsardianas e racineanas do joven Maurras levaram-no naturalmente a adherir ao novo credo. Ligou-se tambem a outro devoto do classicismo, Anatole France, de quem mereceu ao publicar o seu primeiro livro, *Le chemin de Paradis*, versos onde entre outras cousas amaveis se dizia:

Ton enfance heureuse a respiré
L'air latin qui a nourri la lim-
[pide pensée...

O livro é de 1895 e marca o inicio do seu combate franco ao romantismo: "Rien ne sera trop chère pour revenir de l'anarchie où nous vivons aux accords et à la Beauté." Essa campanha anti-romantica ia tornar-se mais vehemente e systematica com a ampliação do seu regionalismo em nacionalismo. Para elle, o classicismo é a expressão legitima do espirito francez, não sendo o romantismo senão uma especie de epidemia espiritual, caracterizada sobretudo pelo predominio da imaginação sobre a razão, e trazida de Genebra pelo estrangeiro Rousseau. As *Confissões* tinham sido um foco de infecção para a litteratura, como o *Contracto Social* o havia sido para a politica. "*Romantisme et Révolution ressemblent à des tiges, distinctes en apparence, que sortent de même racine*" repetirá elle com admiravel coherencia, trinta annos após o inicio do combate. O facto é que, para o nacionalista Maurras, romantismo e revolução acarretaram maleficos desdobramentos para a historia politica e litteraria da França.

O anti-romantico deveria ser tambem, forçosamente, anti-democrata. A leitura meditada de Joseph de Maistre, do Renan da *Réforme intellectuelle et morale*, do Taine das *Origines de la France contemporaine*, e sobretudo do *Système de Politique Positive*, de Comte, acabou de accentuar no pensamento de Maurras a convicção anti-democratica. Já em 1896, ao regressar de uma viagem a Athenas, confessava sem rebuços: *Mon ami Barrès s'est etonné que j'eusse rapporté d'Attique une haine aussi vive de la democratie. Si la France moderne ne m'avait persuadé de ce sentiment, je l'aurais reçu de l'Athènes antique. La brève destinée de ce qu'on appelle la démocratie dans l'antiquité m'a fait sentir que le propre de ce régime n'est que de consommer ce que les periodes d'aristocratie ont produit.*

Entretanto, a questão Dreyfus, terremoto que subverteu no fim do seculo passado o solo moral e politico da França, dividindo-lhe os filhos em duas hostes inimigas, fel-o ingressar definitivamente nas fileiras do nacionalismo. E a cadeia da sua ideologia politica estava quasi completa. Faltava-lhe apenas o ultimo elo — o monarchismo.

Sedan continuava a ser um pesadelo para os patriotas francezes, que viam aterrorizados a possibilidade de um desastre maior. E que fazia o governo ante esse imminente perigo contra a segurança da patria? Permittia a revisão do processo Dreyfus... Nunca se vira, no antigo regimen, exemplo de semelhante longanimidade. Sob os Capetos, a integridade do solo e da honra da nação constituiam preoccupação suprema. Logo, a monarchia tinha sobre a republica essa enorme superioridade. O já anti-democrata Maurras reviu então, minuciosamente, a esplendente historia da França capeteana. D'ahi nasceu a convicção realista com que lançou pela *Gazette de France*, em 1900, a *Enquête sur la monarchie*. Consistia ella na seguinte pergunta, dirigida a varias pessoas de reconhecida autoridade na politica e nas lettras: *Oui ou non, l'institution d'une Monarchie traditionnelle, héréditaire, antiparlementaire et decentralisée est-elle de salut publique en France?* As respostas, favoraveis ou não, foram commentadas no mesmo jornal, as objecções

ÉCOLE BUISSONNIÈRE...

Lembrou-me, agora mesmo, o director de Ariel, *que lhe não mandei ainda algumas linhas para o segundo numero da sua revista.*

Exige, pelo telephone, que não falte ao compromisso de estar presente a todas as reuniões. A companhia é tão bôa e tão distincta, Ariel *é tão lindo que, afinal, por não ter nada a dizer nem por isso deixo de acudir á lembrança de Gastão Cruls.*

Será que nestes ultimos dias não me cahiu debaixo dos olhos um só livro interessante? Não. Ha diversos, já lidos, na minha mesa de trabalho. Mas não tive tempo de resumir nenhum... O radio *não deixou. Não deixou, porque as ondas curtas, de que andei afastado algum tempo, na ultima quinzena levaram-me a viajar commodamente pelo mundo civilizado:*

— *"Allô! Attention! Ici Moscou! Vous allez entendre* La Mer, *de Stravinski..."*

Ou então:

— *"Les ouvriers soviétiques travaillent six heures par jour..."*

— *"L'armée rouge est l'instrument du prolétariat pour le défendre contre les états capitalistes..." E assim por diante.*

A Inglaterra, a França, a Allemanha, os Estados Unidos — chamando diariamente os cidadãos do Mundo para ouvir musica...

École buissonnière — *por causa do radio.*

ROQUETTE PINTO.

respondidas, todos os pontos duvidosos meticulosamente explanados.

A doutrina politica que resultou desse debate era tão completa, formava em todos os seus aspectos um conjuncto tão harmonico e logico, que veio, afinal, a servir de base á formação de um partido. Nacionalistas e realistas, até então desaggregados e desorientados, encontraram na ideologia maurraseana um seguro programma de acção. O "nacionalismo integral" foi angariando adeptos em todas as camadas, principalmente nas profissões intellectuaes. Em 1908, quando a *Action Française*, seu orgão de publicidade depois da *Gazette de France*, passou a sair diariamente, já Maurras tinha a seu lado, identificados no mesmo ideal, Léon e Robert de Montesquiou, o Marquez de Roux, Jacques Bainville, Louis Dimier, Léon Daudet...

Impossivel seria resumir a existencia desse punhado de batalhadores neste ultimo quarto de seculo. Lutas de todo genero com adversarios de todas as procedencias, com os governos republicanos, com a alta finança judaica, com o marxismo avassalante, com o *meteguismo* universitario e até com o Vaticano. Em todas essas batalhas o antigo adepto de Moréas, o discipulo de Anatole, o eterno enamorado da penetrante poesia da terra de Mireille, foi sempre, como homem de acção, igual ao doutrinador: inflexivel e sereno.

A parte militante da obra de Maurras talvez não passe de um grande esforço inutil para realizar um sonho já hoje irrealizavel; mas o seu lado doutrinario representa, pelo vigor da sua logica e pela belleza da expressão litteraria, uma das mais fortes creações do genio latino.

SAUL BORGES CARNEIRO.

I. L. KAUDEL — ESSAYS IN COMPARATIVE EDUCATION — *Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University* (New York City), 1930.

I. L. Kaudel, professor de Educação comparada na Universidade de Columbia, em Nova York, é, neste momento, uma das maiores autoridades em lingua ingleza, em assumptos de educação. Conhecendo de visu, por estudos acurados, a organização educativa dos principaes paizes da Europa e da America, sua palavra tem um prestigio singular na apreciação e nas criticas dos varios systemas de educação, vigentes no mundo occidental. Seus ensaios de educação comparada, ora publicados, dão a medida de sua cultura e a importancia desta nova philosophia educacional. Após a guerra, pela necessidade premente de reconstrucção, de uma maneira ou de outra, todos os povos cultos emprehederam reformas mais ou menos profundas nos seus systemas de educação. Todos elles, ante a destruição material violenta, soffrida ou presenciada, e ante as novas tendencias de acção e de cultura impostas por toda parte, tiveram de procurar preparar-se para um futuro ajustamento á ordem de coisas surgida depois da guerra. E' este movimento renovador na legislação, mas tambem no espirito dos povos actuaes que I. L. Kaudel busca, com uma independencia critica e uma tranquillidade de julgamento saxoneo, patentear no seu grande livro. Como sua cultura é das mais profundas no genero e suas observações radicam-se no desenvolvimento progressivo da educação, atravéz a historia moderna, seus ensaios tornam-se um dos mais valiosos repositorios de informações e um dos mais uteis orientadores de organização educativa. Sobretudo porque se a civilização contemporanea é o mais eloquente modelo da interdependencia dos povos entre si, em nenhuma manifestação essa interdependencia é maior do que na solução dos problemas de educação. A multiplicação e o incremento das democracias e a premencia dos problemas economico-sociaes no mundo inteiro deram uma certa unidade de pontos de vista e uma determinada analogia de propositos que obrigaram os paizes mais distantes e mais distinctos, não só a se solidarizarem num instincto natural de defesa, mas a se entreajudarem na organização educativa de suas *élites* e de suas massas. Por toda parte o mesmo sopro de construcção, com as mesmas caracteristicas scientificas e as mesmas finalidades pragmaticas. Os novos problemas economicos, sociaes e moraes, criados pelo após-guerra, impuzeram uma nova preparação para os povos. A educação já profundamente modificada em sua tendencia formal e nos seus intuitos culturaes, pelo advento da era industrial, neste quartel de seculo, teve de soffrer uma reforma completa. As nações viram claro. Diante da depressão de suas forças criadoras pelo esforço prodigioso durante a guerra e das aspirações crescentes das massas para reconquista de um lugar ao sol, era mistér a formação de um povo, no qual todas as tendencias, todas as possibilidades, todos os valores fossem dirigidos e aproveitados em beneficio individual e social. A educação, principalmente a educação post-primaria, ao invéz de selectiva tornou-se universal, no sentido de ser ministrada em todos os sentidos e a todos.

A parte os Estados Unidos, cujo movimento renovador data dos fins da primeira decada deste seculo, foi a Inglaterra a iniciadora da actividade reformadora no mundo moderno. Em quatro capitulos magistraes *"The administration of Education"*, *"The making of citizens"*, *"Education of the adolescent"* e *"Education and character formation"*, I. L. Kaudel traça um apanhado flagrante da formidavel e salutar revolução educativa ingleza destes ultimos dez annos.

A obra allemã, posterior á Constituição de 1919, a tendencia franceza e italiana, posteriores a Berard e a Mussolini, o esforço do Mexico, tudo isto *Essays in Comparative Education* estuda e commenta, com intelligencia admiravel. Entre os capitulos magnificos deste livro deve ter, porém, para nós, sul-americanos e brasileiros, um sabor especial, embora um tanto acre, por vêzes, o seu juizo sobre a educação neste lado do continente. Depois de haver mostrado como a opinião publica ainda não havia despertado para o problema da educação, antes uma preoccupação burocratica e administrativa em nossos paizes, Kaudel assignala o caracter excessivamente livresco e artificial do nosso systema de educação, sobretudo secundaria.

Fazendo justiça aos esforços destacados de alguns reformadores e de alguns criticos de educação, no Brasil, no Uruguai, na Argentina, no Chile, elle, embora quasi sempre indirecta e veladamente, indica as directrizes mais seguras para a marcha desses paizes, guiados, aliás, por alguns notaveis pensadores nacionaes, até hoje em nada ouvidos nas suas proprias patrias.

A. CARNEIRO LEÃO.

LETTRAS FRANCEZAS

— Paul Hazard, que esteve ha tempos aqui no Brasil, estampa um volume sobre dom Quixote e Cervantes, estudo e analyse de fina critica. Sem reincidir nas interpretações de Boutewerk e Sismondi, que viam no grande livro dos hespanhóes uma boa porção de allegorias metaphysicas, Hazard, professor francez que evita o mais possivel o symbolo e o mysterio, prefere enxergar em Cervantes um Mestre do Riso, um bemfeitor da humanidade através das aventuras do seu heróe e o verdadeiro iniciador do romance picaresco, que os naturalistas aproveitaram e está agora querendo reentrar em scena, graças ás composições, nem sempre felizes, dos escriptores populistas. Já tendo estudado Stendhal e Lamartine, Hazard explica subtilmente o conteúdo da obra incomparavel que foi o consolo de Saint-Evremond quando exilado na côrte de Inglaterra, e influiu em Marivaux e em Bernardin de Saint-Pierre, que, apesar das suas notas idyllicas, ria a bom rir sempre que se recreava com as proezas do Cavalleiro da Triste Figura.

— Depois de ter publicado em volume as reminiscencias do "Sot du tremplin", Lugné-Poe continúa a remexer nas suas memorias de organizador de theatros em que, no periodo heroico do symbolismo, eram representadas as peças dos dramaturgos de vanguarda. Lugné-Poe andou aqui pelo Rio mais de uma vez, trazendo-nos, como empresario ou mestre de scena, Eleonora Duse e Suzanne Després. Bem mais geitoso, em suas relações com a imprensa e o publico, do que o aspero Antoine, não levou entre nós as ferozes descomponendas provocadas pelo outro e não foi, como o criador do Theatro Livre, um inspirador de iracundas polemicas em que figurassem o ventrudo Arthur Azevedo e o desenvolto padre José Severiano de Rezende.

— Volta a desfrutar de certa actualidade a obra philosophica de Maine de Biran, de quem se está divulgando o diario intimo. Delicado, sensivel, nervoso, Biran foi um pensador de extrema vibratilidade, sendo um desses escorchados moraes que bem traduzem o espirito romantico da França dos primeiros decennios. Amigo da solidão, das meditações solitarias, era o reflexivo por excellencia. Algo mystico, seu criterio de psychologo veiu, directa ou indirectamente, a repercutir na maneira introspectiva de Marcel Proust, que é, sem duvida, um dos seus devedores intellectuaes. Mais vulneravel talvez que o proprio Amiel, Biran nunca se conformou com os encargos de uma cathedra de philosophia e até mesmo os brandos contactos de um salão mundano maguavam esse abstractor de quintessencia, capaz de, como Proust, mandar forrar de cortiça o quarto em que se isolava dos rudes encontrões da turba. Desejariamos que o diario intimo desse admiravel philosopho encontrasse algumas duzias de leitores no Brasil, especialmente porque um dos filhos ou netos de Maine de Biran andou pela nossa terra e, segundo estamos informados, foi intimo de um dos nossos homens de letras, o poeta paranaense Dias da Rocha Filho.

— Não cessará tão cedo a publicação da série "Mes cahiers" de Maurice Barrès. Os herdeiros do grande prosador persistem em revolver-lhe os manuscriptos ineditos e dahi vão desentranhando as paginas, completas ou incompletas, bem estylizadas ou simplesmente garatujadas, em que o ardoroso loreno registava, como que em impressões sismographicas, os tremores mais fugitivos de uma alma sempre inquieta. Sabe-se que Barrès, após haver combatido o espirito de tradição regional, clamando que a poeira dos mortos só serve para intoxicar os vivos, veiu a tornar-se o apostolo fremente e irritadiço do nacionalismo francez. Gritava aos seus patricios que não esquecessem nunca os bastiões de Leste e achava não existir inconveniente algum em que o Rheno passasse a ser apenas um rio francez. Extremamente goetheano, apesar da sua germanophobia, mais amigo do Occidente que do Oriente, embora escrevesse sobre os jardins do Oronte, esse prestigioso evocador de imagens foi sempre um parlamentar de estylo impeccavel, fazendo, como Disraeli e Lassalle, uma especie de politica em musica. Queria que em tudo houvesse rythmo. Primeiro investiu de rijo contra Clemenceau, dando-o como um subornado pelos banqueiros da questão do Panamá, e depois, quando o Tigre salvou a França, inclinou-se deante do lutador de ferrea manopla, dando-o como uma das honras do genero humano. Em summa, nos bons e nos máos dias, errando ou acertando, Barrès só obedeceu a um nobre imperativo categorico: amar a França, servir a França...

— Sem pretender as glorias e as pompas da politica, René Schwob consagra-se todo ao exame dos problemas moraes do tempo, especialmente no que concerne á actuação dos factores religiosos neste periodo de incerteza e tumulto. Não sabemos se é elle parente daquelle Marcel Schwob que Anatole France e Léon Daudet tanto amaram e, com o seu nariz e os seus beiços de judeu, foi um artista e um erudito encantadores, representando elle sózinho um riquissimo armazem de documentos litterarios e fascinando os auditorios mais rebeldes sempre que lhes dizia, no original, versos de Dante, Shakespeare ou Heinrich Heine. Aparentado ou não com o autor do "Spicilège", René mostra-se preoccupado com os detalhes de influencia ethnica e, pertencendo confessamente ao povo de Israel, faz, por assim dizer, da influencia atavica o elemento nuclear dos seus livros. Examinando o que elle chama as profundezas da Hespanha e o conflicto do hellenismo com o judaismo, ou falando do "eu" semita, é elle sempre instantemente solicitado pelo clamor do sangue e acima de tudo sente o que ha de atormentador e tragico nesta simples palavra: raça.

PEDRO II E PASTEUR

No numero de Setembro da *Revue de l'Amerique Latine*, o Sr. Georges Readers, escriptor francez que já esteve entre nós, inicia a publicação das cartas trocadas, a partir de 1880, entre D. Pedro II e Pasteur, sendo que as deste ultimo se mantinham até hoje ineditas, nos archivos do Castello d'Eu.

Essa correspondencia, que é bastante attrahente, pois não só evidencia o grande interesse com que o nosso imperador acompanhava as ultimas acquisições da sciencia, como ainda se preoccupava com a solução dos mais graves problemas nacionaes, visava sobretudo o desejo em que estava D. Pedro de vêr o grande sabio francez dedicar-se ao estudo da febre amarella, que então grassava desapiedadamente entre nós, para o que o convidara a fazer uma viajem ao Brasil. Infelizmente, Pasteur, preso ás suas pesquisas, não poude acceder ao honroso convite, embora continuasse a se carteiar, e da maneira a mais amistosa, com o soberano de alem-mar.

ALBERT SAMAIN

Em dia do mez passado, deve ter sido inaugurado em Lille, sua cidade natal, um monumento a Alberto Samain.

A gloria do autor do *Chariot d'Or* e do *Jardin de l'Infante* tem empallidecido bastante nestes ultimos tempos e certamente os seus livros já não alcançam aquella procura que o fazia um dos poetas mais lidos até poucos annos atraz.

Com o seu temperamento meditativo e frio, espirito reservado e methodico, não foi sem grande custo que Albert Samain se impoz aos meios intellectuaes parisienses, onde sempre viveu com a timidez de um provinciano, e agora mesmo discute-se quem o teria lançado á consideração dos seus pares, fazendo-lhe imprimir os primeiros versos. Querem uns que essa distincção houvesse cabido a François Coppée, outros a Léon Riotor, então conselheiro municipal de Paris. Mas Maurice Donnay, nos seus *Souvenirs du Chat Noir*, já nos dá uma outra versão sobre o mesmo assumpto. Para elle, Samain tornou-se conhecido graças ao pintor Rodolpho Salis, fundador do *cabaret* daquelle nome, e onde o poeta bisonho, ao lado de Jean Richepin, Haraucourt e outros, teve ensejo de recitar (sabe Deus com que sacrificio!) os seus versos até então ineditos. Pouco depois, esses mesmos versos começavam a ser publicados pelo semanario *Chat Noir*, orgão dos "Hirsutos" e "Hydropathas", dois grupos de vanguardistas do Quarteirão Latino.

Albert Samain costumava dizer que a sua vida não tinha historia e se não fossem certas notas e reflexões encontradas entre os seus papeis e algumas cartas a um reduzido numero de amigos, ter-se-ia grande difficuldade de reconstituir hoje a vida modesta e descolorida desse poeta, que, como diz Léon Bocquet, seu biographo, se não foi um verdadeiro creador, nem trouxe nada de novo á forma ou ao rythmo do verso francez, deixou-nos, comtudo, alguns poemas e sonetos admiravelmente cinzelados, e que hão de ser sempre lidos com emoção.

G. C.

A resignação é a coragem dos irresolutos.

Frank Harris.

MAHATMA GANDHI

(A proposito do livro *Vie de M.-K. Gandhi écrite par lui-même*. Traduc. de Georgette Camille. Les Editions Rieder. Paris, 1931).

Após meio seculo de alternativas e duvidas, Mahatma Gandhi começou a vencer. Ha cincoenta annos, quando a ideia da independencia da India lhe brotou no espirito, ella parecia chimerica.

Tangida por esse orador inimigo de palavras, santo sem milagres, politico sem ardil, a raça, opprimida e aniquillada, despertou do seu lethargo millenario. Foi lento, porém, o despertar. Mahatma Gandhi, desajudado de todos, luctou contra todos e contra elle proprio. Dominando-se a si mesmo, conseguia dominar os outros. Foi crestado por todas as injustiças, fustigado por todos os ultrajes, mas no seu peito mirrado não houve logar para o odio.

Na Colonia do Cabo os inglezes esbofetearam-no, apedrejaram-no, arrastaram-no pelas ruas como um mulambo humano.

Depois veio a guerra dos Boers e Gandhi offereceu-se, não para pegar em armas (elle é inimigo da violencia), mas para pensar as feridas dos seus algozes. Estes, avessos a elogios, louvaram-no pela bravura com que se portou ao receber o baptismo da metralha.

Tendo conhecido bem de perto os horrores occasionados pelos preconceitos raciaes, combate-os. Os seus compatriotas não o comprehendem: insultam-no, apedrejam-no. Egualam, senão superam, a fria crueldade dos inglezes. Gandhi mantem a mesma attitude invariavel: perdoar.

Cicatrizadas as feridas, a lucta renova-se.

Apanhando um pouco de agua marinha nas mãos descarnadas e fiando, no tear, a estamenha singela com que se veste, elle aniquilla o commercio inglez. E' encarcerado. Solto, a sua vida é posta a preço. Nessa phase da sua existencia elle fascinara trezentos milhões de homens dedicados. Conta adeptos, mesmo entre inglezes. A sua secretaria é uma jovem ingleza, intelligente e formosa, loucamente apaixonada... pela causa. Ahi Mahatma já era invencivel. Passou a ser temido, embora nunca tivesse ameaçado ou punido.

Quando alguem não apprehende a sua interpretação subtil dos livros sagrados, é elle que se castiga, jejuando dias a fio.

Alimenta-se de legumes insossos, fructas crúas e bebe leite de cabra. Religioso sem fanatismo, nivela todas as castas.

Podendo ser rico, permanece pobre; conhecendo mulheres seductoras, conserva-se casto.

Corpo delgado, cabeça lisa. Debaixo dos supercilios invisiveis dois olhos pequenos e myopes, escondidos detraz de oculos espessos. Quando ri, os labios sem commissura descerram-se para mostrar uma bocca vasia. E para augmentar o horror dos que o contemplam, duas orelhas enormes abanam como se puxadas por um cordel. Simio ou homem? Mixto de ambos. Onde reside pois a fascinação desse sêr enygmatico e incomprehensivel, retardatario neste seculo de prazer? — Na sua belleza interior.

Póde-se negar ao hindú curiosidade intellectual, cultura litteraria, sensibilidade artistica, mas o que se lhe não póde negar é a sua perfeição moral. A acção que desenvolveu é sem duvida original. Atacou sempre os seus inimigos a peito descoberto, e sem armas. Os seus adversarios sabiam dos seus planos, advertidos por elle proprio. A astucia é o disfarce da mentira e Gandhi não sabe mentir. O seu unico prazer, — e este enorme, resume todos os outros, porque não tem travo de remorso: a volupia da renuncia.

MANLIO GIUDICE.

MONTEIRO LOBATO — FERRO — *Comp. Editora Nacional. São Paulo.*

O Snr. Monteiro Lobato padece no Brasil de ser autor de um livro celebre. E que teve o toque de Ruy Barbosa para augmentar-lhe a celebridade. Dahi por deante quasi não é mais lido. Não raro se ouve que Lobato só fez *Urupês*. E no entanto alguns contos do *Macaco que se fez homem* não têm talvez similar no volume celebre. O imprevisto das comparações, o inopinado dos desfechos, a graça, a vivacidade, o sentido do grotesco, os flagrantes miudinhos da vida brasileira, tudo se encontra nos seus entrechos, onde a nota crua e impiedosa muitas vezes aperta o coração, como naquelle crudelissimo *Negrinha*. Começou pelas questões sociaes; passou á ficção e a ellas volta de novo. O seu grito, pelo saneamento, no *Problema vital* corresponde áquella nota expressiva da 2ª edição do *Urupês*: "Não sabia que eras assim, meu Tatú, por causa de doença. Perdôa, manparreiro de marca." Fez-se parallelamente autor para creanças. E é hoje dos mais lidos e preferidos destes admiraveis leitores.

Agora surge, em volume, a collectanea dos seus artigos n'*O Estado de S. Paulo*, sobre o *Ferro*.

Passando algum tempo nos Estados Unidos, estudou a fundo o novo processo da metallurgia do ferro, do technico da empreza Ford, Smith, que vem resolver o nosso velho e debatido problema.

Dizia o saudoso Vicente Licinio que o Brasil se salvaria pelo ferro. Na eternidade dos debates, desde os que querem a exportação do minereo, aos que propugnam a electrometallurgia, ha variadas soluções, em que a acção entra muito pouco...

O novo processo Smith, permittindo o aproveitamento de qualquer combustivel, dispensando o coke metallurgico, é a redempção economica do Brasil.

A technica do processo é descripta com um pittoresco inimitavel. E as consequencias da transformação que poderá trazer á nossa crise permanente, resolvendo, pela riqueza, todas as difficuldades, elle as aponta com aquelle chiste que vae até a cauda do livro...

Não ha quem, percorridas as sua paginas vigorosas, não sinta um formigar de enthusiasmo e de esperança, e por entre os fumos das usinas futuras não entre-sonhe um Brasil mais humano e mais prospero. Que melhor destino para um livro?

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

SALOME'

Até que emfim a censura ingleza permittiu seja levado á scena o drama biblico de Oscar Wilde. Pelo menos, é essa a noticia que nos trazem recentes telegrammas de Londres.

Ha toda uma historia, pontilhada de incidentes curiosos e duvidas ainda por dissipar, em torno desse drama, que hoje corre mundo, atravez a musica de Strauss. Wilde escreveu-o em francez, por volta de 1891 ou 92, durante uma das suas estadas em Paris, e era seu desejo que a peça fosse creada por Sarah Bernhardt. Na verdade, a grande actriz interessou-se pela producção do poeta, que tão bem a recebera em Londres, durante uma das suas tournées, e, em 1893, ao tempo de uma nova temporada na capital ingleza, o seu elenco dedicou-se com afinco, pelo espaço de tres semanas, aos ensaios da peça de Wilde. Foi ahi que a censura interveio, prohibindo-lhe a representação, sob o motivo de que o drama não respeitava o texto das Escripturas.

Mais tarde, depois do processo e já sentenciado, Wilde mandou que o seu amigo Sherard procurasse novamente Sarah, afim de vêr se ella ainda se interessava pela sua peça e desejava comprar-lhe os direitos de representação. A artista, entretanto, esquivou-se a qualquer negociação sobre o mesmo assumpto, embora não désse razões bem plausiveis da sua attitude, o que magoou profundamente o encarcerado de Reading.

Finalmente, em 1896, Salomé conheceu a luz da ribalta e teve a consagração de Paris, levada á scena pelo theatro de l'Œuvre. Lugné-Poe, seu director, tomou a si o papel de Herodes, emquanto Suzanne Després, que então ainda não se chamava assim, encarnou o pagem. Não sabemos, porém, a quem coube dansar a "dansa dos sete veus", no perturbante papel de Salomé, de que aqui, ha quasi vinte annos, no Theatro S. Pedro, foi magnifica interprete a italiana Lyda Borelli, essa mesma Borelli que tambem brilhou na tela cinematographica, para mais tarde eclipsar-se de todo. Está claro que só nos referimos ao drama, pois que da opera guardámos a inapagavel imagem de Geneviève Vix.

Como assignalavamos mais acima, Wilde dizia haver escripto a sua peça directamente em francez. Apenas esse trabalho teria sido revisto por alguns escriptores francezes, dos seus amigos, entre os quaes se apontam Gide, Pierre Louys, Retté, Schwob e outros. Alfredo Douglas, entretanto, sob o nome de quem appareceu a versão ingleza de Salomé, adiantou que Wilde tinha um original na mesma lingua e que o trabalho delle, Douglas, soffreu correcções do proprio autor, que preferiu conservar algumas phrases e expressões suas. Foi essa traducção ingleza que teve a consagral-a os deliciosos desenhos de Aubrey Bearsdley, — desenhos que Wilde, parodiando Baudelaire, costumava chamar de "Flores do Peccado".

G. C.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

SALÃO LUCIO COSTA

Com a revolução que botou Lucio Costa na Escola de Bellas Artes, o Salão 38 avançou cincoenta annos em artes plasticas.

Foi um salão de verdade — o unico realizado no Brasil sem proteccionismo. Até mesmo os expoentes das diversas correntes expuzeram por amor á Arte. Não houve, como nos annos anteriores recompensas de especie alguma — nem o dinheiro que o governo costumava offerecer e nem as medalhas, premio que só se distribue em corridas de bicycleta.

Se o governo, como medida de economia, não tivesse cortado a verba, talvez a corrente habituada a papar os premios de todos os annos estivesse mais concorrida, porque a esperança é a ultima coisa que o homem perde, quanto mais se tratando do viciozinho de receber premios...

Comtudo o Salão alcançou o dobro em quantidade. Na inauguração não houve nem banda de musica da Policia Militar nem pessoal "chic" do suburbio, coisas tradicionaes das velhas exposições na Escola de Bellas Artes. Appareceu muita gente — caras novas, commentando Picasso, Rousseau, Derain, Giotto, Piero della Francesca, etc.

Os proprios empregados da Escola estavam satisfeitos — assistiram a um espectaculo inédito — o programma era outro e variado.

Antes só havia uma exposição que foi repetida trinta e sete vezes — sempre a mesma xaropada, os mesmos quadros, as mesmas molduras e é claro os mesmissimos pintores...

As pessôas que gostavam de vêr quadros, todos os annos eram logradas — subiam as escadarias da Escola, pagavam a entrada, crentes de que iriam vêr novidades, mas sahiam com cara de quem já viu a fita.

Os salões anteriores eram organizados pelo Conselho de Bellas Artes, extincto por incapacidade pelo governo provisorio.

A maioria dos pintores affirma que foi este o acto mais acertado da revolução. Talvez digam isto, porque o governo não dissolveu ainda a Congregação da Escola. No fundo, Conselho e Congregação são a mesma coisa — os actores são quasi os mesmos, o scenario é o mesmo, apenas o *metteur-en-scène* muda de posto e a taboleta vira, de accordo com a *troupe* que vae trabalhar. Os senhores do Conselho eram os proprietarios das artes plasticas no Brasil. — Quem não pintasse pela sua formulazinha ou não desfrutasse das suãs boas graças, não era admittido nas exposições. Os que tinham formulazinha e bôas graças eram mimoseados com medalhas e bombons. As recompensas maiores ficavam para depois, para mais tarde, quando voltassem da Europa, bem comportados, pintando como partiram daqui. Do contrario, eram excommungados por traição, apontados como nocivos aos rapazes que começavam. Uns herejes que negavam o seu Deus, o Deus Conselho Superior de Bellas Artes.

Todas essas cousas aconteceram áquelles que descobriram que o Deus estava sentado numa cadeira do tempo de Dona Domitila, e que as suas barbas eram de bode — espantalho para tapear creanças medrosas.

Veio Lucio Costa que arrancou em praça publica as barbas de bode do Deus Conselho, mandou a cadeira de Dona Domitila para o Museu Historico e deu de graça ao Brasil o Salão. Foi grande o contentamento. Todo mundo expoz. Compareceram todas as escolas, desde as mais enferrujadas até as mais novas. Veio gente de todos os estados.

O estrangeiro que desejasse se informar das artes plasticas do Brasil, podia fazel-o pelo Salão 38, ou, melhor, pelo Salão Lucio Costa.

PORTINARI.

Dois livros de André Maurois

Falando sobre a litteratura de depois da guerra, observou com razão Fernand Baldensperger numa das conferencias que fez recentemente entre nós, que André Maurois começava a escrever demais, não havendo mais assumpto que não abordasse.

Não falta naturalmente quem vá aos extremos de accusações de decadencia total, de servilidade ao publico e até mesmo de dependencia economica para com nações generosas. Assim, um *Byron* teria ido procurar na Inglaterra e nos Estados Unidos o successo material que o *Ariel* e o *Disraeli* tinham preparado. Assim, um *Lyautey*, panegyrico de um marechal de França ainda vivo, a quem Jean Guérin quereria que Maurois "concedesse o beneficio de um unico defeito". Assim, um conto *à la* Edgar Poe. Assim...

E formou-se em breve contra Maurois a má vontade que em geral acompanha os autores que o grande publico consagra. Temeu-se o successo *à la* Ludwig desse Maurois que tambem se traduzia em varias linguas. Criticos pouco seguros começaram a prestar attenção demais ao desdem dos destruidores systematicos. E os intellectuaes pensaram que era de bom gosto, fino, litterariamente *raffiné*, desprezar o homem que, se não encontrasse André Gide a lhe barrar o caminho (ainda que visando outro ponto de chegada), marcharia firme no sentido de occupar o "throno" vago e já enferrujado de Anatole France.

Por maior que seja o exaggero desses homens que têm medo de possiveis logros litterarios, convém não esquecer que Maurois comprometteu os seus melhores titulos com um *Disraeli* por demais polido, com um volumoso e exaustivo *Byron* e agora sobretudo com a desigualdade de valor dos seus ultimos quatro livros publicados em alguns mezes — um conto: *Le Peseur d'Ames*, um estudo sobre Tourguenief, outro sobre Lyautey e agora, num genero novo e bem mais serio, os *Fragments d'un Journal*, obra de philosopho relativista, que dedicou a Thibaudet, chamando-a: "progressivo eschema de uma doutrina cujo primeiro artigo é não ter nenhuma".

Occupar-nos-emos aqui do conto e do estudo sobre Tourguenief que é o que conhecemos desses quatro volumes publicados com a sofreguidão de quem pensa que o mundo não dura muito ou que é o unico autor do mundo a ser lido.

* * *

Le Peseur d'Ames fala contra Maurois. *Tourguenief* a favor. E esse ultimo depoimento é mais forte, mais importante — talvez para compensar os provaveis desenganos do *Lyautey* e do ensaio relativista, no qual não tenho grande confiança.

Le Peseur d'Ames é um longo conto, innegavelmente de interesse, mas sem outro valor do que prender a attenção durante algum tempo. Mesmo assim não se encontra aqui a virtuosidade que se poderia esperar de Maurois "conteur", aquella facilidade de narração que é um dos seus mais fortes caracteristicos, desde os ensaios iniciaes até as paginas que vão ficando sempre para traz do leitor interessado e preso até o fim de *Climats* ou de *Ariel*.

Nada disso aqui. Lê-se com interesse, com vontade de continuar, mas o que acontece, na verdade, é que a historia por si é dessas que exigem a decifração do mysterio. Historia fantastica, com muito de Edgar Poe e de H. G. Wells, tem-se de andar sempre para a frente pela propria natureza do caso narrado. Mas é um pouco com essa impressão desagradavel do "onde irá parar isso", do "a que é que vamos chegar" que se segue o fio da aventura e se alcançam as paginas finaes para ainda ahi encontrar o desengano de uma solução de máo gosto extremado que só tem um valor ou uma desculpa: não explicar nada do que ficou para traz.

Para um autor qualquer é um conto que "interessa" e que tem valor imaginativo. De Maurois é inexplicavel e não pode deixar de ser considerado como um fracasso.

* * *

Em nada um fracasso, porém, esse Tourguenief que Maurois poz de pé numa serie de conferencias que vieram agora a publico. Sem a preoccupação de fazer uma "vida", de seguir um individuo do nascimento ao tumulo, segundo um plano preconcebido (caso do *Disraeli*), ou ao acaso dos episodios que se seguem chronologicamente (caso do *Byron*), Maurois faz conhecer Tourguenief muito mais do que Byron, apezar dos detalhes todos e da bibliographia de que são prodigos os seus dois volumes. Mais mesmo do que um Disraeli ou um Shelley.

Parece-me mesmo que de todas as fórmas que experimentou, é essa a que mais lhe convém. E' um ensaio, cuidado, agradavel, leve sem ser superficial, fino, "francez", que lembra logo as mais felizes paginas de um livro seu e de todos talvez o melhor: *Études Anglaises*. Fundo e fórma satisfazem ao leitor que não se querendo aprofundar no assumpto procura no emtanto ter uma idéa nitida da natureza de Tourguenief, da força do romancista e da sua posição em relação ao meio russo e aos outros romancistas de sua época.

Maurois estava aliás indicado para focalizar Tourguenief. O francez genuino que esbarrára deante da vida quasi cyclica e nitidamente "thematica" de Byron, que fôra buscar na Inglaterra os heróes menos inglezes (Shelley ou Disraeli) e assim conseguira penetrar-lhes as realidades mais intimas, podia evidentemente lançar-se á conquista do russo occidentalizado, do quasi francez que foi Ivan Tourguenief.

Era sem duvida alguma o material mais favoravel possivel a vida e o pensamento desse occidental que se afasta de Gogol e de Dostoievsky para ir chegar ás vizinhanças de Flaubert e de Maupassant, com o seu "romance puro", com as suas idéas sobre a creação artistica, com todo o seu esthetismo.

O sceptico, o relativista André Maurois, francez pretendente á successão anatoliana, encontra bem o seu material ideal nesse Tourguenief que não conhece a grandeza do homem, que se fecha a ella, que não sentiu as variações entre limites extremos da alma humana, como um Dostoievsky ou um Pouckine.

Nada define melhor biographo e biographado, visão que um ensaista tem de um romancista e visão que um romancista tem do mundo, do que essa phrase que Maurois escreve: "O nada dos homens deante da grandeza das coisas, eis o sentimento que Tourguenief teve de modo mais intenso." Os limites do horizonte do biographado vão traçar os limites em que o biographo o vae procurar recrear.

OCTAVIO DE FARIA.

PIERRE BOST — LE SCANDALE — (*Ed. da N. R. F.*), 1931.

Não preciso lembrar que nem todos os autores editados e recommendados pela *Nouvelle Revue Française* são notaveis.

A *Revue* tem tambem suas conveniencias. Estabelece uma media e, dentro dessa media, pode caber muita gente. Num dos seus ultimos numeros, ella nos recommenda, aliás com todas as precauções, por intermedio de Benjamin Crémieux, cuja plasticidade é bem conhecida, um dos homens mais pobres de talento que a *hantise* da alta litteratura já dominou.

Quero falar de Pierre Bost, de cujo romance (?) — *Le scandale* — Crémieux diz: "*Voici le meilleur et le plus important ouvrage que nous ait donné jusqu'ici Pierre Bost.*"

Pode ser a melhor obra de Pierre Bost, mas os leitores não caiam na asneira de dar 15$000 por esse calhamaço em que não ha nada que preste. Tudo alli é semsaboria. Não ha ali uma figura, uma scena, uma observação, uma phrase que não seja falsa, arranjada com um esforço pesado e triste, em que se vê a mediocridade arfando para se sobrepujar em vão a si mesma.

Diz Crémieux, reportando-se ao primeiro romance do mesmo Bost, que em *Scandale* se pode ver a transformação interior que se operou no autor entre os vinte e os trinta annos; e ajunta: "Ahi se encontra, não resumida, mas objectivada em personagens vivos, a tres dimensões, sua primeira grande experiencia de homem."

Ali não se encontra objectivada cousa alguma, nem "dimensão" nenhuma, muito menos qualquer experiencia de homem. Em mais algumas linhas a analyse do livro continúa no mesmo tom constrangido. Crémieux, apezar de tudo, tem uma consciencia e certa dignidade. Seu elogio se dilue em phrases vagas. Mas á primeira vista, o leitor não se dá conta, vae á Garnier e compra uma das maiores borracheiras que já se escreveram em francez.

Não tentarei resumir nem commentar o *Scandale*. Não me darei ao trabalho de demonstrar o que é essa massagada. Começa pelo titulo, que nada no livro justifica. Dous rapazes, um estudante de medicina, outro jornalista, vagamente escriptor, se ligam de amizade. Aquelle e este vão se ligando com algumas mulheres. Apparece ao centro um individuo meio *louche*, que pretende representar o papel de Eduardo dos *Faux Monnayeurs*. Ha uma viagem a Berlim. Um adulterio. Uma morte inesperada. Uma prostituta. Tudo isso, porém, tão sem graça, tão sem vida, tão espalhado em paginas e paginas monotonas e insipidas — que ao tal *Scandale* do Sr. Pierre Bost só falta uma lettra para ficar definido. As pessôas bem educadas comprehenderão.

Para terminar, digo: se houver alguem que havendo tentado ler este livro, poude chegar ao fim sem ficar doente — que me escreva, porque eu quero conhecel-o, e, talvez, cultivar sua amizade. Essa pessôa (se não fôr um cacete de marca), pode ser um enfermeiro de primeira ordem, capaz de me ajudar a supportar, na velhice, o futuro rheumatismo (graças a Deus futuro).

Eu digo — graças a Deus. Posso dizel-o, Tristão de Athayde? Depois que você adquiriu a propriedade de Nosso Senhor a gente precisa ter cuidado.

GILBERTO AMADO.

OTTO KAUS — DOSTOIEWSKY ET SON DESTIN — *Versão franceza de Georges Cazenave. Rieder. Paris.* 1931.

Cresce, dia a dia, no pensamento occidental, o interesse pelas obras de Dostoiewsky. E é curioso que ao mais intratavel adversario desse mesmo pensamento — como se considerava o proprio Dostoiewsky—coubesse a missão de unir mais estreitamente o coração dos homens á immensa tragedia do povo russo.

De nada serviu a Dostoiewsky a armadura de slavophilo intransigente. Sob a casca de contingencias sociaes, de limitações arbitrarias impostas pelas relações humanas, vibra intensamente aquella trama profunda, assignalada por Proust, que constitue o arcabouço de todas as almas e estabelece essa corrente mysteriosa de sympathia universal.

Comprehender o espirito de Dostoiewsky, explicar a fascinação da sua obra sobre os mais diversos temperamentos, sobre individuos mais apparentemente dissemelhantes, tem sido a aspiração de todos os seus criticos e biographos. Visando essa mesma finalidade acaba de apparecer em versão franceza o interessante estudo de Otto Kaus, que situa differentemente a obra de Dostoiewsky.

No modo de vêr de Otto Kaus, Dostoiewsky é o romancista do capitalismo, ou melhor, é o interprete genial dos dramas gerados pela éra capitalista.

Tendo soffrido mais do que qualquer outro as consequencias do desequilibrio social que a invasão do capitalismo determinára na sociedade russa, os seus romances reflectem vivamente as angustias e inquietações dessa mesma sociedade.

"Dostoiewsky — escreve o seu critico — se mantém no meio da torrente das realidades, no ponto onde o principio do movimento creou essa grande confusão que toda a sociedade russa reconhece como seu destino. Outros se contentam em agitar tristemente a cabeça em face da desordem, discutindo philosophicamente o melhor meio de pôr um obstaculo á onda invasora, de dar uma fórma ao que está em movimento perpetuo; — Dostoiewsky vive essa transformação, essa desordem e essa confusão incessantes. Elle se colloca tão profundamente no coração desse mundo agitado por soffrimentos e tormentos novos, que nos seduz ao mesmo tempo como um demonio da destruição ou como um genio da resurreição, porque o genio deste mundo é, por seu caracter historico, ao mesmo tempo céga destruição e muito sabia construcção."

O estudo de Otto Kaus não é livro que se compare, do ponto de vista artistico, ao admiravel ensaio de Stephan Zweig, nem livro que nos offereça a amplitude espiritual de um Berdineff. Mas é obra de real valor, bem interessante, e contribue, sem duvida alguma, para o esclarecimento de certos aspectos do pensamento dostoiewskiano.

HAMILTON NOGUEIRA.

LEIAM:

MATTOS PIMENTA

Um grito de alerta
no tumulto da Revolução

Preço: 8$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

P. W. SCHMIDT — *Origine et évolution de la religion. Les théories et les faits.* — Traduit de l'allemand par A. Lemonnyer — Paris. Grasset. 1931.

Não ha quem ignore, em nosso meio culto, o nome do eminente fundador da *Anthropos*. Sabem todos os eruditos o que representa hoje, em ethnologia, a impressionante molle de documentos e informes preciosos archivados nas paginas dessa revista. Ha um quarto de seculo, mais ou menos, sustenta Schmidt, contra opiniões a principio tidas por inatacaveis e já agora de dia para dia debilitadas e sem maior prestigio, um ataque verdadeiramente formidavel, com uma competencia technica deveras excepcional.

No decorrer do seculo XIX o espirito historico penetrou, com um caracter cada vez mais accentuadamente scientifico, a ethnologia e o estudo comparado das religiões. A mais recente das escolas que têm procurado solver os graves problemas formulados por essas disciplinas é a chamada "escola historico-cultural". Intermedia ás escolas anthropologica e historica, procura, graças aos criterios de *forma* e de *quantidade*, determinar quaes os typos de cultura (*Kultureinheiten*), grupar-lhes os derivados em familias (*Kulturfamilien*) e circumscrever as respectivas areas de diffusão ou cyclos culturaes (*Kulturkreise*).

Reconhece Schmidt que na Allemanha cabe a honra de haver inaugurado a reacção historica a Ratzel. Leo Frobenius, seu discipulo, tirou-lhe da doutrina uma theoria dos "circulos" ou "areas" de cultura. Ao criterio da fórma juntou o da quantidade. Fv. Graebner e Ankermann, do Museu de Ethnographia de Berlim, desenvolveram e enriqueceram a nova concepção com preciosas pesquisas ethnologicas. Juntou-se-lhes W. Foy e por fim o proprio Schmidt.

Graças aos seus trabalhos linguisticos e mythologicos sobre o sul da Asia, da Oceania e da Australia, que extendeu tambem ás civilizações da America meridional, pôde Schmidt rectificar em varios topicos as vistas de Graebner. Da sua admiravel bibliotheca do convento de Mödling, perto de Vienna, dirige as pesquizas de missionarios de todas as ordens, por meio da *Anthropos*.

Este volume, agora traduzido em francez e de que apenas desejamos registar o apparecimento sem descer a minucias de analyse, condensa em fórma accessivel ao leitor não especializado o melhor e o mais recente da profunda erudição do seu eminente autor.

Poucos, na verdade, poderão com facilidade ler-lhe a grande obra *Der Ursprung der Gottesidee*, que serve de base a este volume de condensação vulgarizadora.

Quaesquer, aliás, que sejam as idéas do leitor attento e capaz de reflectir, não será possivel fugir a um sentimento de admiração pelo rigor do methodo, pela solidez da erudição e pela nobre independencia de attitude do egregio mestre.

Livros destes são indispensaveis em nosso meio, onde infelizmente ainda se pretende ensinar — e haverá talvez quem acceite como novidade a licção — que a familia primitiva não era monogamica ou que o homem primitivo não tinha a minima idéa de um Deus unico...

JONATHAS SERRANO.

I. V. PAVLOFF — *Leçons sur l'activité du cortex cérébral.* — Traduit par Madame Dr. I. Trifonoff. Paris, Amédée Legrand — 1929.

Quando, ha perto de trinta annos, Pavloff iniciou o estudo systematico dos chamados *reflexos condicionaes*, já era considerado um dos grandes physiologistas da época. A consagração do premio Nobel não lhe faltava, coroando uma obra fecunda e importante sobre o trabalho das glandulas digestivas. Apezar de toda sua gloria, e dos numerosos serviços prestados á Sciencia, com perto de sessenta annos, Pavloff resolveu abordar o mais difficil dos themas: o estudo dos processos psychicos elementares. Atacou a questão de um modo puramente objectivo, como physiologista experimentador, provocando phenomenos e estabelecendo as leis de suas manifestações.

Quando, a uma excitação que produz um reflexo determinado, se associa um outro excitante qualquer, e, se essa associação é repetida um certo numero de vezes em condições adequadas, o segundo excitante — anteriormente indifferente — adquire o poder de provocar por si só o mesmo reflexo. Forma-se um verdadeiro reflexo *condicionado* e dependente das condições anteriormente estabelecidas.

Pavloff comprehendeu logo a importancia desse facto. Estudou todas as condições em que é possivel estabelecer taes reflexos. Determinou como elles funccionam, como se formam, como são inhibidos. Mostrou a dependencia em que estão da integridade da cortex cerebral.

Numerosos factos novos foram successivamente descobertos. Ao vel-os em seu conjuncto, tem-se bem a impressão de um enorme progresso e admitte-se a possibilidade de um progresso ainda maior para muito breve. Não que a Psychologia possa esperar para já uma explicação de seus phenomenos fundamentaes: a consciencia, a vontade, o instincto, a memoria. Mas sente-se que esses phenomenos deixarão de ser blocos impenetraveis; largas brechas se abrirão, e, pelo menos, uma analyse mais rigorosa poderá ser realizada.

Durante muitos annos os trabalhos de Pavloff eram publicados em russo e permaneciam desconhecidos do mundo occidental. Apenas uma ou outra nota curta e succinta delles dava uma idéa. Nestes ultimos tempos, porém, os grandes trabalhos de conjuncto têm sido traduzidos em francez ou em allemão.

O volume que analysamos não é talvez bem traduzido. Sua forma é um tanto pesada. Mas isso não impede que se possa admirar a grandeza e a belleza do edificio. Com cerca de uma centena de collaboradores, atravez de todas as vicissitudes creadas pela guerra, pela revolução e pelas lutas politicas de que foi theatro a Russia, Pavloff construiu uma das obras mais bellas e mais importantes da sciencia contemporanea.

Maior de oitenta annos, á frente de um instituto especialmente construido e adaptado aos seus trabalhos, o grande homem russo continua infatigavel, como um exemplo vivo de energia, de vontade, de intelligencia e de capacidade.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

LETTRAS ITALIANAS

— Giulio Augusto Levi consagra um bello estudo a Giacomo Leopardi, evocando-o com perspicacia e segurança de analyse. O desolado corcunda de Recanati, mestre de negação e pessimismo, resurge, em linhas nitidas, nesse estudo exhaustivo, que nada deixa inexplorado e vae, com logica e clareza, ao extremo de tudo. Sente-se ahi quão forte foi a influencia de Leopardi no pensamento destruidor do seculo XIX e verifica-se que esse mancebo fraco e atormentado de um logarejo insignificante veiu a intervir na metaphysica occidental, especialmente porque as affirmações desesperadas do poeta se crystallizavam sempre numa fórma diamantina. Mão grado o seu espirito de formação classica e o seu desprezo por qualquer demonstração de theatralidade romantica, o autor da "Ginestra" fez-se o padroeiro de todos os contendores da vida, especialmente daquelles que quasi não o leram e só conhecem delle, por vaga informação, a phrase em que dá amor e morte como sendo irmãos gemeos.

— Entre os productores que não desdenham as grandes vendas figura Mario Massa, que se tornou celebre devido ao premio obtido no concurso de uma revista elegante. Agora publica elle "L'ospite pazzo", em que fixa um caso de dupla personalidade, tratando de dois inimigos que se alojam no mesmo corpo, embora portadores de sentimentos oppostos, e vêm a combater-se quando um e outro se apaixonam pela mesma mulher. E' o phenomeno do "double" tantas vezes aproveitado pelos romancistas francezes e russos, mas, como o autor põe no velho thema uma ponta de canalhice bem moderna, o livro não deixa de interessar. Especialmente porque lembra a insistencia com que os ultimos escriptores italianos exploram os lances de psychiatria. Panzini, não obstante o seu bom senso de narrador decameronico, tambem se deixou seduzir pelo genero e o theatro de Pirandello — ninguem o ignora — está cheio de individuos que encarnam os mais allucinantes problemas de subconsciencia ou de maluquice integral. Nada mais commum que ouvir-se uma personagem de Pirandello começar as suas narrações com esta phrase nada agradavel para o interlocutor: "Quando estive doido..."

— De volta á Italia, o poeta Francesco Pastonchi transmittiu aos patricios as impressões recolhidas em sua excursão por terras brasileiras. Pastonchi, que obteve grande successo declamando, aqui e em S. Paulo, os tercetos da "Divina Comedia", é, no momento, um dos mais festejados recitadores de Dante. Dantologo fervoroso, não se limita a gargantear os trechos sobre Francesca da Rimini ou Farinata degli Uberti, mas sabe commental-os e actualizal-os numa exegese intelligente e culta, de quem se fez o familiar, o convivа diurno e nocturno do maior dos espiritos latinos. Forte, sadio, com uns confortaveis ares academicos, Pastonchi vae admiravelmente nessa funcção de servir ás turbas as passagens infernaes ou paradisiacas daquelle em que os italianos enxergam o preparador e o factor mais decisivo da unidade moral e politica da Italia.

— Num recente congresso internacional de homens de letras foi ouvida com grande attenção, e não sem proveito, a palavra erudita e serena de Benedetto Croce. Croce, não ha muito combatido, no terreno ideologico, pelo seu antigo discipulo Giovanni Gentile, continúa a ser uma das forças vivas da civilização da sua peninsula. Atacado embora pelo truculento Papini, que o ataca especialmente por ver nelle o ultimo dos hegelianos e, modificando o que Dante disse de Aristoteles, o dá como "o mestre daquelles que não sabem", — Croce é, na realidade, um conductor de cerebros e um feliz provocador de uteis attritos intellectuaes. Mesmo despojado de prestigio eleitoral pelo fascismo, mesmo tendo visto parte da sua bibliotheca arder graças á iracundia dos fascistas, o grande critico e historiador napolitano não se encontra diminuido em autoridade junto aos homens que estudam e pensam na Europa. Collocando acima de tudo as sciencias do espirito e vendo na philosophia o ponto inicial de todos os caminhos da cultura, Croce não cessa de trabalhar para que seu paiz cada vez mais se integre nas especulações metaphysicas que o preoccupam desde a Renascença e, através de Giordano Bruno e Giambattista Vico, tornaram a Italia a verdadeira "mãe de precursores".

MAURICIO DE MEDEIROS — RUSSIA

O problema russo, interessando por seu significado historico, relevancia politica, modalidades economicas, por sua influencia, emfim, a todos os homens cultos do nosso tempo, enthusiasmou sobremodo o Dr. Mauricio de Medeiros, que, desejando informar-se "sur place", visitou o velho paiz dos Tsares, e nos deu em *Russia* o resultado de suas apreciações.

Aquellas qualidades que em épocas normaes — espirito critico, agudeza de intelligencia, poder de observação, — tanto favorecem aos pesquizadores da vida dos povos e suas instituições, quasi se annullam, por completo, quando se trata da Russia contemporanea.

Para apreciar o vasto campo em que se processa a maior experiencia social da nossa época são necessarias certas condições especiaes, e entre estas duas indispensaveis: conhecimento da lingua e uma noção, o maximo precisa, do estado anterior.

Orientado pelos guias officiaes ou mesmo particulares, estes ultimos sujeitos ao controle do Governo, e ambos incapazes de indiscreções, punidas sempre, com rigor, em face da ausencia de liberdade que caracteriza, na Russia, o regimen communista, quer nos parecer que o sr. Mauricio de Medeiros não logrou transmittir-nos uma pintura real do quadro que lhe foi dado observar.

Se computarmos, por exemplo, as affirmações lisongeiras que dominam todo seu livro, com aquellas de Panait Istrati (*La Russie nue*, Paris, 1929, ed. Rieder) e Joseph Douillet (*Moscou sans voiles*, Paris, 1928, ed. Spes), verificamos que se contradizem de modo absoluto. Ora, o sr. Mauricio de Medeiros, sem conhecer a lingua, esteve na Russia 30 dias apenas! Visitando-a pela primeira vez, não viu, portanto, como Douillet, que passou 35 annos no paiz, 9 dos quaes ao serviço do governo actual, o funccionamento e as condições de vida no regimen decahido em suas relações com o actual, de modo a estabelecer, por comparação, quaes as vantagens n'aquelle particular do sovietismo sobre o tsarismo.

Depois, emquanto aquelles observadores corroboram o estado negativo a que o communismo conduziu a Russia, com a citação insuspeita dos jornaes — e a imprensa, na Russia, é toda official — a esse respeito, o autor só nos falla do unico diario em que se fazem elogios ao seu nome e á sua sciencia.

Somos, pois, obrigados a acreditál-o sob palavra, e aliás, consideramos a sua honesta. Suas constatações, porém, pelos motivos que já frizámos, apenas reproduzem a opinião dos seus interpretes, cujos conceitos endossa sem qualquer especie de critica.

O que viu, foi precisamente o que, de antemão, está preparado para ser visto pelos visitantes impreparados á comprehensão do sinistro espectaculo que o communismo realizou no seio do povo russo, espectaculo ultimamente caracterizado pelo marxista Karl Kautski (*Le bolchevisme dans l'impasse*, Paris, Alcan, 1931). O problema operario constitue o capitulo mais curioso do livro em apreço. O sr. Mauricio de Medeiros, porém, não nos diz como elles vivem, que casas habitam, quaes os salarios, sua correspondencia com o custo da vida, differenças entre os actuaes e os antigos, em summa, não estabelece as circumstancias objectivas pelas quaes o regimen russo deve contar com o apoio dos trabalhadores, que em these — e só em these — representa.

Os espiritos cultos, os homens verdadeiramente livres, hão de sorrir do seu livro, tão cheio de palavras e tão parco de factos.

UBALDO SOARES.

AFRANIO PEIXOTO — NOÇÕES DE HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA — *Livraria Francisco Alves, Rio*, 1931.

Ainda que em menores proporções, por faltarem em nosso paiz os elementos iconographicos e as preciosidades de bibliophilia da Europa, o livro do sr. Afranio Peixoto parece ter sido vasado na obra analoga dos francezes Abry, Audic e Crouzet. E' innegavel que se trata de uma synopse á altura de reunir-se, para um mais rapido manuseio, aos volumosos trabalhos de Sylvio Roméro, José Verissimo e Arthur Motta. Pelos seus meritos documentativos e pela equidade dos julgamentos, pelas syntheses das varias épocas e escolas litterarias, bem como pela valiosa nomenclatura bio-bibliographica e pelos fac-similes e retratos que completam o texto, o volume é digno de todas as bibliothecas, podendo ser util aos amadores e mesmo aos profissionaes das letras.

GILBERTO AMADO

Eleição e Representação

EM TODAS AS LIVRARIAS

OUR WORLD — A HUMAN GEOGRAPHY — *Cameron Morrison — Publicado por Mc. Milland and Co. Inglaterra.* 1930.

Trata-se, como estão indicando as palavras, de mais um moderno livro de geographia. Registar, aqui, o apparecimento dum compendio estrangeiro, pouco interesse teria para os leitores; se o fazemos é que ha qualquer cousa de mais interessante: no livro ha referencias ao Brasil.

O autor da obra, além de outros trabalhos de valor, foi, durante vinte annos, examinador de geographia na Universidade de Madras, e o seu livro foi feito especialmente para alumnos da India, da Birmania e do Ceylão.

Ninguem deixará de ter, como nós, a curiosidade de saber o que se diz do Brasil em lugares tão distantes.

O autor tem nome inglez, mas o prefacio é de personalidade seguramente oriental — o snr. Rajagopala Chari — membro do Conselho da Secretaria da India, que vê no autor um profundo conhecedor da mentalidade dos jovens asiaticos.

Com cerca de 700 paginas, onde trata de geographia geral e particularmente das varias regiões do Globo, o livro é, realmente fascinante, como escreveu o prefaciador. Quando se lêm os assumptos referentes a cada paiz, tem-se a impressão de que o professor conversa sobre as regiões, deixando na imaginação do ouvinte apenas o que ha de caracteristico, de typico, de fundamental. Fixa aspectos geraes e despreza pormenores.

Illustram os assumptos mais de 200 mappas desenhados a uma só côr, porém representando apenas os elementos postos em evidencia no texto. No fim, um excellente indice alphabetico permitte achar, em poucos segundos, tudo quanto está na obra toda. São indicios de que o autor é bom professor, em tudo se vê clareza, simplicidade e methodo, attributos altamente importantes para quem se propõe ensinar. Termina o trabalho uma longa lista de problemas e exercicios proprios para exames, com a indicação das paginas em que se acham explanados aquelles assumptos.

A ultima figura do livro, muito apropriada — como todas ellas, — mostra bem o espirito moderno que presidiu á organização do compendio; representa uma multidão, num campo, a contemplar o grande dirigivel "R 34", que paira a poucos metros do sôlo.

A seguinte legenda explica a figura: "Um novo meio de estudar geographia. Esse typo de aeronave é usado para conduzir passageiros entre a India e a Europa."

Lá está no livro um aspecto do nosso porto de Santos, com o Monte Serrate ao fundo, e grandes navios no primeiro plano. A legenda ensina que se trata do porto de Santos, onde navios estão a espera de carregamentos de café. O numero de linhas dedicadas ao Brasil é muito pequeno, de accordo, aliás, com a natureza do trabalho. Naquelle espaço, entretanto, difficilmente poderia um estrangeiro escrever mais acertadamente.

Ensina que o Brasil occupa quasi a metade do continente e é cerca de duas vezes maior que a India; a maior parte consiste na bacia amazonica, baixa e plana, onde habitantes da floresta colhem borracha e castanha, que são levadas pelos rios até Manáos e outros portos fluviaes, até onde chegam os grandes navios.

As terras altas, que formam o canto projectado do continente, consistem numa grande região tabular, onde se extendem cadeias de montanhas.

Esse planalto é mais alto, e, naturalmente, muito maior que o Decân, porém como o Decân, tem sido erodido pelos rios, que correm em todas as direcções, formando fundos e longos valles. Nesse planalto, o calor não é tão intenso quanto na planicie central, e ahi ha mais terras cultivadas. Planta-se ahi milho, algodão, canna de assucar e fumo; cria-se gado vaccum e carneiros, pelo couro, pelles e lã.

As mais importantes partes do Brasil são, entretanto, os districtos meridionaes, onde o clima é muito mais frio. Na região planaltica, proximo á costa, planta-se muito café e o Brasil produz cerca de tres quartos do café produzido no mundo todo. E' exportado por Santos e Rio de Janeiro, dois portos situados nessa costa. Todas as grandes cidades do Brasil são portos maritimos ou fluviaes. O interior é fracamente povoado e pouco explorado.

Portos mais importantes: Manáos, Pará ou Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos; o Rio de Janeiro, o maior delles, é a capital do Brasil, com uma população quasi tão grande quanto a de Calcutá. Construido numa linda bahia protegida, cercado de montanhas, tem relações commerciaes, através do Atlantico, com todas as partes do mundo.

Ha dois reparos a fazer nas explanações sobre o nosso paiz.

A planicie amazonica — indiscutivelmente a feição que mais impressiona o estrangeiro — não é bem exactamente a maior parte do Brasil; mais correcto andaria o autor dizendo quasi a metade, pois, na realidade, dos 9,5 milhões de kilometros quadrados, cerca de 40 % correspondem á planicie amazonica.

Todas as grandes cidades são portos... Como um caracter geral, está muito bem applicado. Sómente São Paulo e Bello Horizonte escapam a essa lei, verificada com uma frequencia accentuada. Essas mesmas, escapam á regra geral por causas especiaes. A segunda é um centro administrativo, uma cidade criada artificialmente, propositadamente para attender a interesses politicos.

A primeira é quasi um porto, o seu afastamento do mar é justificado pelas optimas condições naturaes que os colonizadores perceberam, ali, tão perto do oceano. Não tivesse essas relações tão intimas com o porto de Santos, São Paulo não teria tão depressa chegado a ser uma grande cidade. Essas considerações justificam plenamente a generalização do professor.

Os traços essenciaes do paiz estão bem delineados e se todos os compendios estrangeiros se limitassem a escrever pouquissimas linhas, porém com o elevado coefficiente de precisão, como esse, o nosso Brasil seria tido em muito melhor conta.

S. FRÓES ABREU.

LEÃO DE VASCONCELLOS — CANTO NOVO DO MEU AMOR — *Empresa Graphica Editora — Rio,* 1931.

O merito deste livro de versos está exactamente em não se tratar de um "canto novo". Embora rompendo com as fórmas tradicionaes e preferindo, aos metros parnasianos, as estrophes polyrythmicas, o sr. Leão de Vasconcellos mantem-se, na essencia, um lyrico bem á antiga, com a ternura, a delicadeza, os madrigaes ou as elegias que fizeram o encanto e o prestigio dos nossos velhos e sempre queridos romanticos. "Preludio de uma volta", "O melhor dos beijos", "Confidencias" e "Desalento", são a mesma alma captiva de 1830 nos versos livres de 1930.

DE TODA PARTE

— Abel Lefranc publica o quinto volume do seu grande Rabelais, e isso quasi coincide com a commemoração, em 1932, do quarto centenario da publicação de "Pantagruel". Vê-se que, mesmo decorridos quatro seculos, ainda não se extinguiu o fervor de enthusiasmo pela obra notavel daquelle que Chateaubriand classificou de pae e mãe da lingua franceza. Rabelais continúa a ser lido, e de preferencia no original saboroso com que tanto alegrou os homens da Renascença, sendo poucos os que, pretextando ignorancia philologica e allegando que no mestre ha muitos archaismos, timidamente o percorrem, em edições modernizadas, quasi sem riqueza verbal e sem a estonteante seiva, a "haulte graisse" das edições primitivas.

— Dizem que Mussolini collaborou na peça historica de Forzano, "Campo di Maggio", consagrada ao periodo em que Napoleão esteve na ilha d'Elba. Os famosos "cem dias" revivem nesse trabalho, e ao dictador da Italia de hoje não teria sido desagradavel cooperar num drama em que surge o dictador da França de 1810, aquelle em que tantos enxergam o seu modelo e inspirador. De resto, os italianos persistem em incluir Buonaparte entre os maiores filhos da Italia e Papini encontra no vencedor de Rivoli o maior dos guerreiros da raça. Sabe-se que Napoleão jámais perdeu de todo os seus impulsos atavicos e, quando se irritava com os irmãos e as irmãs, era sempre em italiano que os descompunha...

— Commemorou-se em Paris, ha mais ou menos um mez, o centenario do nascimento de Sardou. Commemorou-se — é um modo de dizer. Porque então quasi não se falou do autor da "Tosca" e da "Theodora". Poucos artigos lhe foram consagrados, e, a não ser um ou outro bizarro amador das lettras, ninguem deu grande importancia ao legado artistico do dramaturgo que obteve tantos successos em vida. O theatrologo que fascinava as turbas vae para meio seculo, o mais perito dos architectos e prestimanos de theatro, entrou em pleno crepusculo, emquanto as peças de um Becque são amorosamente estudadas por Edmond Sée e os dramas passionaes de Porto-Riche são lidos e relidos por todos os que ainda lêm e relêm Musset e Marivaux.

— Um que está tomando o logar que lhe cabe na litteratura européa é Tourguenev. Dantes tratavam delle com descaso, especialmente quando queriam exaltar demais Tolstoi e Dostoiewsky. Hoje, porém, estão reapparecendo, como num palimpsesto a que se applicasse um acido miraculoso, as qualidades de finura, de graça, de persuasão, desse narrador incomparavel que tinha "raça" no estylo e veiu ao mundo, por assim dizer, naturalmente classico.

— O allemão E.-R. Curtius prosegue em sua tarefa de realizar, na Allemanha, a exegese das melhores lettras francezas. A Barrès dedicou um ensaio de linhas nitidas, em que faz restricções ao doutrinador politico, mas não esquece nunca o soberbo criador de imagens plasticas. No seu ideal de "europeanismo", Curtius, que tambem examinou os volumes do solennissimo Brunetière, esse mastodonte da critica, longamente se detem na epopéa em prosa de Balzac e a sua analyse do romancista da "Comedia Humana" é sempre densa de significados, indo á essencia de tudo, aclarando os mais occultos escaninhos como por effeito de um clarão espiritual que valesse os raios de Roentgen.

— No tempo do arranha-céo, do avião e do romance populista, uma publicação litteraria da França organizou a sua romaria esthetica a Athenas e Stambul. Os logares, num paquete de luxo, foram reservados a vinte e cinco felizardos que dispuzessem de 5.500 francos cada um para percorrer os sitios outrora percorridos pelo joven Anacharsis e outros admiradores das coisas levantinas. Albert Thibaudet encarregou-se de fazer a bordo duas conferencias sobre a Acropole. Depois, foi o desembarque no Pireu, o porto que a personagem da anecdota famosa tomava por um homem, e foi a visita ao theatro de Dionysos, ao arco de Adriano, ao estadio, á prisão de Socrates, ao areopago, ás egrejas byzantinas. Tumulos de reis, thesouros exhumados, reliquias de toda a especie encantaram os turistas, talvez mais que a noite nos hoteis gregos, possuidores de muitas pulgas e de lenções nem sempre immaculados. Passou-se depois a Stambul, ao deslumbramento das perspectiva do Bosphoro, á contemplação das mesquitas, dos obeliscos, das columnatas, á leitura da vida de Christo nos mosaicos, á vagabundagem pelos bazares cheios de estofos de tintas quentes...

os horrores da edade mecanica que nos está levando aos krachs mais apavorantes.

Assim, o artista em que os christãos medievaes enxergaram o propheta da vinda de Christo, o annunciador da "nova éra", e que foi bem um antepassado nosso pela sua sensibilidade ás vezes meio romantica, estando por assim dizer entre Hesiodo e Francis Jammes, — o delicado criador de symbolos de uma época agitada e em meio a um povo de conquistadores e colonizadores gananciosos, está servindo para moderar a cobiça dos "romanos" de hoje. Com sua fina melancolia, esse amigo da lua e das "lagrimas das coisas", uma especie de Raphael e Mozart mesclados no mais suave dos poetas, fórça europeus e americanos a se inclinarem deante do seu busto, como os homens da Renascença se inclinavam deante do busto de Platão...

A. G.

VOLTA AO ANTIGO

A 12 de Outubro, inaugurou-se em Napoles um busto. De quem? De Colombo, de Garibaldi, de Mussolini? Não, de Virgilio. E quem offereceu o busto? Um grupo de humanistas de Athenas, de professores de Florença, de eruditos de Weimar? Não, senhores. Apenas a Associação Classica de Ohio, da America do Norte.

Porque nos Estados Unidos, onde tantos nomes de localidades recordam os nomes tradicionaes da Grecia e de Roma, ha tambem enthusiastas do cantor de Enéas e das ceifas e vindimas do Lacio. A fabricação de conservas de Chicago e o rumor de dollars de Wall-Street não impedem que ainda se leiam por lá as estrophes heroicas ou campestres do commensal de Mecenas, do protegido de Augusto.

Aquelle de quem Dante disse: "E's o meu poeta e o meu autor", e cujo segundo millenario se celebrou ainda ha pouco, entre dithyrambos de um Carcopino e de um Camille Jullian, — mostra ter assim um caracter de actualidade que os contendores da cultura antiga talvez não lhe adivinhassem. Tratando de Melibeu fugitivo, como que previu elle a tragedia do emigrante moderno, escravo branco das civilizações utilitarias, forçado a refugiar-se em longes terras por não encontrar na sua propria o pão e o linho de que carece para nutrir-se e vestir-se. O retorno aos campos e, logo, ao trato dos trigaes e dos vinhedos, das colmeias e dos rebanhos, é preconizado por quantos sentem, já agora, os perigos da super-producção industrial,

Romances de Aventuras

A Companhia Editora Nacional, de S. Paulo, está divulgando, em volumes attrahentes, romances de aventuras de bons escriptores europeus. Sabe-se que vae agora um expressivo renascimento do genero em letras francezas, graças ás narrações de Benoit, Chadourne e outros. Os inglezes, porém, não careciam de inspirar-se nos gaulezes para esse retorno ás historias sensacionaes, aos entrechos impressionantes, elles que têm em casa o exemplo dos Defoe, dos Stevenson e dos Marryat. Sem as torturas de introspecção de um Thomas Hardy, mas sempre em linguagem que não fere a arte da prosa, houve, nos ultimos tempos, a abastecer a literatura de além-Mancha a baroneza Orczy, que deve ser de procedencia hungara e anda na mala de todos os freguezes da agencia Cook, entre o *Guia Azul* e o vidro de sal de frutas. Narradora das infindaveis proezas do Pimpinela Escarlate, um aristocrata salvador de nobres e plebeus durante a Revolução Franceza, homem de vinte nomes e vinte physionomias, ondulante e multiplo, a baroneza, espirito bem administrado, ataca os leaders da pilhagem e da matança do Terror e é inteiramente sympathica á mysteriosa personagem que desfazia os planos e as ciladas dos espiões e carrascos a serviço de Marat, Robespierre e Saint-Just. Não é preciso fazer grande esforço para correr as paginas da baroneza Orczy...

Quanto a Rafael Sabatini, evidentemente de sangue italiano, tambem não carece de que lhe fustiguem a inspiração. Vive sempre produzindo. Um saudavel bom senso robustece-lhe o talento de pintor de paineis consagrados ao Mar e ao Passado. Lindas figuras de fidalgas, devidas a um pincel galante, perpassam pelas suas ficções e delicadas ironias attenuam um possivel odio retrospectivo aos degolladores e torcionarios da Franca do fim do seculo XVIII. Scaramouche, o capitão Blood e outros heróes movem-se deante do leitor como num palco giratorio. Mão grado o seu innegavel parentesco com o velho Dumas, Sabatini (bem traduzido por Godofredo Rangel, o bello romancista da "Vida ociosa") é escriptor que não esquece nunca a dignidade das letras e não chega a ser nunca estreitamente mercantil.

Nossos visitantes

Pelo Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura veio este anno ao Rio de Janeiro, o Professor H. Roger, director honorario e antigo professor de Physiologia da Faculdade de Medicina de Paris. Entre nós, o Prof. Roger realizou uma longa série de lições de Biologia Geral, nas quaes evidenciou mais uma vez suas admiraveis qualidades de expositor, claro, methodico, simples, elegante. Para terminar, fez, no salão da Academia de Lettras, uma bella conferencia sobre os grandes biologistas francezes, tendo então invocado deante do seu auditorio as inesquesiveis figuras de Lavoisier, Flourens, Magendie, Claude Bernard, Pasteur, Berthelot, Brown-Séquard, etc.

Discipulo de Brown-Séquard, o prof. Roger dedicou toda sua vida ao estudo, ao ensino, á pesquiza, e allia a uma vasta e solida coltura scientifica uma bella erudição humanistica e litteraria. Tudo isso, sommado ás suas qualidades pessoaes de sympathia, torna o Prof. Roger uma rara figura de intellectual. No nosso meio scientifico elle recebeu, com Madame Roger, as homenagens que traduziram a admiração aqui despertada.

— André Siegfried, em sua excursão por terras da America Latina, veiu tambem conhecer-nos de perto, e o soberbo analysta das gentes anglo-saxonias talvez haja encontrado aqui um novo campo de experimentação para os seus estudos de investigador de ambientes e sociedades os mais oppostos. Alto, magro, a testa ampla, a bocca larga, carilongo e meio friorento, esse notavel cultor das sciencias politicas chegou ao Brasil num momento de grande complexidade para o Brasil e os brasileiros. E o que occorre de mais caracteristico em nosso paiz não deve ter escapado a André Siegfried, critico de conjunctos humanos que não sobrepõe o problema economico aos demais e nem em tudo reverencia apenas as leis do materialismo historico, esquecido dos factores religiosos e estheticos.

Ninguem ignora que os seus trabalhos versam sobre themas de sociologia realmente objectiva: a democracia da Nova Zelandia, o contraste das duas raças que plasmaram o Canadá sem até agora se terem fundido de todo uma na outra, os conflictos partidarios da França da terceira Republica, as questões entre o capitalismo e o operariado na Inglaterra, e, especialmente, os "Estados Unidos de hoje", obra publicada em 1927 e das que maior rumor despertaram nos ultimos tempos.

Esse francez de sobrenome romantico, de sobrenome de heróe wagneriano, ampliou e modernizou o austero inquerito de Tocqueville, examinando como ninguem, e sem os snobismos de Paul Bourget, o povo que ainda procura o seu caminho no tumulto de dezenas de Babeis cosmopolitas e, havendo descoberto o telephone e o gramophone, parece que ainda não descobriu a sua propria personalidade. Evitando, com egual cautela, os exaggeros dos tradicionalistas e dos reformistas a todo transe, Siegfried, clinico moral que procura combater as molestias das nações, viu como sociologo o que Luc Durtain e outros viram como artistas e ficcionistas. A sombra dos edificios de quarenta andares não obscureceu o raciocinio do observador "né malin" como todos os gaulezes e que, pensando claro, escreve sempre claro. Notou elle, em Nova York e adjacencias, a crise do industrialismo, encontrou a machina triturando o homem, e sentiu a necessidade do retorno aos campos, á vida agricola.

Sem pessimismo ou optimismo identicamente infundados, Siegfried não crê que estejamos num fim de mundo, que a civilização christã vá morrer, assassinada pelos apostolos vermelhos de Moscow. Mas acha necessario trabalhar, lutar e, tratando dos yankees, aponta-lhes as deficiencias de cultura, as brutezas do Far-West e da Ku-Klux-Klan, a difficil assimilação dos immigrantes á retardar a solidariedade ethnica, os perigos do insulamento, voluntario ou involuntario, do judeu e do preto, e, finalmente, os ridiculos da tragicomedia representada pelos abtemios e bebedores, pelos "seccos" e "molhados", como se diz pittorescamente no paiz de Barnum e Wilson...

— Stephen Duggan é um dos mais prestigiosos educadores e um dos mais acatados intellectuaes norte americanos da hora presente. Doutor em sciencias politicas e sociaes, e director do Instituto de Educação Internacional, é notavel o serviço que elle tem prestado ao espirito pacifista de seu paiz e do mundo. Quer em sua cathedra de mestre, como professor, quer no Instituto de Educação Internacional, como director, sua obra é de um apostolo da approximação e do entendimento entre os povos pelo laço da intelligencia. E em missão de cultura e de confraternidade, elle tem viajado todos os continentes. No Japão, na China, na Inglaterra, na França, na Allemanha, na Italia e agora em varios paizes sul-americanos, inclusive no Brasil, Stephen Duggan procura pessoalmente, pelo conhecimento exacto e directo dos differentes povos, estabelecer, com segurança, uma corrente de sympathia com o seu paiz. Com esse fim, mais de mil e quinhentas bolsas foram distribuidas no ultimo decennio, a estudantes europeus e americanos. Aos primeiros, para estudarem nos Estados Unidos, aos segundos, para estudarem na Europa. Ainda por sua influencia, mais de cem professores, pensadores e homens de acção de outros paizes visitaram os Estados Unidos, proferindo conferencias e dando cursos de cultura e de amistoso entendimento. Sua obra internacional é tão valiosa que innumeras nações estrangeiras já o distinguiram com commendas e premios varios.

A apparecer:

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA

A VULGARIZAÇÃO DO SABER

(Ensaios)

ARIEL, editora ltda.

ALCIDES GENTIL — O SILENCIO EM EÇA DE QUEIROZ — *Rodrigues & C. — Rio*, 1931.

Iniciando uma série de estudos sobre a "Esthetica da lingua portugueza", o sr. Alcides Gentil consagra um trabalho de louvavel pesquisa á obra de Eça de Queiroz. A introducção do opusculo prende-se á linguagem de um modo geral ou restringida á expressão litteraria propriamente dita. E, a seguir, varios capitulos, com grande cópia de exemplos, fixam os aspectos objectivos ou subjectivos qu eo vocabulo "silencio" toma nos livros do admiravel romancista da "Illustre Casa de Ramires".

LIVROS NOVOS

FRANCISCO VENANCIO FILHO — EDUCAR-SE PARA EDUCAR — *Ariel Editora, Rio,* 1931.

Apesar do seu aspecto fragmentario, este volume do sr. Venancio Filho reune, sem duvida, muita coisa ao peculio de conhecimentos dos que o lêm. Particularmente os que não são especialistas nos assumptos versados pelo autor sáem dahi necrescentados de informações valiosas e pódem formar um rapido juizo dos themas scientificos de que esse professor, esse pedagogo á moderna, se fez o divulgador entre nós. A par de trechos de caracter estrictamente objectivo, a que desejariamos mais leveza, ha, na collectanea, passagens uteis sobre a eugenia, o cinema educativo, a radiocultura no Brasil. "Um seculo de sciencia" é boa monographia, estudando a actividade dos nossos naturalistas, mathematicos, ethnographos e sociologos, de José Bonifacio a Alberto Torres, passando por Otto de Alencar, Freire Allemão, Couto de Magalhães e varios outros. Enthusiasta de Condorcet, optimista que acreditava no progresso indefinido do genero humano, o sr. Venancio Filho transcreve-lhe substanciosos axiomas. Paginas instructivas referem-se nos museus dynamicos, cujo melhor modelo é o Deutsches Museum de Munich, que tanto impressionou o homem de pensamento e acção que foi o nosso Vicente Licinio Cardoso. Menos felizes parecem-nos os pedaços allusivos a questões que exigiriam outra penetração esthetica, tal o capitulo sobre viajantes-artistas á Paul Morand. E tambem a lista dos trezentos livros e autores necessarios a uma cultura geral não deixa de ser um pouco arbitraria, como sempre acontece, em relações desse genero. Aliás, logo no começo da lista, ha dois pequenos enganos: falase em dez prosadores e apenas se enumeram nove, sendo egualmente nove os dez romances brasileiros aconselhados ao leitor. Verifique o sr. Venancio e veja se não temos razão...

★

MARIO VILALVA — FAGUNDES VARELLA — *Empresa Graphica Editora, Rio,* 1931.

Estas 152 paginas dedicadas a Fagundes Varella, "sua vida, sua obra, sua gloria", não deixam de possuir certa dose de utilidade, pelos dados biographicos e alguns pormenores anecdoticos que encerram. Tambem transcrevem os melhores trechos lyricos ou pantheistas do poeta do "Cantico do Calvario" e essas passagens de florilegio aproveitam aos que não conservem na estante as obras completas de Varella. Lamente-se, todavia, o excesso de emphase, o tom declamatorio em que o volume é redigido, com prejuizo de uma verdadeira critica definidora, classificadora. O autor, por exemplo, não se deu ao trabalho de verificar algumas fontes do cantor de Minosa, deixando de accentuar que as tres primeiras quadras do madrigal: "Não és tu quem eu amo, não és!" devem tudo ao Théophile Gautier da "Chinoiserie".

Influencia que, de resto, em nada prejudica o adoravel animador de visões, o elegiaco, o delicioso pintor de chromos campestres que tinha uma bella cabeça de Christo e morreu aos trinta e tres annos de edade. Casando-se com uma joven oriunda de um circo de cavallinhos, perdendo cedo o filhinho e cedo perdendo a esposa, tomando parte na bohemia academica de São Paulo e Recife, intrujando os lentes e os collegas com felizes mystificações litterarias, indo parolar com os religiosos do convento do Carmo, quasi perecendo num naufragio em que salvou senhoras e creanças ou correndo o interior do Brasil, roto e quasi descalço, cabellos ao vento, — Varella apparece-nos como um desses eternos desvairados á Musset, o Musset de que Taine assim falou, nas unicas paginas realmente commovidas que escreveu: "Houve jámais accento mais vibrante e verdadeiro? Esse ao menos jámais mentiu. Só disse o que sentia e como sentia. Foi como alguem que pensasse em voz alta. Elle fez a confissão de todo o mundo. Nós não o admiravamos, nós o amavamos. Mais do que um poeta, foi um homem."

★

LEONIDIO RIBEIRO — QUESTÕES MEDICO-LEGAES — *Schmidt, editor. Rio,* 1931.

No primeiro numero deste *Boletim*, já tivemos opportunidade de nos referir, louvando-lhe o merito, ao trabalho que sob o titulo *O Espiritismo no Brasil*, fizeram de collaboração os Drs. Murillo Campos e Leonidio Ribeiro. Agora é esse ultimo medico que acaba de publicar, em assumptos da sua especialidade, as *Questões Medico-Legaes*, livro valioso e que se ha de tornar indispensavel entre as mãos de medicos e advogados.

O livro do prof. Leonidio Ribeiro enfeixa varios ensaios, todos de grande alcance e actualidade, mas entre os quaes destacamos principalmente aquelles que tratam d'*A idade e o casamento, A idade e a responsabilidade penal, Pericia da Dôr* e *Infortunistica*, que dizem melhor da importancia do seu contexto.

★

HILDEBRANDO DE LIMA — MARÉS DE AMOR — *Civilização Brasileira Editora, Rio.*

Quem já viajou pelo norte do Brasil, ha de trazer continuamente nos olhos a saudade das suas costas maritimas: incomparaveis praias de areia muito alva, onde o mar se quebra em ondas grossas, levando a sua franja de espumas até o debrum verde do coqueiral intermino, — palmeiras e mais palmeiras que entretecem raizes, confundem caules e abrem no azul as largas palmas rugitantes.

E' dahi, afrontando esse mar não raro insidioso e de cavadins fundas, que se fazem ao largo, para as pescarias no alto, as intrepidas e minusculas jangadas. Seja o vento galerno ou zuna o noroeste, espalmam-se no ar as immensas asas de panno, procellarias incriveis que velejam a muitas milhas de terra, levadas ás lonjuras azues, de horizontes illimitados, e onde o ceu se vem coser com o mar. Por vezes, á força de tanto se afastarem, os seus tripulantes são colhidos em pleno oceano pelo negrume da noite e, então, como unico phanal, guia-os o olhar ardente do Setestrello ou os cravos de fogo do Cruzeiro.

Dessas e de outras não menos arriscadas pescarias a que se entrega o caboclo nordestino, trata o sr. Hildebrando de Lima, com perfeito conhecimento dos costumes praianos e saboroso traço pictural, no seu recente livro de contos, *Marés de amor*, que lhe dá realce ao nome e por muitos titulos se ha de impor á consideração do publico.

★

GUILHERME DE ALMEIDA — VOCÊ — *Companhia Editora Nacional, S. Paulo,* 1931.

O sr. Guilherme de Almeida continúa a mostrar-se de uma fertilidade não commum. Depois da "Carta a minha noiva", é este "Você", cancioneiro com desenhos de Anita Malfatti e com os motivos sentimentaes ou galantes de sempre: "uma canção *beige*", a "cantiga das rimas pauperrimas", a "*berceuse* das rimas riquissimas", a "romança sem rimas". E, além dos productos pessoaes, ha as excellentes traducções do soneto de Arvers, de duas arietas de Verlaine, do "Vaso partido" de Sully Prudhomme, de quatro estrophes de Maeterlinck, da historia do "pauvre gars" de Jean Richepin...

★

MARIA EUGENIA CELSO — RUFLO DE AZAS — *Livraria Francisco Alves, Rio,* 1931.

A linguagem da sra. Maria Eugenio Celso é sempre de uma extrema delicadeza. Autora do commovente "Vicentinho", que os francezes já traduziram, a nossa patricia não se mostra nunca affectada, amaneirada, e sabe compôr com arte e nobreza os sentimentos das suas personagens. Assim nas pequenas peças do "Ruflo de azas", onde tudo é suggerido com a maior finura, quer nos dialogos desenvolvidos num ambiente de salão, quer nas tiradas proferidas no ambiente commercial de uma livraria. São trabalhos em que a graça, a subtileza, não excluem a justeza, a precisão, os meritos, em summa, da observadora realista. A ironia é bem educada e a dicção é sempre das mais encantadoras, das mais puras.

★

EMILIO MOURA — INGENUIDADE — *Os Amigos do Livro — Bello Horizonte,* 1931.

O sr. Emilio Moura é um fantasista e sente-se-lhe o contraste entre os planetas chimericos em que pensa e os rudes aspectos deste baixo mundo. Ha ainda certa nervosidade infantil nos seus versos, a par de uma especie de preguiça sonhadora. Mas a qualidade particular da sua poesia é a ternura, não obstante uma timidez meio orgulhosa que lhe dá o medo da vida, o medo do amor, o medo da alegria. Talvez o excesso de sensibilidade o torne extremamente vulneravel, e esse poeta, que mal começa a percorrer a vida, tem por vezes um ar fatigado de quem já está de volta.

C I N E M A

COUSAS VISTAS

VENDIDO — (produzido por John Francis Dillon) é a historia apenas disfarçada do fim tragico do reporter do *Chicago Tribune*, Jack Longle, que tanto escandalo causou. O trabalho de Richard Barthelmess é bom, sobretudo no fim, quando, mais uma vez, elle traduz admiravelmente a sensação do medo. O desfecho tragico é bem apresentado, mas o que preferimos na fita é a franqueza um pouco cruel com que nos mostra o que são as realidades da vida no episodio das contas do medico e hospital.

FILHOS — (dirigido por Stalil) figura ao lado de "Big House", "Lyrio do lodo" e "Direito de amar", como uma das melhores producções que tenhamos visto este anno. A perfeição nos minimos detalhes e o optimo trabalho dos artistas se alliam ao interesse do enredo para alcançar este fim. A historia é cruel, real ao extremo, e muitos d'entre nós sentiremos que alli está um pouco do drama de nossa vida — a luta do ideal-sonho (ambição, paixão, etc.) com o ideal-burguez (familia, respeitabilidade, etc.) Emfim, a luta entre o amante e o pae.

MARIDOS CONFORMADOS — (dirigido por Edgar Selwyn) tem como maior defeito o nome que é improprio. Preferimos de muito o titulo inglez "Men call it love". E' uma fita agradavel, de optima realização, que nos descreve o drama de um casal inexperiente. Emfim, tudo acaba bem. Sae-se satisfeito com si mesmo, com os actores e o mundo em geral. E' de notar o optimo trabalho de Edgar Selwyn, que não conheciamos, e que teremos prazer em rever.

DESHONRADA — (dirigido por Josef Von Stenberg) — Marleine Dietrich, acompanhada de todos os superlativos usuaes nas agencias de publicidade cinematographica, pela terceira vez nos permitte admirar suas bellas pernas, seu olhar impudico, sua voz penetrante. Personalidade ella tem, apesar de quererem fazer d'ella uma nova Greta Garbo. Em "Deshonrada" vemol-a muito mulher, muito incomprehensivel. Ella amava? Ou seria simplesmente "a good sport"? Creio que amava a vida, a vida com V grande, a vida de quem não quer vegetar. Então, jogou. Jogou tudo em troca da emoção, da sensação, para, no fim, preferir abdicar da vida em favor do outro, que melhor que ella soubera jogar, e perder. "Deshonrada" é fita bem dirigida. Prende de começo ao fim. Atmospheras todas optimas, apenas havendo um exagero de apparelhos physico-chimicos no Quartel General do Serviço Secreto Austriaco. Musica boa, apropriada, e usada com muito acerto nas occasiões devidas. Ha detalhes pesados de subentendidos e de cogitações philosophicas: os bonequinhos no quarto; a farda que escolheu para morrer. A palavra é usada com discreção, quando necessario, ou, ás vezes, para dar a nota humoristica, que descança a tensão dramatica. Pena é que o tenente do pelotão executor não se satisfizesse em clamar que não matava mulheres, e ainda repetisse as palavras de John Gilbert no "Big Parade", palavras tão propicias naquelle filme, mas que incommodam ao effeito dramatico deste.

Fomos a TABU lembrando-nos de "White Shadows", e vimos photographias lindissimas, um homem bello, de poses bellas, e um destino inexoravel, como todos os destinos.

Na FOLLE AVENTURE vemos uma historia complicada acabar com um simples telegramma. As imagens da machina, acompanhadas de um musicado muito feliz, são admiraveis e vêm nos abrir os olhos a uma esthetica nova — a da machina. As photographias da tempestade final são magnificas, quando não nos mostram uma lancha cheia de agua, supportando ainda tres actores, molhados, de gestos tragicos.

D'O YANKEE NA CORTE DO REI ARTHUR, trouxemos a recordação de boas gargalhadas e uma optima definição da publicidade: "aquillo que faz comprar o que não se precisa com o dinheiro que não se tem."

PRINCIPE DOS DOLLARES — bem americano este titulo. E Douglas Fairbanks, cada vez mais elle mesmo, fallando 100 % americano, no papel de um 100 % americano. A acção é rapida e intensa, (muito cinema mudo) em nada perturbada por dialogos, quasi todos comicos. O fim estraga um pouco a boa impressão da fita, fazendo prever mais uma esposa infeliz para muito breve.

SOB OS TECTOS DE PARIS — é bem francez. Um moço canta, ama, vae para a prisão. Ao sahir encontra outro no seu logar, quer brigar e, finalmente, sae muito satisfeito da vida, e da dorzinha romantica que leva no peito. Tudo isso num meio que se considera "affranchi", com musica agradavel, dialogos naturaes e algumas bellas photographias. Emfim, uma fita simples, e nisso reside o seu encanto.

JACK SAMPAIO.

Só ha duas maneiras de se ser infeliz: ou desejar o que se não tem ou possuir o que se desejava.

Pierre Louys.

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O BOLETIM DE ARIEL *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam, um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Oscar Ferreira Jr. — SONETOS — Rio, 1931.

Mario Vilalva — FAGUNDES VARELLA (sua vida, sua obra, sua gloria). — Empresa Grap. Editora Paulo Pongetti. Rio.

Cleomenes Campos — HUMILDADE — Versos. Companhia Editora Nacional. S. Paulo.

C. da Veiga Lima — VENENO INTERIOR — Romance. Edições Pongetti. Rio.

Leonidio Ribeiro — QUESTÕES MEDICO-LEGAES — Schmidt, editor. Rio.

Afranio Peixoto — NOÇÕES DE HISTORIA DA LITTERATURA BRASILEIRA — Livr. Francisco Alves. Rio.

Aldo Ney — OS TRES SARGENTOS — Romance. Typographia Garraux. S. Paulo.

Guilherme de Almeida — VOCÊ — (Cancioneiro). — Comp. Ed. Nac. S. Paulo.

Leão de Vasconcellos — CANTO NOVO DO MEU AMOR — Versos. Emp. Graph. Ed. Paulo Pongetti. Rio.

Ferreira da Rosa — PROSA SADIA. Em prol da educação e por amor do Brasil. — Ed. da *Revista da Lingua Portugueza*. Rio.

Alcides Gentil — ESTETICA DA LINGUA PORTUGUEZA — Fasc. I. (O "Silencio" em Eça de Queiroz). Typ. d'*O Jornal do Commercio*. Rio.

Lucio de Sousa — O PEQUENO MUNDO DE NÓS DOUS. — Rio.

Paulo Gustavo — DIVINA AMARGURA — Poema, Rio.

Paulo Gustavo — POR AMOR AO MEU AMOR — Poema. (Borsoi & Cia.). Rio.

Emilio Moura — INGENUIDADE — (Os amigos do livro). — Bello Horizonte.

Dr. A. Tepedino — AMOR E SEXO. Hygiene do sentimento. — Psychanalyse. — Typ. Garraux, São Paulo.

Maria Eugenia Celso — O SEGREDO DAS AZAS — Theatro em verso. Livraria Francisco Alves. Rio.

Leonidas Loyola — PEQUENO MANUAL DE HISTORIA DO BRASIL — Empr. Graph. Paranaense. Curityba.

Sylvio Julio — CEREBRO E CORAÇÃO DE BOLIVAR. — Rio.

Beatriz Ferreira — AZAS. — Versos. Recife.

BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS ARTES SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls | N. 3 - DEZEMBRO 1931 | REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco

A tragedia de um velho escriptor allemão

A SITUAÇÃO economica da Allemanha não tem poupado a ninguem, do mais alto ao mais baixo da celebre escala social. A's portas dos theatros, dos grandes cinemas e dos bons restaurantes a gente vê, é certo, magnificos automoveis, insolentes á fôrça de magnificencia, guardados por motoristas elegantissimos, bem estylisados. Os proprietarios desses carros imponentes formam, porém, uma menoria insignificante si os compararmos com as vastas massas da população pobre. Entre os que mais soffrem estão os artistas de todos os ramos: actores, cantores, pintores, scenographos, esculptores, musicos... Estes ultimos soffreram a esmagadora offensiva do cine-fallante, essa machina infernalissima, abominavel, execravel, moinho de loucura e de estupidificação universal. Antes da guerra as varias operas da Allemanha recebiam dos principes, reis e duques bôas subvenções. Mas veio a republica e... as operas estão fechadas pela maior parte. A cidade de Hamburgo ainda subvenciona a sua mas, mesmo assim, o theatro lucta com difficuldades para viver. Os tempos são duros...

Os escriptores não podiam escapar ás mandíbulas do monstro immane. Muitos que conheceram o successo, têm ultimamente conhecido a miseria e de que fórma!... E' o que acaba de succeder a Karl Strecker, autoridade em assumptos goetheanos, ex-director do Archivo de Goethe *em Weimar, autor de varios romances como* Der Weg durchs Addermoor, *mas muito mais conhecido pelo seu* Rufe aus dem Dunkel.

Qual, porém, o seu crime?

Estando absolutamente sem dinheiro, septuagenario e passando privações, possuindo, entretanto, nas visinhanças de Berlim, um predio que estava no seguro contra incendio, resolveu queimal-o para poder receber 50.000 marcos que lhe caberiam em caso de sinistro. Para isso ajuntou palha dentro da casa, derramou oleo por ali tudo e atacou fogo. Feito isto, saiu sorrateiramente e tomou um trem para Munich. Era, parece, a procura do alibi... *O fogo, porém, foi lento em manifestar-se e, quando o fez, foi, por assim dizer, de má vontade. Aos primeiros bulcões de fumaceira fugidos pelas janellas, accorreram logo ao local visinhos, populares, policiaes e tambem os bombeiros, que não se fizeram esperar. Alguns baldes d'agua bastaram para abafar a fogueira incipiente. E lá estavam as palhas! E lá se viam, gordurosas e denunciadoras, as manchas de oleo! Quando Karl Streck chegou a Munich, foi de certo para lêr já nos jornaes a noticia do seu crime descoberto! O pobre romancista, como os factos provavam, não tinha a menor aptidão para incendiario... Preso, foi accusado de tentativa de incendio com intuitos fraudulentos... Elle confessou, aliás, tudo. Agora acaba de ser julgado pelo jury de Potsdam.*

Já na phase do inquerito Strecker se declarára doente do juizo e por isso, allegou, não podia ter responsabilidade completa pelo que fazia. Pathetica, porém, foi a sua confissão perante o jury. Disse ser autor de varios livros, que lhe renderam dinheiro, mas o que lhe fôra realmente um bom negocio, o livro em que elle confiava para tiral-o definitivamente de cuidados monetarios e preoccupações economicas era o Rufe aus dem Dunckel. *As circumstancias comtudo modificaram-se radicalmente e voltaram-se contra elle. Foi Thomaz Mann o culpado involuntario da sua desgraça e talvez da de outros... De facto, disse Strecker, desde que Thomaz Mann ganhou o premio Nobel e seu editor lançou no mercado uma edição barata do* Buddenbrooks, *todos os outros romances passaram para o fundo da scena. Aliás o proprio Mann só foi salvo de apertos financeiros pelo premio, que lhe chegou opportunamente, na hora. E' o que dizem...*

Para sustentar-se, Strecker contrahiu dividas que não poude saldar. Peor ainda: tornou-se exhausto e incapaz de crear a menor historieta! Um de seus amigos que se promptificou a auxilial-o financeiramente não o poude fazer, porque exactamente por essa occasião, devido a fallencia de muitos bancos e dos mais importantes, os outros estabelecimentos congeneres ficaram, por ordens governamentaes, impedidos de descontar cheques e pagar á vista. Foi nessas circumstancias desesperadoras que Strecker praticou a sua loucura. Condemnado agora a um anno de prisão com trabalhos. Tendo, porém, os medicos legistas declarado que, devido á sua edade e achaques, o sentenciado não supportaria o regimen penitenciario, o juiz ordenou que elle fosse posto em liberdade condicional. E lá se foi o pobre escriptor, velho, alquebrado, deshonrado, para a solidão da sua grande e commovente desgraça...

Hamburgo — 1931.

ANTONIO TORRES.

DESTINOS

Poucos tiveram a graça de chegar á velhice e á morte com a certeza intima de uma vocação realizada. Tal que houvera excedido em argucia e facundia a santos e prophetas, curado cégos, leprosos e paralyticos, resuscitado mortos e sósinho operado mais prodigios do que todos os magos e thaumaturgos do Egypto e da Palestina, a malicia do acaso que o fez nascer num seculo irreverente de impiedade e heresia que não acredita em milagres e desconfia até do martyrio reduziu-o á condição de palhaço de circo de feira, ludibrio e escarneo de crianças desalmadas e de imbecis. Outro que nascido em tempos bellicosos encheria o mundo com a fama de mil batalhas, cortaria a fio de espada o nó de todos os problemas e ditaria leis aos povos genuflexos viveu obscuro numa época de paz podre e esperou até morrer que o arrancassem para a gloria e a victoria as trombetas da sedição e os estandartes flammejantes da revolta. Este daria um pintor insigne e passou a vida a bater sóla numa officina lobrega, aquelle um valente escriptor e mofou aferrado á sebosa banca de um jornaleco de roça. Ao que teria sido um orador portentoso faltou-lhe o forum e ao maior de todos faltou-lhe a vida, porque morreu na casca.

Assim o deus cégo e brejeiro que entretece as malhas do destino embaraça e confunde os fios da meada, de tal maneira que este mundo anda cheio de Christos-saltimbancos, Apelles-remendões, Ciceros-follicularios e Napoleões-arrieiros.

CREAR

Em arte crear é imitar. Originalidade absoluta não ha ou está em Deus. Assim toda a creação artistica traz em si o germen occulto da obra-prima futura. Mas o verdadeiro artista, o creador, imita a maestria, *não o* mestre.

Calixto, poeta mofino, que affecta o desprezo dos antigos, foi successivamente romantico, parnasiano, symbolista, decadente. Hoje campa de modernista segundo é moda em Paris. Tem a virtude do camaleão Calixto e imagina ser original.

Pois Calixto és o mais vil dos imitadores!

MULETAS DO ESTYLO

O uso (o abuso) dos signaes da pontuação é indicio de decadencia do estylo.

Antigamente escreviam os escriptores; hoje são escriptores os que escrevem, e escrevem todos.

Comparo a estructura de um bello periodo a um corpo humano da cabeça aos pés acabado e perfeito. Vive e move-se. Anda, corre, salta e dança mesmo com agilidade á beira do precipicio sem bordão nem muletas.

Chamo aos signaes da pontuação "as muletas do estylo".

INACTUAES

Certos homens nascem e vivem fóra do seu tempo, em antagonismo com o seu tempo. Não os aquecem as mesmas crenças, não os embalam as mesmas esperanças. Vieram tarde de mais ou cedo de mais talvez. O presente não os reconhece nem se reconhecem no presente. O que aos outros parece o bem supremo — gloria, riqueza, poder — deixa-os indifferentes, e amam o que o commum despreza.

Desdenhosos e desenganados partem-se em demanda de outros ceus, de outros climas, de outros deuses, de outros altares e nalguma estranha fabulosa Cólchida edificam entre as nuvens e o mar infinito o santuario inviolavel do seu exilio que tem por nome Torre de Solidão e Silencio.

ALBERTO RAMOS.

Inquiétude

Benjamin Crémieux vem de traçar no volume *Inquiétude et Reconstruction*, estampado por um editor brasileiro de Paris, o inventario das gerações de após-guerra.

Já elle, em conversas aqui no Rio, quando por aqui andou ha varios mezes, frisara, muito bem, o "hamletismo" que parece reinar entre os contemporaneos, o espirito de fragmentação, de indecisão, que está dando em resultado, nas lettras, a uma fauna de abortos. Accentuou o horror dos "novos" á construcção, o gosto das confidencias libertinas, da psychologia miúda, a aversão ao "total", ao "universal". Tudo acabou, na litteratura franceza, em narcisismo de gabinete, egolatria, desnorteamento de idéas, e os escriptores jovens são como cégos a abalroarem-se uns aos outros.

Crémieux, qual o vimos nesta capital, é uma figura meio irrequiéta. Barbaçudo como um chefe de tribu biblica — e a sua ancestralidade hebraica é manifesta — tem cabellos até dentro das orelhas e sua cabeça lembra um pouco a do famoso Landru, assassino de tantas raparigas e matronas que conquistara em Paris. Entre os parentes de Benjamin, estará o Crémieux que compôz dezenas de valsas lentas e foi celebre antes do "cake-walk" e do "jazz-band".

Maldizente incuravel, o critico da *Nouvelle Revue*, traductor de Pirandello e Prezzolini e reclamista dos livreiros italianos em França, gosta de contar anecdotas picarescas e de arranhar ou morder todos os amigos e confrades. Nem o proprio André Gide, de quem Benjamin se diz intimo, escapa á lingua peçonhenta, especialmente por ter vendido em leilão livros com dedicatorias affectuosas, recebidos de companheiros da juventude como Pierre Louys, e isto conservando cynicamente as dedicatorias.

Com uns olhos astuciosos e uns ares velhacos de caixeiro viajante, Crémieux visitou aqui no Rio o Mosteiro de S. Bento, em companhia de Graça Aranha, examinando, com muita attenção, as douraduras dos altares, os sepulcros dos monges, a velha bibliotheca, os paineis, o refeitorio...

A. G.

FELIX PACHECO — DUAS CHARADAS BIBLIOGRAPHICAS — Rio, 1931. 2 vols.

Só mesmo em meio social onde já existe certa estratificação da cultura, é possivel o apparecimento de um livro destes. Para compor um volume da natureza das *Duas charadas* não bastam o talento, o interesse pelo assumpto, a inspiração, a arte de dizer bem e claramente. E' necessario que o autor disponha de erudição sedimentada, de material de informações e pesquizas, e encontre resonancia no ambiente. Foi o que aconteceu.

Felix Pacheco encontrou, desde logo, em Affonso de Taunay, a syntonia necessaria; dispondo de uma *Americana* das mais providas, onde os cimelios não têm conta, collecção que por si só póde dar ao nosso meio erudito um tom de seriedade raro na Sul America, resolveu, com saber e com arte, dois problemas interessantes que elle chamou, modestamente, "charadas". Para quem lê a obra, *charadas* é muito pouco. Taunay, no prefacio, afirma, com verdade, que o autor versou "curiosissimo problema de bibliographia brasileira".

Na bibliotheca do Itamaraty, Taunay encontrara um exemplar da *Relação da entrada que fez D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro composta pelo Doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha, Rio de Janeiro, na segunda officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1747.*

Seria o primeiro livro em portuguez impresso na Sul America?

Felix Pacheco prende-se ao assumpto, estuda como um paleontologo os traços que o passado andou deixando aqui e ali, recompõe o primeiro capitulo da historia das artes graphicas neste continente. O primeiro livro em portuguez, neste continente, sahiu da cidade do Mexico, em 1710. E' o *Luzeiro Evangelico*, de um tal frei João Bautista Morelli, "sacerdote complicado", como diz Felix Pacheco, que tambem se chamava Frei Fulgencio Leitão, João Antonio Rivarolla, Fernando de Molina y Saavedra e Doutor Antonio de Betancor... *Excusez du peu!*

No 2º volume de *Duas charadas Bibliographicas*, Felix Pacheco reproduz, em lindo *fac-simile*, os primeiros trabalhos impressos no Brasil: a *Relação* da Entrada do Doutor Rosado da Cunha, as *Conclusões metaphysicas* de Francisco Fraga e composições poeticas impressas no Rio por Antonio Isidoro da Fonseca.

O espaço aqui não é tanto que me permitta acompanhar, mesmo por alto, o deslindar dos problemas resolvidos por Felix Pacheco. Convem, para esclarecer o leitor, dizer que o autor das *Duas Charadas Bibliographicas* provou que o impressor de um velho livro — *Exame de Artilheiros* — foi José Antonio Plates, de Lisboa, e não Antonio Isidoro da Fonseca. E provou mais que Francisco Martinez Abad existiu realmente em Madrid, onde imprimiu em portuguez o livro *Exame de Bombeiros*. Ambos os taes *Exames*, da lavra do lente da escola de artilheria José Fernandes Pinto Alpoym. Até hoje todos os eruditos estavam crentes que Martinez Abad era um nome falso do impressor Isidoro que, não contente com este *travesti*, enganador da policia real, ainda teria usado o nome de Antonio Plates.

Episodio que não deixa de ter um certo sabor, perfeitamente academico, — o autor da tremenda embrulhada parece ter sido Varnhagen...

Para Rodolpho Garcia, que está annotando a nova edição de Porto Seguro, o livro monumental de Felix Pacheco fornece optima achega, como uma luva, para a pag. 184 do 2º tomo: "No Rio chegou a haver até uma imprensa..." Para nós outros, homens inquietos, o livro de Felix Pacheco é um encanto, porque é erudito, mas vivo.

ROQUETTE PINTO.

FOUJITA

Foujita, japonez de Montparnasse, esqueceu os kakemonos *e* fukusas *de seus antepassados, para vir alistar-se entre os pintores vanguardistas que expõem na Rue La Boetie e fazem do* Jockey *e da* Rotonde *o centro das suas cogitações coloridas.*

Comtudo, por mais que se occidentalize, o artista que ora nos visita traz ainda na ponta dos dedos um pincel que já conheceu a doçura de se demorar por largo tempo sobre um pedaço de seda ou um rectangulo de papel de arroz.

Dahi o encanto das suas telas, em que ao lado dos elementos plasticos bem definidos, com valores exactos, côres solidas e contornos nitidos, taes como são exigidos pela pintura moderna surgem desconcertantes arranjos de ambiente, incriveis minudencias de technica, inesperadas finuras de execução, trahindo a meticulosidade com que Hokousai e seus discipulos coloriam a asa de uma borboleta ou escameavam o dorso de um peixe.

Assim, certo auto-retrato em que o pintor nos apparece no seu studio, *cercado de gatos e almofadas, e tendo á testa uma carta de jogar. (E será mesmo á testa? Vimos esse quadro apenas uma vez e delle não temos uma lembrança perfeita).*

Foujita, que ha pouco tempo esteve nos Estados Unidos, veio agora conhecer a America do Sul, começando a sua visita pelo Brasil. Não sabemos se aqui elle encontrará um modelo tão interessante como Kiki-Kiki, de Montparnasse, que lhe deu motivo a varias télas; mas se tal não acontecer, que ao menos elle nos permitta uma mostra do que a sua arte e a sua sensibilidade puderam colher por outros climas.

G. C.

MARIO PEIXOTO — MUNDÉU — *Typographia São Benedicto, Rio,* 1931.

O sr. Mario Peixoto, principal animador do filme *Limite*, de tanto valor synthetico, apresenta-nos agora o seu livro de poemetos *Mundéu*. São trabalhos de um agudo modernismo, com os defeitos e qualidades da geração do autor. Plena ruptura com as rigorosas cadencias metricas, perfeito desdem pela confortavel rhetorica em que se compraziam os poetas de hontem e ante-hontem. Mas o certo é que nestes versos que nem parecem versos, nestas estrophes ultra-liberrimas e quasi sempre em curtos rythmos, ha uma bella comprehensão da "vida rural sul-fluminense". Raro é encontrar-se entre os nossos artistas de vinte annos quem sinta tão vivamente a natureza, as fazendas velhas, as onomatopéas rusticas, a solidão provinciana. O sr. Mario Peixoto possue a ingenuidade e o fervor pantheista de quem, attraido pela cidade e pelos livros, hesita em deixar as arvores e as lendas do seu recanto natal e, forçado a ser adulto, sente uma especie de saudade antecipada do Paiz da Meninice.

Lamennais, *ou* Le prêtre malgré lui

Sob esse titulo, de sabôr classico, Robert Vallery-Radot estuda uma das personalidades mais caracteristicas — e mais interessantes — do romantismo francez. Mas não das mais celebres. Fica num segundo plano, onde só o vão buscar os apreciadores de questões religiosas.

Está quasi esquecido, talvez por ter sido muito typico. Não serão as qualidades mais geraes, menos marcadas pelas tendencias da época, as que levam um escriptor á posteridade?

As modas passam depressa, e não só as femininas...

Ninguem mais lê o padre bretão, que pondo em voga o estylo biblico, dá o tom ás tiradas mystico-sociaes tão do gosto do tempo. Sobrevive apenas indirectamente, em obras alheias. Inspira as rhapsodias piedosas do Lamartine das *Meditações*, fornece a Victor Hugo themas a orchestrar. Do livro cujas ousadias inebriam até os typographos encarregados da impressão, as *Paroles d'un croyant*, nascem a *Chute d'un ange* e a *Légende des Siècles*. Imitadores de menor valto pullulam. Em George Sand, provoca uma "sêde de martyrio"; Liszt jura-lhe, joelho em terra, que o futuro da humanidade está em suas mãos. "Sa parole a retenu le bruit du ciel", escreve Chateaubriand nas *Mémoires d'outre-tombe*. Para Béranger, é o propheta da democracia.

No seu jornal, *l'Avenir*, doutrina sobre politica e theologia, á frente de um brilhante grupo de discipulos. Um momento, é uma força em França e no extrangeiro. Apoia O'Connel, o libertador da Irlanda, e tem a honra de inquietar Metternich com uma campanha em favor da Polonia. Na Belgica, na Allemanha, a sua influencia se faz sentir.

E' o porta-voz magnifico das aspirações populares. Todo o messianismo liberal passa em seu verbo inflammado. Bate-se pelo suffragio universal, pelas associações operarias, pela liberdade de imprensa e de ensino.

"Supprimez l'égoisme et dissipez l'ignorance, et vous aurez une société parfaite", diz no *Livre du peuple*.

Ha cem annos, cria-se isso possivel...

Mais ainda do que o escriptor e o pensador, o homem foi um legitimo fructo da estação.

Num periodo que fez questão de ser paradoxal, tinha o paradoxo até no nome. Abbade Félicité de Lamennais... não lembra a face colorida e repolhuda de algum repleto frade recheiado de viandas succulentas e vinhos generosos? E era franzino, doentio, physionomia de apostolo "illuminada por dentro", no dizer de Sainte-Beuve, alma inconfortavel de soffredor.

Nada lhe faltou para ser um perfeito romantico. Infancia sem carinho, adolescencia tempestuosa, mocidade inquieta. Solitario e sombrio — com accessos de grossa alegria rabelaiseana — desgracioso e timido, não sabe o que fazer de si. Afinal joga-se no sacerdocio como num refugio. Ao menos assim, estaria ao lado do irmão, o *abbé* Jean. Não encontrando quem lhe curasse o "vague à l'âme" imaginou-se eleito pelo divino appello. Julgou-se digno de renunciar, porque não alcançara.

Padre sem vocação, aferra-se á apologetica, buscando um consolo, ou uma certeza, nos arduos estudos. E convence os leitores. Sem poder rezar, accende nos outros a torcha da fé. As conversões abundam, provocadas por seu primeiro livro *Essai sur l'indifférence en matière de religion*, onde combate Descartes e o racionalismo, buscando quiçá vencer a propria razão. Proclamam-no logo o successor de Pascal. Bonald e J. de Maistre applaudem-no. E' tido como um novo doutor da Igreja.

O successo litterario é festejado como um successo da fé. Ter-se-ia illudido, elle tambem?

Emfim, encontrou alguma cousa para fazer. D'ora em deante, as polemicas doutrinarias, resvalando, em rampa insensivel, para as questões sociaes e politicas, vão occupal-o inteiramente. E apaixonadamente. Porá nellas toda a sua força de vida, todos os seus ardores insaciados.

Na luta afasta-se pouco a pouco do ponto de partida: o severo dogmatismo do inicio dilúe-se num quasi pantheismo. A' força de estabelecer relações entre os problemas sobrenaturaes e os sociaes, confunde-se no mesmo mysticismo, e chega a vêr os primeiros em funcção dos segundos. A trindade revolucionaria, Liberdade, Egualdade e Fraternidade, sobrepõe-se-lhe á divina.

Rivalidades com o clericalismo gallicano chamam sobre as suas theorias a attenção do Papa. Condemnado, cessa as funcções sacerdotaes. Não se sabe se o gesto foi de revolta ou de sinceridade.

Depois, vai enchendo a vida como póde, escreve, faz politica, um anno de prisão dá-lhe uma aureola de martyr, e a obra de pamphletario, em que desperdiça o talento, morre com elle.

Afinal de contas, quem tem razão é o titulo classico. Lamennais explica-se por ter sido padre *malgré lui*, cedendo a motivos humanos. Por ter tentado aproveitar o céo para tapar buracos na terra...

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

UM CENTENARIO

A 31 de Outubro de 1831 nascia em Monza um escriptor de que talvez pouca gente se recorde agora, mas foi bastante popular em seu tempo, e no Brasil não menos que na Europa. Queremos referir-nos a Paulo Mantegazza, que viria a morrer em 1910, com uma imponente figura de verdadeiro patriarcha do optimismo. Sendo uma especie de João Finot da Italia, esse divulgador, sem fatigar demais as meninges do proximo, escreveu a valer, com uma penna mais fertil que o ventre das camponezas italianas. A *Bíblia da Esperança* foi um dos seus ultimos escriptos e reflecte bem o inalteravel bom senso, o inalteravel bom humor do scientista panglossiano que viajou tanto, fundou museus de anthropologia e ethnographia e criou o primeiro laboratorio de pathologia geral existente em seu paiz. Varejista da cultura, expositor eloquente, enthusiasta do progresso e da hygiene, Mantegazza disse coisas pittorescas sobre a India, o Rio da Prata e até sobre a Laponia. Tratou da physiologia do prazer, foi deputado e senador e, romancista da sciencia, compôz interessantes novellas cheias de antecipações scientificas, mais ou menos á maneira do astronomo Flammarion...

UM ESCRIPTOR VIENNENSE

Arthur Schnitzler — que falleceu em Vienna a 21 de Outubro e, receoso talvez de um accesso de catalepsia, pediu para só ser enterrado depois de o apunhalarem "bem no coração" — nascera em 1862, tambem em Vienna. Filho de um laryngologista celebre, estudou medicina em sua cidade natal e chegou mesmo a servir nos hospitaes de lá. Mas, á morte do progenitor, bandeou-se para a vida litteraria, pouco se demorando na poesia e passando logo ás peças de uma jovialidade satirica á moda parisiense, mesclando romantismo e realismo, sensualidade e sentimentalidade. Suas criações circulavam num estylo dos mais desenvoltos e bruscas irrupções de tristeza corrigiam o que pudesse haver nos dialogos de excessivamente ironico. Schnitzler foi bastante traduzido para o francez, como quem retorna á verdadeira patria do seu espirito, e Antoine, numa das phases mais agitadas do theatro homonymo, representou-lhe as passagens, entre amargas e humoristicas, da comedia intitulada *O Papagaio Verde*.

O autor do «Sargento de Milicias»

Manoel Antonio de Almeida, nascido ha um seculo, morreu num naufragio com pouco mais de trinta annos de edade.

Embora se multiplicasse em funcções varias, clinicando, trabalhando nos jornaes e sendo director de um theatro lyrico, para o qual escreveu Os dois amores, *imitado de Piave, o libretista predilecto de Verdi; embora traduzisse Paul Féval e se preparasse para redigir a historia financeira do paiz, o que elle fez, realmente, de mais importante foi criar o romance brasileiro.*

Porque o nosso romance começa com elle. As tentativas anteriores nada significam e só as Memorias de um sargento de milicias, *que Manoel Antonio compôz ao sahir da adolescencia, começam a reflectir o ambiente e os typos cariocas, com um dom realista simplesmente divinatorio, se considerarmos que, em 1854, Flaubert ainda não havia publicado a* Madame Bovary *e o naturalismo de Zola ainda levaria uma duas décadas para tomar o seu logar nas lettras francezas.*

Foi com toda a justiça que Araripe Junior enxergou em Manoel Antonio o nosso primeiro romancista de costumes, primeiro em ordem e talvez em qualidade. O Rio de 1810, com os seus meirinhos, os seus mestre-escolas, os seus beatos, os seus foliões, resurge nesse epitome do viver colonial em que a rua da Valla possuia tanto relevo quanto hoje a avenida Rio Branco. Leonardo, Luizinha, Vidigal, a parteira, ninhadas de garotos, rezadores mecanicos acompanhando a procissão, tudo isso vive, agita-se, respira nas paginas do grande memorialista da velha urbe.

Manoel Antonio de Almeida redigia com simplicidade e as suas phrases não lembram a gravata de laço complicado que o padre Feijó usava. Mas havia nelle seiva de ternura e, antes dos parnasianos introduzirem aqui o frigorifico de Leconte, criou elle deliciosas figuras animadas pela bondade ou pela humildade dos nossos irmãos de outrora.

Em summa, esse antepassado de Lima Barretto nada teve de um productor de zeros. Não escreveu a giz e suas personagens não carecem de gomma arabica para prender-se á retentiva do leitor.

A. G.

ANDRÉ LEVINSON — LA VIE PATHÉTIQUE DE DOSTOIEVSKY — *Librairie Plon. — Paris.*

Os estudos sobre Dostoievsky e sobre a sua vida, por melhores que sejam, deixam-nos sempre insatisfeitos. Ao terminar cada um, mergulhamos em longas meditações, e concluimos: ainda não é isso, deve forçosamente faltar muita coisa.

E' que Dostoievsky, como nenhum outro escriptor, de nenhum outro paiz, nos dá a impressão de resumir e condensar em si, o que de mais perturbador, de mais profundo, de mais angustiante, existe na alma humana: a capacidade de soffrer. Nelle, essa capacidade era illimitada, inexgottavel, não se gastava com a edade ou com os soffrimentos reaes ou imaginarios que attrahia irresistivelmente e absorvia integralmente, com sofreguidão, e — quem sabe? — talvez com volupia. Tendo passado pelas maiores provações — a condemnação á morte, o perdão só annunciado quando em um simulacro macabro, presos aos postes de execução, os seus companheiros de conspiração só esperavam o instante supremo da ordem de fogo, os trabalhos forçados na Siberia, cercado de bandidos de verdade e perseguido pelo governador da prisão, (e aqui só referimos algumas das mais importantes) — Dostoievsky parece ter conservado em si, apenas os receptores para a dôr. Só a dôr o interessava, e quando em suas obras, em fugitivos clarões, se entrevê algum instante de felicidade, esta nos apparece como uma sublimação do soffrimento e nos opprime, e nos esmaga ainda mais. Ao pensarmos que, sem duvida, elle dividiu pelos seus personagens o que se passava em sua alma multiforme, e que essa multidão de individuos, santos e degradados, luminosos e obscuros, elevados e rasteiros, sublimes e miseraveis, não representavam outra coisa senão todas as potencialidades de seu espirito, em uma luta infrene, somos tentados a recuar de espanto. A' força de ser humano, elle se colloca fóra da Humanidade, e desperta-nos um sentimento de respeito e de susto, como um ente á parte, para o qual não se encontra uma unidade de medida, um termo de comparação.

Dahi, talvez, a fallencia dos esforços dos criticos e dos biographos. Como avalial-o? Como classifical-o? Elle escapa á analyse; é preciso admiral-o em sua grandeza, supportal-o em sua violencia, acceital-o em sua monstruosidade, mas nunca decompol-o, dividil-o, reduzir a elementos o que se nos mostra como um todo, como um bloco convulso, agitado por uma constante ebullição subterranea.

O livro de A. Levinson trata de dar-nos uma imagem disso tudo. E' uma imagem viva, movimentada, intensa, em que o auctor procura fazer reviver a figura rebelde e indomavel de Dostoievsky. E', por vezes, empolgante, e sempre interessante. Mas a figura verdadeira do escriptor escapa-nos. Dostoievsky, ainda desta vez, não se deixou dominar, e sua personalidade continúa livre e desenvolta, a nos desafiar, como em vida desafiou a todos, e, mais do que a todos, a si proprio, á sua intelligencia, ao seu esforço de auto-critica.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

RUBEY WANDERLEY — *Vida amorosa e jornalistica de Mario Hafner* — Editor Coelho Branco, Rio, 1931.

Estreando como romancista na *Vida amorosa e jornalistica de Mario Hafner*, o sr. Rubey Wanderley patenteia felizes dons de narrador. E' elle dos que sabem contar lepidamente e o livro, mão grado certas falhas de psychologia e a incidencia em detalhes escusadamente escabrosos, faz-se ler até o fim, o que não é pequeno elogio, numa época de tantos prosadores coriaceos qual a nossa. O trecho inicial, com as recordações infantis que o impregnam, é dos mais commoventes. E, se as scenas de Friburgo são um pouco presumpçosas nos seus lances donjuanescos, os aspectos da imprensa carioca e o incisivo perfil de Oswaldo Beresford fogem aos artificios da vulgaridade. O dialogo é vivo, a ironia saltitante, faceis os esbocetos de paizagem. Trata-se, em summa, de um prosador a quem devemos encorajar, seguros de que elle não tardará a encontrar o seu rythmo, a chegar da dispersão á unidade, reapparecendo-nos de maneira a impôr-se á admiração dos mais recalcitrantes.

DIAGNOSTICOS RETROSPECTIVOS

Vêm de longe, e não passaram ainda de moda, os estudos clinicos das enfermidades que padeceram os grandes homens. Houve tempo em que as investigações no terreno dessa fascinante pathologia retrospectiva assumiram um caracter positivamente epidemico. Era raro o dia em que não vinha a lume um artigo, uma monographia ou um livro sobre a *causa mortis* dos grandes homens das lettras, das artes ou da Historia. O Dr. Cabanès fez-se, mesmo, um profissional dessa nova especie de litteratura paramedica, e os seus livros, de um delicioso sabor de novidade, tornaram-se famigerados no mundo inteiro. De tal modo os diagnosticos posthumos das mazellas dos homens celebres começaram a interessar os espiritos, que dentro de pouco tempo já não existia, no mundo, uma só notabilidade que não tivesse na sua biographia a sua ficha nosographica e o seu attestado de obito.

Para não ir mais longe, basta dizer que nos seria possivel, neste momento, citar de memoria a *causa mortis* de uma duzia de homens celebres na politica, nas lettras ou nas artes. Napoleão, além de epileptico, era tuberculoso. Augusto Comte foi um cardiopatha e atravessou varias crises de excitação nervosa. Swift, descendente de neuropathas, morreu louco. Goethe e Pascal soffriam de crises allucinatorias. Jean Jacques Rousseau era um psychopatha authentico. Flaubert e Dostoievsky foram epilepticos. Maupassant, descendente de mãe basedowiana, morreu de paralysia geral. E seria interminavel a relação, se quizessemos proseguir neste macabro inventario de mazellas dos homens celebres.

A "clinica litteraria" de Lyon

A prova, porém, de que tal ordem de investigações ainda consegue interessar o espirito do nosso tempo, temol-a, nitida e insophismavel, nos estudos da chamada "clinica litteraria", que têm tornado famosa a Escola de Lyon. Com effeito, o notavel centro de cultura scientifica da França dedica as suas mais graves e pacientes canseiras á pesquiza dos "casos clinicos" da litteratura universal. Ainda agora, para augmentar o catalogo já consideravel das suas obras no genero, a Escola de Lyon acaba de publicar dois interessantissimos estudos sobre Lamartine e Baudelaire. Depois dos livros admiraveis que se inspiraram em Dostoiewsky, Poe, Hoffmann, Beethoven e Musset, era impossivel deixar de receber com curiosidade e sympathia os volumes que acabam de publicar os Srs. Tatin e Scouras.

A tuberculose de Lamartine na these do Dr. Tatin

Estudando, com finura e penetração, a influencia da bacillose pulmonar sobre o genio de Lamartine, o Sr. Tatin (René Tatin) revela-nos na historia morbida hereditaria do poeta a existencia de muitos casos de tuberculose. O bisavô, o avô, um tio, um irmão e provavelmente tres irmãs de Lamartine morreram de tuberculose pulmonar. O grande romantico francez, atacado do mal terrivel em plena adolescencia, teve consecutivas hemoptises e levou até o fim da vida a carga pesada das mazellas e das tristezas da sua inexoravel companheira. Além de um catarrho chronico, que andava com elle parallelo, e era irmão gemeo da tuberculose, Lamartine padecia tambem de affecções articulares as mais incommodas (rheumatismo poly-articular agudo? arthrite tuberculosa?). Curioso, entretanto, é acompanhar o Sr. Tatin nesta simples observação: as melhores poesias de Lamartine foram escriptas nos momentos mais crueis dos seus padecimentos, e seu lyrismo parecia bruxolear e apagar-se quando se accentuavam as melhoras da sua saúde.

O caso clinico de Baudelaire estudado pelo Dr. Scouras

Quanto ao caso de Baudelaire não é menos interessante o depoimento do Sr. Photis Scouras. De resto, o poeta das *Fleurs du Mal* foi um "caso clinico" que sempre seduziu os medicos e pesquizadores de todos os tempos. O ensaio medico-psychologico do Sr. Scouras, porém, fixa o problema pathologico do poeta com clareza, intelligencia e exactidão. Estuda os antecedentes morbidos de Baudelaire, para provar a sua herança doentia. Filho de uma união infeliz e heterogenea, o poeta era um "emotivo constitucional". Nesse terreno neuropathico, a syphilis, contrahida na adolescencia, e as toxicomanias acabaram perturbando a vontade e exacerbando a emotividade. O temperamento sensual veio-lhe do pae, tendo elle herdado da mãe a constituição emotiva. Na sua herança familiar havia uma pesadissima carga de taras neuropathicas: apoplexias, hemiplegias, disturbios neuro-psychicos. Não obstante Baudelaire ter sido accusado de "sadismo", "mysticismo" e "cynismo", o Sr. Scouras declara que o traço fundamental da sua psychologia era a "timidez". Além disso, elle era victima da chamada "impotencia electiva". Era um debil sexual, obcecado pela idéa do amôr, e que procurava no automatismo bastardo das profissionaes um derivativo ou uma libertação para as suas hesitações. Baudelaire era um "insatisfeito", que buscava nos entorpecentes e excitantes um consolo ou um esquecimento para a sua miseria physica. E a sua intelligencia só tinha uma utilidade no caso: augmentar-lhe a sensação de vergonha e desespero deante das suas repetidas e inevitaveis capitulações. A syphilis, que teve nelle um caracter nitidamente neuro-vascular, deu-lhe todos os symptomas de uma defeituosa circulação cerebral: lipotimias, cephalalgias, crises epileptiformes e, por fim, o "ictus" que lhe supprimiu a palavra e os movimentos. Elle morreu aphasico e paralytico. Emfim, um estudo interessantissimo, o do Sr. Scouras.

Quando inauguraremos nós no Brasil esse genero de pesquizas e estudos que tem um tão palpitante interesse litterario e scientifico? Havia de ser extremamente interessante estudar a epilepsia de Machado de Assis, como a cardiopathia de João do Rio, a neurasthenia de Euclydes da Cunha, como a tuberculose de Augusto dos Anjos. Em todo o caso, os assumptos estão ahi, virgens e palpitantes, desafiando a curiosidade dos estudiosos e dos pesquizadores.

PEREGRINO JUNIOR.

O accordo orthographico

Ha dias, noticiaram os jornaes desta cidade que a Academia das Sciencias de Lisboa celebrou uma sessão agitada, onde se discutiu, mais uma vez, a recente *entente* orthographica luso-brasileira. Os academicos David Lopes e José Joaquim Nunes, philologos ambos de alto valor, apresentaram um parecer em que se articulavam graves accusações ao procedimento da nossa Academia. Concluiram aquelles academicos propondo a publicação de um *livro branco* e a revogação do accôrdo. Tudo isto, porém, diziam as noticias, foi expresso em linguagem tão aspera, que o sr. Julio Dantas, antevendo talvez um *casus belli*, propôz que se desbastassem as arestas ao parecer-bomba.

Do laconismo telegraphico das noticias se deprehende que a Academia Brasileira foi accusada de andar burlando os compromissos assumidos ao assignar o pacto de 30 de abril. Por esse documento, a Academia Brasileira se obrigara a só estatuir normas orthographicas em perfeita e absoluta communhão de principios com a Academia de Lisboa. Tal obrigação chegou mesmo a ser juridicamente formulada pelo sr. Levi Carneiro, consultor da Republica, em parecer divulgado pela imprensa, a proposito das palavras *Egipto* e *egipcio*.

Ora, acontece que, esquecendo tão solenne compromisso, a nossa Academia entrou de legislar sozinha em materia orthographica. Mandando ás urtigas a lusa gente, approvou por sua propria conta um formulario, um vocabulario, e até permittiu, sem protesto, que o interventor da Bahia impuzesse, nos papeis officiaes, a conservação do tradicional *h* do nome daquelle Estado. As duvidas que surgiam, as difficuldades que se apresentavam, a nossa Academia as ia dirimindo de per si, autonomamente, como se Portugal nem existisse. Diante desses flagrantes attentados á fé jurada, a Academia de Lisboa estrillou, e estrillou com toda a razão. E' certo que o sr. Fernando Magalhães e o sr. Julio Dantas ainda estão tentando uma reconciliação, mas a verdade é que o caldo está definitivamente entornado.

A attitude dos srs. D. Lopes e J. J. Nunes deve ser, afinal, o inevitavel reflexo da campanha que em Portugal se tem feito contra o novel systema graphico. E essa campanha é, aliás, justissima. O povo portuguez dispõe, desde 1911, de uma graphia muito boa, simples e ajustada á sua phonetica e que foi obra de alguns dos seus mais eminentes philologos e linguistas. Em vinte annos de uso desse systema, os seus habitos graphicos devem estar bem accentuados e assentados. Por que, pois, acceitar importunas alterações nas suas normas de escrever, coisa que só se faz com sacrificios e massadas? Por amor duma vaga e platonica uniformidade graphica do idioma? Ou para servir aos interesses de dos ou tres livreiros?

Acertadamente agirá, portanto, a Academia de Lisboa, se romper o accordo.

Quanto a nós, brasileiros, só nos resta dirigir ao Governo uma petição pedindo-lhe que retire em definitivo o apoio que concedeu á graphia resultante do accordo, antes que a anarchia orthographica de que estamos ameaçados nos avassale completamente. Poder-se-ia solicitar tambem das autoridades publicas a nomeação de uma commissão de technicos brasileiros para estudar o problema orthographico. Mas a Academia Brasileira, com as suas successivas e desastradas reformas, já desmoralizou de tal geito a idéa de reforma orthographica, que melhor será nada mais tentar, por ora, neste terreno.

SAUL BORGES CARNEIRO.

GRAÇA ARANHA — O MEU PROPRIO ROMANCE — (Comp. Editora Nacional) São Paulo.

Ao volver a ultima pagina deste livro, apenas o inicio de um longo memorial, talvez obra para varios tomos, em que o grande escriptor patricio se propanha recordar a sua vida, acode-nos um irremediavel sentimento de tristeza na prefiguração do que poderia ter sido essa biographia se o seu autor houvesse tido tempo para terminal-a.

Ha muito não relemos *Chanaan*, mas estamos certos que nesse primeiro livro, que lhe deu a gloria e é monumento imperecivel das nossas lettras, não se encontram paginas de mais vivo colorido, de mais capitoso sabor do que aquellas em que Graça Aranha se reporta aos seus dias de infancia feliz no Maranhão e, depois, nos primeiros contactos com a mocidade estudantina de Recife. Mas, infelizmente, tudo isso é muito pouco para quem tantas e tão bellas cousas ainda nos teria que contar.

ONESTALDO DE PENNAFORT — ESPELHO D'AGUA — JOGOS DA NOITE — Ed. de *Terra do Sol*, Rio, 1931.

No 4º numero do *Bazar*, a bella revista de Miguel B. do Amaral, Victor de Carvalho e Edmundo Lys, ha uma coisa deliciosa de Ribeiro Couto intitulada *Correntes Litterarias* e que diz assim: "E um bello dia a gente abre *La Belle au Bois Dormant* e relê de novo encantado, como se fosse uma coisa nova: "Il était une fois un roi et une reine..."

E' essa mesma impressão de encantamento que nos dá a leitura do ultimo livro de Onestaldo de Pennafort. Esse poeta admiravel, dos mais finos e raros que possuimos, ficou tambem adormecido no bosque, emquanto, no tumulto da cidade, as correntes litterarias se desfaziam e se refaziam com grande alarido. Mas não ficou adormecido como a Bella *surannée* do famoso conto, e sim como o não menos famoso automovel da historia para todo o sempre inedita do Sr. Sergio Buarque de Hollanda. Porque, ainda quando se revendo em cantares de amigo e rimancetes de tão saboroso archaismo, nunca este versejador elegantissimo se nos revela um decalcador paciente e frio das fórmas e maneira de sentir do passado, — o que propriamente constitue o *passadismo*. E' que nessas fórmas antigas Onestaldo de Pennafort põe, com a ingenuidade dos grandes poetas, o mais vivo de sua sensibilidade de homem de agora, e como essa sensibilidade é de fascinante subtileza e se manifesta em rythmos de uma extranha e requintada musicalidade, fica-se litteralmente encantado, como quando em menino as bás contavam: "Era uma vez um rei..."

E' bom assignalar o caso deste poeta, nesta época em que o modernismo já começa a ter os seus *passadistas*. Os exemplos de Picasso e Strawinsky mostram bem como um artista pode ser do seu tempo até quando se inspirando na maneira pessoal de um artista de outro seculo. Afinal de contas tudo é questão de vida. O poeta é o criador, capaz de a insuflar nas mais inertes materias.

MANUEL BANDEIRA.

Tudo o que se refere ao amôr está além do bem e do mal.

Nietzsche.

ROSAMOND LEHMANN

A leitura que venho de fazer do segundo romance de Rosamond Lehmann — *Une note de musique* — traducção de Jean Talva (*Feux Croisés*, Plon) renova a forte impressão que *Poussière* me deixara. Rosamond Lehmann é, sem duvida, um dos grandes romancistas de hoje.

Une note de musique e *Poussière* são romances inteiramente independentes, mas unidos por uma trama commum.

Os personagens de ambos os livros estão situados dentro de um ambiente psychologico unico, que já marca a personalidade do autor.

Cada romancista é uma ambiencia, é um *ar* em que se desenvolvem diversas vidas. Para fallarmos de autor de hoje apenas, ahi estão os romances de François Mauriac, por exemplo. Em todos elles um *tom* unico, um clima unico. Lendo-o, passamos a ver a vida de uma maneira determinada, de um centro que não é o nosso. Assim o romancista realiza a conquista do seu mundo para nelle fixar o seu clima proprio. Claro que estamos longe do romance *puro*, que de resto é formula e aspiração indefinida e simples. Mas, para mim, o grande signal do romancista é essa sensação que tive lendo *Une note de musique*, a de ter voltado a um paiz já habitado para viver uma vida differente, mas onde todas as resonancias accordam pequenas lembranças da outra vida e em que os proprios sêres se parecem, oriundos que são da mesma fonte.

Claro que não quero traçar para o romance uma theoria de preferencia, que será no fundo contra a natureza do romance. Que será possivelmente uma invasão dos dominios da poesia. Essa invasão, ou melhor, essa marcha do romance para o poema, em ninguem modernamente se surprehende melhor do que em Rosamond Lehmann.

Poussière é o romance de uma adolescencia feminina, mas de uma adolescencia triste.

Uma tragedia latente vive em todo esse livro, tragedia que se realisa porque não se realisa, e só por isso — tragedia.

Resumir um romance dessa especie será o mesmo que contar um poema a alguem, pois a vida que nelle assistimos obedece a um rythmo interior, como a poesia obedece a um rythmo exterior que a completa, rythmo de que o poeta mais livre e mais puro, Rimbaud por exemplo, não se consegue libertar inteiramente.

Algumas passagens desse romance — *Poussière* — cujo autor (aliás uma jovem ingleza, que os retratos mostram dona de um lindo rosto melancolico e de uns esplendidos cabellos de ouro velho) o escreveu com vinte e poucos annos, — algumas passagens desse romance, ia dizendo, se fixam em nossa memoria de uma maneira inapagavel.

Poussière não é apenas a Educação Sentimental de uma moça ingleza, como disse Edmond Jaloux (*). E' mais alguma coisa de geral, como a *Educação Sentimental* de Flaubert o é tambem. Mais alguma coisa de fóra do espaço. Accorda, fere o ponto nervoso e dolorido das relações humanas: o desencontro. Quer em *Poussière*, quer em *Une note de musique*, a heroina é uma só. Pertence á cathegoria de almas que Mauriac denominou de assassinadas. Está justa e perfeita essa denominação, quer para Judith Earle (de *Poussière*), quer para Grace Fairfaix (de *Une note de musique*). Vivem sempre nos outros. Amam sempre, e sempre são maiores do que o que amam, mas o amor se recusa inexoravelmente a ellas. Vivem a tragedia desconhecida das pequeninas felicidades que se vão rapidamente, logo que se tem dellas conhecimento; vivem de esperar indefinidamente, notando um sorriso, um gesto breve, e sempre mergulhadas na cinza do desespero que não explode, que não se realiza em violencia e plenitude, mas que vae desfazendo aos poucos o sentido e o gosto da vida. Almas que não teem direito á felicidade, que não são bastante fortes ou que são fortes demais para o amor e para o *encontro*.

Em *Poussière*, Judith Earle, da sua solidão de filha unica, encontrou uma familia vizinha (com moços e moças, primos e primas) o seu mundo desconhecido, esse mundo encantado que os homens teem sempre na adolescencia e que os poetas — ai delles! — levam durante toda a vida no seu inquieto desejo. Esse *mundo* que objectivamente póde não ser nada mas que a imaginação illumina extraordinariamente, mundo difficil que o grande Meaulnes do livro maravilhoso de Alain Fournier descobriu num dia de fuga do collegio, mundo que por ser distante póde ser fatal muitas vezes e envenenar todo o longo do caminho de uma existencia com o seu perfume impossivel.

Em *Poussière* a heroina é a *alma sózinha*. Depois de um grande sonho continuado, sonho que se vem desenvolvendo desde a infancia, Judith Earle verifica que nada recebeu em troca, e que o Amado, um rapaz jovial e sympathico, a quem entregou sua alma integra e um dia o seu corpo tambem, pensava que todo o desejo della era se entregar a elle, para o breve momento de concentração dos sentidos.

Mas Judith amou toda aquella familia e com ella se quiz fundir, numa ancia de encher o seu vazio e o seu deserto sem termo.

Durante um instante foi amada, foi amada por uma collega de Universidade, mas essa mesma a deixou em pouco tempo.

Une note de musique é não mais o romance da adolescencia, mas o da plenitude. A heroina continúa a ser a *alma sózinha*. Casada com um marido que supporta apenas, bom e desageitado, cujos gestos não merecem graça deante della, vive numa triste cidade do interior uma existencia de limbo, até o momento em que apparece um rapaz descuidado e livre para quem ella refloresce em silencio. Esse rapaz não se fixa em coisa nenhuma. Vive com a plenitude feliz de um bohemio. Tem um bom coração e a sofreguidão das viagens. Uma amiga commum os approxima. E ha depois, como em todas as historias deste mundo, um passeio ao campo differente de todos os outros passeios ao campo. E' a paizagem que desce até as almas, é o ruido das aguas, são as rosas desfolhadas nos jardins, tudo traz a serenidade, a calma que passou depressa e não torna mais. E um pouco da lembrança desse passeio e da visita de despedida do rapaz, constitue toda a reserva de recordações felizes que alimentarão essa alma cujo fogo é permanente e dorme sob as cinzas de uma existencia que falhou. Alma que amará *até no seu leito de morte* uma sombra que atravessou rapidamente a sua vida.

Outras figuras surgem nessas

(*) Edmond Jaloux — *Au pays du Roman* — Éditions R. A. Corrêa — Paris.

CANÇONETISTA E MINISTRO

Da vida pilherica e sentimental dos cabarets de Montmartre acaba de desapparecer uma figura bastante expressiva: a do cançonetista Maurice Bonkay, mais conhecido em politica pelo seu verdadeiro nome de Charles Couyba. Porque esse poeta nocturno da "collina sagrada" foi senador por um importante departamento francez e participou de certo gabinete ministerial, sobraçando a pasta do Trabalho. Filho de proletarios e condiscipulo de Léon Daudet, fizera elle bons estudos de humanidades e passara pelo professorado, antes de acabar director de um estabelecimento technico em que se conservou até á morte. Mas, acima de tudo, attrahia-o a bohemia dos recitadores melenudos do Chat-Noir e adjacencias e, ao lado de Lucien Descaves, chegou a fundar uma associação destinada a proteger os pobres cantores ou declamadores que o falso gentilhomem Salis explorava immoderadamente. Combateu sempre a poesia licenciosa. *Chansons de jeunesse*, *Chansons d'amour*, *Chansons du peuple*, — são os titulos de alguns dos seus livros, bem significativos do conteúdo delles: luares, estrellas, pierrots, colombinas, os beijos de Manon, o sol e a primavera... Verlaine, prefaciando-lhe um volume, assim falou: "Eis emfim reencontrada a *boa canção*, a canção simples e vivente, no gosto de Pierre Dupont, com não sei que graça do seculo XVIII e com poesia real; o grito, em summa, da paixão, o canto vibrante, a simplicidade, a nota verdadeira do coração."

---

existencias que Rosamond Lehmann põe diante dos nossos olhos. Algumas mysteriosas, tocadas de uma poesia intensa, como essa singular Mariella, que não se apaga aos nossos olhos de todo, e adormece no lugar em que a memoria reune a poesia que temos, lugar esse que um pequeno detalhe da vida diaria nos mostra furtivamente.

Poderia fazer algumas observações criticas sobre o methodo do romancista. Poderia dizer mais alguma coisa sobre a apresentação dos personagens que surgem diante de nós como se já os tivessemos encontrado. Isto bem mais de accordo estaria com o convite que me fez Gastão Cruls. Mas eu quiz fixar de preferencia, para os que ainda não leram os romances dessa mulher extraordinaria, que é um dos grandes escriptores da Inglaterra de hoje, esse ambiente de abandono que Rosamond Lehmann nos transmitte de uma maneira tão nitida e tão irreal, ambiente em que as almas soltas se ferem, por brinquedo talvez...

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

FRANCISCO I E O COLLEGIO DE FRANÇA

Extremamente alto e magestoso. Nariz alongado e fino, ~~disciva~~-mente dilatado, revelando, de parceria com os labios polpudos, a concupiscencia insatisfeita. Palpebras entumescidas, procuram, em vão, attenuar o fulgôr das pupillas. No rosto, cobrindo-o, uma barba triangular, cerrada e negra, contrasta com a alvura da tez e disfarça a grossura exaggerada do pescoço. Madeixas saem do gôrro que lhe orna a cabeça e vão cahir negligentemente na fronte ampla onde o habito do mando arou, na intersecção das sobranceelhas, duas rugas verticaes e parallelas, cujos sulcos augmentam, quando o senhor omnipotente se encoleriza. A indumentaria de luxo agressivo e os punhos fincados ás ilhargas, dão-lhe attitude desdenhosa e provocadora. Eis o retrato do *soberano do bello*, que Ticiano, pintor e magico, fixou para sempre, com seu pincel infallivel.

Volvidos quatrocentos annos, a gloria de Francisco I subsiste inalteravel. No emtanto, diz-se delle que não foi nem grande estadista, nem grande pensador, nem grande artista. Intelligente, malbaratou sua intelligencia em palestras tecidas de subtilezas, mas fugazes; poeta, num instante em que Ronsard trabalha rythmos novos, não escreve um bello verso; guerreiro, se venceu triumphalmente em Marignano, foi derrotado em Pavia, e posto que houvesse, no fragôr das batalhas, conquistado renome, a arte de matar nada lhe deve; politico, não logrou rivalizar com Carlos V; galante, elle que tanto amara o amôr, morre de uma doença venerea. Mas os artistas e pensadores que elle amou e protegeu, velam pela gloria do monarcha infortunado, communicando eterno esplendor ao seu diadema.

O genio artistico do Valois deu expansão, para alegria dos homens, ao riso universal de Rabelais; fechou, cheio de unção, os olhos moribundos de da Vinci, e comprehendeu a alma vulcanica de Cellini. O seu genio guerreiro revelou-se na guerra á intolerancia, num seculo de matanças inuteis, onde pensar era atrevimento punido com a morte. O seu idealismo creador manifesta-se fundando o Collegio Real, hoje Collegio de França, o que equivale dizer, Collegio da Humanidade — estabelecimento modelar, magnifico, já pela sua independencia, já pelo seu liberalismo, cujo quarto centenario vem de celebrar-se com o applauso unanime de todos os povos que pensam. O Collegio não distribue diplomas, nem exige matriculas, nem frequencia, nem exame prévio aos ouvintes. Quem quer ouvir um dos seus quarenta professores vae, senta-se e ouve. Não ha sabbatinas, nem arguições, nem massadas. Em resumo: é uma academia de sabios onde não ha um só "doutor".

Miguel Angelo, com a sua mania de identificar homens e edificios, talvez comparasse o Collegio a um benedictino, voluptuario do estudo, insaciavel de curiosidade, capaz de transmittir aos semelhantes, no mais plastico e logico instrumento de exteriorização humana, a sabedoria accumulada em quatro seculos.

Li não sei onde que, durante o terror, uma populaça ululante, armada de foices, espadas, chuços, facas e carabinas, approximou-se da Rue des Écoles. Subito estacou, obedecendo a uma voz de commando: *Silence! La Sagesse!*

Era Théroigne de Méricourt, que assim acalmava a multidão, apontando para o velho edificio de contornos augustos, tisnado pelo tempo.

O collegio conservava as suas portas abertas, insensivel ao que se passava em derredor e, talvez, lá dentro, um mestre sapiente, commentando um texto grego, fallasse da rara virtude da moderação.

MANLIO GIUDICE.

Durante a vida, um santo é sempre ridiculo.

M. Vlaminck.

Ha uma cousa mais bella do que uma bella cousa, é a ruina dessa mesma cousa.

Rodin.

A correspondencia da Rainha Victoria

John Murray, o conhecido editor londrino, acaba de lançar o Vol. II, Serie III, das *Cartas da Rainha Victoria*, abrangendo o periodo que vae de 1891 a 1895, volume esse, (como o precedente), organisado com licença do Rei por uma autoridade no assumpto: George Earle Buckle.

Como o anterior, offerece este novo volume valioso material a quem se interessa pela historia da Inglaterra e pela historia mundial no seculo XIX. O reinado de Victoria atravessou o seculo quasi de principio a fim, como o reinado de Victor Hugo, a quem ella sobreviveu. Por isso os inglezes o consideram como uma *era* na sua historia: *the Victorian era*. Como se diz *a era Octaviana*...

A rainha tem sido observada, estudada e julgada de differentes modos, consoante o temperamento e preferencias culturaes dos historiadores e criticos que a respeito della têm escripto. Uma das principaes restricções que se fazem quanto á sua pessôa privada e politica é a de ter espirito estreito, de ser uma puritana. Não conheço ente mais antipathico do que o puritano. Forçado a escolher, preferiria a sociedade de assassinos, bebados e jogadores ao convivio com puritanos. Si eu fosse aos Estados Unidos, ser-me-hia mais agradavel ser camarada e commensal do bandido Al Capone do que assentar-me á mesa do presidente Hoover. A palestra de Al Capone deve ser muito mais viva, deve ser scintillante. Mas, no caso de uma rainha como Victoria, o seu puritanismo, si de facto existiu, é perfeitamente comprehensivel. Era mulher em primeiro logar. Era mãe de familia em toda a extensão da palavra. Tendo de governar uma familia numerosa e o maior imperio da Historia, não lhe sobrava tempo para futilidades. Depois, que exemplos terriveis tinha do passado! Basta lembrar os escandalos ainda recentes da rainha Carolina, a proposito de cujo processo disse alguem que toda a Inglaterra foi obscena durante um mez. E a propria mãe da rainha Victoria, a duqueza de Kent, estava bem longe de ser modelo de virtudes domesticas e conjugaes. Sendo de seu natural profundamente honesta e piedosa, essas recordações deviam influir muito no animo da illustre princeza para que ella não quizesse ver repetidas na sua casa as irregularidades de outrora... Veremos entretanto que ella era um coração sensivel, um caracter firme mas generoso e tambem uma alma aberta a todas as bellas, dignas e altas suggestões da arte musical e theatral.

O sr. G. E. Buckle, o homem ideal para tarefa de tamanha responsabilidade, apresenta-nos a soberana como uma figura viva, humana, em toda a sua grandeza moral mas sem esconder as suas limitações quer de intelligencia quer de sentimento. Aqui a vemos nós, já velha, muito velha (na occasião já tinha mais de setenta annos) acompanhando com applicada intelligencia, com a attenção do estadista mais traquejado nas luctas da politica e da alta administração, os debates do Parlamento e as acções dos seus ministros, lendo os relatorios publicados pela imprensa e os relatorios privados, escriptos especialmente para ella. Estuda cuidadosamente todos os papeis submettidos á sua apreciação e despacho. Não tira os olhos do Partido Liberal e principalmente do seu chefe Gladstone, cuja eloquencia ella teme que não degenere em demagogia. As suas relações com o *Grand Old Man* estão sempre bem longe de ser tão amistosas como tinham sido com Disraeli. Este tinha labia, sabia ornar as suas observações de imagens e tropos que envolviam a rainha numa atmosphera de sympathia... para com elle e seu partido. Gladstone, não. Embora a sua cortezia fosse perfeita, elle não via nella uma senhora como as outras. Era para elle apenas a personificação da Corôa Britannica. Nas suas audiencias com a rainha elle não fallava a Victoria, mas sómente a um dos items da Constituição, isto é, á Corôa, nada mais. Ha uma carta della, em precedente volume, na qual se póde ler esta queixa bem feminina: "Mr. Gladstone me falla como si estivesse fallando a um *meeting!*" Bem distante estava elle, pois, do subtil judeu Disraeli, cheio de mesuras, escolhendo as palavras, e só se dirigindo a ella como *my beloved Sovereign*, minha amada soberana... Por isso, quando, em 1894, depois do *Home Rule* ser rejeitado na Camara dos Lords, o veterano estadista, velho de 86 annos, já muito surdo e quasi cego, pediu demissão e annunciou que se retirava da vida publica, Victoria o viu partir sem saudades. Nunca se entenderam estas duas grandes figuras historicas. Ella o via sempre com olhos cheios de suspeita. Nenhum subdito, nenhum ministro, entretanto, mais leal do que elle, como a propria rainha no seu *Diario* o reconheceu. Mas a differença de temperamentos, de opiniões e de processos politicos era profunda entre ambos.

Depois da demissão de Gladstone, sua esposa foi ver a rainha. O *Diario* desta descreve a entrevista em breves palavras: "Mrs. Gladstone esteve commigo depois do *breakfast*. Estava muito perturbada, coitadinha (*poor thing*) e pediu licença para me fallar, porque seu marido *não podia fallar*. Isto para dizer — o que ella fez com muitas lagrimas — que, fossem quaes fossem os erros delle, "a sua dedicação a Vossa Majestade e á Corôa eram muito grandes." Repetiu isto duas vezes e me pediu licença para dizer a elle que eu o acreditava, e eu o permitti. Porque estou convencida de que de facto assim é, embora por vezes as suas acções tornassem difficil acredital-o. Depois fallou dos dias de outrora e de ha quantos e quão longos annos ella tinha conhecido a mim e o querido Alberto. (O principe consorte, já fallecido.) Eu a beijei quando ella se despediu."

E', como se vê, uma entrevista pathetica, na sua simplicidade familiar, a destas duas grandes damas, ambas já em avançada edade, ambas inspirando tanta sympathia: a soberana procurando comprehender para consolar, e a subdita vindo pedir um pouco de conforto moral para seu marido, seu velho companheiro de mais de meio seculo, abatido, como um antigo carvalho, pelo tempo, pelas enfermidades, e pelas inevitaveis desillusões da vida publica...

Aristocrata da cabeça aos pés, a rainha só comprehendia a vida politica com homens como Lord Russell, Lord Palmerston, Sir. G. Grey, Sir R. Peel, Lord Aberdeen, etc., etc.. Está numa nota verbal sua a Sir Henry Ponsonby, seu secretario particular. Não concebia a impetuosidade do velho Gladstone durante a campanha eleitoral de 1892, em que o Partido Liberal saiu com maioria, contando com o apoio dos irlandezes. Nessa nota diz ella: "Mr. Gladstone durante a campanha usou de tanto ataque pessoal e de linguagem tão vio-

lenta, que a rainha está completamente escandalisada e envergonhada — *the Queen is quite shocked and ashamed.*" No emtanto, podesse ella percorrer o *Diario* de Gladstone e verificaria que o Grande Velho, si não era terno para com os adversarios nas suas imagens e comparações, tambem não o era para comsigo mesmo. Com effeito, ha no *Diario* uma passagem em que elle se compara a um burrico que o carregara fielmente em longa viagem pela Sicilia annos antes. Elle reconhece que não podia recompensar o excellente animal nem com sympathia nem com affeição. E conclue philosophicamente: "O que esse burrico foi para mim tenho eu sido para a rainha ha cincoenta e tres annos!" Tal era Gladstone...

A estreiteza do espaço não me permitte infelizmente tratar aqui do senso diplomatico da soberana, que em assumptos de politica externa queria ver tudo, ler tudo, estudar tudo, decidir tudo e era, na materia, uma verdadeira educadora, graças á sua longa experiencia, como o foi, por exemplo, Lord Rosebery, seu joven Secretario de Estrangeiros. Commove o vel-a defendendo as suas prerogativas majestaticas contra reformas apressadas e pugnando sempre pelo que ella chama *the honour of my great Empire* — phrase que occorre frequentemente quer na sua correspondencia, quer no seu *Diario*, quer nas suas instrucções aos ministros. Tratando-se dos grandes negocios do Estado e formada por ella a sua opinião, era difficil convencel-a do contrario. Certa occasião, havendo difficuldade de entendimento entre ella e o ministerio, enviou a soberana a seu Primeiro Ministro a seguinte nota: "A rainha deseja pedir a Lord Rosebery e a seu Gabinete tragam sempre presente no espirito que ha 57 annos lhe foi confiada a guarda da Constituição e que, certa ou errada, ella tem suas opiniões quanto ao modo de cumprir esse legado." Um lembrete em regra, como se vê. Outro ponto que lamento não poder expor aqui é o seu espirito casamenteiro de velha vovó, candidamente convencida de que ella só é que sabia o que convinha a um possivel noivo e a uma possivel noiva, mas tudo isto habilmente, astutamente, *sans en avoir l'air*...

A piedade, mesmo para com rebeldes, occupava grande espaço no seu coração. Dessa virtude, assim como tambem do respeito que têm os inglezes por todas as hierarchias legitimas, dá ella exemplo em 1891, por occasião dos successos de Manipur, quando, surprehendidos numa emboscada, foram assassinados o Residente local e o commandante da fôrça britannica. Ella não pensava lá muito bem dos funccionarios inglezes que estavam na India... Por isso estava afflicta, anciosa, telegraphando ao Vice-Rei para que, embora os verdadeiros culpados fossem castigados de accordo com as leis vigentes, não se impozessem punições em massa. Condemnava o systema de *esmagar* e preconisava *firmeza* e *conciliação*. Muito lamentou a sentença de morte contra o Senapti, um dos dois principaes culpados do massacre. Escrevendo ao Secretario de Estado, diz: "A estas razões deseja ainda a rainha accrescentar que enforcar uma pessôa (ainda mais sendo um principe) tanto tempo depois de a terem prisioneira é alguma coisa como uma crueldade praticada a sangue frio."

A rainha Victoria era extremamente escrupulosa na outorga de honrarias. Cada caso era por ella estudado, pezado e sopezado com o espirito de analyse e de detalhe, peculiar a seu sexo. Aqui é que apparecem as, aliás comprehensiveis, limitações da sua intelligencia, da sua sensibilidade, das suas tendencias moraes, dos seus gostos em synthese. Frederik Leighton, por exemplo, só foi elevado ao pariato alguns dias antes de morrer. Que objecções teria a soberana contra o creador do *Elias resuscitando o filho da Sunammita?* Não se sabe... O livro não o diz. Ruskin, Swinburne, William Morris, Huxley tambem não entravam no numero dos seus predilectos, mas aqui já o facto é mais comprehensivel, quando se sabe que os poetas que ella admirava eram Tennyson, Robert Browning, Matthew Arnold...

O theatro de comedias não a interessava muito. Em compensação a musica, que ella conhecia bellamente, foi em arte o grande interesse da sua longa vida. Deixei para o final do artigo a exposição deste ponto como se reserva para o fim do jantar uma sobremesa delicada. Ainda nas mais solemnes e commoventes occasiões a sua critica de musica é tão firme quão apurados são os seus ouvidos. Assim, em 1893 casam-se na Capella Real do Paço de São Jayme o futuro e actual rei da Inglaterra com a sua actual consorte. O *Diario* da rainha dá uma longa descripção da ceremonia. A certa altura lê-se: "A musica foi bem executada e bem cantada mas me pareceu fraca e inferior á da Capella de São Jorge."

Nas paginas desse *Diario* consigna ella as suas apreciações a respeito dos artistas que lhe são apresentados, assim como das funcções musicaes que são dadas no Castello de Windsor por sua ordem — *command performances*. A respeito dos *Gondoleiros*, eis a critica de Sua Majestade: "A musica, que eu conheço e aprecio muito, é um encanto de principio a fim, e a peça foi muito bem representada e cantada. Os bailados, que são frequentes, estiveram lindos e muito graciosos. O dialogo foi escripto por Gilbert e é muito divertido — *very amusing.*" Depois vem apreciações muito favoraveis aos actores e actrizes. Sua Majestade gostou tambem de uma peça chamada *Um Par de Oculos — A Pair of Spectacles*. Diz ella que é "a very pretty play." Acha maravilhosa a technica de Paderewsky que "tem tanta energia e tanta ternura..." Continuando diz: "Eu penso realmente que elle é inteiramente egual a Rubinstein. Ainda é moço, cerca de vinte e oito annos, muito pallido e com uma aureola de cabellos vermelhos em torno da cabeça." Querem saber o que pensa Sua Majestade a respeito do *Mikado?* Sua Majestade pensa que a musica, embora alegre, é inferior á dos *Gondoleiros* e, "posto que contenha observações de espirito e divertidas allusões *topical*, o enredo não deixa de ser tolo — *the story is rather silly.*" Quanto á *Cavalleria Rusticana* "por um joven compositor italiano de nome Mascagni" ella achou o enredo "muito pathetico e tocante acima de qualquer expressão... Gostei da musica, que é tão melodiosa e tão caracteristicamente italiana..." A rainha ouve *Carmen* e acha Melle. Zélie de Lussan uma Carmen perfeitissima: "Representou admiravelmente, cheia de movimento scenico e com uma *coquetterie* (em francez no texto) e um atrevimento acompanhado de tanta graça que nunca chegava á vulgaridade." O *Diario* contem ainda apreciações muito interessantes a respeito de Irving e Ellen Terry no *Thomas-a-Becket* e ainda acerca de outros artistas. Mas o que citei basta para mostrar que interesse tomava a rainha pelas coisas de arte.

Não foi de certo uma mulher de genio, mas de genio lhe faziam as vezes o seu bom senso e a sua rectidão moral. John Bright dizia que a principal qualidade da

rainha Victoria era uma absoluta lealdade. A sua estreiteza de espirito a respeito de certas coisas não provinha de um coração mesquinho mas não sómente do seu sexo como da recordação de muitos escandalos que tinham tornado reis e rainhas completamente desmoralisados na Inglaterra. Ella teve a energia e o valor de restaurar a confiança do povo na monarchia.

Hamburgo, 1931.

ANTONIO TORRES.

MARCEL BRION — *LA VIE D'ALARIC — Collection "Vie des Hommes illustres" — N. R. F. Paris.*

Marcel Brion já nos havia dado uma vida de Attila, na qual demonstrou o seu grande poder de evocação. As mesmas qualidades de escriptor encontram-se no seu ultimo livro.

A figura de Alarico, barbaro idealista, instruido, intelligente, que conserva toda a rude e tenaz energia do primitivo, e aspira constantemente á finura e elevação da vida civilizada, é traçada com firmeza. O seu povo nomade, irrequieto, não sonhava senão com conquistas e saques, vivendo em grandes carros, e deslocando-se em massa, tudo transportando, mulheres, filhos, haveres. Alarico só pensava nas maravilhas de Athenas ou de Roma, que o seduziam e fascinavam. Tendo invadido e subjugado a Grecia, deteve-se deante de Athenas, ordenando, sob pena de severos castigos, que a respeitassem. E quando lhe foi perguntado o que exigia dos vencidos, para si reclamou apenas o direito de viver por vinte e quatro horas a vida de um atheniense.

O seu ideal era servir o grande Imperio Romano e, illudido, nunca comprehendia a trama de intrigas, de perfidias, de traições, que formavam a essencia da politica romana na época da decadencia. Quando se lhe desvendaram os olhos, a desillusão, a amargura foram profundas e irremediaveis. Commandando um admiravel exercito, foi-lhe facil invadir e dominar a grande capital, que sempre quizéra conquistar por outra fórma. O saque, a chacina, foram innominaveis, e Marcel Brion aqui nos faz uma descripção impressionante e poderosa.

Entretanto, esse chefe que se revelava sempre um poderoso conductor de homens, um estrategista perito e seguro de seus calculos, teve um erro de apreciação que lhe foi fatal. Para submetter toda a Italia, julgou, o segredo estava no dominio e conquista do Norte da Africa, de onde vinha o principal sustento da Peninsula. A idéa insensata de uma travessia do Mediterraneo tornou-se-lhe uma verdadeira obsessão. Todo o seu povo foi forçado a se improvizar um povo de armadores. Os esforços só tendiam para um fim: a construcção de uma frota que pudesse transportal-o á Africa. Em um trabalho febril, continuo, a frota foi acabada. Mas, mal feita, fragil, quando se iniciava a partida, uma tempestade a destruiu em poucos momentos.

Alarico não resistiu a esse golpe, e, numa attitude de completa abdicação á vida, á luta, succumbiu a uma febre invencivel. O seu tumulo foi cavado no leito de um rio, expressamente, por alguns dias, desviado para esse fim. E, segundo a tradição, sob as aguas que tornaram ao seu leito, em logar ignorado, os restos do rei barbaro ainda lá repousam com os seus thesouros, com o seu cavallo de guerra e alguns de seus servidores.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA.

DE PARIS

Esta é a primeira correspondencia litteraria que nos manda da capital da França a Sra. Marguerite Picard-Loéwy, que já residiu bastante tempo entre nós e sempre mostrou um particular interesse pela divulgação das nossas lettras em seu paiz, sendo que hoje mesmo cogita de ali publicar traducções de escriptores brasileiros.

A RESPEITO DO PREMIO *GRINGOIRE*

Ha poucos dias, sob a presidencia de Marcel Prévost, reuniram-se, no *Maxim's*, alguns escriptores, entre os quaes Louis Barthou, Henri de Régnier, Roland Dorgelès, Pierre Benoit, Abel Hermant, Francis Carco, Henri Torrès, J. Kessel, afim de conferir o premio *Gringoire*, do valor de 10.000 francos, á melhor reportagem apparecida em livro durante o anno.

O feliz laureado foi Marc Chadourne, que o obteve com *China*.

Esse jovem autor, de 36 annos apenas, já logrou com *Vasco* o premio Paul Flat, e tambem o premio *Fémina* com o seu romance *Cecile de la Folie*.

Foi após a guerra, durante a qual Chadourne serviu como aviador no Oriente, que lhe veio o gosto das viagens. Ingressando na carreira colonial, foi elle administrador na Oceania, no Cameroun, e dahi por diante percorreu varias partes do mundo. Da Indo China, do Sião, descendo o Mekong em balsas e pirogas, vae á China, sóbe o Yang-tsé até o Szetchouen, nos confins do Thibet, e a seguir visita Shangai, Pekin, de onde parte para uma expedição á Mongolia, Mandchuria, Coréa, Japão e Indias Neerlandezas, — isto para não falar em suas viagens á America do Norte, Africa Central e Russia. Em resumo, esse novel escriptor será o francez que mais tenha viajado ou ha de viajar, pois ainda agora se prepara para conhecer terras longinquas, tão depressa dê a publico um romance que se desenrola nas ilhas da Sonda.

O assumpto de *China* é de fremente actualidade. No momento em que as catastrophes se abatem sobre o mais vasto e mais velho paiz do mundo: inundações, ameaças de guerra, e 200 milhões de homens presas de fome erram nos campos talados pelo banditismo e pelas lutas intestinas, o mundo volta-se com angustia para o antigo imperio da "Flor Central". Sossobrará a China?

Num inquerito mais attrahente do que um romance, Marc Chadourne analysa as forças e as fraquezas, as grandezas e as miserias da "bôa terra", as virtudes e as taras de seus enigmaticos habitantes.

Trata-se de uma verdadeira psychanalyse da China e dos chinezes, que faz apparecer a natureza catastrophica do paiz e dos homens e a logica irracional que regula a sua evolução. Ella mostra como a eterna muralha da China não só a defende contra as iniciativas estrangeiras, como ainda, a despeito dos desastres, lhe garante a duração.

O romancista trouxe personagens incisivamente traçados: estudantes, generaes, *kidnappers*, traficantes de opio, e scenas de exotico sabor.

Esse inquerito, que se eleva muito acima das reportagens habituaes, é obra que merece ser lida.

Paris, Novembro 1931.

MARGUERITE PICARD-LOÉWY.

A PINTURA BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

Uma quinzena antes de estourar a revolução de outubro, foi enviada, com uma somma consideravel de esforço, aos Estados Unidos, uma collecção de 100 télas de 52 pintores brasileiros.

O criterio dominante consistiu numa escolha sem "ismos". Academicismo, impressionismo ou qualquer modernismo é egualmente abominavel...

Telas representativas de pintores representativos, para em conjuncto significarem a actual pintura brasileira.

Parece-me que o successo em obter quadros foi completo. Maior por exemplo, que o do sr. Lucio Costa, que para dar entrada aos novos no *Salão*, provocou retracção dos Academicos. Tivemos de tudo. Um ao lado do outro: Augusto Braet e Di Cavalcanti; Ismael Nery e Carlos Chambelland.

Dos conservadores só escaparam dous: Visconti, que nada tinha prompto, e Bernardelli, que tinha, mas não quiz mandar (porque se estragara um quadro seu na Exposição de Philadelphia, em 1885, creio).

Seguiu tudo. Não sem difficuldades surgidas á ultima hora. Por exemplo, o grande ministro Mangabeira recusou pagar o frete da preciosa carga, conforme combinara com Miss Grant, vice-directora do Museu Roerich.

Quem salvou a situação foi o sr. Embaixador Morgan, muito discretamente (um amigo particular offerecera-se para custear o transporte a New-York, etc...), e comprehendendo melhor que nós a importancia dessa exposição para o Brasil, sempre ausente, até na de S. Francisco, em 1915.

Foram, afinal. Ficámos contentes. As nossas pinturas iam ser olhadas com os olhos e não com os ouvidos, como aconselha o alfarrabista Anatole France.

A 11 de Outubro foi inaugurada no Museu Roerich, em New-York, onde esteve até 30. Começou então a peregrinação. Esteve exposta em Washington (*Washington Arts Club*) e em varias cidades menores (Milwankee, Akron, Kansas, Grand Rapids, Kalamazoo, Brooks e Dayton).

Uma primeira nota impõe-se para gryphar um effeito certo. Conseguiu-se focalizar a attenção do publico americano para a nossa pintura.

O conhecido critico Christian Brinton fez um ensaio amavel sobre a pintura brasileira (*Brasilian Art Comes to America*), incluido no catalogo da Exposição. Suas palavras foram vastamente reproduzidas em jornaes diarios, e illustradas com o *Morro da Favella* de Tarsila ou *Igreja do Rosario* de Leão Vergueiro. *Bahianas* e *No Balcão* de Annita Malfatti, *Festa Religiosa* de Georgina de Albuquerque foram muita vez estampadas tambem. Como critica propriamente, deve ser salientada a de Ruth Green Harris, no *New-York Times*. Depois de dizer ser perdoavel aos americanos pretenderem das culturas estrangeiras algo de novo ou differente como estimulo, conclue francamente que com esses requisitos poucos trabalhos existem na exposição. Destaca a *Religião Brasileira* de Tarsila, minuciosamente, que a encanta pelas côres simples e brilhantes e pela historia singela e expressiva que encerra; o *Interior de Igreja*, de Lucilio de Albuquerque, cheia de "ouro rico e velho", a fachada de Igreja de Leão Vergueiro e *No Balcão* de A. Malfatti, para frizar que esses são fundamentalmente "of the land". Para concluir em traços largos basta dizer que o blóco que A. Malfatti organizou sob a presidencia de D. Olivia Penteado é o melhor que São Paulo poderia reunir.

Além de Tarsila e Anita, Antonio Gomide com seus indios é muita vez referido com a precedencia de "very talented"; *Rosinha* de Padua Dutra, chama a attenção. Entre os impressionistas, além de Leão Vergueiro, destaca-se Mugnaini, cujo conservadorismo é attribuido á influencia do Rio (isso tambem me parece demais).

Dos cariocas vanguardeiros foram destacados Di Cavalcanti, Bellá Latif Paês Leme e Ismael Nery. Nos dous ultimos viram demasiada influencia franceza por sua abstracção. Di Cavalcanti, embora assignalado, por "emotional attachement to his country", parece mostrar accentuada influencia de pintores mexicanos contemporaneos, principalmente Diego de Rivera para uns, ou Covarrubias, cujos desenhos enchem a *Vanity Fair*, para outros.

Cicero Dias, que mereceu elogios escriptos de Manoel Bandeira e outros (tambem Graça Aranha e Alvaro Moreyra me falaram delle), ficou ignorado.

Entre os impressionistas puros ou mais modernos, salientaram-se vivamente Georgina e Lucilio de Albuquerque, Cavalleiro e Almeida Junior. O extremamente classico sr. Chambelland despertou attenção para o seu *Panorama do Rio*.

Merecem ainda realce a *Velha igreja de Ouro Preto* de Regina Veiga, a *Renuncia á virgindade* de Trompowsky e a *Bahiana* de Oswaldo Teixeira.

Quero dizer ainda que a alma desse emprehendimento da Associação Brasileira dos Amigos do Museu Roerich, foi a igualmente grande pintora e grande artista D. Georgina de Albuquerque.

O. B. do Couto e Silva.

OCTAVE UZANNE

A morte de Octave Uzanne deve ter consternado os bibliophilos sinceros. E' que se tratava de um grande amigo dos livros bem impressos e bem illustrados. Ligou elle o nome a muitas publicações destinadas a incentivar o gosto pelas boas edições, e, onde quer que se leiloasse um Elzevir ou uma collecção de estampas, lá estava Uzanne de nariz no ar, farejando a preciosidade, ancioso por leval-a á sua pequena Bibliopolis. O autor das *Parisiennes de ce temps*, apesar de quasi octentão, não sentia as pernas tremulas logo que se tratasse de correr atraz de um classico ou um romantico sumptuosamente enroupado.

Casanovista intransigente, andava elle ultimamente a cooperar numa edição integral do mestre de frascarices que percorreu a Europa toda a collecionar corações femininos. Modas, vestuarios, sombrinhas, luvas e leques preoccupavam grandemente o morto de ha poucos dias, verdadeiro psychologo de alcova, doutor em sciencias de guarda-roupa, amigo dos chronistas libertinos da França da Regencia e capaz de estudar as despezas de uma mulher elegante com o mesmo attento escrupulo com que os economistas á d'Avenel estudam os gastos do governo francez com a marinha e o exercito.

E' bem de ver que os seus livros, como o que Remy de Gourmont elogiou com tanto affecto, não se destinavam a um grosso publico, dado mesmo o custo elevado das figuras que os ornavam e em que Uzanne punha em contribuição os melhores calchographos do seu tempo.

Autor incapaz de prodigalizar-se aos leitores de poucos haveres, Uzanne foi, todavia, algo mais que um simples bibeloteiro e um simples bibliomano, e as suas monographias sobre o luxo das parisienses, das lindas parisienses de garras e focinho côr de rosa, representam um contingente ethnographico não de todo desdenhavel. Gourmont, que não pecava por excesso de complacencia, collocou-o entre Sébastien Mercier e Restif de La Bretonne, "dois grandes observadores dos costumes franczes e do coração humano".

UM ROMANCE PAULISTA (*)

E' tão raro apparecer entre nós um romancista, que a publicação de um livro como *Os tres sargentos* deveria despertar intensa curiosidade. Será realmente um romance, este alentado volume de 350 paginas? Esta pergunta não poderá deixar de occorrer aos que, a folheal-o, relembrarem a escassa producção nacional do genero nos ultimos annos. Rarissimos terão sido em verdade os livros que, publicados como romances no Brasil, de longo tempo a esta parte, justifiquem de facto o qualificativo. Fôram em via de regra novellas desenvolvidas, contos espichados á viva força, etc. Mas romances mesmo, bons ou ruins, — rarissimos.

Os tres sargentos não se podem considerar um romance, s. m. j.. O autor revela qualidades excellentes de romancista, a par de deficiencias talvez ainda mais impressionantes. Mas, em ultima analyse, o livro é dos que mais se approximam do genero romance, entre os apparecidos no paiz recentemente.

Os personagens pertencem ás classes chamadas baixas. Os protagonistas são sargentos da Força Publica paulista e os demais, creadas de servir, decahidas, soldados, cosinheiros, etc. Por isso mesmo, a linguagem que o autor lhes empresta não é propriamente linguagem de salão. As conversas dos tres sargentos talvez chocassem aos delicados, numa reunião selecta da A. B. E. ou na sala de chá da Colombo.

Assim tambem alguns episodios do livro, como o do capitulo intitulado *A ponte dos amores*, parecerão porventura improprios para as anthologias adoptadas no Sion ou mesmo na Escola Normal. Entretanto, de um ponto de vista menos requintado, a obra não tem nada de escandaloso. Nem ha fundamento para que a Livraria Catholica se recuse a recebel-a em consignação ou em conta firme, para fornecer um certo numero de exemplares aos seus freguezes interessados.

Dir-se-á que certas scenas de cortiço e outras, que se encontram nas paginas de *Os tres sargentos*, se equiparam pela crueza do seu realismo, áquelles trechos dos romances de Aluizio Azevedo e de Julio Ribeiro que produziam olheiras nos meninótes de internato, ha muitos annos atraz. A verdade, porém, é que o unico capitulo effectivamente improprio para Filhas de Maria é o intitulado *A ponte dos amores*, acima citado e que talvez seja, de resto, o melhor do livro.

A maior parte dos episodios descriptos em *Os tres sargentos* decorre em 1924, durante a revolução chefiada em S. Paulo pelo general Isidoro Dias Lopes. Alguns dos proceres actuaes da Republica Nova, como o major Juarez Tavora e o general João Francisco, são incorporados pelo autor aos personagens do seu romance, figurando em certas passagens lado a lado com os protagonistas. Mas os "tres sargentos" não vivem a revolução paulista como o heróe de Malraux viveu a revolução chineza. Mantêm-se á margem dos acontecimentos.

Aliás o proprio autor não se preoccupou no livro com o phenomeno revolucionario. Limitou-se, por assim dizer, a fixar algumas paizagens de São Paulo sob a revolução de 1924.

Quanto aos personagens do romance, elle não parece se ter proposto, tão pouco, a estudar-lhes os caractéres. Apenas um dos tres sargentos revela certos aspectos do seu temperamento ao leitor. Os dois outros mal se definem, ao longo dos capitulos, porque o entrecho do romance se resume afinal na aventura do sargento Candido com a mulatinha.

Não obstante, tal como se adeantou, o escriptor de *Os tres sargentos* manifesta um talento de romancista pouco commum entre nós. E esse talento é tanto mais real, quanto mais evidente é a pobreza da technica litteraria do autor.

Trata-se realmente de um livro mal escripto; repleto de incorrecções de linguagem e de outros defeitos de composição. Desde o principio ao fim, o que constitue propriamente a "acção" do romance soffre um sem numero de soluções de continuidade, com as divagações de toda especie que o autor intercala nos capitulos, a torto e a direito. Ha paginas inteiras e scenas longamente desenvolvidas em *Os tres Sargentos* que são de todo em todo ociosas. Assim tambem conceitos, observações e commentarios que, além de excusados, parecem ainda inexactos, como, por exemplo, a explicação acêrca da "revista" da noite nos quarteis.

Se um dos personagens diz: "eu estava tirando uma pestana", o autor toma o trabalho de abrir parentheses para explicar que elle quer dizer "dormindo". E assim por deante.

Mas o certo é que, apezar dos seus defeitos, *Os tres sargentos* produzem uma impressão duradoura. O autor não lhe escreveu as 350 paginas para fazer litteratura.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE.

(*) Aldo Ney — *Os tres sargentos* — Typ. Garraux, São Paulo, 1931.

O romancista do "Vasco"

Marc Chadourne, que vem de ser premiado por uma publicação de Paris, é irmão do Louis Chadourne do *Pot-au-Noir* e da *Terre de Chanaan*.

Aliás existe tambem entre elles certa consanguinidade espiritual, e, como o parente morto, o sobrevivente iniciou a sua carreira litteraria tratando de assumptos de viagem, da attracção dos navios, da fascinação do exotico nos espiritos supercivilizados da França.

Vasco, volume de estréa de Marc Chadourne, reflecte bem o encanto e a magia do Distante nas almas fatigadas de após-guerra, nas gerações mal sahidas do terrivel pesadelo do Marne e de Verdun. Excitante como pastilha aphrodisiaca, o desejo de evasão dos Rimbaud e dos Gauguin renasce nos adolescentes atordoados pelo tremor de terra que durou quatro annos. E' o horror ao livro e ninguem mais quer ter a alma prisioneira das bibliothecas. Os versos em compoteira dão nauseas. A's heroinas elegantes, que são bonecas de louça cheias de serragem, succedem-se as criaturas douradas das ilhas longinquas e aos gargarejos rhetoricos succedem-se os gritos e as cambalhotas de fauno nas regiões que ainda permittem sensações primitivas, num pleno regresso á natureza.

Mas tambem esta, não menos feroz que a sociedade, acaba decepcionando, amargurando o forasteiro, e o sonho da vida selvagem, do feliz retorno á barbarie, conclue não menos tristemente que a comedia burgueza das cidades européas bem policiadas e bem quadriculadas...

Marc Chadourne, se não figura entre os grandes melodistas da prosa franceza á Barrès, nunca se mostrou surdo ás musicas do estylo. Sua linguagem é por assim dizer instantanea e simultanea. Lutando desde criança, verificou que a adversidade é bem o pão dos fortes, e os contratempos foram um novo estimulo ao seu talento cirurgico, anatomico, de romancista á moderna.

ZORRILLA DE SAN MARTIN

Leio que acaba de morrer o poeta uruguayo Zorrilla de San Martín. Vae para elle começar a posteridade. Agora é justo que perguntem os povos da America si, dentro de cem annos, ainda perdurará seu nome.

Creio firmemente que sim. Quando, pela primeira vez, visitei Montevidéo, a mocidade parnasiano-symbolista tentava em vão diminuil-o, para divinizar o de Herrera y Reissig. Não o conseguiu. Os livros de Zorrilla de San Martín reeditam-se cada dia em maiores tiragens e, sobre conceitos de escolas, adquirem prestigio mais profundo.

Acredito que suas obras não se imitarão futuramente, porque a esthética e a philosophia que as vitalizam não se adaptarão ás necessidades mentaes dos porvindouros. Assim como ninguem burila um poema á Camões, á Tasso, á Ercilla, daqui a dois séculos a technica de Zorrilla de San Martín pertenceerá apenas ás tradições litterarias. Entretanto, seus escriptos transmittirão ás gerações novas lampejos de genio realmente immortaes.

Baste-nos *Tabaré* em verso, ou *La epopeya de Artigas* em prosa, e sem duvida nosso criterio prevalece.

La epopeya de Artigas, como historia, tem falhas gravissimas, porquanto Zorrilla de San Martín se entrega em suas paginas a um delirio nacionalista nada louvavel, que o inferioriza aos olhos dos que não se sentem obrigados a collocar o caudilho oriental acima de Napoleão e Bolivar. De qualquer modo, é modelo de inspiração, fonte de bellezas, torrente de encantos intellectuaes, que figurarão nas anthologias a titulo de trechos perfeitos.

Tabaré não merece nenhuma censura de vulto. Inspirado no velhissimo indianismo, nascido no Mexico e no Perú em pleno periodo quinhentista, e após transfigurado na França e nos Estados Unidos, é o poema que encerra mais espirito racial cá pelo Novo Mundo. Junta o épico ao lyrico com admiravel senso dramatico. Zorrilla de San Martín (em nosso tomo de ensaios *Idéas e combates* o provamos) não descuidou a feição ethnico-historica da romantica enscenação que seu grande talento metrificou. Alli se nos depara, ao lado da phantasia do bardo civico, a verdade scientifica, que promana da observação e do estudo.

Todos os outros trabalhos do poeta revelam o impetuoso orador que nelle jamais se occultou. Sim. Zorrilla de San Martín, antes e acima de tudo, era o tribuno arrebatador, cujas orações de fôgo illuminam a alma de seus compatriotas.

La leyenda patria é discurso bombastico, cinzelado caprichosamente em rythmos metrificados. *Resonancias del camino*, *Huerto cerrado* e *Conferencias y discursos* valem pela sonoridade da phrase, pela arrogancia das metaphoras, pelos periodos de praça publica muito ao sabor de Cicero, Castelar e Ruy Barbosa.

Advogado, poeta e orador nasceu Zorrilla de San Martín em Montevidéo, a 28 de Dezembro de 1855. Filho de Juan Manuel Zorrilla de San Martin e Alejandrina del Pozo, foi diplomata (de 1891 a 1898), foi professor, foi deputado, etc. Seus estudos iniciou-os em 1865, no Collegio da Immaculada Conceição de Santa Fé, na Republica Argentina. Formou-se em direito na Universidade do Chile, no anno de 1877. Em 1876, ainda estudante, imprimiu sua primeira collectanea de estrophes: *Notas de um himno*. Desde então, interessou fortemente a criticos, jornalistas e historiadores. Biographos, possue-os ás dezenas. E' natural que, morto, sua fama se consolide e o juizo sereno dos pósteros o alcandore ao pantheão em que descansam José Enrique Rodó, Sarmiento, Montalvo, Darío, Nervo e tantos homens insignes de nosso continente.

SYLVIO JULIO.

UM ROMANCISTA NOVO: GRAHAM GREENE

Tem sido intensa nesses ultimos annos a preoccupação dos francezes pela litteratura ingleza moderna. Apresentado por Gide ou por Maurois, surge de quando em quando um novo romancista cujas principaes obras se traduzem logo e conquistam todos os criticos.

Ainda que sem prefacio de autoridade consagrada, apparece agora Graham Greene com um romance de estréa que é innegavelmente um grande romance: *L'homme et Lui-Même*.

Sem que o nome do autor influencie, é em Julien Green que se pensa assim que se avança um pouco na leitura do livro. De facto, logo ás primeiras paginas, é o *Léviathan* e por vezes são certos ambientes do *Mont-Cinère* que veem á memoria. Tem-se a vaga impressão de estar lendo Green.

Graham Greene não attinge entretanto a força de Julien Green. Seus personagens não teem a alma "menor" que a dos heróes de Green, mas a verdade é que o autor não possue força creadora sufficiente para movel-os com toda a liberdade que a "grandeza" das suas almas comportava — e de certo modo exigia.

Consegue muito — mas não o que era necessario. Approxima-se de Green, não o attinge, — senão em scenas isoladas da primeira e da segunda parte do livro. O defeito é sensivel mesmo aos que não conheçam os romances de Green, pois se traduz numa grande desegualdade de valor das scenas. E' frequente a sensação de que o autor conseguiu o maximo que se podia esperar. E é frequente tambem que se sinta que ficou muito aquem do que costuma realizar. Falta equilibrio, continuidade no valor das scenas.

Grande romance, no emtanto, optimamente construido e de innegavel bom gosto. Todo ao longo do seu desenvolvimento superpõem-se dois dramas — (um provem do outro, sem duvida, mas tenta fugir-lhe...) — um, apparentemente o mais tragico, exterior, resultante da perseguição de um grupo de contrabandistas ao heróe que os denunciou — o outro, sem duvida o mais grave, drama que se passa no fundo da alma do heróe: um caso de luta entre dois *eus* num mesmo individuo que tenta se libertar de um delles.

Da luta entre esses dois *eus*, e da opposição entre o drama exterior e o interior, resulta um desenvolvimento de romance que, apezar de pequenos defeitos, é dos mais fortes — e que lembra pelo movimento exterior Julien Green e pela luta interior certas paginas de *L'Imposture* de Bernanos, afastando-se o romance do commum dos romances inglezes e dando ao autor que estréa com uma obra dessas uma das melhores posições imaginaveis entre os romancistas actuaes.

OCTAVIO DE FARIA.

PIO CORRÊA — *Diccionario das plantas uteis do Brasil* — Vol. II. Rio, 1931. (Ministerio da Agricultura).

Não se parecem nada com os velhos opusculos de Almeida Pinto, Nicolau Moreira e Vellozo d'Oliveira os dois volumes publicados pelo Sr. Pio Corrêa. Sahiu da Imprensa Nacional, em 1926, o primeiro volume. Tem mais de setecentas gravuras, é um tomo alentado. Vae do *abacate* á *capiscába* que é, afinal, uma simples *tiririca* outróra usada em casos de envenenamento ophidico.

O segundo volume, de que dou aqui noticia, é muito mais bonito. Conta umas setecentas paginas e mais de novecentas gravuras. Começa pelo *cará* e vae até a *extremosa*, planta chineza que dá bem nestas paragens, dona de flores bellissimas.

Falando com a sua reconhecida autoridade, o Prof. Chevalier, do Museu de Paris, reconhece na obra do sr. Pio Corrêa uma verdadeira encyclopedia de botanica applicada. O autor é naturalista do Jardim Botanico. Por determinação do Governo viajou pelo mundo inteiro e fixou residencia na Europa, onde tem á mão a bibliographia indispensavel. São pois dignas de confiança as determinações scientificas fornecidas pelo Diccionario. Só isso representa um enorme serviço á cultura deste paiz.

Para completar as notas do seu grande livro, em proxima edição o autor naturalmente tratará do significado dos nomes indigenas, tão numerosos em nossa flora. Abro, por acaso, o 2º volume. O livro escancarou as fauces em paginas 36-37. Copio textualmente os titulos de ambas: *Caranambú*, *Carandá*, *Carandahy*, *Caranguda*, *Carápanaúba*, *Carapiá* e *Carapicú*. A não ser a *Caranguda*, corrupção de *Carrancuda*, nome iberico, todos os demais são tupys. Que significam? O livro de Pio Corrêa não diz. Talvez mesmo não tivesse obrigação de dizer. Aquillo é *botanica*, não é *tupy*. E' assim que costumam raciocinar os philologos. E é por isso que não acredito na philologia... Porque a palavra por si mesma não existe: é sempre o molde de uma coisa, concreta ou abstracta. Reconheço, no emtanto, que o sr. Pio Corrêa teria de abandonar a sua importante tarefa se teimasse em procurar traduzir os nomes indigenas das suas plantas. Não ha nada mais difficil, pela confusão inextricavel que os *conhecedores* do tupy têm feito, inventando etymologias, dividindo vocabulos ao sabor das conveniencias.

O Sr. Assis Brasil, ao que se annuncia, resolveu facilitar ao publico estudioso a acquisição dos volumes publicados pelo sr. Pio Corrêa. E' mais um gesto progressista do illustre Ministro da Agricultura. O *Diccionario de Plantas Uteis do Brasil* é digno de ser manuseado pelos que sabem, e precisa ser muitas vezes percorrido pelos *outros*, da minha humilde categoria...

ROQUETTE PINTO.

DE TODA PARTE

— Leão Tolstoi é recordado, em pormenores da sua vida intima, pelo conde Leão Tolstoi filho. São evocados os dissidios entre o grande escriptor e a esposa, e o rebento do casal, se bem que tome visivel partido pela progenitora, não deixa de reconhecer a larga generosidade e, nos melhores momentos, a inegualavel bonhomia do pae. Em ultima instancia, os conflictos surgidos no ambiente domestico de Tolstoi haveriam sido provocados pelo falso zelo de um amigo fanatico que se introduzin na casa do romancista e, abusando dos pendores mysticos do autor da *Ressurreição*, quiz ahi fazer-se, de hospede, senhor. A's vezes irresoluto como um mujick e ás vezes aspero como um pope, Tolstoi descarregava na esposa os azedumes que lhe provinham da tyrannia de tal amigo, e é isso o que o filho ainda não lhe perdoou de todo, se bem que se enterneça ao relembrar os dias de infancia decorridos junto ao progenitor e não classifique as suas prédicas leigas — como fizeram outros — de sermões de ribalta e os seus axiomas de conselhos de Bom Homem Ricardo fantasiado de Messias...

— Joseph Kessel e Collette foram victimas de um desastre. Cremos que desastre de automovel. O carro de fogo anda ultimamente avariando algumas creaturas que têm por missão divertir o proximo através dos bellos escriptos. E' verdade que, ha tempos, os 40 cavallos successores de Péguso concorreram para liquidar um poeta mediocre, o velho Auguste Dorchain, atropelado pelos irmãos Tharaud, o que levou certo chronista a enxergar no accidente um symbolo macabro, ou seja a prosa matando de todos os modos a poesia... Lembre-se que nenhum litterato francez que se preza deixa de possuir o seu Ford ou o seu Chevrolet. E é conhecida a passagem em que Duhamel foi receber de automovel o premio de laureado da Academia Goncourt e, embolsada a maquia, nem sequer convidou o academico Ajalbert, portador desta, a acompanhal-o de carro até o omnibus mais proximo, deixando-o partir melancolicamente a pé...

— Uma singular conquista da gloria posthuma de Meredith é o augmento sempre crescente das suas leitoras, jovens ou edosas. As mulheres, especialmente as inglezas, acabaram por comprehender que adoravel perscrutador da alma feminina foi o autor do *Egoista*, cuja galeria de lindas adolescentes só é comparavel ás de Shakespeare e Goethe. Prosador que nunca teve as unhas ávidas de moeda e viveu seguro de que as machinas não fabricam um Dante ou um Virgilio, Meredith está inspirando ás suas novas admiradoras essa especie de amizade amorosa que assegura aos poetas um grande publico de saias.

— Na Corsega tambem existem *félibres* á maneira da Provença. Não sabemos se usam na lapella a cigarra de ouro dos discipulos de Mistral e Aubanel. Mas o caso é que celebraram ainda ha pouco, com raro fervor de enthusiasmo, a memoria de um dos incentivadores do movimento regional e dialectal da ilha de Bonaparte, o rimador Santu Casanova, autor da *Primavera corsa*, volume do mais delicioso rusticismo.

— De Dostoiewski os europeus estão aproveitando tudo, até as cartas, os rascunhos, as variantes de romances e contos. O editor Boissard suppunha ter dito a ultima palavra no genero. Pois o editor Gallimard promette cousa melhor, mais completa e, ao menos por emquanto, definitiva. Varios ineditos serão communicados aos leitores soffregos do maravilhoso slavo. E isto, a par dos estudos de Gide e Zweig, prova que Dostoiewski se vae transmudando, de religião russa, em religião universal. Aquelle em quem conservadores e revolucionarios moscovitas egualmente se reconhecem, que era pela autoridade dos czares mas concorreu sem querer para a vinda de Lenine, como que vae, *post-mortem*, incorporando o Occidente ao Oriente. E para tornal-o ainda mais sympathico aos nossos olhos — surgem dezenas de detalhes biographicos em que o vemos ás voltas com os tormentos do jogo, da roleta fatidica, ou com os horrores da molestia e da miseria, ou crucificado no lar por uma esposa estupida que absolutamente não o entendia.

— Através da obra refundida de Jacques Bardoux, resurge a figura de John Ruskin, com as suas barbas argenteas e o seu desejo de ornamentar todos os lares, mesmo os mais pobres, pondo uma rosa de belleza na mão callosa do obreiro. O que porventura exista de didactico, de professoral, no apostolado do amigo e defensor dos Preraphaelitas, desapparece deante das virtudes estheticas desse filho e neto de puritanos que corria, fascinado, para a luz, os marmores, as pinturas e as cathedraes da Italia e da França. Só o facto de Marcel Proust o haver admirado tanto é para ambos um titulo de nobreza, e Ruskin, mão grado ligeiros pruridos de moralista em que se sentem o livro de Bunyan e o Exercito da Salvação, ficará como o verdadeiro revelador de Turner ou como o historiador commovido das manhãs do Arno e das pedras venezianas. Comprehende-se que o trem de ferro irritasse um homem de tamanha sensibilidade e explica-se que elle quasi provocasse um movimento nacional pára defender a paizagem britannica dos horriveis cartazes com que a afeiam e insultam nos sitios bucolicos do carvalho de Cowper ou dos nevoeiros de Ossian...

LETTRAS INGLEZAS

— Presentemente, sem alludir a Huxley e a Joyce, que merecem longo estudo á parte, os romancistas inglezes de maior significação chamam-se Baring, Rodker, Lawrence, Virginia Woolf, Beresford, Walpole.

Maurice Baring é autor da *Daphné Adeane*, que André Maurois prefaciou em traducção franceza, vendo no romancista, que não trepida em chamar de grande romancista, um clown, um poeta e um homem de profundo bom senso, desconcertante mesmo pelas antitheses do seu talento. O notavel critico E. Gosse admirava-o, especialmente ao vel-o preoccupado com o que Baring chama as *marionettes da memoria*. Guardando, com incuravel romantismo, todas as reliquias da adolescencia, albuns cheios de retratos de parentes e namoradas, programmas dos espectaculos de Sarah Bernhardt, cardapios de hoteis e navios dinamarquezes, allemães e russos, Baring foi diplomata sem rigidez de maneiras. Simples de recursos como ficcionista, avesso á eloquencia, marcando bem os temperamentos, miniaturista ou filigranista ás vezes, sabendo nuançar os caracteres, vibrante ou melancolico, o prefaciado de Maurois escreveu de uma feita um livro que tem o mais curto dos titulos, ou seja apenas a consoante *C*.

H.-D. Lawrence figurou entre os auto-didactas. Provindo da patuléa ingleza, soube alçar-se, pela agudeza da visão, aos dramas mais complexos da alma britannica do tempo. Freudiano a valer, tornou-se um espião de factos moraes e a sua vizinhança de observador frigidamente apaixonado devia inquietar aquelles que se sentissem em condições de fornecer-lhe materia prima para as dissecações psychologicas.

Tão admirado por Edmond Jaloux quanto Baring por André Maurois, John Rodker é, com elementos modernistas que o salvam, um epigono retardado de Maupassant e Tchekow. Filho da industrialissima Manchester e não contando ainda quarenta annos, é meio eclectico de themas. Poeta na adolescencia, cantou o gaz das cidades, embora solicitado por algumas reminiscencias arcadianas. Blasphemo e satanico, padeceu da depressão post-guerra e chegou a insultar o proprio Walt Whitman e a desmanchar-se em invectivas de misogyno feroz. Realista não ludibriado pelo jogo das apparencias, obtem um meio termo entre o retrato e a caricatura. Certas paginas suas são como graphicos da alma humana, e, mesmo numa luz de limbo, as suas creaturas abulicas acabam tomando relevo incommum.

Os romances de Virginia Woolf provam que as mulheres de Londres e adjacencias já vão perdendo o hirto pudor theologico que as impedia de fallar claro e alto dos problemas do sexo.

Miss May Sinclair absorve-se toda na physiologia.

Muito mais avançada ainda, mistress Norah James, a narradora do volume *Sleeveless errand*, tira partido da minimo-fauna ingleza. Suas personagens não são fidalgos nem esthetas. E' a miuçalha do tempo, attingida pela malária moral de que ninguem escapa numa época sem Christo. Todos os subalternos do amor e do ideal vão aos trambolhões pelos escriptos de Norah James, que é aspera de tom, voluntariamente grosseira á moda dos romancistas de Médan, e se compraz em violencias, em brutalidades nada femininas, que espantarão os leitores de Jane Austen ou de Charlotte Bronte. Provocando uma irreparavel ruptura com o tradicionalismo local, essa derrotista da educação puritana fixa com uns ares quasi selvagens a fome de prazer e volupia que caracteriza as ultimas gerações das ilhas de John Bull. Alongando-se complacentemente nos detalhes escabrosos, ella apenas encontra uma solução para os transes das suas personagens: o alcool e a morte.

Frank Swinnerton penetrou em França triumphantemente com o *Nocturne*.

J.-D. Beresford é um fremente partidario da psychanalyse, e o seu meridiano espiritual está lá para as bandas de Vienna, para as bandas de Freud.

Katherine Mansfield, morta, muito moça, ha alguns annos, deixou dois volumes de contos incisivos.

Quanto a W.-B. Maxwell, é filho de mistress Braddon, a incansavel rendeira de novellas tão admiradas na segunda metade do ultimo seculo. A velhota pôz em funcção as glandulas lacrimaes das creaturas sensiveis. Mais modesto, o filho, prosador escorreito, prefere emocionar ao de leve. Narrador de estirpe balzaquiana e um tanto rebelde aos romanescos pendores hereditarios, procura localizar direito os seus heróes e o meio em que viceja a planta humana preoccupa-o não menos que a planta. Distingue muito bem o que ha de caracteristico nas varias classes, nas varias familias de espiritos, e, se aqui e ali recorre inevitavelmente ao pathetico, não o faz com o olho nas grossas tiragens, embora os seus romances circulem, sem peias, por todo o Reino Unido.

ELEGANCIAS

OUVIDOR, 175

VESTIDOS — CHAPEUS
LINGERIE

(da alta costura de Paris)

CARTEIRAS — COLLARES
FLORES, ETC.

(artigos da ultima moda, recentemente recebidos de Paris)

VEIGA MIRANDA — ALVARES DE AZEVEDO — *Revista dos Tribunaes — S. Paulo*, 1931.

Mesmo não estando em jogo uma vida romanceada, o livro do sr. Veiga Miranda sobre Alvares de Azevedo lê-se como um romance. E' visivel a reluctancia do autor deante de certos elementos dramaticos da obra do genial paulista, incluidos, talvez injustamente, entre os faceis effeitos de rhetorica. Mas a Paulicéa de 1850 parece-nos bem evocada e, se a parte propriamente critica do volume deixa um tanto a desejar, a parte biographica é rica em informações valiosas.

L'ART À L'ÉCOLE (Architecture et decorations scolaires, Imageries, Livres, Dessin, Musiques et Cinema). — *Bibliothèque Larousse* — 1931.

E' uma segunda edição que vale livro novo. Publicação da associação franceza *L'art à l'école*, reune collectanea de artigos sobre os assumptos indicados. Este é o seu programma: "A escola sã, arejada, racionalmente construida e mobiliada, attrahente e ornada. Formação do gosto pela decoração; iniciação da creança na belleza das linhas, das côres, das fórmas, dos movimentos e dos sons."

Vê-se que a escola de hoje tende muito mais a ser "risonha e franca" do que outr'ora.

Ella vae, cada vez mais, se integrando no organismo social, como peça indispensavel. E como lhe cabe uma funcção precisa na sociedade, por onde devem passar todos os individuos em certa phase da vida, deve procurar reproduzir a propria vida, mas com condições e limites, isto é, sem deformação, aperfeiçoando-se e aperfeiçoando, nas melhores condições possiveis, elevando o proprio ideal de cada um e melhorando acquisições de habitos e conhecimentos.

A evolução da escola começou com o aspecto hygienico, em todas as sua modalidades, desde o edificio ao material escolar. O assumpto é tratado aqui de modo independente, sem sujeição a preceitos estabelecidos, com visão bastante larga.

Releva destacar os dois capitulos relativos aos livros e ao cinema escolar.

O dos livros aprecia a questão sob todas as faces: formato, typos, illustrações, papel, conteúdo. O do cinema focaliza o debatido problema com bastante segurança, no emprego nas classes, quer a projecção fixa, quer a animada, especialmente.

A musica, como arte educativa, para todos, deve ter papel destacado e o assumpto é desenvolvido com acerto.

O livro, emfim, quer pelo aspecto material, quer pelo conteúdo, traz para o problema da escola popular a contribuição de arte, de que ella vem sendo pouco provida até hoje, dando ao sentido da vida mais encanto e mais belleza.

FRANCISCO VENANCIO FILHO.

A MENTALIDADE DA CONSTITUINTE,

por Octavio Tarquinio de Souza. Rio, 1931.

A expectativa em que nos achamos de ver reunida a terceira constituinte brasileira, levou o sr. Tarquinio de Souza a publicar em volume um estudo, já anteriormente esboçado, acerca da nossa primeira assembléa politica. Como se sabe, a constituinte de 1823, aberta a 3 de maio, foi dissolvida com violencia e apparato bellico, por D. Pedro I, a 12 de novembro. O objectivo principal dessa assembléa fôra a elaboração do estatuto politico que devia reger o novo imperio sul-americano, mas incumbia-lhe tambem formular todas as outras leis ordinarias. E além dessa tarefa, já de si pesada, sobretudo para uma camara estreante, teve ainda ella de examinar uma alluvião de queixas, pedidos, reclamações e petições do mais variado teôr. Os membros do joven parlamento, avidos de trabalhar, inflammados quasi todos de patriotismo, sequiosos por corresponder á confiança que nelles depositara a nação, multiplicavam-se em afanosa actividade. Reuniam-se diariamente das dez da manhã ás duas da tarde. Innumeros foram assim os projectos de lei organizados e á saciedade discutidos, afora o projecto da constituição, obra de uma commissão de sete deputados, entre os quaes figuravam José Bonifacio e Antonio Carlos, seu principal redactor. O projecto, apresentado somente em 1º de setembro, foi emfim entregue á discussão, mas esta — nota com certa malicia o sr. Tarquinio — começou mal, pois levantou logo uma questão de grammatica. O deputado Gomide, de Minas, mostrou-se perplexo diante deste horrivel dilemma: projecto *de* constituição ou projecto *da* constituição? Liquidada essa duvida, proseguiram os debates, quasi sempre calorosos e por vezes deveras interessantes. Assim, na questão da federação, os debates estiveram, em geral, na altura da elevada importancia do assumpto. A corrente federalista, já então existente, foi vencida pela corrente antagonica, graças sobretudo aos argumentos do sabio Visconde de Cayrú (Silva Lisboa) e de Nicolau Vergueiro. Os discursos deste ultimo revelam mesmo o estofo de um notavel estadista, senão de um sociologo. Outra materia largamente debatida foi a liberdade religiosa, e curioso é que foram padres catholicos, capitaneados pelo ardoroso monsenhor Muniz Tavares, os seus mais acerrimos defensores contra a opinião ultramontana de Silva Lisbôa. Iam desta fórma correndo os trabalhos da Assembléa e discutia-se precisamente a liberdade de imprensa, quando a 5 de novembro estalou o incidente que daria a causa apparente da sua dissolução, uma semana depois.

Na realidade, o antagonismo entre o Imperador e a assembléa vinha de longe, pois antes de reunir-se já se predizia o seu inevitavel mallogro, cada dia mais flagrante, sobretudo depois do rompimento de José Bonifacio. Na sua interessante monographia, porém, não se preoccupa o sr. Tarquinio de Souza com essas questões de politicagem de bastidores. O seu alvo, brilhantemente attingido, foi apenas mostrar o que representava, como expressão de cultura, a nossa primeira assembléa legislativa, tão mal comprehendida em geral por todos nós. O espalhado e repetido conceito do inglez Armitage sobre os membros dessa Assembléa — "Exceptuados os tres Andradas havia mui poucos individuos, se é que os havia, acima da mediocridade" — encontra no livrinho do sr. Tarquinio de Souza sêria e fundamentada refutação.

Saul Borges Carneiro.

JOSE' SEVERIANO DE REZENDE

Embora estivesse ultimamente um tanto esquecido e sua morte não despertasse grande rumor, o padre José Severiano de Rezende desfrutou de verdadeira notoriedade aqui no Rio entre 1906 e 1910.

Seus artigos de critica no Jornal do Brasil, *attraindo-lhe dezenas de inimigos, attrairam-lhe milhares de leitores, dado o tom de ironia iconoclasta em que o sacerdote mineiro os redigia, com uns ares meio truculentos de espadachim tonsurado, de d'Artagnan de batina, de quem era então pelo partido dos cerebros contra o partido dos ventres. Uma sua conferencia sobre assumptos de graphologia levou ao salão do antigo Instituto de Musica innumeros ouvintes desejosos de recolher minucias em torno ás* Indiscrições da escripta.

Tambem os trabalhos de agiographo que estampou num dos nossos vespertinos ficaram celebres. A maneira algo irreverente por que José Severiano expressava os seus sinceros fervores de catholico pelas grandes figuras da Egreja não deixava de aturdir um pouco os outros crentes, especialmente quando elle, indo na esteira de Huysmans, classificava os anachoretas da Thebaida de Pantagrueis ás avessas, chamava Santa Luzia de Moura Brasil do céo ou de S. Braz dizia que se vitaliciara na funcção de desengasgar o proximo.

Mas cedo passou essa época de producção brilhante e enthusiasta. A's memoraveis tundas em Antoine, em Coquelin e em Sarah Bernhardt, bem como aos frementes louvores ao Salvini e á Duse, succedeu-se um silencio litterario talvez de vinte annos. Accommodado em Paris numa sinecura burocratica, José Severiano apenas interrompia furtivamente a sua mudez para retocar um difficil soneto parnasiano, na maneira hirta e metallica de Emilio de Menezes, ou para escrever uma chroniqueta no Mercure de France, *por signal que a ultima dellas consagrada a Alberto Ramos, o poeta das* Elegias e Epigrammas. *Absorviam-no de todo as noitadas bohemias de Montparnasse, onde era bastante popular, mesmo antes de Philéas Lebesgue lhe haver dedicado um estudo sinceramente encomiastico...*

A. G.

Aires da Mata Machado Filho — *Educação dos cégos no Brasil* — Os Amigos do Livro — Bello Horizonte, 1931.

Vem-nos do interior esse trabalho, bem pensado e bem redigido, sobre assumpto de real interesse. O "conceito da cegueira" é, entre outros, um capitulo excellente. Mas aos cultores das lettras prenderão de preferencia as allusões a typos de cégos fixados por dramaturgos e romancistas, da antiguidade classica aos tempos que correm: o Œdipo de Sophocles, o Graciosa de Lamartine, as personagens allegoricas da peça de Maeterlinck. Se não se tratasse de um escripto voluntariamente limitado de proporções, o autor poderia ainda recordar as pittorescas aventuras do cégo do Landim da novella minhota de Camillo; o "visionario do ouro" que é, embora de pupillas mortas, o Facino Cane de Balzac; a segunda vista amorosa da heroina dos *Ultimos dias de Pompeia* de Bulwer-Lytton e, em obra mais recente, a Gertrudes dessa maravilhosa *Symphonie pastorale* de André Gide.

UM ROMANCISTA HESPANHOL

A proposito das ultimas eleições realizadas na Hespanha, e nas quaes foi eleito um proximo parente de Blasco Ibañez, dois ou tres chronistas de Madrid accentuaram a alegria com que o autor do "Papa del Mar", se ainda se conservasse neste planeta, acolheria o movimento democratico que derrubou Affonso XIII. Talvez mesmo voltasse a ser deputado, elle que, com a sua bella cabeça de cheik arabe, de mouro baptizado pelos christãos, foi sempre, desde os dezoito annos, um anti-clerical furibundo, curtindo, ainda estreante nas letras, seis mezes de cadeia, por causa de um poemeto revolucionario.

Propagandista lyrico, era-lhe, em adolescente, agradavel conduzir a sua campanha deicida e regicida em sonetos muito bem metrificados, de um gosto classico e nos quaes a chave de ouro era sempre um appello á bomba e ao punhal dos derrubadores de tyrannos. Provou, por isso, as agruras — doces agruras — de um exilio na Italia. Bateu-se em duello com varios civis e varios militares. Fatigou as cordas vocaes em dezenas de discursos ao povo.

Viajou muito e, apesar de tudo isso, amontoou novellas e mais novellas, traduzidas em muitas linguas e vendidas até no Cairo e em Budapesth.

Inimigo dos padres, puxar-lhes-ia, se pudesse, as tripas de Cadiz a Bilbão e, nas paginas do "Intruso", mostra-nos as tramas diabolicas de um jesuita ambicioso, verdadeiro émulo do Rodin da longa narração de Eugenio Sue. Mas, defendendo as bellas abstracções, não se esquecia das obras de caracter mais pratico, como ao compôr um livro de encommenda para a Argentina, uma especie de epopéa em prosa, não se irritando pelo facto de, nesse paiz, ter fracassado numa pretenção a senhor de grandes latifundios, após longas e inuteis contendas com os seus colonos, aos quaes, em innumeras occasiões, foi forçado a dirigir-se com voz trovejante e uma dialectica de bom discipulo de Castelar.

Figura literaria das mais discutidas, se uns o comparavam a Cervantes, outros enxergavam nelle um simples fabricante de livros, um industrial feliz. Laurent Tailhade o deu como um colorista á altura dos primeiros pintores da Hespanha. Outros, porém, affirmavam que Ibañez, na perspectiva de uma venda copiosa no estrangeiro, não tinha duvida alguma em cair numa Hespanha convencional, de vinheta e zarzuela, reincidindo nos processos avelhantados dos francezes que na Iberia só encontravam toureiros, contrabandistas, gitanas e dansadoras de seguidilha. Mescla de Zola e de novellista picaresco, denunciando um pouco de amor á fealdade e á podridão, o narrador da "Maja desnuda" regalava-se, como um artista do seculo XVII, com a miseria pittoresca de certos patricios seus. Houve, de resto, quem achasse em sua vida um romance não menos attrahente do que todos os que elle escreveu. Secretario em moço de Fernandez y Gonzalez, romancista de capa e espada, uma especie de Dumas Pae hespanhol, Blasco parece ter herdado delle o gosto da producção torrentosa e de certas facilidades de folhetim. Ganhou um milhão de duros só com a transposição de escriptos seus á atmosphera dos cinemas.

Accusavam-no de ser criatura das mais poupadas, e os seus truques para escapar á mordidela de um confrade pobre ou para escusar-se ás despesas de um banquete ficaram celebres. E, ainda quando elle morreu em Menton, com 60 annos de edade, quasi surgiu uma pendencia forense por motivo de uma casa que elle, nos dias de enfermidade, promettera legar aos escriptores invalidos da França, mas, na realidade, só foi legada ao filho do novellista, seja por omissão testamentaria, seja porque a avareza do autor falasse bem alto, mesmo nesses dias de despedida ao mundo...

A. G.

LETTRAS FRANCEZAS

O volumè *Lettres de Degas* mostra bem o espirito acido desse pintor que evidentemente preferia, em suas satiras, a aguaforte no talho-doce. Realista admiravel, mesmo ameaçado de cegueira e, logo, de deixar a palheta, era elle um attrahido pelo ambiente de theatro, gostando mais de mover-se nos bastidores da Opera que nos trechos bucolicos dos arredores de Paris. Foi, aliás, um inimigo acerrimo da paizagem e só se comprazia em descrever amorosamente com o pincel os bellos recantos de um corpo feminino. Ao contrario dos que se esforçam por admirar conscienciosamente a montanha e a floresta, mandaria, se pudesse, atirar contra as arvores e os rochedos. Suas bailarinas são eternas e até beneficiaram, nos ultimos annos, de uma alta de preços que em nada favoreceu o autor e só favoreceu os agiotas da arte, expeditos em negociar com as télas de Degas, Renoir, Sisley e outros. Repentista de atelier, achando ser necessario desencorajar sempre a mediocridade, o grande artista deixou epigrammas que valem, sem duvida nenhuma, os de Becque e de Fornin.

— *Voici l'heure des dmes*, um dos ultimos trabalhos de Henry Bordeaux, mantem as qualidades deste Bourget desmantado que, segundo contou Baldensperger numa das suas conferencias aqui no Rio, é actualmente o escriptor que mais dinheiro ganha em toda a França. Descendendo de uma familia de juizes da Savoia, Bordeaux deita moral em tudo quanto escreve. A natureza e a vida apenas servem, em seus romances, para dar conselhos de honestidade ao proximo. Enthusiasta da propriedade rural, talvez porque abastado proprietario nos Alpes em que naseeu, o psychologo da gente rica esmera-se na composição de personagens com attitudes de gravura romantica. Fracção de pensador, são-lhe gratas, sempre e sempre, as ternuras licorosas...

— Pasticheiro dos mais babois, Paul Reboux obteve um formidavel successo de balcão quando, com Charles Muller, parodiou, numa série famosa, os maiores litteratos contemporaneos. Ao mesmo tempo, porém, in elle urdindo as suas novellas, não de todo desageitadas, se bem que um pouco imprecisas na fixação dos caracteres, dada especialmente a variedade de scenarios cosmopolitas em que a acção decorre. Ultimamente, deu Paul Reboux para armar uns volumes sobre detalhes de gastronomia. Misturando caricias e arranhões aos cultores do prato e do copo, o antigo collaborador de Charles Muller fornece receitas pantagruelicas aos senhores glutões e, logo em seguida, offerece-lhes receitas clinicas de um regimen de dieta, destinadas a reparar os damnos dos acepipes e dos vinhos muito fortes. Reboux sabe ser humoristicamente um especialista em molestias do estomago e tudo aqui resolve através de uma phrase de espirito, da mesma maneira que, em suas novellas, se safava com uma pilheria dos problemas difficeis e ria com um riso gostoso de quem espreitava as suas personagens pelo buraco da fechadura.

— Alexandre Arnoux renova, no *Carnet de route du Juif errant*, um thema encanecido no serviço de dezenas de rabiscadores. Nada, no caso, das tramas atordoantes de um Sue ou das canções populares em que os camponios medievaes cantam a sorte do eterno turista sem paradeiro. Arnoux, que é um poeta e um fantasista deliciosos, transfigurou o assumpto, mesclando cousas catholicas e cousas hebraicas e descobrindo, não sem manhosa ironia, que a maldição soffrida por Ahasverus se acha muito attenuada. Deante da immensa quantidade de semitas que ha espalhada pelo orbe, o Judeu Errante vae encontrando patricios por toda a parte e assim, bem acolhido e bem nutrido, faz uma viagem de prospero caixeiro-viajante, sem nada gastar com as estradas de fer-

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel *pede aos Snrs. editores ou autores que lhe remettam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possivel.*

Teofilo Leal — ESQUELETOS VIVOS — Papelaria Americana — Rio.

Edgar Wallace — O COMMANDANTE DE ALMAS — Comp. Editora Nacional. São Paulo.

Graça Aranha — O MEU PROPRIO ROMANCE — Comp. Editora Nacional. S. Paulo.

Silveira de Menezes — O ESPLENDOR DA ALLEMANHA — Edições Pongetti. Rio.

Benjamim Costallat — DEPOIS DA MEIA NOITE... — 3ª edição. Flores & Mano. Rio.

Aires da Matta Machado — EDUCAÇÃO DOS CEGOS NO BRASIL — (Os amigos do Livro). Bello Horizonte.

Lauro Palhano — O GORORÓBA — Scenas da vida proletaria no Brasil. — Edição de Terra de Sol. Rio.

M. Bomfim — O BRASIL NAÇÃO — 2 vols. Livraria Francisco Alves. Rio.

Alexandre Passos — A' MARGEM DO ENSINO — Jacyntho Ribeiro dos Santos. — Rio.

Arthur Leite — OASIS (Versos) — Rio.

Ribeiro Couto — CABOCLA (Romance). — Companhia Editora Nacional. S. Paulo.

Raul Bopp — COBRA NORATO — (Irmãos Ferraz) — S. Paulo.

---

ro ou com as empresas de navegação. Judaizado como está agora o mundo, torna-se quasi invejavel o destino do homem que Christo mandou vagar pela terra... E tudo isso é dito com muita graça por Alexandre Arnoux, narrador que junta o real ao phantastico e tem, alternando com as situações sarcasticas, lindos accentos lyricos de quem se aqueceu na lareira de Hugo e no sol de Homero.

— *Stendhal raconté par ceux qui l'ont vu*, eis um titulo suggestivo que será iman de centenas de leitores. P. Jourda reuniu ahi testemunhos directos de varios contemporaneos de Henri Beyle e todos sentimos ahi viver, como numa conversa de sobreviventes, o homem posthumo por excellencia, italianissimo até á medulla e que já se suppunha um retardado vivendo na Milão do começo do seculo XIX, só se enthusiasmando ao pensar nos assassinos e nas mulheres bellas da Renascença. Na collectanea de Jourda falam, entre outras bocas de sombra, Mme. Ancelot, tão ridicularizada pelo resequido Mérimée, o planturoso Balzac, que tanto elogiou a *Chartreuse de Parme*, George Sand, a gallinha poedeira de romances e livros de viagem, Lamartine, o archanjo que mal occultava o côto de azas debaixo do casaco burguez... Stendhal, fanatico da energia mediterranea, doido por uma opera de Cimarosa ou por um bailado de Viganò, contendor da hypocrisia franceza e tão voltado para a Italia como Mme. de Stael o fôra para a Allemanha, — Stendhal nada perde com este feixe de juizos sobre a sua vida e a sua obra inegualaveis. Ouvindo o que dizem delle os que o conheceram de perto, amamos cada vez mais o analysta de uma clarividencia implacavel, capaz de affirmar que não ter nenhum defeito é como ter todos e que um homem sem nenhum vicio é o peor dos monstros.

— Os dinheiros facilmente ganhos por Maurice Bedel com seu livro de estréa, laureado pela Academia Goncourt, animaram-no a encarniçar-se no profissionalismo das lettras. Maldizente internacional, levando o seu espirito de picadeiro por todos os recantos da Europa, de Norte a Sul, da frigida Escandinavia á Italia ardente, o autor do recente *L'amour camarade* persiste em sua mascateação de anecdotas que tresandam a chalaça de caixeiro endomingado ou de burocrata em férias. Autor dos mais digeriveis, á força de leveza, Bedel é victima da coceira de popularidade e, entre as suas gargalhadas, são frequentes as syncopes de intelligencia...

O ACCORDO ORTOGRAPHICO

Por um providencial acaso, veio parar á redacção deste *Boletim* uma copia da carta que se segue, dirigida pelo Sr. Barão d'Ascurra a um dos membros da Academia de Lettras. Como verão os nossos leitores, essa carta trata de assumpto melindrosissimo e deu causa, segundo nos informaram, a calorosos debates na já celebre sessão academica em que se commemorou, a portas fechadas, o centenario do autor das *Memorias de um Sargento de Milicias*:

Solar d'Ascurra, novembro de 1931.

Mui manifico Vate:

Cá está o nosso valeroso capitam, o qual me trouxe novas da vossa amada pessoa, & me narrou a malenconia em que jazeys, por aso daquelle vil perjurio dos lusitanos. Mais refeces que perros de Castella, mais perfidos & peçonhentos que aquella fementida, & desvayrada Liànor Telles, nam se pejaram esses descendentes do Mestre d'Aviz & de Nunalvarez, de renegar á fee jurada! Assaz de ãuros correm, na verdade, os tempos!

Contou-me o capitam que vos arrecedaes sobretudo de que após a treição respeytante ao "trauto da escripta", dê outrossi em agoas de barrella aquelle nosso afinado "accordo prosodico", azellado na Nova Maneyra de Fallar. *Cuydaes que tambem comnosco se façam elles finorios, & renegados? Pois vos eu asseguro que assi non soccederá, ca nestoutro negocio andey eu co as minhas traças, & me nam leixarey burlar por esses peralvilhos almiscarados. E aqui á puridade vos decraro que aquelle compadre Fernam Magalhaens é* um sopa, *conforme cá se diz no linguajar da plebe. Nem se diria que lhe naz veyas escorre zangue daquelle antiguo, & famoso navegante.*

Polos manes de Frey Luis de Sousa vos eu juro que pera romper o "trauto prosodico" se hão d'hater commigo. Tam negra infamia nam soffrerey de bom aspeito; & se falharem á fee, faço-me asinha de vela pera Lixboa, & em lá chegando hão de ver esses amollentados portugueses d'hoje pera quanto val um neto de Jeronymo de Mendonça! Bem sabeys que me non prazem fanfarronadas; mas porem despois que comecey aquella cura polas mezirhas mecanicas, ou massagens, *como coem dizer francelhos, sinto-me tam cheo de vigor, & seyva, que pera mi será galante brinco justar em campo raso. Malgrado estes noventa janeyros que me pesam no costado, hei d'affronta-los qual o Magriço aos doze d'Ingraterra.*

Quedae-vos, pois, descuydoso & tranquillo, muí amado vate. O vosso Barão d'Ascurra ainda se mantem apercebido dos seus elmos, arneses, grevas, escudos, & daquella possante maça d'ambalas mãos, que pertenceu a Gonçalo Mendes da Maya.

Barão d'Ascurra.

P. S. — Porque nam fazeys uma cura de massagens? *Acaso vos fariam guarecer dessa perennal tristura, e vos dariam vivas cores ao semblante.*

Lauro Palhano — O GORORÓBA — *Scenas da vida proletaria no Brasil.* — (Edição de Terra de Sol). Rio, 1931.

A não ser a justa referencia que lhe fez o sr. Afranio Peixoto numa das ultimas sessões da Academia de Lettras, pouco se tem fallado nesse livro, senão de um estreante, ao menos de um escriptor muito pouco conhecido. De facto, jamais ouviramos a menor allusão ao sr. Lauro Palhano, autor desse romance de titulo esdruxulo e cujas trezentas e muitas paginas nos fizeram manusear-o, a principio, com certo sentimento de temor e displicencia. Comtudo, foi bem rapida essa impressão, pois tão depressa iniciamos a sua leitura, vimos logo que travavamos conhecimento com um verdadeiro romancista, cheio de espontaneidade, ec[illegible] reaes dotes de observação, uma grande ternura de sentimentos, dialogos faceis, descripções felizes, emfim toda uma serie de qualidades que superam de muito os defeitos e hesitações de quem faz o noviciado das lettras. *O Gororoba*, historia triste de um brasileiro humilde que nasce entre as agrestias do sertão, moureja por algum tempo nos tremedaes da Amazonia e fracassa, por fim, nessa outra agrestia que são as *favelas* onde vive o proletariado carioca, é livro que não póde ser resumido, mas de cuja leitura nos ficam algumas recordações indeleveis.